



VICIOUS CYCLE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
KATIE ASHLEY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Katie Ashley

#1 Vicious Cycle

Série Vicious Cycle

SINOPSE

A vida de Deacon Malloy é dedicada ao clube de motoqueiros Hell's Raiders. Forte, duro e rápido com os punhos, ele serve ao grupo como Sargento de Armas. Mas seu jeito indiferente de viver a vida é jogado em uma tormenta quando uma filha de cinco anos de idade que ele nunca soube que existia chega ao clube.

Alexandra Evans é devotada a todos os seus estudantes – mas sempre houve algo em Willow Malloy que aperta seu coração. Há uma aura de tristeza nela, uma garota que precisa de todo o amor que Alexandra possa lhe dar. Quando Willow para de ir à escola, a busca de Alexandra a leva a um clube cheio de motoqueiros... E um pai que teima em manter sua filha sempre à vista.

No momento em que Deacon vê Alexandra, ele tem que ter ela em sua cama – e ele nunca conheceu uma mulher que não pudesse ser persuadida. Não importa o quanto ela está atraída por Deacon, Alexandra se recusa a ser só mais uma conquista. Mas é o próprio Deacon que poderia acabar sendo seduzido – por um futuro melhor para ele, para sua filha e para a mulher por quem ele está apaixonado contra todas as probabilidades.

A SÉRIE

Série Vicious Cycle

Katie Ashley



Prólogo

WILLOW

Balançando as pernas no sofá de couro desgastado, Willow felizmente seguiu Dora¹ quando ela saiu para explorar. Não importa aonde o desenho ia, era sempre melhor do que o edifício degradado onde Willow vivia.

Ao som de cacos de vidro estilhaçando pelo chão da cozinha, Willow abandonou o mundo de Dora, colocou seu urso de pelúcia velho debaixo do braço e correu da sala de estar. Embora tivesse apenas cinco anos, ela sabia muito bem o que estava por vir quando ouvia as vozes iradas e coisas começavam a ser jogadas. Ela tinha aprendido a ler os sinais e, infelizmente, nunca errava. Não havia muitos lugares onde se esconder no pequeno apartamento onde ela vivia com sua mãe. Mas havia um com o qual ela sempre podia contar para enfrentar violentas tempestades.

Para outras crianças de sua idade, os recantos escuros sob a cama eram lugares assustadores. Mas para Willow, o horror *conhecido* que frequentemente a cercava ali embaixo era muito menos assustador que o *desconhecido*. Pegando sua colcha de retalhos azul e branco desbotada, ela se arrastou pelo tapete sujo para debaixo do colchão esfarrapado que tinha cheiro de fumaça e xixi. Bolas de poeira se grudavam às suas roupas, enchendo seus pulmões e dificultando sua respiração.

Uma vez que tinha se acomodado, ela fechou os olhos e se imaginou a quilômetros e quilômetros de distância. Sempre que estava com medo, ela pensava em Mamãe Anjo. No mundo de Mamãe Anjo, tudo era feliz, bonito e puro. Havia um arco-íris que atravessava o céu e castelos cheios de unicórnios. Mas a melhor parte de tudo era a própria Mamãe Anjo. Mamãe Anjo nunca bebia demais das garrafas com líquido escuro que faziam a mamãe real ficar com raiva, e depois triste. Mamãe Anjo nunca tinha namorados que gritavam com Willow ou batiam no rosto ou na bunda dela. Para Mamãe Anjo, Willow era todo o seu mundo – o único foco do seu amor e atenção. Elas podiam brincar por horas e horas, correndo ao longo da campina ou então brincando de esconde-esconde em um dos castelos do lado da colina.

A primeira vez que ela sonhou com Mamãe Anjo foi há dois anos atrás, na época do Natal. Depois que sua mamãe real tinha bebido daquelas garrafas ruins e o seu namorado tinha enfiado um agulha assustadora no seu próprio braço, eles começaram a gritar um com o outro. Encolhida no sofá, Willow tinha tentado se esconder atrás das almofadas. Quando a mamãe o namorado dela gritaram mais e mais alto, eles começaram a se puxar e empurrar. Quando a mamãe tropeçou em um dos sapatos da Willow, ela perdeu o equilíbrio e caiu sobre a pequena árvore de Natal no canto da sala. Os enfeites se quebraram e se espalharam pelo chão.

Depois a mamãe tinha gritado com Willow a jogando o sapato nela, acertando o seu rosto, e Willow tentou juntar a bagunça para a raiva da mamãe diminuir. Um anjo com uma longa túnica branca foi a única coisa que não quebrou. Ele tinha um longo e macio cabelo escuro e ela podia mexer ele como uma das suas bonecas e ele tinha também olhos castanhos tranquilizadores que deram a Willow a esperança que ela tão desesperadamente precisava. Willow não tinha deixado mamãe ver que ela ficou com o anjo. E naquele mesmo dia, Willow a chamou de Mamãe Anjo e sempre mantinha o objeto perto dela.

Debaixo da cama, ela deixou sua mãe descer até o bolso do seu short, onde Mamãe Anjo esperava para lhe confortar. Willow acariciou o cabelo do bonequinho enquanto os gritos na sala de estar ficaram mais altos. Quando ela estava prestes a tapar as orelhas com as mãos, houve uma batida da porta da frente sendo empurrada e batendo com força na parede, como acontecia quando o namorado da mamãe chegava em casa irritado. Mais vozes agora. Mais gritos. Mais vidros quebrados. Era como se a sala de estar estivesse sendo destruída.

Mamãe estava implorando a alguém com uma voz que Willow não estava acostumada. Ela parecia com medo, e geralmente era Willow que estava com medo, não a mamãe. *Thump, thump, thump*. O corpo de Willow começou a tremer com tanta força que se ouvia seus dentes batendo. Ela tentou descobrir o que estava fazendo esse barulho. Suas mãos agora suadas subiram para limpar seu nariz escorrendo. Segurando a respiração, ela rezou para que Mamãe Anjo não deixasse o homem de botas encontrar ela. Mas quando ela estava dizendo as palavras uma e outra vez em sua cabeça, uma pessoa assustadora entrou no seu quarto. Ele foi até o armário. Roupas e brinquedos começaram a se espalhar pelo chão quando ele foi para as suas coisas, como se estivesse procurando algo em particular.

Em seguida, ele foi até sua cômoda. Uma por uma, ele as puxou e as jogou no chão. Quando uma delas caiu muito perto, ela saltou e bateu com a cabeça no colchão, o que a fez soltar um gritinho. O pequeno ruído fez o homem congelar.

O coração de Willow começou a bater descontroladamente, e ela sentiu como se não pudesse respirar. Quando ela estava tentando se esconder ainda mais debaixo da cama, o colchão que a cobria foi arrancado. Com um grito, ela olhou para um homem que era visão dos seus piores pesadelos – cabelo preto pegajoso, uma cicatriz vermelha feroz que corria pelo seu rosto e ia até o pescoço e uma viseira sobre um dos olhos. Willow apertou os olhos fechados com medo. *Por favor, por favor, me ajude, Mamãe Anjo.*

Mas então o Homem Mau a puxou e a içou sobre o seu ombro. Ela mal podia respirar, muito menos gritar. Era como se sua voz tivesse se perdido no momento em que seu precioso esconderijo foi invadido. Seu corpo tremia de medo enquanto ele saía do seu quarto e entrava na sala de estar. Ele a jogou no chão como se fosse uma boneca. Quando ela finalmente parou, o Homem de Botas a puxou e a girou ao redor, de forma que ela ficou de costas para o seu peito. O braço dele estava enrolado em torno da sua cintura, prendendo-a.

Sua voz voltou momentaneamente com a visão horrível à sua frente. — Mamãe! — ela gritou. Mamãe e seu namorado, Jamey, foram amarrados com cordas nas cadeiras da cozinha. Jamey olhou para ela com a mesma irritação de sempre. Mas a mamãe não estava olhando para ela. O sangue escorria do seu nariz e da sua boca; a cabeça pendia flácida. Quando ela não respondeu, Willow chutou o Homem Grande e se contorceu para tentar fugir. — Mamãe! — ela gritou.

Ela foi recompensada com um tapa na cabeça e um no rosto. — Cala a boca, pirralha!

Embora não devesse, ela gritou de dor. Seu rosto ardia como se alguém tivesse lhe espetado repetidamente com alguma coisa pequena e afiada. As lágrimas nublaram a sua visão.

Ela pulou ao som de uma voz rouca, áspera atrás dela. — Crank, presta atenção. Ninguém a machuca até que eu diga... entendeu?

— Sim, senhor, — respondeu Crank.

Willow virou sua cabeça, que ainda doía, para ver um homem de tamanho médio olhando para ela. O olhar que ele lhe deu a fazer tremer toda. Seus olhos negros a encaravam com puro ódio, mesmo que ela nunca o tivesse visto antes. — Você não é uma coisinha bonita, — ele disse.

Ela não se atreveu a falar, só olhou para o Homem Mau. Ele, então, mudou seu olhar dela até um dos homens que estava parado atrás da sua mãe.

— Acorde a cadela, — ordenou o Homem Mau.

O homem agarrou o cabelo da mãe e puxou sua cabeça para cima. Ela gritou, seus olhos piscando furiosamente. Quando encontrou o olhar de Willow, ela puxou uma respiração afiada. — Deixe ela fora disso. Ela não tem nada a ver com os meus negócios, — disse ela em um sussurro aflito.

— Ah, mas você vê, ela é uma parte de vocês dois, então ela é *meu* negócio. Como que você resolveu ser espiã dos federais e foder com o meu negócio, eu vou foder com o seu. — Sem tirar os olhos da sua mãe, ele deu um passo mais perto de Willow. — Acho que é hora da sua filha aprender o que acontece quando você é um agente-duplo. — O Homem Mau acenou com uma faca de prata brilhante na frente do rosto de Willow. Quando a lâmina foi pressionada contra o pescoço dela, medo a esmagou, fazendo líquido quente escorrer pelas suas pernas.

O Homem de Botas, que tinha segurado Willow, a puxou para longe da lâmina para lhe sacudir com tanta força que seus dentes batiam. — Essa putinha acabou de mijar em cima de mim! — ele exclamou.

O Homem Mau estreitou os olhos. — Não seja um viadinho, Crank. Agora segura ela, porra. Me ouviu? — Crank resmungou, mas manteve os braços apertados em torno de Willow. O Homem Mau olhou para mãe e Jamey antes de mais uma vez colocar a lâmina no pescoço de Willow. — Agora nós vamos tentar de novo, ok? Se você não nos disser onde está a porra da remessa, eu vou começar a cortar os pedaços da sua criança!

Jamey rolou os olhos e bufou com desdém – o mesmo que ele fazia sempre que ela tentava falar com ele sobre bonecas ou seus programas de televisão favoritos. — Vá em frente e corte a garganta da fedelha. Eu não dou a mínima.

As sobrancelhas do Homem Mau se levantaram em surpresa. — Você está brincando comigo? Porque eu vou machucar essa merdinha pra valer.

— Você ouviu bem. Eu não dou a mínima se você derramar o sangue dela por todo o chão, porque ela não é minha.

— Se ela não é sua, de quem ela é filha?

— Ela é do filho da puta do Malloy.

O Homem Mau assobiou com a menção do nome. — Que Malloy?

— Jamey, não, — mãe protestou, parecendo assustada. Por toda sua pequena vida, Willow se perguntou o nome do seu pai. Sempre que ela perguntava, mãe o chamava por nomes feios. Ela nunca tinha visto uma foto dele. Agora parecia que mãe estava escondendo quem era seu pai porque estava com medo. Willow não podia deixar de se perguntar se o pai dela era tão ruim quanto esses homens.

— Fecha essa boca, cadela, — o Homem Mau rosnou. Ele então apontou com o queixo na direção

de Jamey. — Me diga a que Malloy essa pirralha pertence.

— Ela é filha de Deacon.

Um nome. Willow tinha finalmente escutado o nome do seu pai. Por alguma razão, ouvir isso a fez sentir como se o conhecesse. Sua felicidade foi passageira, no entanto. Ouvir o nome dele pareceu fazer o Homem Mau muito feliz, e Willow imaginou que isso não podia ser bom. Um sorriso curvou seus lábios. — Bem, então. Isso certamente muda as coisas, não é?

A faca foi retirada da garganta de Willow. Quando ele se aproximou dela, Willow se encolheu contra o Homem de Botas. — Este é o seu dia de sorte, menina. Deixar que você vá embora agora vai servir muito melhor aos meus planos de longo prazo. — O Homem Mau levantou as sobrancelhas e olhou para ela. Suas mãos ásperas cobriram o queixo dela, inclinando sua cabeça para que ele pudesse olhá-la de vários ângulos. — Não acredito que não percebi isso antes. Você é a cara daquele filho da puta.

Mamãe se inclinou para frente em sua cadeira. — Basta a deixar ir, ok? Usar ela não vai fazer nenhum bem. Deacon não sabe que ela é sua. Eu o deixei antes de contar. Ele não gosta de crianças e não vai dar a mínima para ela.

O homem fez um tsc para as palavras da mamãe. — Ele pode não se importar agora, mas eu vou dar um tempo a ele. Mesmo que ele não queira ela, aposto que seu irmão Rev vai. E eu vou usar qualquer vantagem que puder contra Deacon e seus irmãos. — Ele fez um gesto para Crank. — Solte ela.

Willow se encheu de alívio quando sentiu o chão sob seus pés novamente. O Homem Mau se agachou ao seu lado. — Eu quero que você me escute, e escute bem. Você não vai contar a ninguém o que viu aqui esta noite, entendeu?

Embora Willow tenha balançado a cabeça furiosamente para mostrar que entendia, isso não pareceu satisfazer o Homem Mau. Ele se inclinou até que ela podia sentir sua respiração quente contra sua bochecha. — Se você disser a porra de uma palavra a alguém sobre mim ou sobre o que você viu, eu vou atrás de você no meio da noite e arrancar o seu coração. Entendeu?

Além dos momentos em que passava com Dora a Exploradora e com Mamãe Anjo, Willow passava muito tempo com medo. Mas até agora ela nunca tinha experimentado um tão intenso. Os tremores pareciam tomar cada parte do seu corpo. Embora estremecesse da cabeça aos pés, não conseguia se obrigar a responder.

Mas de alguma forma o Homem Mau pareceu satisfeito com a sua reação. Voltando-se para mamãe, ele disse — Existe algum lugar para onde ela possa ir?

As lágrimas escorriam pelo rosto da mamãe. — Sim. Ela fica com a senhora que mora no final do corredor.

O medo de Willow se dissipou um pouco ao se lembrar da Sra. Martinez, cujo caloroso e acolhedor apartamento havia lhe abrigado quando mamãe estava fora com Jamey ou no trabalho. A Sra. Martinez sempre preparava algo para Willow comer, e até mesmo deixava que ela ajudasse a cozinhar. Ela também deixava que Willow a chamasse de Mama Mari, e era quase como ter uma avó, como seus amigos da escola tinham.

— Certo. Ela vai para o apartamento no fundo do corredor e nós vamos terminar aqui.

— E-eu p-posso ao menos me despedir? — mamãe perguntou, seu peito subindo e descendo com os soluços. Ver mamãe chorar fez Willow chorar também.

— Rápido, — o Homem Mau respondeu, empurrando Willow para a cadeira onde mamãe soluçava.

Subindo da melhor maneira que conseguiu no colo da mamãe, Willow enterrou a cabeça no seu pescoço. Ainda travada pelo medo, ela não conseguia fazer seus lábios se mexerem para dizer as palavras que estavam gritando em sua mente. Não importava que a mamãe fosse louca e má, Willow sempre a amou. Ela não queria mais nada do que ser abraçada e beijada pela sua mamãe, mas ela raramente conseguia o isso.

— Eu te amo, Willow. Você vai ser uma boa menina para a Sra. Martinez. Ela vai te levar para o seu pai. Seja boa para ele, ok? — Willow assentiu. Mamãe começou a chorar ainda mais. — Me desculpe, eu fui uma mãe ruim, baby. Espero que você tenha uma melhor agora.

Willow recuou para olhar nos olhos da mamãe. O que ela quis dizer com “uma mamãe melhor”? Ela estava indo a algum lugar? Se Willow ia viver com o pai dela, isso queria dizer que ela nunca iria ver a mamãe de novo? Isso a fez chorar e sua barriga apertar. — Eu te amo, mamãe, — ela sussurrou, finalmente encontrando as palavras que tão desesperadamente queria dizer.

— Eu também te amo, Willow.

— Certo. Já foi o bastante dessa porcaria sentimental. Crank, leve a criança para o final do corredor. Diga a mulher para dar o fora do prédio pelas próximas horas se ela sabe o que é bom para ela.

O Homem de Botas respondeu agarrando Willow novamente e marchando até a porta. Quando Willow olhou por cima do ombro, o Homem Mau estava se aproximando da mamãe. Assim que eles estavam saindo do apartamento, a faca do Homem Mau foi para a garganta da mamãe. Mamãe olhou para Willow. — Eu amo v... — suas palavras foram cortadas quando a faca deslizou sobre o seu pescoço

A boca de Willow abriu em um grito, mas nada saiu. Por mais que tentasse fechar os olhos para esconder a visão do sangue vermelho que escorria do pescoço de sua mamãe, ela não podia. A última coisa que ela viu antes de ser tirada do apartamento foi o Homem Mau levando os dedos aos lábios para lembra-la de ficar quieta.

Willow sabia que ela nunca iria contar nada. Ela nunca, nunca mais queria ver o Homem Mau. Não importava o que foi feito com ela, ela nunca contaria.

Capítulo Um

DEACON

Homens de verdade não choram. Sim, aquele velho ditado com certeza não soa verdadeiro em minha linha de trabalho. Ao longo dos anos, vi os maiores e piores filhos da puta chegarem ao seu ponto de ruptura. Não é apenas a tortura física que os quebra. Às vezes só uma ameaça fodida que envolva suas esposas, namoradas e filhas abre as torneiras até que eles estão chorando como maricas absolutos. E no fim do dia, a maioria prefere levar uma surra que os deixe a uma polegada da morte do que ceder às suas emoções e mostrar fraqueza. Os homens podem lidar com a dor física, mas é a merda emocional que realmente fode a gente.

E para provar o meu ponto, eu lhes apresento o Maricas #1: Frankie Delbraggio, ou o imbecil fodido sentado bem na minha frente com uma mistura de lágrimas e sangue escorrendo pelas suas bochechas gordas. Ele era o destinatário atual da minha ira porque resolveu fazer um movimento idiota, pensando que poderia me trair trabalhando para outro clube. Ele foi ganancioso, tanto por mais dinheiro quanto por mais poder e território. No processo, ele ficou sobrecarregado e deixou um dos carregamentos de armas do meu clube chegar atrasado.

Claro, à primeira vista ele parecia o seu pior inimigo – um bastardo realmente ameaçador, cheios de tatuagens e piercings e alguém que com quem toda certeza você não gostaria de encontrar em um beco escuro. Sua pele era um couro pelos anos de vida difícil, e seus braços, que estavam atualmente presos às costas com uma braçadeira, tinham marcas da faixa do seu vício em heroína, que ele não conseguiu vencer.

Como sargento de armas do meu clube, os Hells Raiders, eu tinha que ser o braço-forte principal, o homem que usava tortura física e emocional para que a merda acontecesse. Se eu deixar alguém como Frankie escapar com seus pés lentos na entrega do nosso carregamento e com sua lealdade oscilante, então todo o clube sofre. Eu não podia e não lidaria com isso. Os Raiders são a minha vida. Eles tem sido o que eu vivo e respirado desde que eu era um pirralho com meleca no nariz de treze anos de idade e fui resgatado das ruas pelo meu pai adotivo, Preacher Man, ou só Preach, como ele era carinhosamente conhecido.

Em pé atrás de Frankie, para dar uma mão se fosse necessário, estava meu irmão adotivo, Benjamin, ou Bishop, como ele era conhecido. Ele mascava um chiclete enquanto encarava Frankie com desdém. Ele provavelmente está menos puto com Frankie nos trapaceando do que com o fato de que eu arranquei de alguma ação real com uma das bundas doces – mais conhecidas como senhoras que abrem voluntariamente as pernas para os sócios do clube. Aos vinte e três anos, Bishop, com seus olhos azul-bebê e seu cabelo loiro sujo ondulado, só pensava com o pau na maioria dos dias. Embora tenha ganhado o seu patch² do clube aos dezenove, ele ainda tinha muito a aprender.

Enquanto estava trabalhando em Frankie com mais alguns ganchos de direitos e socos no intestino do otário, cheguei na carteira dele. Entre a maconha, as camisinhas e algumas notas de dinheiro, havia uma foto. Depois que olhei para ela um momento, um sorriso curvou meus lábios. Acenando com a imagem na frente dele, eu disse, — Uhuuum. Olha pra esse belo pedaço de bunda.

Minhas palavras fizeram Frankie começar a tremer. Seus olhos, antes cheios de desafio, agora estavam vidrados. Bingo. Essa menina, provavelmente sua filha, era seu calcanhar de Aquiles. — Quantos anos tem essa coisinha doce? Catorze? Treze?

Quando ele não respondeu, acertei outro gancho de direita na sua mandíbula. — Quando eu faço uma pergunta, você responde, porra, entendeu?

Frankie assentiu fracamente. Em uma voz rouca, ele respondeu. — Doze.

— Ah, só um bebê. Cara, aposto que ela tem uma buceta apertada. — Levantei minhas sobrancelhas para ele. — Nada como um pedaço de carne fresco.

Com a mandíbula cerrada, os braços de Frankie forçaram contra as braçadeiras. Se ele tivesse conseguido se soltar naquele momento, faria o seu melhor para me matar. Mas mesmo que eu estivesse com ele na mão, nós ainda não tínhamos acabado. Não, eu estava prestes a ir para a jugular. — Me deixe esclarecer uma coisa para você, Frankie. A próxima vez que você tentar trair a mim e os meus meninos, eu vou encontrar essa sua linda filha. Eu não só vou tomar a preciosa cereja³ do seu bebê, eu também vou foder a bunda dela enquanto todos os meus irmãos assistem. Enquanto qualquer um dos meus homens que quiser vai ter a sua vez com ela.

Como se eu tivesse levado uma faca até ele, minhas palavras pareceram rasgar a pele de Frankie, cortando uma artéria emocional. Lágrimas se derramaram dos seus olhos quando ele começou a imaginar algo tão terrível acontecendo com a sua menina. Seu enorme corpo balançou sob o peso dos seus soluços.

Eu pintei um retrato bem depravado e repugnante para ele. Mas o que Frankie não sabia era que tudo não passava de uma mentira elaborada da porra. Eu não fodia bucetas menores de idade, muito menos a de menininhas. Eu sabia que meus homens também não faziam isso, também. Se eu sequer tivesse a suspeita de algo fodido e doente assim, não teria esperado a votação na missa – nossa reunião semanal – para arrastar o rabo desse filho da puta no meio-fio. Não, eu mesmo ia cortar suas bolas fora, arrancar seu patch e embalar tudo junto. Os Hells Raiders podiam ser um monte de coisas, mas pedófilos nós nunca fomos.

Uma vez que tinha deixado Frankie se afogando na sua tortura por tempo suficiente, limpei a garganta. — Então, estamos bem agora, Frankie? Nada mais de jogar com a gente e os Iron Lords, certo?

— S-sim, — ele gaguejou quando seus dentes continuaram a bater e todo seu corpo tremia.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ele. — Sim, o quê?

Seus olhos, que ainda brilhavam com lágrimas, se arregalaram. — Sim senhor, Deacon. Você tem a minha palavra. Eu *nunca* vou te foder de novo. Juro pela minha vida.

— E a da sua filha?

Ele se encolheu com a menção à sua filha. — Sim, e pela dela. Eu juro por Deus!

— Fico feliz em ouvir isso. — Então eu deslizei a imagem da sua filha com cara de anjo de volta na carteira. — Fico feliz em saber que o seu bebê vai ficar são e salvo, também.

— Sim, — sussurrou Frankie, um tremor do que parecia ser alívio passou pelo seu corpo.

Olhando de relance para Bishop, dei um aceno de cabeça. Ele pegou o canivete da sua calça jeans e cortou as braçadeiras de Frankie.

— Tenha um bom dia, cara. Estou ansioso para o nosso carregamento do mês que vem, — eu disse com um sorriso de merda no rosto.

Frankie fez um breve movimento de cabeça em reconhecimento enquanto esfregava os pulsos onde haviam sido amarrados. Com um aceno final, eu me dirigi para a porta do armazém de Frankie com Bishop em meus calcanhares. À medida que entramos no intenso sol de maio, me senti grato pelo calor que aquecia minha pele exposta abaixo da minha camiseta e do corte de couro, ou colete⁴, que eu usava ostentando o logotipo dos Raiders. Quando deslizei no assento da minha moto, peguei a risada de Bishop atrás de mim. Esticando o pescoço para olhar para ele, exigi, — O quê?

Ele balançou a cabeça com um sorriso. — Eu estava pensando que foi bom eu estar aqui e não Rev, quando você começou a falar aquela merda sobre a buceta da criança. Ele teria ficado assustado e arruinado tudo.

Eu bufei à menção do meu outro irmão adotivo, Reverend, ou Rev, como ele era conhecido no clube. Nathaniel era o seu nome de batismo, mas nenhum dos seus irmãos o chamava assim. A única pessoa que se recusava a nos chamar por outra coisa que não nossos nomes de nascimentos era nossa mãe adotiva, Elizabeth. Embora Rev tivesse cerca de 1,93 metro e fosse uma parede de músculos, ele era realmente um maricas compassivo na maioria das coisas. Ele era o gigante gentil que adorava cachorros e crianças e arco-íris e corações de merda. Na maioria das situações, ele tinha bondade e integridade demais para se ajustar ao nosso mundo. — Sim, bem, essa é a razão pela qual nunca votaram nele para sargento de armas. Eles sabiam que ele não seria capaz de fazer merda quando aparecesse um osso duro de roer.

— Verdade, — respondeu Bishop, que deslizou no assento da sua moto. Depois de colocar meu capacete, dei um pontapé inicial no motor. Não havia nenhum outro sentimento em minha vida que me completasse como o rugido do motor abaixo de mim. Eu só encontrava paz na estrada. Embora agora eu tivesse o apoio de uma família amorosa, ainda me sentia solitário, um estranho à procura de um lugar para fazer meu. Apenas a estrada me oferecia um lugar onde eu podia ser eu.

Enquanto traçava o caminho pelas estradas de volta para casa, Bishop ficou ao meu lado. Quando chegamos ao complexo, havia algumas motos espalhadas aqui e ali. Eram apenas quatro horas, e os membros não apareciam por aqui até terem acabado seus trabalhos. Anos atrás, quando a fábrica de algodão foi à falência, Preach teve o bom senso de negócios de comprar o imóvel. Na época, ele não tinha ido para os Raiders. Não, ele estava se afastando dessa vida e focado no seu ministério. Depois de crescer no mundo MC, ele encontrou Jesus na prisão, quando foi preso aos vinte. Quando saiu, três anos depois, ele enterrou seu passado motoqueiro e se tornou um pregador⁵ pentecostal. Foi aí que ele conheceu a minha mãe adotiva – ela era uma beleza pura de coração e corpo de dezoito anos de idade. Ela era filha de um dos membros mais antigos da igreja. Ela o via como a ovelha negra pedida que ela poderia levar de volta para o rebanho.

Mas mesmo depois que ele se casou com uma mulher virtuosa e a espalhar as palavras da igreja, o motoqueiro que ele foi criado para ser se enfureceu e quis ser livre outra vez. Então, dois anos depois que eu tinha vindo morar com ele, sua pregação terminou em um momento de glória. Foi nessa noite que ele matou um homem do seu próprio rebanho. Eu nunca soube a história toda, mas sabia que ele tinha

machucado Rev de alguma forma. Preach não fez nada – em vez disso, o homem apenas “desapareceu”. A maior parte da congregação era de almas verdadeiramente perdidas, sem esperança ou família, por isso foi fácil enterrá-lo no fundo da floresta atrás do complexo sem ninguém fazer perguntas.

Depois daquela noite, o motoqueiro ressurgiu forte e orgulhoso, o que fez com que o casamento de Preach e Mama Beth virasse cinzas. Eles se separaram depois disso, mas nunca chegaram a se divorciar. Minha mãe, junto com meus irmãos e eu, ficou na casa germinada na vila⁶, enquanto Preach dormia na sede do clube que uma vez tinha sido a sua igreja. Ao mesmo tempo em que ela detestava o mundo dos motoqueiros, Mama Beth observou impotente como cada um de nós seguiu os passos de Preach e ganhamos nossos patches nos Raiders. Acho que nós a mantemos constantemente ajoelhada em oração. Mas, ainda que a gente seja motoqueiros fodões, a amamos e respeitamos acima de tudo. Ela era a melhor mãe que um cara poderia pedir, e ela nunca me tratou diferente dos seus filhos de sangue.

Quando estacionei minha moto na frente do clube, tirei o capacete e pendurei no guidão. Eu não tinha muito a dizer a Bishop ou aos dois prospectos parados do lado de fora da porta do clube. Não, eu tinha um único foco no momento, que era conseguir uma bunda. Depois de lidar com as minhas obrigações, eu precisava de um alívio, e sexo geralmente tinha essa finalidade. Com um andar determinado, entrei no clube.

Guns N 'Roses estava tocando no jukebox. Meu olhar correu pela sala, à procura de uma coisa em particular. Ou uma *pessoa* em particular. E então eu a encontrei. Atrás do bar, Cheyenne Bates se inclinou sobre o balcão de mogno gasto, limpando os respingos de cerveja e os restos de amendoim triturado e batata frita. Seus longos cabelos loiros estavam puxados para trás em um rabo de cavalo. Com a visão perfeita do seu decote amplo, meu pau bateu contra o zíper da calça. Como se pudesse me sentir a observando, ela levantou a cabeça, seus olhos azuis intensos encontrando o meu olhar. Um sorriso sedutor e lento deslizou pelos seus lábios.

Levantando a mão, a chamei com o dedo indicador. Ela jogou o pano no balcão e, em seguida, correu em torno do lado do bar. Ela balançava os quadris sobre aqueles saltos altos sexy-como-o-inferno enquanto fechava a distância entre nós. Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e usou isso como alavanca para enrolar as pernas em volta da minha cintura. — Oi, baby. Senti a sua falta.

— Hmmm, senti a sua também, — eu respondi, mergulhando a cabeça para acariciar a parte de cima dos seus seios. Comecei a andar através dos homens e segui pelo corredor. Uma vez que cheguei ao meu quarto, mantive uma mão amassando a bunda de Cheyenne, enquanto a outra abria a porta.

Eu estive fodendo com Cheyenne quase exclusivamente pelo último ano. Ocasionalmente uma boa bunda podia virar minha cabeça quando eu estava em uma corrida ou em uma reunião. Mas eu gostava do fato de que Cheyenne sabia exatamente como explodir a minha mente até que eu liberasse a minha carga. Ela não era uma dessas garotas que espera que você a faça gozar várias vezes antes de sequer pensar em tocar no seu pau. Ela sempre cuidava de mim primeiro. Eu gostava dessa merda.

Uma vez que a soltei, ela caiu de joelhos na minha frente. Seus dedos vieram para a minha cintura para soltar o meu cinco e, em seguida, desabotoar e tirar meu jeans. Quando ela chegou ao meu pau, não perdeu tempo, deslizando os lábios para baixo no eixo até que ele estava batendo no fundo da garganta dela. — Porra, — eu gemi, minha cabeça caindo para trás com as habilidades fora desde mundo que Cheyenne tinha com a boca. Ela parecia um maldito aspirador.

Segurando a sua cabeça com as mãos, comecei a flexionar meus quadris e foder sua boca. Não demorou até que minhas bolas estavam se apertando e minha porra sendo atirada na boca dela. Ela chupou e lambeu cada gota. Fiquei olhando para ela com um sorriso preguiçoso. — Você com certeza sabe como tratar bem seu homem, baby.

— Mmmm, eu adoro isso. Minha calcinha está toda molhada agora só de te chupar.

O fato de que ela tinha uma boca suja era outra coisa em Cheyenne que me excitava. Claro, ela era uma bunda doce há anos e tinha transado com cada membro do clube, incluindo o Preacher Man. Mas a experiência dela valia o meu tempo. Sim, como eu estive fodendo apenas ela desde o ano passado, ela tinha na cabeça que eu ia fazer dela minha *old lady*. Mas isso não ia acontecer nunca. Não com ela ou com qualquer uma das prostitutas do clube – e nem com quer garota, ponto final.

Agarrando seus ombros, eu a puxei para cima. — Acho que é hora de descobrir o quanto eu deixei você molhada.

— Sim, por favor.

Cheyenne tirou sua camiseta apertada. Como imãs, minhas mãos foram direto para os peitos dela. Depois de soltar o sutiã, trouxe um deles para a minha boca, chupando e mordendo o mamilo. Eu alternei de um seio para o outro enquanto Cheyenne ofegava e gemia. Minhas mãos foram a sua calça jeans. Uma vez que elas estavam fora, eu a agarrei pela cintura e a joguei na cama. Seus olhos queimavam com luxúria enquanto eu pairava sobre ela.

Depois de arrancar aquela pequena calcinha fio dental, eu puxei suas pernas separadas e enterrei meu rosto entre elas. Cheyenne gritou sua aprovação, as unhas acrílicas raspando meu cabelo. — Oh, sim, baby. Bem assim. Me com a sua língua! — gritou ela, seu quadris se levantando para encontrar a minha boca.

Houve uma batida forte na porta, e então a voz de Rev a seguir. — Deacon, preciso de você lá na frente.

Eu nem sequer me preocupei em levantar a cabeça da buceta de Cheyenne. Em fiz disso, gritei, — Dá o fora daqui. Estou ocupado. — Enquanto eu voltei a lamber e chupar o clitóris de Cheyenne, a interrupção indesejada continuou na porta. Rosnei em frustração quando as batidas na madeira começaram de novo.

— Deacon, eu não estou brincando, cara. Preciso do seu rabo aqui fora. *Agora!*

Quando eu me afastei, Cheyenne choramingou em frustração, espremendo suas pernas juntas para criar atrito. Ela estava perto de gozar quando fomos interrompidos. Esticando o pescoço em direção à porta, eu gritei, — Se isso não for uma questão de vida ou morte, eu vou cortar a porra das suas bolas fora!

— É, — veio a resposta abafada de Rev.

— Filho da puta, — eu resmunguei quando deslizei para fora da cama. Pegando minha camiseta e a calça jeans, os vesti em velocidade recorde. Quando Cheyenne começou a se levantar, balancei a cabeça. — Você fica aqui, assim.

Com um sorriso malicioso, ela abriu as pernas e correu os dedos provocativamente sobre a buceta.

— Bem assim?

— Sim, mas não goze enquanto eu estiver fora. Eu sou o único que pode fazer isso.

Ela fez uma careta para mim antes que eu virasse a cabeça para a porta. Quando a abri, Rev me lançou um olhar de desgosto. — Pelo amor de Deus, cara, limpe sua boca e arrume um pouco esse cabelo.

Em vez de discutir que eu não dava a mínima para o que alguém pensava da minha aparência, eu lambi meus lábios para saborear Cheyenne um pouco mais. Então passei o braço sobre a boca. Quando começamos a andar pelo corredor, empurrei a mão pelo cabelo para tentar domar a confusão que Cheyenne tinha feito.

Assim que dobrei a esquina que dava para o salão principal, uma mulher latino-americana de cabelos grisalhos apareceu. Sua apreensão por estar dentro do clube se derramava em ondas. Seus olhos escuros iam da esquerda para a direita e ela nervosamente mexia em sua fluída saia colorida. Eu não podia imaginar que porra era assim tão importante para essa mulher interromper a minha rapidinha.

Quando seu olhar pousou sobre mim, sua mão voou para a garganta. A expressão dela pareceu a de alguém que tivesse visto um fantasma. Olhei dela para Bishop. Sua cara de pau de costume tinha sido substituída por uma de descrença. Isso não era algo que eu estava acostumado a ver. Levantei minhas sobancelhas para ele, que balançou a cabeça lentamente.

Depois de exalar um suspiro frustrado, perguntei, — Agora, o que é tão importante que eu tinha que ser arrastado até aqui, porra?

— Você é David Malloy? — ela perguntou com sotaque forte. Mesmo com essa pergunta, eu poderia dizer que ela já sabia exatamente quem eu era.

— *Sí, señora*, — eu respondi, cruzando os braços sobre o peito.

Me ouvir falando na sua língua nativa não a impressionou. Em vez disso, ela me lançou um olhar de desaprovação, como se eu estivesse sendo um grande espertinho, e ela provavelmente estava certa.

— Você conhece Lacey?

Eu bufei com desprezo. — Não me diga que ela te mandou aqui para conseguir dinheiro de mim ou algo assim. Eu cortei os laços com essa vadia faz cinco anos.

— Eu não sou amiga dela.

— Então o que diabos você quer?

Atrás de mim, Rev tossiu sua desaprovação para o meu tom hostil, e eu revirei os olhos. — Por que você está aqui por causa de Lacey? — eu perguntei.

— Ela está morta.

Eu não gostei que o meu peito se apertou com a notícia. Lacey tinha sido meu primeiro amor – meu único e verdadeiro amor, se eu fosse honesto. Nós ficamos juntos por três anos. Seu uso ocasional de drogas e álcool não tinha sido um problema quando começamos a namorar, mas depois que a sua mãe morreu em um acidente de carro, isso se transformou em um verdadeiro vício. Quando me recusei a dar

dinheiro a ela para comprar drogas, Lacey começou a foder com alguns caras do nosso clube rival. Porque eu era apaixonado por ela, não a chutei para o meio da rua quando descobri. Não, eu paguei para ela ir para a reabilitação. Ela saiu e nós tivemos um bom mês juntos. Durante essas semanas eu realmente considerei em fazer dela a minha *old lady*.

E então ela teve uma recaída pela bebida. Eu disse a ela que era o álcool ou eu – ela escolheu o álcool e foi embora. Isso foi há cinco anos, e eu não tinha ouvido falar dela desde então. Até agora.

— Me deixe adivinhar. Ela teve uma overdose ou bebeu álcool demais?

A mulher balançou a cabeça lentamente. — Ela foi assassinada.

Minhas sobrancelhas subiram em surpresa. — Por quem?

— A polícia não sabe, — ela respondeu. Mas pelo medo que queimava em seus olhos, eu sabia que havia mais nessa história do que ela ou as autoridades estavam dizendo. — Eu te trouxe algo que era dela.

— Confie em mim, não há nada dela que eu quero.

— Você quer isso. É seu, também.

Quebrei a cabeça tentando pensar se havia algo que Lacey tinha tirado de mim todos esses anos atrás. Mas continuei com um branco total. Então, pela primeira vez, eu vi que havia alguém com a mulher. Uma pequena menina de cabelos escuros estava escondida atrás das muitas dobras da saia da mulher. — Willow, venha.

No momento em que a menina entrou na minha linha de visão, eu senti como se tivesse sido atingido por um raio de merda. Meu corpo tinha tremores devido ao choque. Era como se eu estivesse olhando para uma versão feminina de mim mesmo quando tinha essa idade. — Puta merda.

— Ela pertence a vocês. Willow, ela é sua filha.

Naquele momento a sala se inclinou e girou, e se não fosse por Rev atrás de mim, eu provavelmente teria feito algo muito gay, tipo desmaiar. Eu me apoiei momentaneamente nele até que pudesse me recuperar. Embora as evidências físicas mostrassem que a garota era minha, eu fiquei imediatamente na defensiva. — Não sei que diabos você está falando. Eu não tenho nenhuma criança da porra.

Com os olhos arregalados, a menina olhou para mim. Pela sua expressão de assombro, eu sabia que ela estava juntando as peças. Independentemente da minha negação, ela sabia a verdade, eu era o pai dela. Enquanto eu a olhava, um sentimento indesejado de orgulho correu em minhas veias.

Minha.

Eu tinha criado essa coisinha angelical na minha frente. Contando mentalmente os meses e ano, não pude evitar concluir que ela foi concebida durante aquele meu mês perfeito com Lacey. A gente fodia manhã, tarde e noite, então não era difícil imaginar que ela acabou grávida. Eu com certeza não usava camisinha, e ela não estava usando remédio nenhum. Percebi agora que isso devia incluir seu controle de natalidade também.

A mulher enfiou a mão na grande bolsa em seu ombro. Depois de tirar um pedaço de papel, o

empurrou para mim. — Você está na certidão de nascimento de Willow, — ela disse.

Ouvir o nome da menina causou uma dor aguda que atingiu direto meu peito e meu coração. Willow... porra, o nome da minha filha era Willow. A primeira vez que Lacey e eu transamos, foi sob um salgueiro⁷ no campo, descendo a colina perto do complexo. Antes do sexo nós tínhamos ficado debaixo da árvore por horas, rindo e conversando. Como um maricas apaixonado, eu tinha até esculpido nossas iniciais no casco do salgueiro. Então tudo foi pra puta que pariu, mas ela ainda se lembrava o bastante para dar a nossa filha um nome com significado.

— Olhe, — a mulher insistiu, abanando com o papel na frente do meu rosto.

Eu o peguei dela e li. Lá estava, em tinta preta, ao lado de “Nome do pai”, David Malloy. Mas que merda Lacey estava pensando? Ela colocou meu nome em um documento legal, mas nunca pegou a porra de um telefone e me disse que eu tinha uma filha? Havia milhares de coisas que eu queria gritar para ela nesse momento, mas não podia. Eu nunca ia ter as respostas que queria tão desesperadamente, porque ela estava morta. Pior de tudo, ela foi assassinada. Em que merda ela tinha se metido?

Mesmo com a evidencia na minha frente, eu ainda respondi, — Sim, bem, eu ainda quero um exame de DNA.

A mão forte de Rev agarrou meu ombro. — Não existe nenhuma maldita dúvida de que ela é sua, Deacon.

Virei a cabeça para olhar para ele. — E se ela for, que diabos eu vou fazer com uma criança?

Ele me deu um olhar duro. — Você vai fazer a coisa responsável e tentar criá-la.

— Vai se foder! — gritei antes de jogar a certidão de nascimento de volta para a mulher. Sem outra palavra, me virei e saí do bar. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu poderia ficar lá mais um minuto. Um pânico sufocante tinha invadido o meu corpo.

Lacey estava morta – ela foi assassinada. Eu tinha uma filha – uma filha com a qual eu não tinha a porra da ideia do que fazer. Um menino teria sido uma coisa, mas uma menina? Você tem que ser suave e doce com as meninas. Eu não tinha sequer um único osso doce na porra do meu corpo.

Meus pensamentos fora de controle me enviaram correndo pela estrada de terra. Minhas botas pesadas levantam uma nuvem de poeira atrás de mim. Quando cheguei à última casa da fileira do lado esquerdo, abri a porta sem nem dizer um olá. Agora aposentada, minha mãe passava os dias como voluntária na sua igreja. Mas ela estava sempre em casa por volta das cinco, porque queria assistir a porra de *Little House on the Prairie*⁸.

Seus olhos azuis me avaliaram do seu assento no sofá. Ela se levantou, me chamando para ir até ela. — David, o que há de errado? — ela perguntou, o medo ressoando em sua voz. Pela sua expressão, eu poderia dizer que ela estava imaginando uma centena de diferentes cenários envolvendo a morte de Rev ou Bishop.

Embora eu quisesse colocá-la fora de sua miséria, eu não podia. Eu não podia me mover – eu congelei na porra do chão. Eu não sabia como contar a notícia a ela. Eu só sabia que eu queria que ela fizesse, de alguma forma, tudo dar certo. — Eu tenho uma filha, — eu finalmente soltei.

Alívio cintilou através de seus olhos, e ela momentaneamente ergueu o rosto para o teto, como se estivesse agradecendo a Deus por seus filhos estarem a salvo. Por enquanto.

Quando ela olhou para mim, as sobrancelhas subiram em surpresa. — Cheyenne está grávida?

Fiz uma careta para a suposição. Minha mãe com toda certeza do inferno não aprovava que eu andasse fodendo por aí, e ela não ligava muito para Cheyenne. Ela queria que eu encontrasse uma garota legal para me estabelecer e ter bebês, e não engravidasse uma prostituta que já tinha estado na cama de todos os membros do clube. Mas eu podia dizer que ela ia engolir todos os sentimentos negativos se houve uma criança envolvida – um netinho para ela.

— Fale comigo, David, — ela pediu.

Finalmente capaz de me mover, pus um pé na frente do outro até fechar a lacuna entre nós. Tão mulherzinha quanto isso soa, apenas a sensação da sua mão no meu braço já me trouxe muito conforto. Com um suspiro de angústia e contentamento, deixei que ela me puxasse para os seus braços. E mesmo que eu tivesse a mulher mais incrível do mundo diante de mim, não pude deixar de pensar na minha mãe biológica.

A história dela era o triste caso da boa garota que tinha se envolvido com o homem errado. Ela tinha sido uma mãe acolhedora, que me alimentava e beijava meus cortes e arranhões e me abraçava quando eu tinha pesadelos. Ela não tinha planejado que meu velho abusivo saísse da cadeia, nos caçasse e a estrangulasse uma noite, quando eu tinha sete anos.

Ela morreu, ele foi para a cadeia e eu entrei no sistema. De lá, fui de uma espelunca para outra. A raiva e a violência que herdei do meu pai começou a vir à tona quando atingi a puberdade, e foi daí que fiquei por conta própria. Sim, um garoto de treze anos de idade não podia fazer muito por si mesmo nas ruas além de roubar... e lutar.

Foi no ringue de luta que Preach me encontrou. Grande para a minha idade, eu lutava ilegalmente no circuito subterrâneo. Durante seis meses, vivi uma existência de mão na boca⁹, arrebatando narizes e mandíbulas, pensando que ninguém nesse mundo de merda se importava comigo. Mas eu estava errado.

O destino é um filho da puta engraçado. Em algum momento minha mãe tinha frequentado a igreja de Preach. Na verdade, ele e Mama Beth tinham escondido ela do meu pai quando ele estava em seus ataques de fúria bêbado, antes que fosse mandado para a prisão. Nós fugimos no meio da noite quando ela descobriu que ele estava sendo solto. Foi provavelmente a pior coisa que ela poderia ter feito. Ela ainda poderia estar viva hoje se tivesse ficado. Afinal de contas, nós tínhamos abrigo e proteção enquanto estávamos com Preach.

A minha parte cheia de raiva queria dizer a Preach para ir se foder quando ele me ofereceu a sua casa. Eu não tinha amor por homens de igreja como ele. Como que sentindo isso, ele arregaçou as mangas e me mostrou seus braços cheios de tatuagens. Ele me contou a sua história – o bom, o mau e o frio, e eu nunca olhei para trás. Mais uma vez me encontrei na casa de Preach. Ele, então, me adotou legalmente e eu me tornei o mais velho dos meninos Malloy. Na maior parte do tempo, Rev e Bishop não me davam muita merda. Claro, nós entramos em algumas brigas e tivemos nossos arranhões. Você não pode colocar um adolescente em uma família com pirralhos de nove e seis anos e esperar que tudo fique em paz.

A pequena mão de Mama Beth no meu ombro me trouxe de volta para o presente. — Fale comigo,

filho.

Eu me afastei para olhar em seus olhos curiosos. — Lacey está morta. Assassinada.

Um pequeno suspiro escapou de seus lábios. Fazia cinco anos que Lacey não era mais parte da minha vida, mas Mama Beth sabia da sua importância. — Eu sinto muito.

— E tem mais, — eu resmunguei.

— Se sente, querido, — ela instruiu, nos levando para o sofá. Uma vez que eu desmoronei no sofá gasto, coloquei a cabeça em minhas mãos.

— Ela teve uma filha... *eu* tenho uma filha.

Mama Beth estendeu a mão para segurar o meu queixo com os dedos. Ela inclinou minha cabeça na direção dela, para que eu a olhasse. Ela levantou as sobrancelhas para mim, me pedindo silenciosamente para continuar. — Sem Lacey aqui, ela é a porra da minha responsabilidade. Inferno, meu nome está bem ali na certidão de nascimento. Mas a pior coisa... — passei a mão trêmula pelo meu cabelo. — É que a garota se parece comigo.

Seus olhos azuis se estreitaram perigosamente para mim. — A pior coisa? Nunca me deixe ouvir você falando negativamente sobre essa criança outra vez. Você foi abençoado por criar uma vida, David. Há muitas pessoas no mundo que jamais receberam esse presente.

Meu queixo caiu e eu não podia deixar de olhar Mama Beth como se ela tivesse perdido a cabeça. O pior pesadelo da minha vida estava se tornando realidade e ela estava me dando merda porque eu não estava dançando pelas ruas de felicidade. Ela sabia tão bem como eu que não tinha nada a ver com ser um pai. A raiva que tinha começado a borbulhar dentro de mim brotou para fora, e eu cheguei ao ponto da ruptura. — Mas você não entendeu? Eu não quero ela! — eu protestei, levantando do sofá.

— Eu não acho que isso é uma opção.

Balancei minha cabeça. — Eu *não* posso ser pai.

Com uma risada sem alegria, ela respondeu, — Você é o pai *dela*.

— No DNA sim, eu sou o pai dela, mas eu não sou o tipo de homem para ser pai.

— O que você quer dizer é que é muito egoísta e está com medo de assumir a responsabilidade por suas ações.

Eu joguei minhas mãos para cima. — Oh não, não jogue essa merda em mim. Não há nenhuma maneira que eu possa dar um ambiente estável para essa garota.

Cruzando os braços sobre o peito, Mama Beth desafiou, — E o que você está sugerindo?

— Eu vou levar ela para o Serviço de Proteção à Criança e deixar ela para adoção. Porra, ela vai estar muito melhor com dois pais.

— E como o sistema de adoção funcionou para você?

Com meus punhos cerrados nos meus lados, levou tudo dentro de mim para não pegar a estátua de Jesus na mesa de café e atirá-la na parede. Tentando manter a rédea sobre as minhas emoções, inspirei e

expirei várias vezes. Não importa o quanto eu estava chateado, eu não iria desrespeitar minha mãe dentro da sua própria casa. — Poderia funcionar para ela, — eu finalmente respondi.

Colocando uma das mãos em seu quadril, Mama Beth sacudiu um dedo na minha cara. — Me escute bem, David Malloy. Eu não vou *minha neta* ser colocada para... adoção. — Ela cuspiu a última palavra como se fosse a coisa mais desprezível que ela pudesse imaginar. Balançando a cabeça, ela acrescentou. — Não enquanto ainda puder respirar.

Eu levantei minhas sobrancelhas para a ferocidade e o tom da sua declaração. Ela podia ser pequena em tamanho, mas naquele momento eu sabia que ela estava falando além do sério. — O que você está sugerindo? Cuidar dela você mesmo? Se essa é a sua decisão, não pense que eu vou ajudar.

— Sente aqui, David, — ela ordenou. Sempre o menino obediente em sua presença, eu me sentei de novo. Ela soltou uma respiração instável antes de falar. — Meu coração tem estado pesado com o caminho irregular que você tem ido. Não importa quanto amor eu e seus irmãos damos, você ainda permanece isolado e intocável. — Ela balançou a cabeça. Abri minha boca para protestar, mas ela sacudiu o dedo para mim de novo. — Você tem quase trinta anos, David. Você já perdeu tantos dos seus anos em pecados capitais. É hora de você encontrar a verdadeira paz em sua vida.

— E você acha que cuidar dessa criança vai fazer isso? — eu rebati.

— Ela vai te ensinar a amar desinteressadamente.

— Eu amo desinteressadamente.

Mama Beth apertou seus lábios, me dando um dos seus olhares diretos que dizia que ela sabia que eu estava mentindo para ela e para mim mesmo. — Eu não acho que eu consigo fazer isso, — eu murmurei.

— Mas eu *sei* que você consegue.

Ao som de um pigarro, eu olhei para cima. Rev estava na porta, segurando a mão de Willow. Ela se enfiou mais contra o lado dele, e eu só podia imaginar o que ele tinha feito para lhe conquistar. Ótimo. Minha filha gostava mais do meu maldito irmão do que de mim. — A Senhora Martinez foi embora. Os prospectos vão trazer as coisas de Willow.

— Para o clube?

Rev assentiu. — Eu imaginei que poderia colocar um dos colchonetes no seu quarto essa noite. Então amanhã a gente pode colocar uma cama adequada aqui em casa. — Com um sorriso, ele olhou para Willow. — Você escolhe o que quiser, querida. Vai ser tudo nas cores que você mais ama. Você diz, é seu.

Willow não disse uma palavra. Em vez disso, ela deu um sorriso tímido para Rev e apertou sua mão. A minha expressão deve ter sido de confusão, porque Rev balançou a cabeça. — Sra. Martinez disse que Willow não falou desde que sua mãe... — Ele parou quando um pequeno tremor atravessou o corpo de Willow. Com seu olhar, Rev respondeu à pergunta que estava corroendo a minha mente.

Porra. Willow tinha visto Lacey ser morta. Não só eu tinha uma filha sem mãe, mas ela estava tão fodida da cabeça que tinha parado de falar. Cristo, a última coisa que ela precisava era de mim no seu mundo. Ela precisava de pais que gostavam de *Little House on the Prairie* e de muita terapia.

Quebrando o silêncio, Rev continuou de mão dada com Willow, balançando seu braço para trás e para frente, de brincadeira. — Mas isso não importa para nós. Willow, você pode falar quando quiser. Certo, gente?

Mama Beth se levantou do sofá. — Isso mesmo. — Ela segurou seus braços abertos para Willow, que olhou para eles com leve trepidação. — Eu sou sua avó, docinho. Eu vou ajudar seu pai a cuidar bem de você.

Willow olhou de Mama Beth para mim. Eu acho que ela estava me perguntando por que eu não estava a acolhendo de braços abertos também. A verdade era que eu não sabia o que diabos fazer. Seria assustador se eu a tocasse? Será que eu quero tocar nela? Quanto mais tempo ela olhava para mim, mais eu sentia que não podia respirar. Eu precisava de um alívio, me enterrar até as bolas em Cheyenne ou dar uma volta na minha moto.

Mas eu não tive a chance de ser um covarde e fugir. Willow soltou a mão de Rev e deu alguns passos hesitantes na minha direção. Na outra mão ela segurava uma espécie de anjo que parecia um enfeite de árvore de Natal. Ela caminhou diretamente até mim, passando por Mama Beth. Seus olhos escuros, que eram da mesma cor e forma que os meus, nunca deixaram o meu rosto.

— Diga alguma coisa, — Rev assobiou.

— Uh, sim, então, eu sou David ... ou Deacon, seu pai.

Ela me assustou, continuando a olhar para mim. Era o mesmo olhar obcecado que alguém poderia dar a uma celebridade. Eu cocei a parte de trás do meu pescoço, tentando desesperadamente encontrar as palavras certas para dizer. — Olha, eu... eu sinto muito pela sua mãe.

À menção de Lacey, Willow inclinou a cabeça. Sem palavras, eu sabia o que ela queria de mim. — Ela era muito bonita e doce quando estava sóbria e limpa. — Sufocando em minhas emoções, eu tive que limpar a garganta. — Mesmo que a gente não estivesse mais juntos, eu a amei. Uma vez. — Se eu fosse honesto comigo mesmo, teria dito que havia uma pequena parte de mim que ainda a amava. — Eu queria ter sabido de você quando ainda era um bebê. Eu sinto muito que as coisas tiveram que acontecer assim. — Ela continuou a olhar para mim. — Olha, eu sei que você ter visto uma merda... hm, umas coisas ruins, mas quero que você saiba que está segura aqui. Ninguém vai te machucar. Ok?

A minha declaração levou lágrimas aos seus olhos. Imediatamente me senti um grande idiota por fazer essa garota chorar. E então ela me chocou pra caralho. Ela mergulhou para mim, escalando para o meu colo. Meus braços foram ao redor do seu corpinho minúsculo para evitar que ela caísse. Suas mãos pequenas cobriram o meu rosto. E então ela se inclinou e beijou a minha bochecha.

Seu gesto de aceitação me roubou de todo o pensamento e discurso coerente. Ela tinha todos os motivos para me odiar por não estar lá para ela. Eu só podia imaginar que o pouco que ela viveu até agora tinha sido praticamente um inferno. Eu tinha visto Lacey no seu pior quando ela estava bêbada e chapada. Eu não achava que ela era capaz de ser uma boa mãe.

Mas, em vez de rejeitar seu pai ausente, Willow estendeu a mão para mim. A única coisa que eu podia fazer era envolver meus braços apertados ao redor dela. Ela era tão frágil nos meus braços, porra. Quando olhei para Mama Beth, lágrimas corriam pelo seu rosto. Ela colocou os braços ao redor de sua cintura, como se estivesse tentando se impedir de desabar. Ver Mama Beth tão emocional, fez com que

lágrimas picassem meus olhos. Porra, eu não chorava, especialmente na frente dos outros. Eu não ousei olhar para Rev e avaliar o que ele estava pensando. Acho que ele estava encantado que eu realmente estava mostrando um lado mais suave pela primeira vez na vida.

E então eu finalmente cedi, enterrei meu rosto nas ondas suaves do cabelo de Willow e deixei o fluxo de lágrimas correr. Enquanto eu segurava minha filha em meus braços, percebi como a vida pode mudar em um maldito segundo. Hoje a minha tinha feito meia-volta.

Eu era um pai. E mesmo que essa porra me matasse, eu ia ser o melhor que eu conseguisse. Ninguém nunca mais ia machucar Willow na minha frente.

Capítulo Dois

ALEXANDRA

QUATRO MESES DEPOIS

— Ok, crianças. Hora de sentarem nos seus lugares, — eu falei acima do zumbindo da sala. Meus saltos clicavam no chão enquanto andava para fechar a porta da minha sala de aula. Esse foi o sinal necessário para alguns dos meus retardatários fossem para suas mesas. Eu sorri enquanto eles pulavam em suas cadeiras, ansiosos para ver o que o dia tinha guardado para eles.

Eu estava com o jardim de infância da Buffington Elementary há cinco anos. No meu primeiro ano eu era apenas um bebê de vinte e dois anos. Felizmente para mim, o diretor tinha total confiança de que eu poderia lidar com uma classe cheia de crianças de cinco e seis anos.

Quando criança, eu brincava de escolinha com minhas bonecas e bichos de pelúcia, e por muitos anos eu quis ser professora. Mas então eu cresci, meus desejos mudaram e eu pensei em seguir outras carreiras. No fim das contas, os acontecimentos na minha vida, especialmente a morte dos meus pais, me fez mudar de ideia. Eu queria uma profissão honrosa, onde eu sentisse que poderia fazer a diferença, então segui os passos deles na educação. Enquanto meu pai tinha sido professor de matemática do ensino médio, minha mãe também tinha trabalhado com as turmas do jardim de infância. Eles tinham passado a vida ensinando mentes jovens, e eu senti que minha escolha de carreira honraria suas memórias.

Mais uma vez voltei minha atenção para o meu grupo de estudantes ansiosos. — Tudo bem. Vamos ver quem está aqui hoje, e depois vamos para o tapete para a hora do calendário.¹⁰

Quando eu comecei a fazer a chamada, meus olhos caíram sobre uma cadeira vazia. Uma dor atravessou meu peito com a visão. Era o quarto dia que Willow Malloy tinha faltado. O protocolo ditava que deveríamos ligar para a casa do aluno após a terceira falta consecutiva, mas quando eu tentei, no dia anterior, recebi uma mensagem que o número estava fora de serviço. Embora eu amasse cada um dos meus pequenos alunos da mesma forma, havia algo especial em Willow. Percebi que no momento que a conheci, ela tinha roubado o meu coração.

Foi um dia antes do início das aulas. O Meet & Greet¹¹ tinha acabado de terminar. Depois de falar com uma enorme quantidade de novos estudantes ansiosos, e pais igualmente ansiosos, eu tinha desmoronado na minha mesa, esfregando os pés que doíam por causa dos saltos com os quais eu os tinha torturado. Depois de jogar a cabeça para trás em êxtase pela maravilha que era aquela massagem, abri meus olhos para ver uma menina de cabelos escuros em pé ao lado da minha mesa. Eu dei um pulo tão grande que quase caí da cadeira.

Um embaraço quente correu pelo meu rosto porque ela tinha me visto em uma situação tão idiota. Tentando me recompor, limpei minhas mãos na saia e estendi uma para ela. — Bem, olá. Meu nome é Srta. Evans e eu *realmente* gosto de massagem nos pés e odeio usar saltos altos. Qual o seu nome?

A menina não respondeu. Em vez disso ela simplesmente continuou olhando para mim. Havia um reconhecimento em seus olhos que não fazia sentido, considerando que eu nunca tinha a visto antes. — Eu não te conheci mais cedo. Você está em outra classe este ano? Você vai se divertir muito no jardim de

infância.

Eu ainda não recebi uma resposta dela. Comecei a me perguntar se talvez ela estava do autismo não-verbal. Em seguida, uma voz de mulher em pânico ecoou pelo corredor vazio. — Willow? Willow, cadê você?

Eu tinha o palpito de que a menina era a Willow desaparecida, então rapidamente chamei, — Ela está aqui.

Em poucos segundos uma mulher mais velha e bonita, com um cabelo grisalho, entrou correndo na sala. — Aí está você! Eu quase morri de susto! — ela gritou.

Willow apenas olhou para ela momentaneamente antes de voltar para mim. Ela contornou a mesa e parou ao meu lado. Eu não pude impedir minha boca aberta quando ela casualmente subiu no meu colo. Uma de suas mãozinhas subiu para tocar os fios do meu cabelo. Olhando para ela, sorri. Para mim surpresa, ela sorriu para mim.

Quando eu olhei para a mulher, que devia ser sua avó, havia lágrimas brilhando em seus olhos. — Eu... eu sinto muito. Eu simplesmente nunca a vi reagir assim com alguém de fora do nosso mundo.

— Está tudo bem. Sinto muito que ela lhe deu um susto. Nós estávamos apenas começando a nos conhecer.

A mulher assentiu com a cabeça. — Eu tive problemas com o carro, então chegamos atrasadas para o Meet & Greet. Eu estava do outro lado do corredor, conversando com a sua professora e, quando me virei, ela tinha sumido.

Eu estendi a mão que não estava acariciando a cabeça de Willow. — Eu sou Alexandra Evans.

— Elizabeth Malloy. Eu sou a avó de Willow.

— Prazer em conhecê-la.

Estendendo a mão, Elizabeth disse: — Vamos lá, Willow. A Sra. Gregson está animada para te conhecer.

Willow se enterrou mais fundo no meu colo, me dando a impressão de que ela ia ficar comigo por um tempo. Pela primeira vez, notei que ela estava segurando algo na mão. — O que é isso? — eu perguntei, apontando para o que parecia ser uma boneca pequena.

Lentamente, Willow abriu a mão, e eu vi que era realmente um pequeno anjo de Natal. — Oh, o que é uma boneca bonita.

Meu elogio trouxe um sorriso ao rosto de Willow. — Você se parece com ela... você se parece com a Mamãe Anjo, — ela sussurrou.

— Ora, muito obrigada. — Olhando para baixo para a boneca, eu tentei imaginar as semelhanças. Nós duas tínhamos o cabelo longo e escuro, e nós duas estávamos usando um vestido branco. Com um sorriso, eu disse: — Você está certa. Eu pareço com ela.

Um grito estrangulado veio de Elizabeth. Quando olhei para cima, ela estava apertando sua garganta. — Ela não falou em quatro meses, não comigo, nem com o pai dela. Nem com ninguém, desde

que a sua mãe... — Ela olhou para Willow e nervosamente se mexeu em seus pés. — Desde que sua mãe morreu.

Pisquei os olhos em descrença quando uma enxurrada de lembranças dolorosas tremulou pela minha mente. O rosto de Charlie, meu irmão mais novo, apareceu diante de mim. Eu tinha dezessete anos quando meus pais morreram em um acidente de carro em um gelado dia de dezembro. Charlie tinha dez anos — o único sobrevivente do acidente. O choque de perder nossos pais, além de ter ficado preso no carro por horas, o deixou catatônico por seis meses. Mesmo depois de termos ido morar com meus tios — as duas pessoas mais maravilhosas do mundo — Charlie não se recuperou. Durante meses ele permaneceu trancado em um mundo próprio. E então, um dia, ele lentamente começou a voltar. Agora ele tinha vinte anos e fazia muita festa na faculdade.

Quando olhei para o rosto de Willow, não pude deixar de pensar em Charlie. Se ele não tivesse sido rodeado de amor e cuidado das pessoas, não sei o que teria acontecido com ele. Embora fosse estranho e eu não entendia a razão, Willow tinha uma ligação comigo. Como ela já tinha passado por muito, eu odiaria quebrar esse vínculo.

Eu sorri para Willow. — Você sabe, eu tenho uma vaga sobrando na minha classe. O que você acharia de ir até o escritório e ver se poderia ser transferida para minha turma?

Os olhos escuros de Willow se iluminaram com o que parecia prazer absoluto. Ela olhou por cima do ombro para Elizabeth com uma expressão de súplica. Depois de limpar as lágrimas de seus olhos, Elizabeth perguntou, — Não vai causar muitos problemas fazer isso?

— Não. Não, problema nenhum. Só deve demorar alguns segundos para alterar a turma no computador.

Com um sorriso, Elizabeth disse: — Eu acho que seria uma ideia maravilhosa.

Desde aquele dia, Willow tinha ficado grudada em mim sempre que ela estava na escola. Por mais que eu tentasse, não conseguia convencê-la a fazer amizade com qualquer um dos outros alunos. A maioria das meninas a excluía pelo fato que ela raramente falava. Então ao invés de tagarelar com elas, Willow gostava de ficar comigo durante o intervalo, e às vezes se recusava a ir ao ginásio ou à aula de artes. Eu nunca a forçava. Em vez disso, apenas seguia com minha rotina normal no meu tempo de folga, enquanto Willow observava. Alguns professores podiam ter tratado ela de forma diferente e se recusado a lhe dar qualquer atenção especial. Mas o meu próprio passado trágico me fez simpatizar com Willow e a sua situação.

Depois de falar mais com Elizabeth, soube que a mãe de Willow tinha sido assassinada bem diante dos seus olhos. Ela, então, veio viver com o pai, que a encontrou pela primeira vez. Considerando que apenas alguns meses tinham se passado, Willow ainda estava tentando desesperadamente se aclimatar à sua nova vida. Teria sido difícil para um adulto, mas uma criança de cinco anos de idade? Era quase impossível.

Eu fui levada para fora dos meus pensamentos por um de meus estudantes inquietos em seu assento. — Senhorita Evans, nós podemos ir para o tapete agora?

Rindo de sua excitação, eu assenti. — Tudo bem, vamos para a hora do calendário.

Naquela tarde, depois de levar as crianças em fila para os ônibus escolares, voltei para dentro e fui

direto para o meu computador. Uma vez que entrei no programa de atendimento, fui para o nome de Willow. Pegando um bloco de notas em forma de maçã, eu anotei o seu endereço. Eu nem sequer me preocupei em tentar entrar em contato com Elizabeth. Eu queria ir direto à fonte. Se eu não podia falar com seu pai por telefone, então talvez eu pudesse encontrá-lo em casa.

Peguei minha pasta e minha bolsa e me dirigi ao meu carro. No caminho, digitei o endereço no GPS do meu telefone. Era mais um dia escaldante do final de setembro no norte da Geórgia. As costas das minhas pernas pinicaram quando eu deslizei pelo assento de couro do meu Accord.

Depois de seguir as instruções da voz monótona do GPS, virei a poucos quarteirões e me encontrei em uma das áreas mais sórdidas da cidade. Mesmo que eu não tivesse crescido aqui, tio Jimmy sempre se certificou de me orientar sobre essa área. Ele me informou que quando as fábricas de algodão tinham fechado, no final dos anos oitenta, a região empobreceu rapidamente. Os índices de criminalidade aumentaram com o desemprego, e agora era habitada por trabalhadores temporários e a gangue de motoqueiros local que eu tinha de vez em quando na estrada.

Quando eu parei junto a uma loja de armas e casa de penhores, olhei para meu telefone para checar se este era mesmo o endereço de Willow. Então peguei um post-it da minha bolsa para me certificar de que meu telefone não estava errado. Não pude deixar de ficar surpresa ao ver que era o lugar certo. Espiando através do para-brisa, podia ver que loja era parte do que tinha sido a antiga fábrica de algodão. Próximo a ela, o que era o escritório do velho moinho parecia ter sido convertido em uma espécie de pousada ou bar.

Inquietação me encheu no momento em que eu fechei a porta do carro. Dois homens em botas de motoqueiro e vestidos de couro se encostaram à parede da casa de penhores. Com uma determinação forçada, eu me empurrei para a frente com as pernas trêmulas. Ao me aproximar dos homens, podia sentir seu olhar aquecido queimando através de mim, chamuscando o meu vestido de verão de algodão, como se eles me despissem com os olhos. Um tremor de repulsa me percorreu, me fazendo sentir suja e usada.

Quando me encontrei com seus olhares encapuzados, eu forcei um sorriso nos lábios. — Olá, — eu disse suavemente. Quando cheguei à porta da casa de penhores, um dos homens deu um passo em frente de mim. Eu não pude deixar de saltar para trás, minha mão voando para a minha boca para abafar um grito. Ele ergueu as sobrancelhas para mim quando abriu a porta como um cavalheiro.

Constrangimento inundou meu rosto pela minha reação exagerada. — Obrigada. Você é muito gentil, — eu disse enquanto escorregava hesitante meu corpo para dentro da loja. Meus saltos estalaram no chão, e eu nervosamente mexia com a alça da minha pasta. Olhei para a esquerda e para a direita, mas não vi ninguém atrás do balcão. — Olá? — perguntei.

Uma cortina preta fechada na lateral do cômodo se mexeu e um homem alto e corpulento saiu. Independentemente do seu enorme tamanho, a expressão no seu rosto muito bonito logo me colocou à vontade. — Posso te ajudar?

Estendendo minha mão, eu disse, — Eu sou Alexandra Evans. Estou à procura de David Malloy.

Em vez de apertar minha mão, o homem cruzou os braços sobre o peito e inclinou a cabeça para mim. — O que você quer com ele?

Algo no tom que ele usou me deixou desconfortável. — Eu... uh, sua filha, Willow, é da minha

turma do jardim de infância. Ela perdeu um monte de dias de aula, e eu estava preocupada.

Minha resposta pareceu acalmar o homem, porque seus braços musculosos relaxaram e ele finalmente me ofereceu sua mão. — Eu sou Nathaniel Malloy, tio de Willow.

— Ah, prazer em te conhecer.

— Digo o mesmo. Deacon... hmm, David, ele na verdade está na sede do clube. Eu posso levar você até lá.

O pensamento de entrar na fábrica fez minha pele arrepiar, então eu fiquei muito grata porque Nathaniel estava se oferecendo para me levar. Depois de passar ao redor do balcão, ele abriu a porta para mim. — Tiny, mantenho um olho na loja, ok? — ele ordenou para o mais alto dos caras. Um riso nervoso escapou dos meus lábios com a ironia do nome do homem¹².

Enquanto eu caminhava ao lado de Nathaniel, a sua presença imponente me dominou um pouco. Ele era todo homem, com suas mãos e pés grandes e um cheio almiscarado que invadiu o meu nariz e mexeu com os meus sentidos. Se eu não estivesse tão fora do meu ambiente, teria sido muito atraída por ele, apesar da sua calça jeans desbotada, camiseta preta apertada e braços cobertos de tatuagens que gritavam bad boy. Mas, mesmo nos poucos momentos em que tinha estado junto dele, podia dizer que havia muito mais lá. A maneira como ele se portava era a de um cavalheiro culto, não um motoqueiro mal-encarado. — Willow não fala muito, mas eu sei que ela adora ir à escola.

— Ela é provavelmente a aluna mais brilhante da minha classe. Além de eu gostar muito dela, não queria que ela ficasse para trás nas tarefas por ter faltado à escola. Considerando seu potencial, acho que ela poderia facilmente pular para a primeira série na metade do ano.

Os olhos azuis de Nathaniel se arregalaram. — Sério?

Eu sorri. — Sim, com certeza.

— Deacon e a nossa mãe vão ficar muito felizes de ouvir isso.

— Quem é Deacon¹³?

Nathaniel sorriu. — Esse é o apelido de David.

— Ah sim, entendo.

Um grande caminhão retumbou ao entrar no estacionamento. Quando um homem baixo e calvo saiu do lado do motorista, ele acenou com um envelope pardo na mão. — Ei, Rev. Você pode vir aqui por um segundo?

— Estou ocupado. Chame Tiny.

O homem balançou a cabeça. — Esta embalagem precisa de uma assinatura Malloy nele.

Nathaniel deu um grunhido frustrado. — Certo. Eu já vou.

Quando ele se virou para mim, lhe dei um sorriso leve. — Rev?

Ele respondeu com um sorriso caloroso. — É só um apelido.

— Para quê?

— Reverend.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Oh, você é um ministro¹⁴?

Ele inclinou a cabeça provocativamente para mim. — Você é uma professora ou uma repórter?

Eu ri. — Me desculpe, mas eu estou acostumada a responder perguntas durante todo o dia. Eu não posso deixar de fazer algumas perguntas eu mesma.

— Bem, senhorita... sinto muito, qual o seu último nome?

— Evans.

— Não, Srta. Evans. Eu não sou um reverendo de verdade.

— Então como você conseguiu esse apelido?

— Yo, Rev! — o homem do caminhão chamou impaciente.

Com uma careta, Nathaniel/Rev balançou a cabeça. — Escute, eu tenho que cuidar dessa entrega. Você pode entrar, e eu estarei lá em um minuto.

Interiormente, eu gemi. Eu não queria entrar no bar sozinha. Teria preferido que Rev estivesse ao meu lado. Mas quando ele começou a caminhar para longe de mim, percebi que seria melhor ir lá para dentro, fora do alcance do calor opressivo, apesar de me sentir tão fora do meu elemento. Quando entrei no salão, respirei fundo para tentar ter algum controle sobre os meus nervos. A fumaça pairava pesada no ar, ardendo meus olhos e me fazendo tossir. Vários homens com coletes de couro de motoqueiros descansavam nos bancos do bar, bebendo cerveja. Do meu outro lado, um jogo de sinuca animado estava acontecendo.

Eu dei alguns passos para dentro e, em seguida, congelei. — Você está perdida, querida? — uma mulher com peitos que estavam quase arrebatando seu top me perguntou.

— Hm... eu estou à procura de David Malloy, — eu disse.

Dois homens na mesa de sinuca se viraram. O menor deles, um loiro robusto, mas bonito, inclinou a cabeça com curiosidade para mim. Mas no momento meu olhar estava fixo sobre o outro homem, que eu sabia que era o pai de Willow. Eles tinham o mesmo cabelo escuro, profundos olhos escuros e rosto em forma de coração. David, no entanto, tinha uma leve barba escura cobrindo o rosto. Embora fosse irmão de Rev, eu não via qualquer semelhança entre os dois. Ainda que ele fosse mais baixo e menos corpulento. David tinha uma aparência tão boa quanto Rev. — Sr. Malloy? — eu perguntei, fechando a distância entre nós.

Ele jogou o taco de sinuca na mesa e deu uma longa tragada em seu cigarro, e então o apagou em um cinzeiro na mesa. — O que você quer? — perguntou ele.

Eu não precisava olhar ao redor da sala para saber que todos os olhos no lugar estavam sobre nós. — Eu realmente preciso falar com você por um momento.

Seus olhos escuros se estreitaram quando eles correram sobre meu corpo. A próxima coisa que eu

soube é que ele saltou sobre mim, me batendo contra a parede. Uma das suas mãos subiu para agarrar minha garganta, enquanto seu corpo prendeu o meu no lugar. Medo como eu nunca tinha conhecido tomou conta de mim, fazendo meu coração bater descontroladamente em meus ouvidos. Era um barulho tão alto que eu sentia como se um tiro de canhão tivesse sido disparado ao meu lado. — Por favor, — eu murmurei.

David olhou para mim enquanto seu polegar pressionou com mais força a minha garganta. — A qualidade do trabalho está realmente caindo na academia.

— D-descul-desculpe? — eu gaguejei.

Com um sorriso, ele respondeu: — Eles não treinam vocês, cadelas da ATF¹⁵, para esconder o medo um pouco melhor? Quer dizer, você está praticamente mijando nas calças agora, para não mencionar que o seu coração está totalmente disparado.

Eu balancei a cabeça lentamente de um lado para o outro enquanto tentava processar suas palavras. — ATF? Eu não entendo.

Ele revirou os olhos. — Um pedaço de bunda branca vem rebolando pelo meu clube, querendo falar comigo sozinha. Não é preciso ser um gênio para perceber que você é uma federal.

Federal? Levei um momento para processar o que ele queria dizer. Puta merda. Ele achava que eu trabalhava para o governo como agente de algum tipo. Eu rapidamente respondi. — Não, eu não sou.

Uma voz veio de trás dele. — Deacon, cara, você vai ter sua bunda sendo chutada feio por isso.

Olhando por cima do ombro, Deacon disse ao homem de cabelos loiros mais jovem, — Fique fora disso, Bishop.

Bishop ergueu as mãos. — Tudo bem. É a porra do seu funeral.

A mão de David deslizou da minha garganta para os botões do meu vestido. Olhando por cima do ombro para os outros, ele questionou: — Quanto vocês apostam que ela tem um fio escondido entre as tetas?

Quando suas mãos começaram a rasgar meu vestido, eu não pude segurar o grito. — Não pare! Eu não sou quem você pensa que eu sou. Eu juro! — eu protestei.

— Então quem diabos você é? — ele perguntou.

Antes que eu pudesse responder, uma voz pequena veio de trás de nós. — Senhorita Alex?

O som da voz de Willow fez David liberar seu poder sobre o meu vestido, mas seu corpo ainda me manteve presa à parede. Naquele mesmo momento, Rev entrou no clube. Quando ele me viu, seus olhos se arregalaram, e ele começou a correr para chegar até nós. Agarrando os ombros de David, ele o atirou para longe de mim. — Puta que pariu Deacon, o que diabos você está fazendo?

— Eu estou dando a essa cadela disfarçada da ATF o que ela merece, — Deacon argumentou, dando um passo para mim.

— Cristo, ela não é da ATF, — Rev rebateu.

— Ah, então que porra ela é?

— Ela é minha professora... e minha amiga, — Willow respondeu em voz baixa.

David, ou Deacon, olhou de boca aberta de mim para Willow. — Eu acho que isso é o máximo que eu ouvi você dizer desde que chegou aqui.

Willow não respondeu a ele. Em vez disso, ela veio até mim e jogou os braços em volta da minha cintura. — Eu senti sua falta, senhorita Alex.

Me inclinando, eu beijei o topo da sua cabeça. — Eu também senti sua falta, querida. Eu estava preocupada porque você não foi mais à escola.

Ela olhou para mim, seus lábios puxando em uma carranca. — Deacon diz que eu preciso para ficar perto de casa porque alguém quer me machucar. — Ela se agarrou a mim com mais força e sussurrou. — Eu acho que é o Homem Mau.

Eu a apertei com força. Nenhuma criança da idade dela deveria ter que passar por tudo o que ela já tinha, para não mencionar que ela parecia estar ainda experimentando sua nova vida. Eu sabia pela avó dela que Willow estava fazendo terapia fora duas vezes por semana, juntamente com os check-ins diários que ela fazia com o nosso psicólogo da escola. Eram quase milagrosos os passos que ela estava dando.

Enquanto eu a balançava de um lado para o outro em meus braços, não pude deixar de me perguntar exatamente como ela se encaixava no mundo dos motoqueiros. Seu pai certeza não era o que eu estava esperando. Eu esperava alguém negligente, não o homem grosseiro e agressivo que me cumprimentou com tanta força. Como era possível que ele se importasse com Willow? Ele não parecia ter um osso compassivo em seu corpo, e o que Willow mais necessitava tão desesperadamente em sua vida era ternura.

Querendo animá-la, eu forcei um sorriso em meu rosto. — Eu trouxe algumas coisas para você.

— Você trouxe? — ela perguntou, seus olhos escuros dançando com entusiasmo.

Balançando a cabeça, me abaixei para pegar a minha pasta onde tinha caído durante a minha briga com Deacon. Eu retirei o cartão que as outras crianças fizeram, juntamente com alguns dos pequenos projetos de arte que ela perdeu. — Todo mundo na sua classe está com saudade de você. Eu não quero que você fique para trás, então eu trouxe alguns trabalhos que você perdeu. Por que você não vai começando algum deles enquanto eu falo com o seu pai?

Ela sorriu. — Ok.

A mulher peituda estendeu a mão, e Willow felizmente a tomou. Quando elas tomaram um assento no bar do outro lado da sala, eu exalei um longo suspiro. O mundo de Willow parecia muito esmagador. — Sr. Malloy, nós precisamos conversar.

Deacon passou a mão pelo cabelo espesso e escuro. — Eu não sei o que dizer.

— Que tal começar com “desculpe”, seu imbecil? — Rev sugeriu, olhando furiosamente para ele.

Deacon ficou me olhando atentamente, como se estivesse me vendo pela primeira vez. — Eu sinto muito. Eu realmente pensei que fosse outra pessoa.

Depois de alisar meu vestido onde tinha sido amassado por Deacon, tentei reunir meu juízo. Não importa o quanto eu tentasse, não conseguia formar qualquer pensamento coerente. Com Willow, eu estava no meu elemento e podia facilmente encontrar as palavras certas para dizer. Seu pai era uma história diferente. — Você sempre costuma receber estranhos os apalpando com tanta grosseria? — eu perguntei.

Ele arqueou as sobrancelhas com as minhas palavras e tom. — Eu sinto muito que eu confundi você com uma agente da ATF. — Ele apontou para mim. — Não é como nós víssemos o seu tipo por aqui, a menos que seja uma agente federal procurando der uma espiada.

— Eu não acho que eu quero perguntar por que um simples bar e casa de penhores chamaria a atenção de agentes federais.

— Não, baby, você não quer.

Eu tive que morder minha língua para não dizer a ele para parar de me chamar de algo tão sexista¹⁶. Ao mesmo tempo, enquanto eu estava furiosa com o seu comportamento, arrepios de atração corriam pelos meus braços. Eu não podia acreditar que eu estava um pouco excitada por esse imbecil.

Ele me fez sinal para segui-lo com um movimento de sua mão. — Vamos.

Depois de trocar um olhar com Rev, eu relutantemente segui Deacon para um quarto à esquerda do corredor. Quando ele fechou a porta atrás de nós, não pude deixar de saltar ao som. Um sorriso curvou seus lábios. — Eu deixo você nervosa?

Lambendo meus lábios secos, eu respondi: — Só um pouco.

— E quanto a Rev? Ele deixa você nervosa?

Eu balancei minha cabeça. — Não, ele não deixa.

Deacon cruzou os braços sobre o peito. — E por que isto?

— Independentemente do seu tamanho, há uma bondade sobre ele. Além disso, ele veio em meu socorro lá atrás. — Empurrando meu queixo para cima, eu disse, — Eu não consigo imaginar ele machucando ninguém.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Deacon. — Tão ingênua, não é baby?

— É *Senhorita Evans*. — Eu dei um passo para trás. — Você tem algum objetivo em me trazer aqui, além de dar um tempo difícil?

— Eu te trouxe aqui para que pudéssemos conversar sobre a minha filha em privado. — Ele, então, passou por mim. Depois de puxar uma das cadeiras de uma longa mesa, ele fez um gesto para eu tomar um assento. Relutantemente, eu andei até ele e me sentei sobre o assento de couro caro. Em vez de se sentar ao meu lado, ele tomou o assento na minha frente. Depois de recostar na cadeira, ele apertou os lábios para mim. — Então fale.

— Estou muito preocupada porque Willow perdeu quase uma semana de escola. Ela é muito inteligente para não estar na sala de aula. Vejo agora que ela não está doente. — Me inclinando para frente, com os cotovelos apoiados sobre a mesa, perguntei. — O que é isso de você não deixar ela sair

porque não é seguro?

A expressão de Deacon endureceu. — Isso não é da sua maldita conta.

— Você pode pensar assim, mas eu tenho certeza que o CPS¹⁷ pode ver as coisas de forma diferente.

— Você está me ameaçando, Srta. Evans? — ele questionou. A dureza de seu tom de voz, junto com a sua expressão um pouco ameaçadora, me fez cavar mais fundo na cadeira para tentar escapar dele.

— Eu-eu estou apenas afirmando fatos, Sr. Malloy, — eu respondi, minha voz embargada pelo nervosismo.

Ele balançou a cabeça. — Você tem muita coragem mesmo, porra, para vir entrando no meu clube e tentando mandar na minha vida.

— Isso não é o que estou fazendo. Eu só quero o que é melhor para Willow.

— Eu acho que como pai eu sei o que é melhor para ela, — ele respondeu.

— Com todo o respeito, você só é pai dela há alguns meses.

Deacon pulou da sua cadeira. — Sai daqui!

Mesmo que minhas pernas tremessem de medo, me mantive firme no lugar. — Não.

— Me desculpe?

— Eu disse que não, — eu sussurrei.

Os olhos escuros de Deacon se arregalaram. — Você prefere que eu te jogue para fora?

Quando ele começou a andar ao redor da mesa, eu levantei a minha mão. — Por favor, apenas me escute um minuto. — Ele congelou e olhou com expectativa para mim. — Independentemente de quaisquer perigos que existam em seu mundo ou se você é a pessoa certa para ser pai, eu não acho que Willow deva ser tirada de você. Ela já passou por muitos traumas e foi tirada daqueles que ama. Eu posso dizer que ela está feliz aqui... que ela é amada aqui.

Ele ergueu as sobrancelhas interrogativamente para mim. — Você realmente quer dizer isso?

— Sim, eu realmente quero dizer.

— Então por que você está na minha bunda, mulher? — ele perguntou.

Um riso nervoso borbulhou de meus lábios. — Eu sinto muito, mas eu tenho que olhar para o que é melhor para os meus alunos. Tenho certeza que você acha que o que está fazendo é a coisa certa para proteger Willow, mas ela precisa ir à escola. Ela precisa da interação com outras crianças. Ela prospera quando está na escola. — Quando Deacon revirou os olhos, eu pressionei. — Você sabe que eu estou recomendando que ela seja colocada na primeira série em dezembro?

— Ela é problema demais para você? — ele retrucou com sarcasmo.

— Willow *nunca* é um problema para mim. Se eu fosse totalmente honesta, ela é a minha favorita. Eu vou ficar arrasada dela não ser mais minha aluna.

A expressão de Deacon aliviou um pouco. — Então o que, ela é muito inteligente ou algo assim?

— Sim. Ela é uma aluna muito brilhante e capaz. Ela agarra conceitos mais rápido do que meus outros alunos. Acho que ela vai se sobressair ao ser desafiada na primeira série, em vez de ter que ficar no jardim de infância.

Enquanto ele pesava minhas palavras, a mão de Deacon se levantou para esfregar a pouca barba em seu queixo. — Eu não sei o que dizer. Eu não tinha ideia de que ela era tão inteligente. — Com um sorriso irônico, ele disse, — Eu com certeza não se de quem ela puxou isso.

— Tenho certeza que ela tem um pouco de você e da sua falecida mãe.

A menção da mãe de Willow enviou uma carranca ao rosto de Deacon. — Olha, você é uma pessoa de fora, então eu não vou te dizer todos os meus negócios. Mas acredite em mim quando eu digo que não me sinto confortável deixando Willow fora da minha vista no momento. Ela precisa estar aqui no complexo, onde eu sei que ela está segura.

— Tem alguém ameaçando machucar ela?

— Algumas pessoas querem me machucar, e eles vão usar todos os meios necessários para chegar a mim, inclusive mirando na minha filha.

Puxei uma respiração dura com o pensamento de alguém ferir a doce Willow. Enquanto eu não concordava com o mundo de Deacon, tive que lhe dar crédito por tentar, à sua própria maneira equivocada, manter sua filha segura. Tinha que haver algum solução para o problema.

Como se tivesse lido minha mente, Deacon deu a volta na mesa e se sentou ao meu lado. — Existe alguma maneira de contratar um professor ou algo assim? Você sabe, alguém que poderia vir aqui e ensinar Willow? Então você e as autoridades poderiam sair das minhas costas.

Ao longo dos anos, eu tive alguns alunos que precisaram ser ensinados em casa, devido a doenças que custaram a sarar. Eu tinha sido mais do que feliz em ir dar aulas a eles depois da escola. Além encontros ocasionais com amigos, eu não tinha muita coisa acontecendo em minha vida fora da sala de aula. Não tinha um marido em casa esperando para jantar e, infelizmente, não tinha filhos para criar. Além do meu irmão, do meu tio e minha tia, eu estava praticamente sozinha. Meus alunos eram a minha vida.

— Eu posso fazer isso – posso vir depois da escola ensinar Willow.

Deacon me olhou com uma expressão cética. — Você realmente estaria bem com isso?

— Claro. Eu adoraria vir ensinar a ela. — Mordiscando meu lábio, eu contemplei o que precisava ser feito logisticamente para que isso acontecesse. — Como ela não está doente ou sofreu alguma lesão, ela não se qualifica para os serviços de ensino em casa do município.

As sobrancelhas de Deacon se apertaram. — O que isso significa?

— Significa apenas que o meu salário não seria coberto. Você teria que pagar do próprio bolso.

Um brilho ardeu em seus olhos. — Eu sei que talvez pareça um motoqueiro fora da lei, mas garanto a você que posso prover financeiramente quaisquer necessidades de Willow.

Minhas bochechas coraram de vergonha, e eu rapidamente abaixei a cabeça. — Peço desculpas se eu ofendi você. Eu certamente não estava querendo dizer isso. Estava apenas tentando trabalhar tudo na minha cabeça. — Depois de puxar uma respiração profunda para me acalmar, continuei. — Eu já prestei serviços de ensino em casa antes, então sei o que tudo isso implica. Também faz sentido para mim assumir esse trabalho, porque eu sei exatamente o que Willow deveria estar vendo em sala de aula. — Me inclinando para frente na cadeira, levantei a cabeça para lhe dar um sorriso hesitante. — Se você não quer me contratar, posso recomendar outra pessoa. Mas não acho que Willow ficaria confortável com qualquer um.

— Não, ela não ficaria. E por alguma razão, ela realmente leva muito a sério essa merda de gostar de você.

— Suponho que foi um elogio?

Os cantos dos lábios de Deacon se ergueram. — Sim, foi um elogio. Willow não interage com ninguém fora do nosso clube. E mesmo que ela seja mimada para caralho aqui, não reage com a gente nem a metade do que ela fez lá fora com você. — Ele balançou a cabeça. — E, cara, tem o fato de que ela estava falando também.

— Eu fico feliz que seja ligada a mim. Eu me importo muito com ela.

— O suficiente para vir a este buraco do inferno toda tarde?

Eu balancei a cabeça. — Sim. O suficiente.

Deacon se levantou da cadeira. Estendendo a mão para mim, ele disse, — Bem, eu acho que você conseguiu o emprego, Senhorita Evans.

Me levantando para ficarmos no mesmo nível, eu deixei que ele tomasse minha mão na sua. — E eu o aceito, Sr. Malloy.

— Então vamos contar a Willow a boa notícia.

Quando eu o segui até a porta, nunca poderia ter imaginado naquele momento como ser uma parte do mundo de Deacon e Willow ia mudar a minha vida.

Capítulo Três

DEACON

— É isso aí. Me dê o seu melhor, seu veado! — eu provoquei, me esquivando dos socos que giravam sobre a minha cabeça. A adrenalina zumbia através das minhas veias, bombeando energia pelos meus braços e pernas. Nenhuma droga ou bebida me deixava tão alto quanto lutar. Busquei a sensação dos meus punhos batendo no osso duro da mandíbula ou na carne macia do abdômen quando as coisas escalaram rapidamente para um turbilhão de golpes.

Minhas botas se arrastaram pela lona do ringue de boxe enquanto eu fazia um trabalho rápido de troca de pés. Essa não tinha sido a melhor escolha de treino, mas quando eu vim para a academia dos Raiders para verificar os negócios, não esperava substituir o segundo chefe, ou treinador principal, para Bishop.

Enquanto eu tinha aprendido a usar os punhos para sobreviver nas ruas, Bishop aperfeiçoou suas habilidades de luta no ringue. Antes que os Raiders comprassem o ginásio, Preacher Man tinha muitas vezes nos trazido aqui para nos exercitar. Não demorou muito para que Bishop estivesse dando uma surra nos lutadores experientes. Ele ganhou vários títulos de divisão e, provavelmente, poderia ter se tornado profissional, mas quanto mais ele crescia no esporte, mais as pessoas queriam meter o nariz na sua vida privada – principalmente no que dizia respeito ao clube.

Para uma pessoa comum, a academia, com o boxe e o treinamento de artes marciais, parecia algo legítimo, mas tudo fachada. Para o clube, foi uma maneira de gerir as apostas interestaduais de lutas e corridas. Bishop não queria que nada afetasse o clube, então continuou a lutar boxe nas divisões inferiores.

Mesmo com Bishop se movendo furtivamente, desviando dos meus ataques e lançando os seus próprios contra mim, eu podia dizer que ele estava fora de forma. — Você está se transformando em uma luta fácil, irmãozinho.

— Luta fácil o caralho! Você está todo ofegante e suado, — Bishop desafiou.

— Esses jeans e botas não são exatamente leves.

Se sacudindo e desviando na minha frente como uma cobra, Bishop antecipou meu próximo movimento. Quando eu permaneci imóvel, ele só deu de ombros. — Eu só tive uma noite cansativa, isso é tudo.

— Seu imbecil, você sabe que não deve comer as prostitutas do clube na noite antes de um grande dia de treinamento.

— Eu não fiz isso.

— Então o que você estava fazendo? — eu perguntei.

Ele se esquivou do meu golpe inesperado e me deu um sorriso perverso. — Acho que você poderia dizer que eu estou quente pela professora. Eu estava me masturbando pensando na Srta. Evans.

Eu congelei no lugar. — Que porra você acabou de dizer?

A risada de Bishop ecoou ao nosso redor. — Sim, eu sou homem o suficiente para admitir que eu estava me masturbando em vez de estar fodendo com alguma puta do clube. — Quando eu continuei olhando para ele, Bishop parou de saltitar. — Vamos lá, mano. Depois de ter visto um pedaço de rabo daqueles é difícil tomar alguns segundos sujos na sua cama. Quero dizer, eu só tive que ver ela por uns cinco minutos, mas você teve as mãos sobre ela. — Ele fechou os olhos. — Você pode imaginar como ela deve ser apertada?

Eu joguei um gancho de direita duro na sua mandíbula antes que eu pudesse me parar. Bishop cambaleou para trás. Balançando a cabeça, ele esfregou a mão enluvada ao longo de sua mandíbula avermelhada. — Deacon, que porra é essa, cara? — perguntou ele.

— Não fale assim da professora de Willow.

— Bem, com certeza eu não vou fazer isso na frente dela, mas achei que você e eu estávamos na mesma página quando se trata de sexo.

Balançando a cabeça, eu rosnei, — Não sobre ela.

Bishop recostou-se contra as cordas. — Você está tentando me dizer que não acha que ela é gostosa pra caralho?

Fechei a distância entre nós, assim eu estava mais uma vez em seu rosto. — Você tem algum problema de audição, irmãozinho? Eu disse para não falar dela desse jeito. — O empurrando, eu disse. — Você pode ir esquecendo se acha que vai atirar seu charme de garoto doce para tentar chegar na bunda dela. Ela é fora da porra dos limites. Entendeu?

Os olhos azuis de Bishop se arregalaram. — Oh sim, eu acho que eu entendi. — Ele ficou cara a cara comigo. — Entendi alto e claro. Mas talvez da próxima vez você devia mijar na perna dela para marcar como sua.

Joguei minha cabeça para trás e ri. — Não é isso.

— Tem certeza? Porque eu tenho certeza que nunca vi você tão nervoso com alguém farejando Cheyenne.

Meus dentes rangeram em frustração. — Será que você aquele velho ditado "não cague onde você come" não significa nada para você?

— Acho que sim.

— Por razões do caralho que eu nem sequer posso começar a entender, a Srta. Evans significa muito para Willow. Se ela for embora assustada porque um babaca tentou usá-la, então isso vai machucar Willow. Para não mencionar que essa cadela tem as minhas bolas prontas para serem entregues ao CPS.

Bishop processou minhas palavras. — Está bem, está bem. Eu vou manter a Srta. Evans de fora do meu banco de palmadas.

Revirando os olhos, eu dei um tapa na parte de trás da sua cabeça. — Você é um merda nojento.

Quando estávamos prestes a recomeçar a luta, Archer, um dos melhores prospectos do clube, correu até o ringue. — Prez acabou de convocar uma missa de emergência. Quer vocês lá em 10 minutos, — disse ele, suas palavras saindo entre sua luta para recuperar o fôlego.

Tirando fora as lutas de boxe, afastei o pressentimento esmagador do meu peito e empurrei as cordas da arena, com Bishop logo atrás de mim. Nós passamos por elas e depois pulamos. Dei um tapinha nas costas de Archer antes de pular na minha moto. Fiz os habituais dez minutos até o clube em cinco. Bishop, seguido de Archer, veio na minha cola.

O clube estava silencioso como um túmulo. Nenhum dos aposentados habituais estava descansando ao redor do bar, bebendo cervejas. As bolas da mesa de sinuca estavam prontas para receberem a primeira tacada, mas não havia ninguém para jogar. Prez deve ter deixado correr a palavra de que não queria ser incomodado.

Ao lado da área de reuniões principal ficava a sala onde se realizavam as missas – o nome para as reuniões do clube. Quando Bishop e eu entramos, encontramos os outros esperando. Nossa mesa de reuniões era um verdadeiro regresso aos velhos dias da fábrica de algodão. A maior parte das decisões de negócios dos antigos barões do algodão havia sido feita ao redor dessa mesa. Agora nós a utilizávamos para negócios menos honrosos.

Minha bunda ainda encharcada de suor deslizou sobre o caro assento de couro da cadeira. Meu velho tinha insistido em gastar um bom dinheiro nessas cadeiras. — Eu não quero ser interrompido por um pedaço de merda que quebrou as costas ou foi chutado no saco. Não quer ninguém atrapalhando a missa. A porra da atenção de vocês deve estar focada no clube e só no clube, — ele disse. Um sorriso puxou meus lábios com a memória.

Na ponta da mesa estava sentado o nosso presidente de rosto severo, Caisson, ou Case, para encurtar. As cicatrizes de estilhaços nos seu pescoço, braços e pernas contavam um pouco da história de como ele tinha conseguido seu nome de estrada. Ele tinha feito dois turnos no Vietnã como parte da Terceira Divisão de Infantaria. Ele estava na sua segunda viagem quando a barragem¹⁸ onde ele estava foi atingida e ele quase morreu. Como ele sentia muito orgulho de ter estado no Exército, era apropriado que ele tivesse um nome associado com o seu serviço.

Ele e Preacher Man tinham sido parte dos membros fundadores originais da sede na Georgia dos Hells Raiders. E mesmo depois que Preach desertou do estilo de vida MC por tantos anos, Case exigiu que ele assumisse a presidência dos Raiders assim que ele voltou. — Não há ninguém melhor para comandar que Preacher Man, — ele tinha dito.

Ele mais uma vez teve que tomar o lugar do seu melhor amigo quando Preacher Man foi morto. Eu amava o meu velho, mas eu também amava Case. À sua direita, estava o novo vice-presidente – Rev. Se inclinando para frente, ele bateu os dedos sobre a capa do livro encadernado que estava lendo. Rev constantemente lutava contra o anjo e o diabo em seus ombros. Se ele tivesse nascido de outro pai, eu tenho certeza que ele teria acabado sendo um médico ou advogado, ou em alguma profissão de fantasia de merda assim. Ele com certeza tinha o cérebro para isso. Ele até usou o dinheiro do seu tempo de serviço para o Tio Sam¹⁹ para conseguir uma graduação de dois anos na faculdade comunitária. Mas no final a força de atração do nosso mundo foi demais para ele, especialmente por causa da sua lealdade. Para Rev, seu coração terno era tanto sua salvação quanto sua ruína. Tudo de melhor de Mama Beth tinha ido para Rev, mas isso muitas vezes era ofuscado pelo DNA dominante de Preacher Man.

Barry "Boone" Michaels, o nosso tesoureiro, sentou perto de mim à mesa, girando entre os dedos um isqueiro com uma imagem de um crânio e ossos cruzados. Ele era apenas alguns anos mais velho que eu, mas seu cabelo já com traços grisalhos e a barba o fazia parecer bem mais velho. Nós tínhamos

passado pelo período de prospectos juntos, e tínhamos ganhado nosso patch na mesma noite. Ele gostava de me dar a merda que, por ser filho do presidente, tudo tinha sido mais fácil. A verdade é que Preacher Man veio duas vezes mais duro sobre mim, para provar o meu valor. Ele não ia deixar quaisquer um dos seus filhos conseguir nada só por quem ele era.

Ao lado de Boone sentou nosso secretário, Steve "Mac" McDonald. Sua mão tatuada estava pousada sobre um bloco de notas, pronta para documentar tudo o que acontecia. Ele tinha quarenta e cinco anos. Ele ganhou seu patch dos Raiders vinte anos atrás. E ele era uma boa ponte entre duas gerações distintas do clube.

Um silêncio tenso sufocou o ar da sala. Algo mais pesado do que havíamos enfrentado em um longo tempo tinha acontecido ou estava prestes a acontecer. Incapaz de suportar o silêncio por mais tempo, eu exigi, — Então, o que está pegando, Prez?

Case se mexeu na cadeira, como se ele estivesse fisicamente afetado pela notícia que ele tinha. — Os Nordic Knights estão agitando merda. Mais uma vez.

Vários rosnados baixos e unidos vieram de todos os meus irmãos. Era uma regra não escrita que os clubes teriam brigas por território e relações comerciais de tempos em tempos. Mas não havia nenhum clube que nós desprezávamos mais do que os Nordic Knights. Independentemente de todas as alianças que fizemos com outros clubes, nós nunca tínhamos paz com os Knights. Havia muito sangue ruim entre nós.

— O que esses filhos da puta fizeram agora? — perguntou Boone.

— Nós ouvimos isso de um dos nossos infiltrados na polícia de Atlanta. Parece que os Federais reabriram um caso sobre os Knights. Houve uma grande apreensão de drogas há quatro meses. Uma informante deles deu várias informações sobre o funcionamento do ciclo de drogas dos Knights em troca de imunidade. — Case fez uma pausa para passar a mão pela barba grisalha. Eu respirei fundo, porque esse era um dos seus tiques quando ele tinha antes de jogar uma merda realmente fodida em cima de nós. Seu olhar correu direto para o meu. Essa informante fazia o papel de mensageira para o seu namorado, Jamey Ericson, um dos Knights. Antes que pudesse testemunhar no tribunal, ela e Jamey foram assassinados no estilo execução dentro do seu apartamento.

Como as peças de um quebra-cabeça lentamente se encaixando, todo o ar deixou o meu corpo e eu fiquei momentaneamente tonto antes de poder falar. — Lacey.

— Sim.

— Jesus, o que ela estava pensando? — eu murmurei. Desde o dia em Willow tinha sido trazida à minha porta, eu estava à procura de informações sobre quem poderia ter matado Lacey. Eu sabia que ela tinha se envolvido em alguma merda grande, considerando como ninguém conectado a ela falava nada, independentemente da quantidade de dinheiro que eu lhes oferecia. A pessoa mais próxima a ela, Willow, com certeza não estava falando, e mesmo se pudesse, ela era muito jovem para entender quem eram as pessoas no mundo de sua mãe. No final, eu tinha sido levado a acreditar que um negócio de drogas deu errado — ela ou o namorado não tinham conseguido pagar o dinheiro que deviam.

— Deacon, tem mais, — disse Case.

— Mais do que descobrir que a mão da minha filha estava metida com a escória dos Knights e

depois virou uma dedo-duro?

Rev balançou a cabeça. — Talvez ela precisasse da imunidade para não ir para a cadeia, por causa de Willow.

— Conhecendo Lacey, tenho dificuldade em acreditar que ela estava pensando em alguém além dela mesma, — argumentei. Sentindo o olhar intenso de Case sobre mim, eu olhei de Rev para ele. — O quê foi?

— Nosso informante disse que havia uma grande quantidade de menções a um cara chamado “Seagal”.

Eu pulei da minha cadeira, enquanto Rev inalou com força. — Ele só ouviu por cima toda essa merda, certo? E se o que ele ouviu como Seagal é na verdade *Sigel*? — perguntou Rev.

Case fez uma careta. — Sim é isso. Ele está fora. Ele foi solto há cinco meses, depois de fazer um acordo.

— Como diabos estamos apenas ouvindo agora que ele está fora? Pensei que a gente tinha olhos e ouvidos em todo o presídio, — Bishop exigiu.

Um tenso silêncio caiu sobre a mesa. Só a menção do nome "Sigel" batia especialmente duro em mim, Rev e Bishop. Frederick "Freddy" Spears, ou Sigel, como ele chamava a si mesmo agora, era o presidente dos Nordic Knights. Sigel tinha dado aos Raiders muitas razões de merda para querer ele a sete palmos da terra. Havia a besteira racista que ele vomitava sobre ser filho de um ex-soldado nazista, mas também havia o fato de que ele uma vez foi um dos nossos.

Claro, ele era apenas Freddy naquela época. Na maior parte do tempo ele era chamado e conhecido como Freddy Fodido por causa do seu vício em heroína. Assim como os lendários Hells Angels, os Raiders tinham uma regra que proibia agulhas no clube. Você pode cheirar e você pode fumar, mas se injetar era fazer chover outro tipo de merda sobre si e seus irmãos.

Preacher Man tentou intervir para ajudar Freddy, mas ele finalmente teve que chutá-lo para fora do clube e tomar o seu colete. Isso não foi muito antes que Freddy tivesse adotado um novo nome de estrada, Sigel, que era qualquer besteira ligada ao sol na mitologia alemã. Esse foi um estreitamento de laços com a irmandade ariana. Em seguida, ele fundou seu clube, os Nordic Knights, e fez tudo que podia para foder com a gente, incluindo tentando mover drogas em nosso território. Independentemente de alguns dos nossos negócios não serem nada legais, nós nunca trabalhamos com drogas ou mulheres. Preacher Man tentou incansavelmente empurrar Sigel e seus cavaleiros²⁰ para fora do território dos Raiders.

Nosso verdadeiro ódio por Sigel vinha do fato de que ele tinha o sangue de nosso pai em suas mãos. E não metaforicamente falando. Ele tinha enchido Preacher Man de buracos à queima-roupa quando os dois estavam reunidos sob uma bandeira de trégua. Meus punhos se enrolaram de raiva ao me lembrar de como embalei o corpo moribundo do meu pai. Como seu sargento de armas, eu tinha ido com ele para a reunião.

Tendo crescido nas ruas, eu tinha me endurecido ao ponto que a morte de um homem poderia ser afastada da memória da mesma forma que nos livramos de uma mosca irritante na frente do rosto. Quanto mais rápido você ficasse insensível, melhor. Eu tinha testemunhado todos os tipos de cenas feias de mortes – cenas de tortura com corpos abertos como cadáveres nas mesas do necrotério da faculdade de

medicina, a carne carbonizada e enegrecida dos corpos queimados, a cruz ainda ao redor do pescoço de uma cabeça decapitada que tinha sido arrancada por um carro-bomba.

Mas não importa o quão duro você trabalhasse para ser frio, nada se comparava à morte de alguém que você ama, do seu salvador. Essas emoções que você enterra no fundo do caralho da terra vêm estourando para fora da sua sepultura, como a Segunda Vinda. E de certa forma é – é o Armageddon da sua alma. Como se o tormento emocional fossem garras na sua pele, você deseja a sua própria morte. Qualquer coisa seria melhor que deixar a agonia te consumir. Você só poderia encontrar paz trocando de lugares – a vida dele pela sua. Mas em vez disso, você encontrará uma imortalidade emocional que te coloca em um inferno particular na Terra.

Quase três anos se passaram desde a noite que tínhamos perdido Preacher Man. Eu tentei colocado o máximo de espaço e distância que pude entre mim e as memórias que me assombravam na calada da noite, que me acordavam em um ataque de gritos e lençóis arranhados. Mas só de ouvir o nome dos Nordic Knights me lançou de volta para aquela noite. Como se fosse um filme se repetindo, assisti o corpo de Preacher Man se contorcer quando as balas entraram no seu peito e estômago. Eu tinha conseguido chegar ao seu lado apenas a tempo de agarrar o seu corpo antes dele bater no chão sujo.

Eu balancei a cabeça para tentar me livrar das lembranças. Mas não importa o quanto eu tentasse, o cheiro áspero, metálico de sangue entrou no meu nariz. Minhas mãos apertadas sobre os braços da cadeira – meus músculos estavam esticados e pesavam o mesmo que naquela noite. Como um relâmpago cortando o céu da noite, eu estava mais uma vez naquele beco, vendo meu pai morrer diante dos meus olhos.

Eu tinha lutado para manter o domínio sobre ele, enquanto o sangue, misturado com pedaços de carne e intestino, o deixavam escorregadio. Cada vez que eu tentava segurá-lo melhor, ele gritava de dor. Finalmente nós caímos no pavimento juntos. Me balançando, eu mexi os joelhos de força que sua cabeça estivesse descansando no meu colo. Tentando canalizar meu medo, eu foquei nos olhos de Preach. A aceitação em seu olhar me disse que a morte estava perto. Todas as palavras de gratidão e amor que eu queria expressar não saíram da minha boca, não importava o quanto eu tentasse falar.

Como se sentisse minha angústia, Preacher Man trouxe uma trêmula mão encharcada de sangue até a minha bochecha. — Eu sei, filho, — ele chiou. E então ele disse algo em seu último suspiro que eu ainda desejava entender. — Os anjos... anjos bonitos de cabelo escuro estão vindo para você. Eles são a sua única salvação.

Com os olhos fixos no céu acima de nós, ele exalou um suspiro longo e doloroso. E então ele se foi. A realização iluminou cada molécula do meu corpo em chamas, com se o interruptor de uma cadeira elétrica tivesse sido ligado. Me atirei no pavimento com meus braços e pernas se contorcendo de raiva e ressentimento. Quando me lancei para o homem que tirou a vida do meu pai, o cano de uma arma encontrou o meu rosto.

— O meu problema era com o seu pai. Assuntos não resolvidos do ano passado. Você pode viver. Por essa noite, pelo menos.

— Você pode muito bem acabar comigo agora, filho da puta. Porque se você me deixar ir embora, vou fazer chover a porra de uma tempestade de fogo em cima de você!

Um sorriso se enrolou em seus lábios. — Eu adoraria ver você tentar. Quando a manhã chegar e a

palavra de que eu derrubei Preacher Man sem nem uma luta se espalhar, você e seus Raiders não terão a porra de um aliado sequer em qualquer lugar. Eu e os cavaleiros vamos derrubar vocês.

Quando eu investi contra ele, o cano da arma acertou a minha bochecha, quebrando meu nariz. Enquanto as lágrimas cegavam minha visão e sangue escorria pelo meu rosto, fui forçado a assistir Sigel cuspir no corpo de Preacher Man.

Mas o que Sigel não poderia ter imaginado, nem nenhum de nós Raiders, foi que Preacher Man tinha estado dois passos à frente dele. Todos os nossos aliados se mantiveram firmes, devido às ofertas de paz de última hora que Preacher Man tinha feito. A maioria dessas ofertas incluía cobrar um favor de um policial de Atlanta – um policial meio desonesto que estava disposto a falsificar um mandado que levou a força-tarefa antidrogas diretamente até a porta de Sigel. Com isso, ele ficaria atrás das grades por, pelo menos, de cinco a dez anos, e eu seria forçado a guardar o meu plano de vingança. Claro, eu poderia ter colocado um preço pela cabeça de Sigel para que acabassem com ele na prisão. Mas eu queria justiça completa, olho por olho, o sangue dele nas minhas mãos.

Ao esconder seus arranjos, Preacher Man tinha ido contra todas as regras que forçaram uma votação pelos oficiais. Como um cordeiro indo em sacrifício ao matadouro, ele tinha trabalhado abnegadamente para garantir a segurança do clube, mesmo que o tempo todo soubesse que isso ia lhe custar a vida. No fundo, eu sabia que ele tinha instigado a prisão de Sigel para me impedir de ir atrás de qualquer vingança que viria de sua morte provável. Ele deve ter temido que eu fosse morto ou preso e queria me proteger. Ele nunca teria imaginado o meu próximo passo.

— Deacon, — uma voz chamou, me empurrando para fora do passado e de volta para o presente.

— O quê? — eu resmunguei. Olhando para as minhas mãos, eu pensei em um filme que Rev tinha me feito assistir. Alguma merda de Shakespeare que me fez dormir no ensino médio. Como a garota perturbada, eu esfreguei minhas mãos furiosamente uma na outra, tentando não ver o sangue que eu imaginava ali – o sangue do único filho de Sigel.

O filho que eu tinha enforcado e então passei a torturar como algo tirado da Idade Média. O filho que suportou a ira de areia movediça sem fundo de tristeza pela perda de Preacher Man em que eu me encontrava preso. O filho que eu tinha deixado sangrando no chão do seu apartamento depois de um último ato de humilhação – eu peguei o seu colete o levei comigo.

Ao longo dos anos, tenho certeza que Preacher Man e Case tinham prestado o mesmo tipo de vingança que eu fiz. Mas não tenho certeza se eles usaram o mesmo nível de violência. O luto pode colocar um homem que se recusa a reconhecer essa emoção de joelhos. Ele te transforma em uma sombra do seu antigo eu. Ele te manipula para sucumbir à angústia mental enquanto você tenta tão duramente escapar. Faz do homem mais forte um aleijado emocional.

Essa foi a intensidade da minha perda de Preacher Man. Raramente há salvação no inferno, mas Preacher Man tinha sido a minha. Até agora eu tinha vivido três vidas – antes de Preacher Man e os Raiders, minha vida com ele, e agora minha vida sem ele.

O que eu não queria reconhecer nem antes nem agora é que a dor que eu tinha infligido a Sigel teria um preço. Ele me deixou vivo uma vez, mas quando estivesse livre, ele ia fazer isso de novo? Agora que ele estava fora, eu já estava olhando para o cano da sua arma.

O tom grave profundo da voz de Case mais uma vez me arrastou dos meus pensamentos. — Sigel matou Lacey, — disse ele.

— Será que ele sabia quem era ela?

Case balançou a cabeça. Em seguida, com uma careta, ele acrescentou: — Mas ele sabe quem Willow é.

Meu coração se torceu como se as mãos de um gigante o tivessem apertado. — Ele é a ameaça.

O que eu não tinha dito à intrometida Srta. Evan na semana passada é que eu tinha recebido um pacote. Dentro dele havia fotos de Willow no pátio da escola, almoçando no refeitório e pulando para fora do carro de Mama Beth. Embora não tivesse um bilhete, a mensagem era clara: alguém estava atrás da minha filha. Foi quando eu coloquei Willow no bloqueio dentro do complexo. Ela não ia a qualquer lugar fora, e mesmo quando lá dentro, tinha um prospecto na sua bunda o tempo todo.

Nunca em meus sonhos mais selvagens eu poderia ter imaginado que Sigel estava por trás disso. Mas agora que eu sabia quem era e qual seu envolvimento no assassinato de Lacey, o porquê não estava fazendo sentido. Não por causa de Willow ela mesma, mas pelo psicólogo da escola nós sabíamos o que Willow tinha visto. Ela tinha desenhado imagens do “Homem Mau” que tinha machucado sua mãe. Ela tinha estado ao alcance da vingança de Sigel, mas ele a deixou ir. Eu não entendia.

Como se sentisse a minha confusão, Rev disse. — Ele a deixou viver porque percebeu que você não sabia nada sobre ela. — Quando eu desviei o olhar para ele, Rev respirou asperamente. — Ele queria esperar até que você criasse sentimentos por ela. Então isso poderia ser pessoal.

— Filho da puta, — Bishop murmurou.

O conhecimento da dor que Sigel pretendia me infligir foi o mesmo como se ele estivesse parado aqui sobre mim e me esfaqueasse. O filho da puta calculou foder comigo de longe, aguardando o momento certo de atacar. — Se Sigel está mesmo usando Willow para chegar até mim, poderia levar meses, até anos, antes que os Knights viessem atrás de nós. — Eu olhei para os meus irmãos ao redor da mesa. — Quanto mais o tempo passa, mais eu posso me apegar a Willow. Então, maior seria a vingança.

— Sigel nunca me pareceu um cara paciente. Ele já esperou muito tempo para ter você enquanto estava na prisão, — Mac argumentou.

— Mas ele não sabia sobre Willow naquela época, — eu respondi.

— Eu não acho que ele tem a intenção de parar com ela, — disse Rev.

Levantei meu queixo em acordo. — Não. Tenho certeza que depois do que eu fiz, ele não vai ficar satisfeito até me colocar no chão.

— Eles não são mais arruaceiros racistas. Meu informante diz que os Knights estão estocando armas. Para ajudar o procurador, os federais permitiram as compras, — disse Case.

— Então o que fazemos? Matar eles antes que eles nos matem? — Bishop questionou.

Mac balançou a cabeça. — Com os federais respirando na nuca dos Knights, estaríamos nos oferecendo em uma bandeja de prata. Não importa a maneira que a gente foda eles, isso só vai nos foder mais no final.

— Se nós deveríamos estar preocupados com os federais, então isso significa que os Knights também deveriam estar. Eu não vejo Sigel dando a mínima para o seu tempo na prisão. Quando se trata de vingança, ele vai assumir o risco, — Boone argumentou.

— Enquanto Sigel respirar, Willow e Deacon estão em perigo. — Surpreendentemente, foi Rev que falou. A implicação de suas palavras era clara, o que ia contra sua natureza geralmente não-violenta. Mas quando se tratava da vida do seu irmão e da sua amada sobrinha, Rev não hesitaria em quebrar esse mandamento.

Entrelaçando os dedos atrás da minha cabeça, eu rebati, — Enquanto eu estou inclinado a concordar com você, Rev, não podemos apenas jogar na mão dele. Ele sabe que uma vez que correr a notícia de que ele saiu da prisão, eu vou estar no limite, esperando que ele venha atrás de mim pelo que eu fiz com o seu filho. Ele está apostando no fato de que Willow não falou nada ou que eu não tenho nenhuma ideia de que ele está envolvido com a morte de Lacey. Ele está ficando em desvantagem nesse joguinho que ele está jogando.

Todos nós olhamos ansiosamente para Case, que continuou acariciando a barba enquanto pensava. — Eu digo que para manter as aparências, ficarmos na nossa – não irmos atrás de Sigel com armas em punho. Mas quero que a gente vá atrás de cada um dos nossos aliados por proteção extra, assim como por qualquer informação de merda que eles tenham sobre os Knights. Se tivermos sorte, os federais vão acabar com esses desgraçados muito antes de nós precisarmos agir. Sigel tem uma convicção na vida. Se a lei pode afastá-lo, vamos garantir que ele morra uma vez que esteja lá dentro.

— Isso resolve os problemas de Sigel e dos cavaleiros, mas e Willow e Deacon? — Rev questionou.

Levantei uma das mãos. — O que tem a gente?

Me ignorando, Rev olhou diretamente para Case. — Acho que Deacon deve ter uma escolta em todos os momentos em que sair do complexo.

Eu gemi. — Vamos lá, cara. Você está agindo como se eu fosse um homem marcado.

— Você é, — ele rosnou.

— Com os nossos coletes, somos todos homens marcados todos os dias, — eu retruquei.

Batendo com o punho na mesa, Case latiu, — Já chega! — Rev e eu voltamos a nos sentar em nossas cadeiras. — Eu concordo com Rev. Até que possamos obter um melhor controle sobre tudo isso, você não pode deixar o complexo sem escolta. — Antes que eu pudesse protestar, Case bateu o martelo e disse, — Reunião encerrada.

Quando comecei a sair da minha cadeira, Case sacudiu a cabeça. — Você fica.

Eu sabia que os outros caras estavam tão surpresos quanto eu com esse pedido. Relutantemente, deixei minha bunda cair de volta no assento. Depois que o resto dos caras saíram da sala, olhei com expectativa para Case. — O que está incomodando você agora, Prez?

— Estou preocupado com essa professora.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Com toda a merda acontecendo com os Knights,

— Você está preocupado com ela? — Quanto Case acenou com a cabeça, eu perguntei, — Você está preocupado por ela ou pela segurança do clube?

A chama do isqueiro da Case iluminou seu rosto quando ele acendeu o cachimbo. Depois de algumas tragadas, ele respondeu: — Ela é uma pessoa de fora.

— Sim, eu estou ciente do seu status, — eu respondi, cavando no meu bolso pelos meus próprios cigarros.

— Ter ela aqui na sede do clube ou na sua casa é problema esperando para acontecer.

Eu acendi um cigarro apressadamente. Quando dei uma longa tragada, deixei a picada da nicotina preencher meus sentidos. — Ela vai ser mais problema se nós a mantivermos de fora.

— Eu sei. Essa é a única razão pela qual vou deixar ela aqui. Mas o meu problema não é apenas o fato de que ela poderia fazer o CPS farejar aqui.

— Então o que é?

Ele deslizou uma pasta de documentos para mim. — Eu tive alguém olhando o passando dela.

— É tão sério? — perguntei, abrindo a pasta.

— Se você considerar o fato de que o tio dela é um policial estadual aposentado.

Eu fiz uma careta quando olhei os papéis relativos à vida de Alexandra. De todas as professoras que eu poderia ter bisbilhotando, tinha que ser justo uma que vinha amarrada com a lei. E esse tio não era apenas alguém que ela via nos feriados. Ele tinha se tornado seu tutor quando ela tinha dezessete anos e seus pais morreram em um acidente de carro.

— Ele mora aqui na cidade junto com a esposa. Não vai demorar muito para ele somar dois e dois e descobrir para quem Alexandra está trabalhando, — disse Case.

— Ele nunca veio atrás de nós quando estava na ativa?

— Não. Ele até recolhia brinquedos com seus companheiros para nossas campanhas de caridade.

Fechei a pasta. — Então não acho que ele vai ser um problema.

— Espero que não. — Case deu uma tragada em seu cachimbo, pensativo. — Ela é uma mulher muito bonita.

Eu bufei. — Melhor você não deixar Kim ouvir isso. Ela vai servir as suas bolas em uma bandeja.

Case sorriu à menção de sua mulher ciumenta. No entanto, não havia diversão em seus olhos e ele me lançou um olhar duro. — Mulheres bonitas como Alexandra são problema para um homem como você, Deacon.

— Que porra você quer dizer com isso? — perguntei, apagando o cigarro no cinzeiro.

— Significa que ela pode ficar sob a sua pele. Ela é inteligente, independente e tem bom coração. Ela ama a sua filha, e sua filha ama ela.

— Jesus, Case, você parece uma velha.

— Estou te dando em que pensar.

— Confie em mim quando eu digo que, independentemente do quão “bonita” seja a Srta. Evans, não vou ter problemas em manter o pau dentro das calças perto dela.

Case balançou a cabeça. — Não é com o seu pau que eu estou preocupado. É com a sua cabeça e o seu coração.

Balançando a cabeça, eu disse, — Jesus, homem. Quando você ganhou a porra de uma vagina e começou a falar dessa merda de cabeça-e-coração? Estamos falando de mim, Case. Não de Rev.

— Estou falando sério.

— Eu sei com o que devo me preocupar mais: Sigel ou o fato de o que o presidente do meu clube acha que eu vou deixar que um pedaço de bunda me torne um frouxo.

— Tudo o que eu estou dizendo é para você ter cuidado. E pelo amor de Deus, não diga ou faça nada para irritá-la. Precisamos dela do nosso lado.

— Certo. Algo mais?

— Ela não vai a qualquer lugar do complexo sem alguém junto. Ela não precisa de repente tropeçar acidentalmente em algo que não deveria. Entendeu?

— Vou colocar os prospectos sobre ela.

Me levantei da cadeira e dei um tapinha nas costas de Case no caminho para fora da sala. Eu não sabia nenhuma outra maneira de tranquilizar o homem. Quero dizer, ele não tinha nada para se preocupar sobre a Srta. Alexandra Evans. A mulher era bonita, sim – com certeza – mas eu e aquela garota de rabo doce nunca iríamos compartilhar lençóis. Eu ficaria longe dela pelas mesmas razões que eu tinha advertido Bishop mais cedo. Eu estava muito menos preocupado que ela conseguisse uma ereção do meu pau do que com ela andando por aí pelo clube.

Capítulo Quatro

ALEXANDRA

Enquanto fazia o caminho através do estacionamento para o meu carro, eu não podia lutar contra as borboletas que sentia no meu estômago. Eu nunca tinha ficado nervosa para ir trabalhar antes. Não demorou muito para perceber que não era o trabalho, mas para quem eu ia trabalhar, que me deixou nervosa. Enquanto eu até ansiosa para trabalhar com Willow, eu definitivamente não estava ansiosa para ver seu pai novamente. Claro, nós tínhamos encontrado uma espécie de meio-termo alguns dias antes, mas David, ou Deacon, não me pareceu o tipo de homem muito estável. Nosso primeiro encontro foi física e emocionalmente volátil. Eu só podia imaginar que não demoraria muito antes que estivéssemos trocando insultos verbais novamente... e talvez até alguns físicos – pelo menos do lado dele.

Assim que cheguei ao meu carro, liguei o rádio para ouvir uma canção otimista e tentei desesperadamente ignorar as vozes de dúvida na minha cabeça. Em vez disso, me concentrei em algumas das técnicas de visualização que minha falecida mãe havia me ensinado. Meu pai tinha zombado, chamando minha mãe de “Mary Luz do Sol”, por sua capacidade de sempre ver o lado positivo, mesmo nas situações mais difíceis. Em vez de ocupar meus pensamentos com Deacon, foquei em Willow. Ela precisava de mim, então eu tinha que ser forte por ela.

Quando eu parei do lado de fora da casa de penhores, um arrepio nervoso percorreu meu corpo e ricocheteou com a visão de Deacon esperando por mim. Depois de desligar o carro rapidamente, peguei minha bolsa. Com os olhos firmes sobre Deacon, me atrapelei com a maçaneta da porta por alguns segundos antes de ser capaz de conseguir abri-la.

Quando eu, sem a menor cerimônia, tropecei na calçada irregular, o que me enviou voando para a frente antes que eu conseguisse me endireitar, os cantos dos lábios de Deacon subiram em provocação. — Fico feliz que eu possa divertir você, — eu falei antes de conseguir me parar. Me encolhi quando seus olhos escuros se arregalaram de surpresa com a minha resposta.

— Estou feliz de ver que você fez isso.

Empurrando meu queixo para cima, eu reagi, — Eu não estou atrasada. Eu disse a você que não conseguiria chegar aqui antes das três.

—Não, Srta. Evans, você não está atrasada. — Ele deu um sorriso largo. — Eu estou feliz de te ver.

— Você está? — eu perguntei, incapaz de esconder a minha surpresa. Ele estava querendo dizer o que eu achava? Eu ia precisar dizer a ele que, embora estivesse lisonjeada, nós nunca teríamos nada além de uma relação profissional?

— Sim. Willow encheu meu saco o dia inteiro sobre quando você ia chegar aqui.

— Ah, — eu murmurei.

O sorriso arrogante de merda que se estendeu pelo rosto de Deacon fez calor inundar minhas bochechas. Fiquei olhando para a calçada, silenciosamente desejando que ela se abrisse e me engolisse pelo meu embaraço. O dedo de Deacon no meu queixo me fez pular. — Não preocupe essa sua linda

cabecinha comigo dando em cima de você, Srta. Evans.

— Obrigada. Eu aprecio isso, — eu murmurei.

— Mas não ache que é porque existe algo de decente no meu caráter. É que você não é meu tipo.

Eu gaguejei de indignação ao ouvir suas palavras. — É bom ouvir isso, uma vez que você certamente não é o meu tipo também.

Deacon apenas sorriu. — Sabe, Rev me disse para ir com calma com você. Ele acha que você é uma pequena flor delicada que eu poderia esmagar. Mas ele está errado.

— Ah é?

Ele assentiu. — Você é uma coisinha dura quando tem que ser.

— A vida fez isso comigo, — eu respondi antes que pudesse me parar.

— Não é assim para todos?

O tom de suas palavras me surpreendeu. Eu percebi que, dentro de sua declaração, havia uma visão sobre o próprio caráter de Deacon. Eu não podia deixar de imaginar o que a vida lhe fizera. Mas eu tinha a sensação de que era mais fácil desenterrar um tesouro escondido enterrado meu quintal do que descobrir os segredos de Deacon.

— Eu aprecio que você tenha vindo me encontrar hoje. — Eu olhei para ele incisivamente. — Espero que eu não tirado você do seu trabalho.

— Não, você não tirou.

— O que você faz exatamente?

Apontando com a mão para a casa de penhores, Deacon curvou os lábios em um sorriso. — Acho que é evidente que eu sou um empreendedor.

— Sim, mas é o tipo de negócios que você possui que me preocupa. Afinal, Ed Wigington, que é o dono da loja de pneus, não teve que tirar seu filho da escola para ter aulas em casa.

— Eu possuo a casa de penhores com os meus irmãos, assim como a academia dos Raiders no centro da cidade.

— Aquela onde os boxeadores e lutadores de MMA treinam?

— Essa mesmo.

Pelo meu tio Jimmy, eu sabia que muito mais do que apenas treinamentos aconteciam por lá. Claro, ela a máscara perfeita e legítima para o negócio de lutas. Deacon deve ter lido minha mente, porque disse, — Não, Srta. Evans, não é o tipo de lugar que alguém como você frequentaria.

— Então você não nega os rumores de que um monte de coisas ilegais acontece lá?

Com um sorriso maroto, ele levantou uma mão. — Eu invoco a Quinta Emenda²¹.

— Por que isso não me surpreende?

— Seria tão surpreendente se eu lhe dissesse que a maioria dos cidadãos honrados dessa cidade têm a reputação manchada?

— Eu não estou preocupada com a reputação de ninguém além da sua, e de que forma essa reputação afeta Willow.

Deacon me surpreendeu ao de repente fechar a lacuna entre nós. Minha respiração saiu em um ofego duro quando ele pairou sobre mim. Lutei contra a vontade de dar um passo atrás. Ele ergueu as sobranceiras para mim. — Você está insinuando que eu estou envolvido em negócios escusos?

— Talvez.

— Eu te disse no outro dia para não meter o nariz nos meus negócios.

— Eu não estou fazendo isso.

— Não é o que parece para mim.

— Eu só estou preocupada, isso é tudo. De alguma forma eu não consigo tirar da minha cabeça que você é um Jesse James²² moderno.

Os olhos escuros de Deacon brilharam com diversão. — Você acha que eu sou um bandido?

Balançando a cabeça, eu rebati: — Oh, eu sei que você é um.

— Isso meio que deixa você excitada, não é?

— Me desculpe? — perguntei, dando um passo para trás.

— As boas meninas sempre molham as calcinhas por causa dos bandidos.

— Não se iluda. Eu certamente não — eu engoli em seco — molhei minha calcinha por sua causa. — Claro, essas palavras eram uma mentira descarada. A proximidade dele, junto com as suas palavras e esse avassalador perfume de homem fez com umidade escorresse pela minha calcinha. Quando ele continuou a me olhar como o Lobo Mau avaliando sua próxima refeição, eu balancei minha cabeça. — Eu pensei que você tivesse dito para eu não me preocupar com você dando em cima de mim. Eu não sou o seu tipo, lembra?

Com uma piscadela, Deacon respondeu: — Talvez eu tenha mentido. Eu não sou conhecido por ser muito confiável quando se trata de mulheres.

— Mais uma vez, isso não é uma surpresa.

— Embora a maioria das meninas no lounge me daria notas brilhantes. — Ele me deu um sorriso. — Esse seria no clube de cavalheiros que eu e meus irmãos temos participação também.

Sabendo que ele esperava que eu me eriçasse com a menção às strippers, eu só respondi. — Você é o que, o Donald Trump²³?

Com um aceno de cabeça, Deacon deu uma gargalhada. — Sabe, eu poderia realmente ser capaz de tolerar você, Srta. Evans.

— O sentimento é mútuo, Jesse James, — eu respondi.

Ele manteve a porta do clube aberta para mim. — Mmm, eu adoro quando uma garota me dá um apelido.

Ignorando-o, eu fui para dentro. Momentaneamente me senti como se tivesse voltado à cena do crime depois da nossa briga no outro dia. Com um jukebox enchendo o ambiente com uma música heavy metal, observei a multidão muito menor. — Você está pensando que eu dê aulas para Willow aqui? — perguntei, tentando não parecer horrorizada. Eu não podia imaginar como ia ensinar fonética por cima da música alta e do tilintar dos copos de cerveja.

Deacon riu. — Não, princesa. Eu não espero que você trabalhe no meio de toda essa merda.

— Obrigada por ser tão atencioso, — eu respondi secamente. Eu escolhi ignorar o fato de que ele tinha me chamado de princesa.

— Na verdade, foi ideia da minha mãe. Ela pensou que poderia ser melhor se vocês tivessem um lugar adequado para trabalhar. Qualquer besteira sobre um lugar parecido a uma escola real. Ela nos fez arrumar um dos quartos.

Eu mordi de volta um sorriso com as palavras sobre a sua mãe. Foi divertido pensar em uma mulher latindo ordens e ele correndo para obedecer. Mas eu tinha certeza que se havia uma mulher que poderia fazer isso, essa era Beth Malloy, e eu a admirava extremamente por isso. — Isso deve servir.

Do outro lado do salão grande, Willow estava sentada em uma das mesas redondas. Ela estava envolta em uma boa quantidade de babadas cor de rosa e havia uma tiara de brilhantes rosa na sua cabeça. Junto a ela estavam sentados dois jovens no final da adolescência ou no começo dos vinte anos, e eles usavam coletes parecidos com o de Deacon. A mesa estava posta para um chá. O que me levou a fazer uma parada repentina foi que os dois homens também ostentavam tiaras como as de Willow. Quando encontraram o meu olhar, ambos pareciam estar no sétimo círculo do inferno.

Deacon riu do que deve ter sido a minha expressão confusa. — Eles são os prospectos do clube, então eles têm que fazer tudo o que mandam que eles façam.

— E a ordem de hoje é participar da festa do chá?

Com um encolher de ombros, Deacon respondeu: — Willow queria uma.

Ajustando minha bolsa meu ombro, eu olhei para ele. — Mas por que você não está brincando com ela?

Ele me lançou um olhar de descrença absoluta. — Por que diabos eu faria isso?

— Porque ela é sua filha. Os pais têm que brincar com as suas filhas.

Deacon se mexeu desconfortavelmente em seus pés. — Eu nem sequer saber por onde começar a brincar com ela.

— E você acha que esses dois coitados sabem?

Naquele momento, Willow correu até nós. — Senhorita Alex! — ela gritou antes de atirar os braços em volta da minha cintura. Minha conversa com Deacon foi esquecida com a saudação entusiasmada de Willow.

— Oi, coração. Como você está? — eu perguntei quando a abracei de volta.

— Bem. Eu estive esperando o dia todo para ver você. Eu terminei todo o trabalho que você me deixou.

— Ah é? — eu perguntei com surpresa. Embora algumas das planilhas fossem atividades de revisão do que nós já tínhamos feito em aula, eu nunca esperei que ela terminasse tão rápido.

— Uhum. Eu vou lá pegar.

Quando Willow correu para longe, Deacon balançou a cabeça. — Você traz para fora a porra da tagarela dentro dela. Eu juro, ela dificilmente me diz duas palavras.

— Você tenta falar com ela com frequência?

Suas sobrancelhas se uniram quando ele ergueu a mão para coçar o pescoço. — Na verdade, não.

— Mesmo que ela não fale com você, ela é uma ótima ouvinte.

— O que diabos eu iria conversar com ela? — ele perguntou, colocando as mãos nos quadris. Sua carranca habitual estava de volta, e ele olhou para mim como se eu tivesse lhe pedido para resolver a equação mais difícil do mundo ao invés de algo tão simples como conversar com a sua própria filha.

— Diga a ela sobre como você era quando tinha a sua idade.

— Não são boas e pequenas histórias felizes que eu tenho para compartilhar, Senhorita Evans. Eu não gostaria que ela tivesse pesadelos.

A intensidade do seu olhar, juntamente com a angústia em seus olhos, me fez desviar o olhar. — Tenho certeza que se você apenas sentar e tentar, as palavras certas virão até você, — eu disse suavemente.

— Vamos ver, — ele resmungou antes de se afastar. Enquanto eu observava a sua forma sair, não podia evitar me perguntar sobre os demônios que havia dentro dele. Willow interrompeu meus pensamentos quando voltou com um punhado de papéis.

— Você está pronta para ver nossa sala de aula? — ela perguntou.

— Eu adoraria ver.

Com um grito, ela pegou minha mão e me arrastou através do salão. Chegamos a um corredor longo que tinha várias portas do lado esquerdo e direito. Quando chegamos à quarta porta à direita, ela a abriu. — O que você acha?

Olhei ao redor da sala. Havia duas mesas antigas no meio – uma maior para mim, e uma menor para Willow. Eu não sei como ele fez isso, mas Deacon conseguiu um quadro branco com cavalete. Até mesmo havia um tapete multicolorido no chão para a hora do conto. Eu não conseguia tirar o sorriso do rosto. — É maravilhosa. Seu pai fez um grande trabalho aqui.

Quando Willow sorriu para o meu elogio, acenei para a mesa. — Agora, acho que é hora de começarmos a trabalhar.

Duas horas mais tarde Willow estava terminando a última lição do dia. Eu fui exigente com ela,

mas ela desfrutou de cada minuto. Você nunca teria imaginado que ela perdeu um dia de escola. Quando me levantei da cadeira, sorri para ela. — Ok, então. Chega de escola por hoje.

Seus lábios se curvaram para baixo em um beicinho. — Mas eu ainda não acabei.

— Nós vamos terminar amanhã.

— Tudo bem, — respondeu ela relutantemente, se levantando do seu assento. Ela pegou minha mão e saímos para o corredor. Quando chegamos à última porta à direita, fiquei mortificada com os sons inconfundíveis de um casal fazendo sexo.

Olhei para Willow horrorizada, mas ela apenas sorriu. — Tio Bishop deve estar fazendo exercícios de novo.

— Exercícios?

Willow assentiu. — Deacon disse que sempre que houver um monte de barulhos altos nos quartos, é porque as pessoas estão se exercitando. Tio Bishop se exercita muito.

Mordi o lábio para não rir da explicação de Deacon. Eu tive que conceder que ele arranjou uma boa explicação. Tinha certeza que o tipo de homens e mulheres com quem Willow convivia se “exercitava” um monte.

Quando chegamos na porta dos fundos, um dos prospectos que tinha estado participando da festa do chá de Willow deu um passo à frente da porta, bloqueando a saída. — Eu vou levar Willow em casa, — eu expliquei.

— É o meu trabalho fazer isso.

— Mas eu quero que a Senhorita Alex me leve, — Willow protestou.

— Eu não acho que há uma razão para que nós dois não possamos levar ela em casa. E você?

Ele balançou a cabeça loira. — Não, senhora.

Eu estendi minha mão. — Eu sou Alexandra.

Hesitando, ele olhou para a esquerda e para a direita antes de aceitar minha mão. — Archer.

— Prazer em conhecê-lo.

— Da mesma forma. — Ele então se afastou para nós podermos passar pela porta. Enquanto Willow me levava pelo caminho de cascalho, Archer ficou para trás, nos dando espaço. Willow ia tagarelado sobre quem morava em cada uma das casas simples. Claro, eu não tinha ideia de quem era qualquer uma das pessoas do clube. Aparentemente, Deacon e seus irmãos tinham cada um uma casa própria, assim com a mãe deles.

— Mas nós sempre comemos juntos. Vovó diz que é porque os meninos não sabem cozinhar.

Eu ri. — Isso não é muito surpreendente.

A casa da mãe de Deacon ficava no final do caminho de cascalho. Ela ficava no meio de um pequeno beco sem saída. Canteiros de flores multicoloridas iluminavam a varanda da frente. Corri para

acompanhar Willow, que soltou minha mãe e subiu as escadas. Quando cheguei à varanda, me virei para Archer, que estava na parte inferior da escada. — Obrigada por nos acompanhar, — eu disse.

Ele sorriu. — De nada.

— Vamos, Senhorita Alex, — Willow gritou, agarrando minha mão. Eu passei pela porta da frente, sendo arrastada atrás dela. — Vóvó, cheguei! — ela chamou.

— Eu estou na cozinha, meu bem, — uma voz gentil respondeu.

Quando nós viramos, Beth apareceu na minha vista. A última vez que eu a encontrei foi no Meet & Greet há um mês. Quando sua mão subiu para o peito, ela me deu um sorriso de desculpas. — Oh, Srta. Evans, me desculpe. Eu não estava esperando companhia.

— Sinto muito pelo susto. Eu só queria trazer Willow em casa. Eu não tinha planejado entrar.

— Oh, mas eu estou feliz que você fez isso.

Fomos interrompidas pela porta dos fundos se abrindo. Deacon apareceu primeiro, seguido por Rev. Eu observei com surpresa quando outro jovem chegou por último, fechando a porta atrás de si. Ao me ver, um sorriso curvou seu belo rosto. — Bem, bem, bem, finalmente vou ser formalmente apresentado à famosa Srta. Evans.

Calor queimou em minhas bochechas pelas suas palavras e pelo jeito que ele estava me olhando. Aquela intensidade de fogo no seu olhar estava queimando minhas roupas e me deixando nua diante dele. — Eu não diria que eu sou famosa, — argumentei.

— Aos olhos da ratinha você é, — ele respondeu.

— O que você quer dizer com “formalmente apresentado”? — eu perguntei.

— Oh, eu vi você na sede do clube, no primeiro dia em que você veio aqui. Você sabe, quando o imbecil do meu irmão te pegou pela garganta.

Eu ofeguei com a memória enquanto Deacon deu um tapa na cabeça do irmão. — Esse é o meu irmão mais novo, Benjamin.

— É Bishop, na verdade, — o deus loiro corrigiu, estendendo a mão.

No momento em que nossas mãos se encontraram, me lembrei de repente dos sons de sexo e das palavras de Willow sobre seu tio Bishop se exercitando. — Você teve um bom treino? — eu soltei antes que pudesse pensar melhor.

Suas sobrancelhas subiram em confusão. — Hã?

— Nada, esquece, — eu respondi. Quando encontrei os olhos de Deacon, diversão brilhava neles. Ao contrário de seu irmão, que não tinha nenhuma ideia do que eu estava falando, ele sabia exatamente o que eu ouvi e o que Willow me disse. Com meu constrangimento aumentando, sabia que precisava sair de lá. — Bem, acho que é melhor eu ir para casa.

— Fique para o jantar, — disse Beth.

— Oh, eu agradeço, mas não posso.

— Por que, você tem um homem esperando você em casa? — perguntou Bishop, passando por mim e indo em direção à pia.

Enquanto ele ensaboava as mãos, podia sentir os olhares curiosos de Deacon e Rev queimando em mim. — Não, não é isso, — eu respondi, sentindo o calor subir pelo meu pescoço e inundar minhas bochechas.

Olhando por cima do ombro, ele perguntou. — Filhos?

— Não. Somente eu. Bem, eu e o meu cachorro.

Depois de secar as mãos, Bishop se encostou ao balcão e me deu um sorriso travesso. — Me parece que você não tem uma razão para não ficar. — Quando abri minha boca para protestar, ele estendeu a mão para roubar um pedaço do pernil de porco. Beth bateu na sua mão e o empurrou para longe.

Em seguida, com um olhar de quem não estava para brincadeira, ela apontou para mim com a faca que estava na sua mão. — Benjamin está certo. Além disso, já é tarde. Você trabalhou em dobro hoje, e precisa de uma boa refeição caseira.

— Eu não quero ser um incômodo, — eu protestei.

Willow puxou minha mão. — Oh, por favor fique, Srta. Alex!

Eu não podia deixar de rir do seu entusiasmo. — Você não cansou de mim ainda?

— Não. Você pode passar a noite, também!

Um sorriso perverso apareceu no rosto de Bishop. — Ela pode ficar no meu quarto?

Minha boca se abriu pela sua audácia, enquanto Willow balançou a cabeça. — Não, tio B. Ela fica comigo.

Bishop piscou para mim. — Eu posso lutar com você por ela.

Antes que eu pudesse responder, Deacon bateu na parte de trás da cabeça de Bishop. — Pare com isso, — ele alertou.

— Ei, o que eu posso fazer se eu acho a Srta. Alex quente?

Quando Deacon e Bishop começaram a trocar palavras em um tom baixo, Willow puxou minha mão, trazendo minha atenção de volta para ela, em vez dos irmãos Malloy sedutores. Eu não podia deixar de me sentir lisonjeada com a atenção dos dois homens bonitos. Claro, os rosnados irritados do Deacon me mantiveram em cheque.

— Então, Srta. Alex, você vai ficar?

Quando eu olhei para sua expressão esperançosa, não soube como dizer não a ela. Aceitando a derrota, eu sorri. — Ok, ok, eu vou ficar. — Então eu dei um olhar aguçado a Bishop. — Apenas para o jantar.

— Yeah! — Willow gritou, fazendo uma dancinha feliz em torno de mim.

Me segurando pelos ombros, Beth me levou até uma das cadeiras. — Você pode se sentar bem aqui, querida.

Deixei que ela me empurrasse para baixo. — Obrigada. Eu realmente aprecio a sua hospitalidade.

— Hospitalidade? — Deacon repetiu.

Quando eu olhei por cima do ombro para ele, ele balançou a cabeça. — Você é realmente uma princesa²⁴.

— Não seja grosseiro com os nossos convidados, Deacon. Só porque a sua filha tem um vocabulário maior que o seu, não quer dizer que você pode ser um idiota, — disse Rev.

Um riso escapou dos meus lábios com a provocação. Minha risada provocou uma piscadela de Rev e um brilho nos olhos de Deacon. Rev se sentou à minha frente. Gesticulando para Willow ir para o seu lado, ele disse, — Venha aqui, ratinha, e me diga o que você aprendeu hoje com a Srta. Alex.

Ela torceu o nariz quando colocou o braço em volta da cintura dele. — Eu não sou uma ratinha, — ela respondeu com voz suave.

Ele ergueu as sobrancelhas para ela. — Oh, você não é? — ele perguntou, sua voz cheia de diversão. Willow balançou a cabeça de um lado para o outro. — Então o que você é?

— Uma bailarina.

— Isso de novo não. — Deacon gemeu quando se sentou em uma das extremidades da mesa. Os cantos dos lábios de Willow se viraram para baixo em uma carranca. Quando viu seu rosto triste, Deacon suspirou. — Olha, garota, nós já passamos por isso. Eu não posso te deixar sair para ir à escola, então com toda certeza da porra eu não posso te deixar ir a aulas de dança.

— Olha a boca, David, — Beth ralhou.

Deacon grunhiu para sua mãe antes de jogar o guardanapo no colo. — Que seja. Isso não vai acontecer.

Rev estreitou os olhos para a resposta um tanto apática do Deacon. Ele estendeu a mão para despentear o cabelo de Willow. — Tenha paciência, querida. Nós vamos conseguir essas aulas para você em breve.

— Você está com sorte. Eu sei como você pode começar suas aulas de dança em casa, — eu disse com um sorriso.

As sobrancelhas de Deacon se ergueram — E como é isso?

— Eu posso ensinar a ela.

— Você? — ele perguntou, incrédulo.

Eu joguei meus ombros para trás. — Sim, eu. Comecei a fazer aulas de balé quando tinha três anos. Eu até dei aulas no estúdio de dança local para ir para a faculdade.

— Isso faz sentido. Você tem o corpo de uma dançarina, — disse Rev.

Meu olhar foi de Deacon para Rev. Bishop bateu nas costas de Rev. — Ah, cara. Você também deu uma conferida nela, hein? — ele brincou com um sorriso.

— Apenas uma observação, — ele respondeu suavemente, sem encontrar os olhos de ninguém.

Após um momento de silêncio desconfortável, Deacon pigarreou. — Ok, então, Srta. Dedos Mágicos. Acho que você vai conseguir suas preciosas aulas de dança.

Willow gritou com entusiasmo, seu corpo saltando na cadeira ao meu lado. — Eu quero um collant rosa, Srta. Alex.

Eu sorri. — Eu acho que posso conseguir isso.

Beth colocou um grande prato de pernil de porco sobre a mesa. — Certo. Acho que isso é tudo. — Depois que ela se sentou na cadeira vazia na outra ponta da mesa, acenou para Deacon. — Você vai fazer os agradecimentos, meu filho?

Minha boca caiu aberta quando Deacon entrelaçou os dedos e baixou a cabeça. Levei um momento para sair do meu estupor e baixar a minha também. A profunda voz de Deacon encheu a sala de jantar silenciosa. — Abençoe esta comida para a nutrição dos nossos corpos e os nossos corpos para estar ao Seu serviço. Amém.

— Amém, — todos ecoaram ao redor da mesa.

Nós, então, começamos a passar pelos pratos de comida. — Isso tudo parece tão delicioso, — eu disse, me servindo com um pouco de feijão verde.

— Obrigada, — disse Beth com um sorriso satisfeito. Depois que ela me ofereceu pão de milho, perguntou. — Então, de onde você é originalmente?

— Marietta. Me mudei para cá aos dezessete anos, para viver com meu tio e minha tia.

Depois de acenar com a cabeça em reconhecimento, Beth mastigou pensativamente seu pão de milho, e eu podia ver as perguntas sobre meu passado girando em sua mente. Decidi aplacar sua curiosidade e disse, — Meus pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha dezessete anos. Meu irmão e eu viemos morar com o irmão da minha mãe.

O rosto de Beth caiu com a minha fala. — Oh, querida. Eu sinto muito. Uma tragédia terrível para alguém tão jovem.

Um nó se formou na minha garganta, e eu só pude apenas acenar com a cabeça. Apesar de já terem se passado quase dez anos desde que meus pais morreram, ainda havia momentos em que eu achava quase insuportável pensar nisso, muito menos falar. A maioria do meu luto inicial foi deixado de lado para ser forte por Charlie.

— Seu tio vive aqui faz tempo? — perguntou Deacon, me tirando dos meus pensamentos.

— Bem, a maior parte da sua vida, eu acho. Ele tinha vinte anos quando se casou e se mudou para cá para estar com a família da minha tia.

— Ele é um policial aposentado do Estado.

Minhas sobranças subiram em surpresa com todo o conhecimento da Deacon sobre a minha família. — Sim. Ele se aposentou há dois anos depois de 40 anos na Patrulha do Estado da Georgia.

— Ah, Polícia Especial de Deus²⁵, — Bishop disse com um sorriso.

Eu ri. — Vários dos seus amigos da polícia local brincam com ele por causa disso.

— Ele ainda tem laços com a Patrulha ou a polícia local? — perguntou Deacon.

Com um encolher de ombros, eu respondi, — Eu realmente não sei. Acho que ele está desfrutando da sua aposentadoria. Ele tem uma cabana em Blue Ridge, e ele e minha tia passam muito tempo lá. — Levantando o olhar para ele, sorri. — Por que todo esse interesse dos laços do meu tio com os aplicadores da lei?

Deacon limpou a boca com um guardanapo. — Eu estava esperando que ele pudesse me ajudar com uma multa.

— Não são patrulheiros que aplicam multas.

Ele piscou para mim. — Bom saber.

Algo me disse que ele não tinha nenhuma multa para pagar. Ele estava mais preocupado com a forma que meu tio Jimmy poderia afetar o seu clube. Querendo tirar o foco do meu tio, eu disse, — Está tudo delicioso. Você é uma cozinheira maravilhosa, Sra. Malloy.

— Me chame de Beth. E muito obrigada.

— Eu provavelmente deveria contratar você para me ensinar a cozinhar. Acho que eu não sou muito boa nisso.

Beth sorriu. — Eu ficaria feliz em lhe ensinar. Mas não haveria nenhum custo. Seria um prazer. — Olhando em volta da mesa, ela disse, — Como eu não fui abençoada com filhas, adoraria ser capaz de passar os meus conhecimentos.

— Você tem uma neta, — Deacon protestou.

— Está certo. Eu tenho. Mas falta alguns anos antes que ela seja liberada a trabalhar na cozinha.

Willow fez uma pausa no meio da sua mastigação do pernil e olhou para Beth. — Mas você disse que eu sou a melhor das melhores das ajudantes de cozinha.

— E você é, querida. Mas você vai ficar só como ajudante agora, não como cozinheira ainda. — Quando Willow fez uma cara triste, Beth disse, — Você precisa colocar toda sua energia na escola e em ser uma bailarina.

Inclinando a cabeça para o lado, Willow refletiu sobre a resposta de Beth. Então, quando ela se animou, Willow se virou para mim. — O meu collant pode ser cheio de brilhares? — ela perguntou.

— Eu não vejo por que não.

— E eu quero um tutu cor de rosa. Eu tenho que usar meias brancas ou elas podem ser cor de rosa? — enquanto ela divagava mais e mais sobre o balé, seu prato permaneceu intocado.

— Termine o seu feijão verde, — Deacon instruiu bruscamente, mostrando um raro momento paternal.

— Okaaay, — murmurou Willow.

As sobrancelhas de Deacon se levantaram e fogo brilhou em seus olhos. — O que você disse?

Willow enfiou o queixo no peito, se recusando a encará-lo. — Ok.

— Você diz “sim, senhor” ao me responder.

— Não seja tão duro com ela, — disse Rev.

Deacon lançou a Rev um olhar duro. — Não me diga como eu devo educar a minha filha.

— Ela tem apenas cinco anos, Deacon, — Rev desafiou.

Nas vozes cada vez mais altas de seu pai e tio, Willow começou a se encolher em sua cadeira. Desesperada para aliviar a sua angústia e aliviar a tensão crescente entre os irmãos, eu soltei, — Então, qual de vocês, rapazes Malloy, vai me levar para um passeio de moto? Porque, vocês sabem, eu sou uma virgem de moto.

O garfo de Rev bateu ruidosamente em seu prato, enquanto ele olhava perplexo para mim, enquanto o dedo de Deacon congelou no meio do peito de Rev. Bishop começou a engasgar e tossir o grande pedaço de pão de milho que ele tinha engolido. Ele estendeu a mão para seu chá gelado e esvaziou o copo em um grande gole.

— Acho que o meu pedido deixou todos vocês sem palavras, — eu disse.

— Eu acho que é porque ouvimos a palavra “virgem” sair dos seus lábios, — Bishop respondeu com um sorriso insolente.

— O que é uma virgem? — perguntou Willow.

Eu ri com o olhar de horror que atravessou todos os três rostos dos irmãos Malloy com a pergunta de Willow. — Algo que você vai descobrir só quando for mais velha, — eu respondi. Minha resposta induziu um suspiro de alívio dos homens e um aceno de aprovação de Beth.

Durante o restante do jantar, Willow se concentrou em terminar seu prato em vez de fazer mais perguntas. Quando ela terminou, olhou com cautela para o seu pai. — Eu fiz tudo certo, Deacon? — sua voz tremia um pouco enquanto ela esperava os elogios. Eu me perguntei porque ela não o chamava de “papai”. Achei que era algo que ela ainda estava trabalhando.

Com a sua pergunta, a expressão rude de Deacon suavizou momentaneamente. — Sim, você tudo certo, garota. Agora pegue o seu prato e enxágue.

Quando Willow começou a ir para a pia, meu olhar foi para Deacon.

— Eu sei que eu posso ter parecido... um pouco duro sobre a sua alimentação, mas ela estava muito desnutrida quando chegou aqui.

Sabendo das condições em que Willow tinha vivido com sua mãe, eu não estava surpresa com essa informação. — Eu concordo que ela precisa comer os legumes e precisa mostrar respeito. Meu pai fazia

a mesma coisa quando eu tinha a idade de Willow. — Eu lhe ofereci um sorriso. — Acho que o seu jeito pode dar um pouquinho mais de trabalho, mas você está fazendo muito bem.

Um sorriso curvou seus lábios. — Obrigado, Senhorita Evans.

— De nada.

Beth se levantou de seu assento. — Tudo bem, rapazes. É hora de lavar a louça.

Um coro de gemidos ecoou ao redor da mesa. — Pelo menos me deixe limpar os pratos, já que vocês foram tão gentis em me convidar para jantar.

Beth sorriu. — E privar os meus filhos da tarefa?

Eu ri do grunhido de Bishop e da revirada de olhos de Deacon. — Não, eu realmente não gostaria disso.

— Você vai ler uma história para eu dormir, tio Rev? — perguntou Willow.

Antes que ele pudesse responder, eu disse: — Sabe o quê? Eu aposto que seu pai gostaria de ler uma história para você essa noite.

Os olhos de Deacon se estreitaram com o meu comentário, enquanto os de Willow se arregalaram de surpresa. — Sério? Você quer ler para mim, Deacon? — ela perguntou.

— Sim, com certeza, criança. Por que não?

Um sorriso radiante iluminou seu rosto. — Ok. Eu vou escovar meus dentes e colocar meu pijama antes.

— Tudo bem, — Deacon respondeu.

Tentando ignorar seu olhar, eu me virei para Beth. — Obrigada mais uma vez pelo jantar.

— Você é mais que bem-vinda. Se sinta livre para se juntar a nós a qualquer momento. Você tem um convite permanente todas as noites, — disse Beth.

— Isso é muito gentil de sua parte.

Quando eu comecei a ir em direção a entrada, Deacon deu um passo na minha frente. — Eu vou levar você até o carro.

Eu não pude esconder a minha surpresa devido à consideração do seu gesto. Claro, eu também esperava que ele não me deixasse escapar depois da minha sugestão de hora do conto. — Hm, obrigada, — eu murmurei enquanto o seguia porta afora.

A chama do seu isqueiro iluminou o caminho escuro. O som das botas de Deacon ecoou e enchei o silêncio entre nós. Depois que descemos as escadas, Deacon se virou para mim. — Sabe, você realmente deveria sair com Rev.

— Perdão? — eu questioneei surpresa. Afinal, essa era a última coisa que eu esperava dele. Uma áspera “Você deveria cuidar da sua vida de merda e não se meter na minha e da minha filha”, era mais o que eu esperava.

Deacon deu uma longa tragada em seu cigarro. — Ele está na sua, eu posso dizer.

Inclinando minha cabeça, eu olhei para ele com curiosidade. — Engraçado. Eu pensei que você tivesse vindo até aqui para falar sobre o que eu fiz lá dentro agora, não para bancar o casamenteiro.

— Eu não sou teimoso demais para admitir quando eu estou errado sobre alguma coisa.

— Você tem certeza disso? — eu provoquei.

— Sim, eu seria um idiota de gritar com você apenas por ter sugerido que eu lesse para a minha filha. Quero dizer, isso é o que os pais fazem. Bem, pelo menos é o que a minha mãe fazia para mim.

Foi a primeira vez que ele me deu qualquer luz sobre a sua infância. Eu não podia deixar de me perguntar sobre como era Deacon quando garotinho. Eu descobri que ele era filho adotivo de Beth. E eu certamente estava curiosa sobre a sua vida antes que ele viesse morar com os Malloy.

Depois do silêncio se estender mais uma vez entre nós, eu respondi, — Estou contente de ouvir você dizer isso.

— Agora, e sobre Rev?

— O que tem ele? — eu questionei timidamente.

Meu comentário me valeu uma carranca de Deacon. — Que tal sair com ele?

— Ele parece muito doce, e ele é muito bonito. Mas...

Depois que ele soprou um rastro de fumaça, seus olhos encontraram os meus no escuro. — Ele não é como Bishop e eu, se é com isso que você está preocupada.

— Como assim?

— Ele gosta de boas mulheres.

— E depois de passar algumas horas comigo, você sabe automaticamente que eu sou boa? — retruquei.

— Certo como o inferno que você não é uma bunda doce.

— Uma o quê?

Ele sorriu. — Desculpe. Eu continuo esquecendo que você não é do nosso mundo, princesa.

— Não me chame assim.

Depois de jogar no chão um pouco das cinzas do seu cigarro, Deacon disse, — Bunda doce é uma garota que ficar ao redor de um clube MC e dá para qualquer cara que queira ficar com ela.

Enrugando meu nariz, eu respondi: — Você está falando sério?

— Estou sim.

— Por que as mulheres se desrespeitam desse jeito?

Deacon deu de ombros. — Isso é assunto delas, não meu.

— Bem, você pode ter certeza que eu não sou uma prostituta de clube.

— O que é definitivamente excitante para Rev.

— Se Rev está tão na minha, então por que ele não me trouxe até o meu carro?

— Porque ele é tímido com as mulheres. Ele teve seu coração partido por uma vadia que nunca mereceu ele.

— Isso é horrível.

Deacon jogou o cigarro no chão e, em seguida, pisou nele com a bota. — Ele está melhor agora, mas ele passou por momentos difíceis.

— É muito legal você estar cuidando dele.

— Ele é meu irmão. Eu quero que ele seja feliz, — Deacon respondeu enquanto me levava pelo lado da sede do clube. Quando meu carro apareceu, eu rapidamente procurei minhas chaves na bolsa. Depois de destravar o carro, encontrei o olhar cheio de expectativa de Deacon.

— Acho que é melhor eu me concentrar exclusivamente em Willow agora, e não em romance.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Então isso é um não?

Eu dei de ombros. — Eu acho que é mais um *agora não*. Que tal isso?

— Não é o que eu queria ouvir.

Com uma risada, eu abri a porta do carro. — Boa noite, Deacon.

— Boa noite, Srta. Evans.

— Você nunca mais vai me chamar de Alexandra?

— Talvez... mas agora não, — ele respondeu com um sorriso torto.

Capítulo Cinco

DEACON

Quando o relógio de cuco antigo no canto da loja de penhores bateu três horas, eu me empurrei para fora da minha cadeira e joguei de lado a *Playboy* que eu estava olhando. Graças ao horário escolar de Willow e à insistência de Case, eu agora tinha uma nova rotina. Todos os dias às três eu deveria ficar esperando do lado de fora da loja de penhores. Enquanto eu fumava eu cigarro, esperava Alexandra chegar. Eu tinha certeza que ela chegaria no tempo de eu acender a coisa e dar algumas tragadas.

Eu normalmente focava muito da minha atenção nas suas pernas, já que ela sempre usava saias e vestidos para trabalhar. Uma nuvem do seu perfume doce iria bater nas minhas narinas enquanto eu a escoltava até o clube, onde Willow a esperava. Eu passaria as próximas duas horas andando ao redor do clube, mantendo um olho na porta da “sala de aula” que Mama Beth insistiu que eu e os rapazes construíssemos.

Três dias desse novo horário e eu me encontrava apoiado em um banquinho, entediado para caralho e frustrado como o inferno, uma vez que Cheyenne tinha passado a tarde toda me fodendo com os olhos. Finalmente eu desisti disso e fugi para o banheiro para colocar um pouco de água fria no meu pau meio-duro. Afinal, não havia nenhuma maneira que eu pudesse me esgueirar para uma rapidinha com Cheyenne quando deveria estar com um olho em Alex.

Quando voltei, Willow estava no bar, mostrando um papel para Cheyenne, que lhe deu um olhar de desinteresse. No mundo de Cheyenne, se você não tinha um pau ou um colete, você não tinha muita utilidade. Ao me ver, ela deu um sorriso radiante para Willow. Por alguma razão eu fiquei com raiva que ela não pudesse dar qualquer atenção para a minha filha se eu não estivesse na sala.

— Olha, Deacon. Olha o teste que eu fiz! — Willow gritou, dançando na minha volta. Eu abri a boca para dizer algo, mas ela continuou a falar. — Senhorita Alex disse que isso é parte das lições dos alunos da primeira série, e que eu sou muito inteligente por já ser capaz de fazer também.

— Sim, isso é ótimo. Bom trabalho, — eu disse. Minhas palavras ficaram um pouco aquém do sentimento de orgulho que inchou no meu peito. Claro, eu tinha ido bem na escola, mas nada como Willow. Ela ia ser alguém.

Willow jogou os braços em volta da minha cintura, me apertando com força. Eu não pude deixar de estremecer ao seu toque. Ela estava comigo há quatro meses, mas eu ainda não tinha me acostumado com suas expressões de afeto. Eu não sabia qual era a porra do meu problema. Rev e Bishop não tinham problemas com os beijos e abraços de Willow. Mas lá estava eu, sua própria carne e sangue, mas ainda separado emocionalmente dela. Eu estava começando a me perguntar se eu sempre ia me sentir dessa forma.

Quebrando o abraço, ela disse, — Eu vou lá mostrar para a vovó.

— Sim, faça isso. Leve para ela colocar na porta da geladeira ou alguma merda assim.

Willow correu para fora do salão principal e saiu pela porta dos fundos. Ela acenou o papel para Archer enquanto ele para a casa de Mama Beth. Mesmo dentro dos limites do complexo, eu não iria

correr nenhum risco com a sua segurança.

Espiando ao redor da sala, perguntei, — Onde está Alex?

— Bishop pediu a ela que fosse até o quarto dele, — Cheyenne respondeu.

— Você está mentindo.

Quando ela olhou para mim, um sorriso felino curvaram os lábios de Cheyenne. — Por que eu mentiria sobre algo assim?

— Eu quis dizer, por que ela faria isso?

Cheyenne deu de ombros. — Talvez ela ache ele quente. Não seria a primeira garota a tirar a calcinha para Bishop.

Eu cambaleei para trás em estado de choque. Alex estava sozinha em um quarto com Bishop. Uma garota como ela não deveria nunca, nunca ficar sozinha com um motoqueiro, muito menos Bishop. Aquele filho da puta tinha totalmente desconsiderado o que eu falei sobre deixar ela em paz. Meus punhos se cerraram nos meus lados. Eu ia dar uma surra no meu irmão.

Sem outra palavra para Cheyenne, eu pisei no corredor. A porta do quarto de Bishop estava trancada. Eu sabia que o certo seria bater, mas por alguma razão eu não dava a mínima para a coisa certa.

— Oh, Bishop, isso é tão bom, — ouvi o elogio abafado de Alex.

Raiva se desenrolou dentro de mim, se espalhando pelo meu corpo. Alex recusou Rev e agiu como se fosse boa demais para mim, mas ela estava abrindo as pernas para o mais cafajeste dos meus irmãos.

Eu apoiei minhas mãos no batente e levantei uma perna para trás, chutando com toda força, fazendo a madeira estalar e a porta voar aberta. Quando ela bateu contra a parede, espiei lá dentro. Nada poderia ter me preparado para o que eu vi. Em vez de encontrar Alex e Bishop nus e fodendo, eles estavam sentados na beirada da cama. Com um lápis na mão, Bishop tinha um livro equilibrado no colo. Eu não conseguia ver o livro direito, mas eu só podia imaginar que era algum tipo de manual de sexo.

— O que diabos está acontecendo aqui? — eu perguntei.

Pela primeira vez desde que eu conseguia me lembrar, Bishop corou. O filho da puta ficou da cor de um tomate.

Alex se levantou e me deu um olhar que poderia destruir paredes. — Eu não tenho certeza que isso seja da sua conta.

— Esse é o meu clube e o meu irmão. Tudo o que se passa no meu clube é da minha conta

Inclinando a cabeça, Alex fez sinal para o meu colete. — Eu pensei que você fosse apenas o sargento de armas.

Eu dei uma gargalhada. — *Apenas* o sargento de armas? Srta., você não sabe nada sobre o meu posto ou o que esse patch significa.

— Mas eu acho muito difícil que seja seu direito saber de tudo. Isso me parece ser um trabalho do presidente.

Olhando para além de Alex, encarei Bishop. — Pare de enrolar e responda a minha pergunta, irmão.

Alex se sentou do lado de Bishop. — Você não tem que dar explicações a ele. O que acontece entre nós é algo privado.

— Senhorita Evans, você está me irritando seriamente, e se você sabe o que é bom para você, vai calar a sua boca e ficar fora disso! — eu rosnei.

— Ok, ok, — disse Bishop quando ergueu as mãos em derrota, deixando cair seu livro no chão. Antes que ele pudesse pegá-lo, eu fui mais rápido

Olhando para a capa, eu li em voz alta, "*Como dominar o exame GED*²⁶". Passei meus olhos de volta para ele. — Isso não é um manual de sexo.

A vergonha de Bishop deu lugar ao humor. — Um manual de sexo?

Eu dei de ombros. — O que mais você poderia estar fazendo com ela aqui, porra?

Alex respirou com força. — Com certeza não isso, — ela retrucou.

— Você não conhece a capacidade de persuasão do meu irmão, para não mencionar a sua — eu cocei o meu queixo — paixão por você.

— E você não conhece a minha determinação moral e ética, — ela respondeu.

Eu lancei a ela um sorriso. — Lá vai você usando palavras grandes. Minha mente menos capaz não pode aguentar.

— Talvez fosse você quem deveria estar estudando, não Bishop.

— Sempre que você quiser me ensinar, estou pronto para aprender.

Ela olhou para mim por um momento antes de cruzar os braços num acesso de raiva. Maldição, ela era tão sexy quando estava irritada. Uma gata ardente debaixo daquele exterior de professora certinha. Tirando minha atenção dela, acenei com o livro para Bishop, — Então, para que isso?

Ele me deu um olhar tímido. — Eu queria terminar o Ensino Médio, isso é tudo.

Eu olhei para ele com desconfiança. — Você tomou golpes demais na cabeça?

— Não, idiota, não é isso.

— Desde quando você dá a mínima sobre terminar a escola ou não? Você não parecia se importar muito quando largou há sete anos.

Bishop arrancou o livro da minha mão. — Talvez eu tenha percebido que eu não vou ser capaz de lutar boxe para sempre. Além de fazer coisas para o clube e trabalhar na academia, eu não tenho outra opção de merda. Se eu quisesse ir para a faculdade de mecânica, eu precisaria de um GED.

— Mecânica? Você não precisa terminar de uma faculdade para isso. Podemos encontrar uma conexão que ensine essas coisas. Truman pode fazer uma licença para você.

Com os olhos azuis brilhando, Bishop respondeu, — Eu quero algo que seja legitimamente meu por

uma vez – não algo que o clube conseguiu para mim.

Eu balancei a cabeça lentamente de um lado para o outro. Será que meu irmão mais novo estava realmente passando a ter consciência? — Isso é influência de Rev?

Bishop revirou os olhos. — Eu não posso ter um pensamento próprio que não seja influência do meu irmão bom ou do meu irmão mau?

— Sim, você pode. É só que... eu acho que estou sem palavras.

— Essa é a porra da primeira vez, — Bishop resmungou.

Cruzando os braços sobre o peito, eu olhei para Bishop. — Olha, cara, eu não quero dizer isso para te irritar. O que você está fazendo é uma coisa boa para você. Eu nunca poderia te criticar por isso.

— Você está falando sério? — ele perguntou, suas sobrancelhas loiras subindo em surpresa.

— Claro que sim.

Um sorriso se estendeu pelo rosto de Bishop. — Obrigado cara. Fico feliz em ouvir isso.

Olhei dele para Alex. — Ora, ora, você certamente está se dedicando à minha família. Primeiro a minha folha, agora o meu irmão. Qual você vai ensinar a seguir?

— Quem, — ela respondeu.

— Hm?

Os cantos dos seus lábios se apertaram, como se ela estivesse lutando para não rir. — Você quer dizer, *quem*²⁷ eu vou ensinar a seguir.

Quando Bishop riu, eu respondi, — Acho que eu sou o sortudo.

— Talvez você possa retribuir toda essa educação me concedendo um favor?

Eu olhei para ela cautelosamente. — O que você quer?

— Aqui realmente não tem um lugar apropriado para as aulas de balé de Willow. — Ela fez uma pausa, mordendo o lábio inferior. Eu tinha notado que ela tendia a fazer isso quando estava nervosa. Em geral ela fazia muito isso ao meu redor, quando ela não estava discutindo comigo. — Eu só estava me perguntando, já que você é dono da academi...

— O clube é dono da academia, — eu corriji.

Suas bochechas coraram um pouco. — Bem, com os seus laços com o clube, será que não seria possível eu dar aulas para Willow lá? Aqui não há espelhos suficientes, e você realmente não pode ensinar direito sem os espelhos.

— Se ela está precisando de espelhos, talvez você pudesse empresar o seu quarto, — Bishop sugeriu com um brilho malicioso nos olhos.

— Vai se foder, — eu rosnei quando as bochechas de Alex coraram novamente.

Bishop apenas riu quando abriu o livro novamente, e Alex suspirou. — Não seria todos os dias. A

maioria dos alunos só tem aula uma ou duas vezes por semana. Se tiver um cantinho disponível na academia, isso já seria muito. Eu até poderia deixar Willow com fones para ela poder acompanhar a música sem incomodar ninguém.

Coçando o queixo, eu pensei sobre isso. Eu sabia que teria de pedir a Case, e ele provavelmente não ia gostar da ideia de ter Alexandra perto da academia. Claro, a maior parte das atividades questionáveis só acontecia sexta-feira ou sábado à noite. — Acho que tudo bem. Me deixe falar com os caras sobre isso, mas talvez a gente coloque isso em votação amanhã.

O rosto de Alex se iluminou. — Isso seria maravilhoso. Eu poderia encontrar vocês lá às três. As aulas iriam até três e meia e, esperamos, não teríamos nem que ajudar o horário escolar para o jantar.

— Eu não acho que Mama Beth se importaria de ajustar os horários.

Depois de me um sorriso genuíno, Alex disse, Obrigada, Deacon.

— De nada.

Quando permanecemos ali de pé, olhando um para o outro, Bishop pigarreou. — Você se importaria de sair para que a gente possa terminar isso aqui?

— Contanto que você mantenha suas mãos nesse livro e não nela, — eu retruquei.

Bishop revirou os olhos. — Eu já ouvi alto e claro o que você tinha dito antes, irmão. Me dê algum crédito, porra.

— Melhor ainda, *me* dê algum crédito, porra, — Alex disse.

Passando a mão pelo peito, Bispo disse, — Ái. Isso dói.

Alexandra apenas riu. — Você é mais problema do que vale a pena.

Quando comecei a observá-los, lentamente comecei a perceber que nenhum deles olhava para o outro como se quisesse rasgar sua roupa. Embora Bishop tenha batido punheta por causa dela antes, eu duvidava que ele ainda fizesse isso... a menos que ele tivesse uma fantasia com professoras de anos atrás. Eu sabia que ainda que ele fosse um cão tarado, eu podia confiar nele perto de Alex. Ela provavelmente a única mulher além de nossa mãe que ele respeitava, o que queria dizer muito mesmo.

Levantando minhas mãos em derrota, comecei a andar em direção à porta. — Tudo bem. Vou deixar vocês dois trabalharem.

Alex assentiu. — Então te vejo amanhã às três na academia?

— Sim claro.

Depois de me dar um aceno, ela voltou sua atenção para Bishop. Em vez de me dar um sorriso arrogante de merda por ter sua atenção e sua bunda bonita sentada ao lado dele, ele só abaixou a cabeça e olhou para o seu livro.

Com um aceno de cabeça, eu fui atrás de Case para explicar como a coleira da minha filha que eu mantinha ao redor do meu dedo agora incluía a academia e aulas de balé.

Capítulo Seis

DEACON

— Que horas são? — perguntou Willow pela porra da vigésima vez nos últimos cinco minutos.

Agarrando as cordas do ringue de boxe, eu rosnei, — Criança, você está me dando nos nervos.

— Por favor, Deacon, — disse ela. Quando me afastei da sessão de treinamento de Bishop, ela me deu seu melhor rosto triste com beicinho. O tipo que faria um pai normal derreter. Mas eu não era u pai normal.

— Ela vai estar aqui quando ela chegar, — eu finalmente respondi.

Willow cruzou os braços sobre o peito num acesso de raiva. Ela estava ligada desde o momento em que acordou. Hoje era sua primeira aula de dança com Alex. Eu não acho que eu já tinha visto alguém tão fodidamente animado com alguma coisa. Claro, Mama Beth e Rev acharam esse comportamento uma gracinha. Quanto a mim, ela estava prestes a me deixar louco pra caralho. Eu não podia mandar ela se foder como eu fazia com meus irmãos quanto eles faziam isso comigo. Em vez disso, eu tinha que ser o mais paciente possível com ela, o que para mim não queria dizer muito.

Quando as portas da academia se abriram atrás de mim, não tive que adivinhar quem era. O grito ensurdecedor de Willow me disse tudo que eu precisava saber. Eu soltei as cordas e comecei a ir até elas. — Oh, Srta. Alex. Você está finalmente aqui! — Willow gritou, dançando em torno de Alex.

Alex sorriu para ela. — Eu não sabia que estava tão atrasada. Eu tive obrigações partilhadas essa tarde, então não pude sair na hora certa. Eu nem sequer parei para me trocar. Vim direto para cá.

— Estou feliz que você fez isso, — Willow respondeu.

— Eu também, — eu murmurei.

Com uma risada, Alex disse, — Me deixe ir trocar de roupa. — Ela estendeu um saco cor-de-rosa brilhante para mim. — Você pode arrumar Willow para mim?

— Você não pode estar falando sério.

Os olhos de Alex se estreitaram nos meus. — Eu não acho que é pedir muito desde que eu já consegui todas as coisas que ela precisa. Além disso, não temos muito tempo a perder.

Eu olhei de Alex para Willow. Desde que ela tinha vindo morar comigo, Mama Beth tinha cuidado da hora do banho e de colocar as roupas. Sim, ela era minha filha, mas eu não sabia exatamente quais as regras sobre ver ela sem roupa. Embora eu não tivesse parado para pensar muito, parecia que havia algo meio pervertido nisso.

Antes que eu pudesse discutir mais, Willow estendeu a mão e pegou a minha. — Vamos, Deacon.

Quando Alex me lançou um olhar triunfante, eu fiz uma careta para ela. Em vez de puxar minha mão fora, deixei que Willow me arrastasse de volta para o vestiário masculino. — A Srta. Alex pode ficar

com o banheiro das mulheres, — Willow me informou.

Ela começou a entrar direto, mas eu a empurrei para fora. — Espere um minuto. Preciso ter certeza que não tem ninguém se vestindo.

— Ok.

Liberando sua mão, eu entrei. O cheio de suor e sunga úmida assaltou o meu nariz. Quando eu vi que estava tudo vazio, segurei a porta aberta para Willow. Ela veio pulando para dentro. Ela colocou a sacola em cima de um dos bancos e começou a cavar dentro. Outro dos seus gritos de estilhaçar os ouvidos me fez saltar dentro da minha pele. — Olha, Deacon. Srta. Alex conseguiu um collant rosa com brilhos como eu pedi. — O conteúdo da sacola veio voando para fora – e consistia em uma meia-calça – rosa, claro – sapatilhas e uma saia fofa de aparência frágil.

Depois de tirar tudo para fora, Willow puxou sua camiseta pela cabeça e, em seguida, tirou seus shorts jeans. Ela se sentou no banco e estendeu a meia-calça cor de rosa para mim enquanto me encarava. — Me ajude com isso.

— Uh, tudo bem, — eu murmurei. Com relutância eu peguei a coisa e me ajoelhei na frente dela.

— Enrole a perna para que eu possa colocar o pé, — Willow ordenou.

— Eu não sei...

— Assim, — ela instruiu, rolando a malha para baixo. Eu segurei e ela colocou o pé dentro. Então eu fiz o mesmo com o outro lado. Quando ambos os lados estavam nos seus tornozelos, comecei a deslizá-los pelas pernas. Fiz uma careta quando a puxei acima da calcinha cor de rosa. Quando a meia-calça estava no lugar, voltei a me sentar em meus calcanhares.

— Agora me ajude com o collant.

Eu exalei um longo suspiro. — Ok, então.

Uma das pequenas mãos de Willow se esticou para o meu ombro. Equilibrando-se com um braço, ela enfiou uma de suas pernas cor de rosa no buraco do collant. Quando ela balançou um pouco, eu estendi a mão e a agarrei pela cintura, lhe estabilizando.

— Oops. — Ela riu quando enfiou a outra perna no buraco. Eu, então, tirei minhas mãos da sua cintura e a ajudei a puxar a malha até o peito. Ela, então, enfiou os braços nas aberturas. Depois que a ajudei a ajustar tudo no lugar, ela correu para o espelho e soltou um grito estridente. — Deacon, olha como eu estou bonita!

Eu não pude deixar de rir. — Sem falsa modéstia aí, hein?

Ela me olhou por cima do ombro. — Hã?

— Nada. Sim, você está muito bonita.

Quando ela sorriu, me lembrou de Lacey. Enquanto ela parecia comigo, ainda havia pequenos maneirismos e peculiaridades que eram da sua mãe.

— Ooh, agora eu preciso prender o meu cabelo em um coque. — Ela me olhou com curiosidade. —

Você pode prender o meu cabelo?

Coçando a cabeça, eu respondi. — Eu posso tentar.

Ela assentiu com a cabeça. Cavando em sua bolsa, ela me entregou uma escova de cabelo e, depois, algo para prender. — Se sente aqui, — eu instruí, apontando para o banco na minha frente. Ela obedeceu rapidamente. No momento em que passei a escova pelo cabelo, fui assaltado por uma enxurrada de memórias.

— Você sabe por que eu meio que sei fazer isso? — eu perguntei, minha voz embargada pela emoção.

— Uh-uh, — Willow respondeu.

— Eu costumava escovar e trançar o cabelo da sua mãe.

— Verdade?

— Sim, verdade. — Eu quase podia ouvir a voz sensual de Lacey me implorando para escovar seu cabelo. Embora muitas vezes proferida num estado catatônico de relaxamento, isso quase sempre acabava com ela se despindo para a gente transar. Algo sobre o toque macio das minhas mãos em seu cabelo ligava um interruptor dentro dela.

Após um momento de silêncio, Willow perguntou baixinho, — Você amava a minha mamãe?

Minha mão congelou, parando o movimento com a escova. Quando pensei dos sentimentos que eu uma vez tive para Lacey, uma dor queimou meu peito. — Sim, eu amava.

— Será que ela amou você?

— Sim, acho que em algum momento ela me amou.

— Você acha que quando eu crescer eu vou ser mais bonita do que ela?

— Provavelmente. Vamos encarar os fatos. Você é parecida comigo, e eu sou muito, muito bonito. — Quando Willow não pareceu entender meu comentário, eu disse, — Sim, você vai ser mais bonita do que ela. É isso o que você quer, ser a mais bonita?

Ela encolheu os ombros minúsculos. — Sim... desde que isso não me faça machucar as pessoas ou não faça elas me machucarem.

— O que você quer dizer?

— A mamãe era tão bonita que ela deixava que muitos homens a machucassem. Às vezes eles me machucavam também. Mas na maioria das vezes era a mamãe que me machucava.

Suas palavras causaram uma mistura volátil de raiva e dor correndo através de mim. Ouvir Willow falar sobre o quanto sua mãe a machucou me fez desejar que Lacey ainda estivesse viva só para que eu pudesse matá-la com as minhas próprias mãos. Eu sabia em primeira mão o que era ser abusado quando criança, e eu não queria que mais ninguém tivesse que lidar com essa dor, especialmente a minha própria filha. Mesmo que eu soubesse que ela estava fodida pelas drogas, eu não conseguia imaginar como Lacey poderia ter ferido Willow. Claro que quando eu comecei a foder com ela, não estava realmente

procurando por alguém maternal. Ela não era Mama Beth, isso era totalmente certo. E mesmo que eu não a conhecesse muito bem, Alex seria dez vezes a mãe que Lacey já tinha tentado ser. Espere. Por que diabos eu trouxe Alex para o meio disso?

Colocando uma das minhas mãos sobre o ombro de Willow, eu disse, — Você sabe que não tem que se preocupar com ser ferida novamente.

— Sim, — ela respondeu timidamente.

— Estou falando sério. Se alguém te machucar, eu vou acabar com eles. Você me entende?

Willow se virou para mim com olhos arregalados e assustados. — Olha, eu não queria te assustar. Eu só quero que você entenda que não precisa se preocupar que mais alguém te machuque.

— Ok.

Quando eu pus a escova no cabelo de novo, suspirei. — E eu sinto muito que eu não estava lá para impedir que a sua mãe te machucasse. Eu prometo a você que não teria acontecido se eu estivesse lá.

— Está tudo bem.

— Não. Na verdade, não. — Uma respiração irregular saiu do meu corpo. — Você não merecia isso e eu deveria ter estado lá.

Com uma intuição que me assustou, Willow perguntou, — Alguém te machucou quando você era pequeno?

Quando recordei as memórias horríveis do meu passado, minha cabeça começou a nadar e o vestiário pareceu se fechar sobre mim. a última coisa no mundo que eu precisava era que Willow me visse desabar. Eu tinha que ser forte por ela.

Contei até dez e tentei organizar meus pensamentos. — Deacon? — Willow chamou.

— Sim, meu velho costumava me dar uma surra depois que ele batia na minha mãe. Normalmente não havia nenhum motivo. Minha mãe tentou fugir, mas...

— O que aconteceu com a sua mãe de verdade?

— Ela foi assassinada, como a sua.

— Foi o Homem Mau? — Willow perguntou em um sussurro.

Eu balancei a cabeça. — Não. Foi o meu pai.

Depois de alívio cintilar momentaneamente em seu rosto porque não tinha sido o “homem mau”, suas pequenas sobrancelhas franziram em confusão, como se ela não pudesse imaginar algo tão horrível. — Seu pai matou sua mãe?

— Sim, ele fez isso, — eu respondi, odiando que minha soasse embargada pela emoção.

— Ele deve ter sido um homem muito ruim.

— Sim, ele era. — Enquanto eu passava a escova pelos seus cabelos novamente, eu disse, — Acho que somos meio parecidos nesse fato de nossas mães terem sido mortas, hein?

Um olhar solene apareceu em seu rosto. — Sim, mas eu estou mais triste por você.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Por que isso?

— Porque você amava o seu papai, e ele machucou sua mamãe, e isso machucou você. Mesmo que eu tenha perdido a minha mamãe, eu ainda tenho o meu papai. — Olhando para mim por cima do ombro, ela acrescentou. — E você nunca faria nada para me machucar desse jeito.

Minhas mãos congelaram em seu cabelo enquanto eu tentava processar suas palavras. Apesar de todas as minhas merdas, Willow pensava que eu era um cara bom que nunca iria machucá-la. Eu com certeza esperava poder viver de acordo com as expectativas dela. Isso era uma grande pressão de merda. — Você está certa, — eu resmunguei. Fazendo cócegas na parte de trás do pescoço dela para aliviar o clima, eu perguntei, — Quando você ficou tão esperta?

Ela encolheu os ombros. — A Sra. Martinez dizia que eu era uma alma velha.

A menção de alguém de sua antiga vida me fez pensar por um minuto sobre como ela havia mencionado o "homem mau" novamente. O psiquiatra que ela via duas vezes por semana tinha nos avisado para não pressionar Willow por qualquer informação sobre o que ela tinha testemunhado. Mas no final do dia, nós precisávamos saber mais. — O que você pode me dizer sobre o Homem Mau?

Willow imediatamente ficou branca como papel, e um tremor percorreu seu corpo. Com uma voz estrangulada, ela respondeu, — Não. Eu não posso... eu não posso falar sobre ele. Ele vai me machucar.

Mesmo que eu não estivesse muito acostumado a demonstrar muito carinho, eu a puxei em meus braços. — Não, querida. Ele não vai. Eu, o tio Rev, o tio Bishop e o resto dos Raiders não vamos deixar. Ele não pode chegar até você. Eu prometo.

Minhas palavras pareceram aliviar as preocupações de Willow um pouco, porque ela parou de tremer. Tomando-a pelos ombros, eu suavemente a virei para que eu pudesse olhar em seus olhos. — Talvez se nós soubermos como ele se parece, fique mais fácil de encontra-lo e mandar ele para a cadeia.

Minhas palavras de antes não fizeram nada para convencer Willow a falar. Ela apenas balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro. — Ok, então, vamos mudar de assunto. Essa merda toda é pesada demais para alguém da sua idade. — Eu escovei mais do seu cabelo longo e escuro. Puxando e torcendo eu passei o elástico em volta do cabelo. — Arrá! Que tal isso?

Willow se virou no banco. Quando ela ficou de frente para o espelho, virou a cabeça de um lado para o outro. — Parece bom. Você vai colocar as fitas agora?

— Você é uma coisinha mandona, não é? — eu brinquei, tentando aliviar o clima.

Ela riu. — Talvez.

Embora me doesse muito, eu amarrei as fitas em torno do seu coque. Eu tinha que admitir que ela estava fofa pra caralho. A roupa a transformou em uma verdadeira bailarina. Mesmo que ela não tivesse talento para isso, era uma visão que ainda valia a pena.

— Ok. Já chega de se olhar no espelho. Vamos encontrar a Srta. Alex, — eu disse.

Relutantemente, ela parou de admirar seu reflexo e me encontrou na porta. Quando ela puxou minha mão, me abaixei ao seu nível. Ela totalmente me chocou quando ficou na ponta dos pés para me dar um

beijo na bochecha. — Obrigada, Deacon.

— De nada.

Inclinando a cabeça para mim, Willow perguntou: — Acho que logo eu vou estar pronta para te chamar de papai.

Sua declaração me fez cambaleiar um pouco para trás. De onde diabos veio isso? Será que eu queria que a garota me chamasse de “papai”? Com toda certeza do inferno eu teria que ser mais pai para ela se ela me chamasse assim. Eu não podia negar que suas palavras fizeram uma dor queimar através do meu peito. De alguma forma, eu finalmente encontrei as palavras para responder. — Acho que eu gostaria disso.

Willow sorriu antes de sair pulando porta afora. Quando voltamos para o ginásio, eu vi que dois ou três caras estavam completamente imóveis do lado de fora do ringue de boxe. Em vez de estarem prestando atenção no treino de Bishop, eles estavam olhando para o lado. Levei apenas um momento para descobrir o que eles estavam olhando.

Já estava pronto para mandar eles fecharem as bocas, mas não tive a chance. Em vez disso, meus próprios olhos se concentraram no que eles estavam tão obcecados assistindo. Vestida com sua própria meia-calça, collant e saia, Alex estava curvada, a bunda no ar, as palmas das mãos pressionando o tapete de borracha no chão. Eu nunca tinha imaginado que algo tão simples como a porra de um alongamento poderia ser tão sexy.

Alheia a todos os olhares, ela se levantou e, em seguida, trouxe o braço por cima da cabeça. Quando ela se inclinou, sua bunda balançou provocativa. Quando ela terminou com um braço, passou para o outro. E então o próximo movimento foi a minha ruína. Ela esticou a perna pelo lado até a sua cabeça. — Puta que pariu, — um dos caras murmurou.

— Por que vocês estão todos olhando para a Senhorita Alex? — Willow exigiu, me tirando da minha fantasia de quantas posições eu poderia colocar a flexível Srta. Alex.

As palavras de Willow assustaram Alex. Ela baixou a perna e então se virou. Quando ela viu todos os homens de pé ao redor, seu rosto corou. Tentando aliviar seu embaraço, eu gritei, — Vamos lá, o show acabou! Vótem ao trabalho ou seja lá que diabos vocês estão fazendo.

Enquanto os homens voltavam a se mexer, Willow correu para Alex, que agora estava encolhida no canto. Quando as alcancei, Alex balançou a cabeça. — Eu não acho que isso vai funcionar.

— Olha, eu posso prometer que o que aconteceu aqui não vai se repetir. É que nunca nenhuma mulher vem aqui, então eles naturalmente ficaram de boca aberta quando viram uma.

As bochechas de Alex ainda estavam vermelhas. — Eu não vou me sentir confortável... eu não vou conseguir me concentrar se eu estiver preocupada em ser comida com os olhos.

— O que é ser comida com os olhos? — perguntou Willow.

— Não se preocupe com isso, — eu retruquei.

— Sinto muito. Eu apenas não posso.

— Quer dizer que eu não vou começar a ter aulas de balé? — perguntou Willow em voz baixa.

Antes que ela pudesse começar um ataque, eu levantei minhas mãos. — Apenas me dê um minuto para pensar em uma solução, ok?

Willow e Alex cruzaram os braços sobre o peito e me olharam com expectativa. — O porão, — eu disse.

— Quê? — perguntou Alex.

— Eu posso arrumar o portão da casa de Mama Beth.

— Mas lá embaixo é assustador, — disse Willow baixinho.

— Não vai ser quando eu estiver com você. Vou tirar o lixo e colocar luzes e espelhos.

— Isso soa maravilhoso, — Alex disse empolgada, um sorriso satisfeito no rosto. Eu só podia imaginar que no seu mundo cor de rosa ela não tinha sido muito exposta a homens duros de merda como os que treinam aqui, então acho que fazia sentido ela ter ficado tão nervosa.

— O que você acha, criança? — perguntei a Willow.

— Acho que está bom.

Eu ri. — Apenas bom. Cara, não tem como agradar você.

Ela mordeu o lábio antes de perguntar. — Será que você podia colocar uma barra também? Você sabe, como se fosse um verdadeiro estúdio.

— Eu acho que posso arranjar isso.

Seu rosto se iluminou. — Então eu adoro isso.

Antes que eu pensasse melhor, eu estendi a mão e baguncei seu cabelo. — Fico feliz que você pense assim.

Willow saltou para trás. — Não estrague o meu cabelo!

Alex riu da nossa interação. — Nós não queremos estragar o seu coque. Diversão brilhava nos olhos de Alex quando ela olhou para mim. — Foi ela quem fez, ou foi você?

— Eu que fiz. Por quê?

Ela encolheu os ombros. — Eu só estou surpresa, isso é tudo. — Com um sorriso maroto, ela disse, — Você é um homem de muitos talentos, Jesse James.

— Hmm, há mais de meus talentos que eu gostaria de te mostrar. — Por dentro, eu me encolhi. Eu realmente tinha acabado de dar uma cantada nela? Que diabos era o meu problema? Isso foi tão ruim quanto aqueles neandertais babando em cima dela mais cedo.

Os olhos de Alex se arregalaram com o meu tom sugestivo. — Bem, eu acho que é hora de eu começar a ensinar a Willow alguns passos básicos de balé.

— Eu vou manter um olho nas coisas para você.

Depois de apertar os lábios para mim, ela respondeu, — Por que isso não me faz sentir melhor?

Joguei minha cabeça para trás e ri. — À vontade, princesa.

A meia hora seguinte passou com Alexandra sendo fodida com os olhos pelos caras. Enquanto eu eventualmente focava no treino de Bishop no ringue, dava uma olhada nela e em Willow a cada poucos minutos. Jesus, Alexandra tinha paciência quando se tratava de Willow. Ela trabalhou incansavelmente para ter certeza que ela tinha entendido tudo, em que pose ficar e como segurar os braços. Enquanto eu teria explodido, mandado tudo à merda e saído, Alex se manteve firme e nunca levantou a voz.

Quando a aula acabou, Alex rapidamente foi ao vestiário se trocar. — E então, eu dancei bem? — perguntou Willow.

— Você fez bom, criança, — eu respondi.

— Ela fez *bem*, — enfatizou Rev atrás de mim.

Depois de me virar, revirei os olhos para a porra da sua correção gramatical e, em seguida, consegui acertar ele nas bolas com a sacola de Willow. — Seja cuidadoso ao levar ela para casa.

Se dobrando, Rev chiou algumas respirações. — O prazer é meu, — ele resmungou entre os dentes.

Willow pegou alegremente a mão de Rev. — Podemos tomar um sorvete hoje?

Rev se recusou a olhar para mim. Em vez disso, ele colocou um dedo sobre os lábios. — O que eu disse sobre manter segredos?

Ela deu uma risadinha. — Ok.

Quando eles começaram a ir para a porta de mãos dadas, eu balancei minha cabeça. Eu já tinha visto Rev com as juntas rebentadas e ensanguentadas depois de bater em um homem quase até a morte. Mas se você o colocasse em uma sala com uma criança, especialmente Willow, e ele virava um urso de pelúcia do caralho. Eu nem podia imaginar como seria quando ele finalmente tivesse um filho seu.

Embora eu tivesse algumas fantasias envolvendo Alexandra, eu ainda achava que ela um bom par para ele. Eu precisava ficar no pé dele para que ele a chamasse para sair. Quando eu mencionei isso pela primeira vez, ele argumentou que não queria tornar as coisas complicadas para Willow. Eu disse que ele estava sendo um maricas, e então ele se afastou. Eu acho que essa não foi a melhor conversa de incentivo para trazer ele de volta ao jogo.

Alexandra saiu do banheiro vestindo jeans e camiseta. Ela parecia muito diferente assim do que com as roupas que usava para dar aulas. Eu também não pude deixar de imaginar por um segundo como ela seria sem roupa nenhuma.

Ela pendurou a bolsa no ombro e acenou para mim antes de sair pela porta lateral. Ainda que ela não percebesse isso, ela estava se familiarizando com o nosso mundo. Ela não achou necessário perguntar onde estava Willow. Ela sabia que alguém tinha vindo escolta-la até em casa. Talvez ela não tenha percebido que a pessoa que levava Willow também era seguida por dois prospectos, por segurança adicional. Claro, ela poderia ter algumas perguntas de por que Archer se esgueirou para fora do ginásio depois dela. Eu sabia que Case a queria vigiada não importava onde ela estivesse.

Quando Bishop saiu do ringue dez minutos depois, decidi que era hora de voltar para o complexo. Quando comecei a ir até minha moto, vi que o carro de Alex ainda estava estacionado no mesmo lugar.

Uma de suas pernas usando jeans estava para fora da porta. O capô estava levantado e Archer estava inclinado sobre ele, avaliando os danos. Ao som estridente do carro se recusando a começar, eu sabia que já sabia que o alternador curto era a razão pela qual ela ainda estava lá. Quando fui até o carro, ela bateu os punhos no volante. — Droga! — ela gritou.

— Ei, calma.

Seu olhar bateu no meu. — Esta é a segunda vez essa semana o meu carro não pega. O mecânico que trabalhou nele me prometeu que estava consertado. — Baixinho, ela murmurou, — Babaca.

— Vamos lá, — eu disse, lhe chamando com a minha mão.

— Perdão?

— Eu disse, vamos lá. Você não vai resolver nada aqui sentada tendo um ataque.

— Eu não estava tendo um ataque, — ela resmungou.

— Calma, princesa. Eu não sou o inimigo aqui, certo?

Ela exalou um suspiro frustrado. — Certo. Sinto muito.

— Olha, vou chamar um dos mecânicos do clube para vir consertar o seu carro. Archer pode esperar aqui para ter certeza que nada vai acontecer. Enquanto isso, você pode montar até em casa comigo, assim ainda vai poder dar aula para Willow.

Alex contemplou minhas palavras. — Esse mecânico é bom ou ele só vai me fazer dar uma volta?

Eu ri com o duplo significado potencial²⁸ das suas palavras. — Ele vai fazer um bom trabalho ou ele vai se ver comigo.

— E isso é motivação suficiente? — ela perguntou, curiosa.

Levantando as sobrancelhas para ela, perguntei, — O que você acha?

Em vez de responder, ela exalou um longo suspiro. — Tudo bem, — ela murmurou antes de pegar sua bolsa. — Sinta-se livre para tirar o valor do conserto do meu salário.

— Acho que não é necessário. — Quando ela começou a protestar, levantei a mão. — O que você faz vale muito mais do que a gente te paga.

Abaixando a cabeça, ela mordeu o lábio. — Obrigada. Isso significa muito vindo de você.

— De nada. — Porra. Se a Alex irritada e agressiva não me excitou, então essa Alex tímida e agradecida fez meu pau se contorcer.

Quando cheguei na moto, peguei meu capacete para dar a ela. — Como eu não tenho uma *old lady*, minha moto não é equipada com um assento extra. Você vai ter que se sentar bem perto de mim. — Em vez de pegar o capacete, Alex permaneceu imóvel, olhando para a moto.

— O que está errado?

Ela balançou a cabeça furiosamente e recuou. — Eu não vou subir nessa moto.

— Por que diabos não?

— Porque eu não consigo.

— Você não me parece o tipo covarde.

Seus olhos escuros brilharam veneno para mim. — Eu não sou... Covarde. Eu sou apenas prática. Motos são perigosas.

— E aquela história de querer montar uma?

— Eu só estava querendo encontrar uma maneira de mudar de assunto antes que você e Rev deixassem Willow mais nervosa com a brida de vocês.

— Nós não estávamos brigando, — eu retruquei. Mais uma vez, empurrei o capacete para ela. — Olha, princesa, eu não tenho tempo nem energia para essa sua besteira. É realmente muito simples. Você vai para casa comigo e dá aula para Willow ou se senta aqui nesse estacionamento quente pra caralho e espera o nosso mecânico, que pode ou não conseguir arrumar o seu carro agora.

Timidamente, ela estendeu a mão para o capacete. Não deixei escapar o fato de que ela estava tremendo. — Você estava certo.

— Sobre o quê?

— Eu sou covarde.

Eu ri de sua confirmação. — Não há nada pelo que ter medo, querida. Você só se segura firme em mim e eu faço o resto. Ok? — Ela deu um passo mais perto da moto. Respirando fundo, ela colocou o capacete. Quando ela jogou uma perna sobre o assento, lhe dei o meu sorriso mais sincero, que Alexandra respondeu com dois estúpidos polegares para cima.

Balançando a cabeça, eu deslizei no assento na frente dela. Quando suas mãos agarraram meu colete, alcancei atrás de mim para trazê-las para contornar a minha cintura. — Essa não é a hora para ser tímida. Me segure firme. — Eu, então, liguei o motor. Quando derrubei o apoio lateral, Alex se agarrou em mim como se fosse uma segunda pele. Suas coxas apertaram as minhas, e levou tudo dentro de mim para não deixar que meu pau reagisse.

Olhando por cima do meu ombro, eu gritei sobre o rugido do motor. — Você sabe, eu nunca deixaria nada de ruim acontecer com você enquanto estou aqui.

— Eu gostaria que isso me fizesse sentir melhor, — ela murmurou.

— Confie em mim, Alex.

Seus olhos encontraram os meus. Ela deu um leve aceno com a cabeça. — Ok, eu confio em você.

Eu sabia como era difícil para ela dizer isso, o que causou um aperto estranho no meu peito. Sem outra palavra para ela, me virei para frente e comecei a sair do estacionamento. No momento em que saímos para a estrada, Alex se moldou a mim de novo. Eu não tinha tido uma mulher na parte de trás da minha moto desde Lacey. Meus irmãos podiam ter um rabo novo na sua moto a cada semana, mas para mim isso significava muito para que eu desse carona a qualquer garota. E mesmo sendo tão íntimo fisicamente como eu era com Cheyenne, ela nunca andou comigo. Agora, por causa de um alternador

fodido, eu tinha quebrado a minha regra.

À medida que acelerei ao longo das ruas em direção ao complexo com Crazy Ace, outro dos nossos prospectos, na minha cola, eu não podia deixar de desfrutar da sensação dos braços de Alex ao meu redor, seus dedos abertos no meu peito. Minha mente imediatamente começou a imaginar como seria puxar ela para o meu colo, meus quadris arqueando contra sua buceta coberta pela calça jeans. Eu não pude evitar gemer tanto pela imagem quanto pelos meus pensamentos fora de controle. A última coisa que eu precisava era que Alexandra sentisse que eu estava duro. Ela provavelmente ia surtar e cair da moto na tentativa de ficar longe da minha perversão.

Finalmente, chegamos ao complexo. Eu parei minha moto em uma das vagas e desliguei o motor. Olhando atrás de mim, perguntei, — Você está bem?

Surpreendentemente, ela sorriu para mim. — Sim, eu estou. Depois que começou não foi tão ruim.

— Fico feliz em ouvir isso.

Ela pulou para fora e tirou o capacete. Quando o devolveu para mim, ela disse, — Talvez você possa me dar uma carona de novo outro dia?

Ao mesmo tempo em que eu estava amarradão por ela querer montar outra vez, eu sabia que tinha que cortar isso. — Não fique se achando, querida. Seu carro estava com problemas – isso é tudo.

Alex olhou para mim por um momento antes de colocar as mãos nos quadris. — Não fique se achando você, pensando que eu estava insinuando querer algo mais além de outro passeio de moto.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, Rev saiu do clube. — Aí estão vocês. Willow estava ficando em pânico.

— Desculpe. Meu carro não pegava.

Rev olhou de mim para ela. — E ele te deu carona na moto?

— Sim, ele deu.

— Uau. Ele nunca deixa mulheres andarem na moto dele.

Enquanto eu atirava para Rev um olhar “vai se foder”, os olhos de Alex se arregalaram para mim. — Sério?

Coçando a parte de trás da minha cabeça, eu respondi, — Eu não gosto de ser incomodado por nenhuma cadela quando estou montando.

Rolando os olhos, Alex disse, — Só quando eu acho que você poderia estar se redimindo um pouquinho, você vem e diz algo assim.

Eu não podia deixar de ri quando ela saiu marchando para dentro do clube.

Quando Rev olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, eu balancei minha cabeça. — Não pergunte até que eu tenha bebido, pelo menos, duas cervejas.

Ele riu e me seguiu para dentro.

Duas horas e três cervejas depois, eu ainda estava falando qualquer merda com os caras quando Alex e Willow apareceram. Deixando de lado a minha quarta cerveja, eu fui até elas. — Rev está esperando você. Direto para a casa de Mama Beth.

Willow assentiu. Depois de dar um abraço em Alex, ela correu para a porta de trás, onde pegou a mão de Rev e o puxou para fora.

Quando eu vi Alex olhando ansiosamente para uma das cervejas dos caras, eu disse, — Foi um longo dia com alguns solavancos no caminho, então me deixe pagar uma bebida para você.

Suas sobrancelhas subiram em surpresa com a minha oferta. — Você quer me comprar uma bebida?

— Claro, — eu respondi, dando a ela o meu sorriso mais convincente.

— Esse é seu jeito de se desculpar por ser um imbecil sobre o passeio de moto?

Com um encolher de ombros, eu respondi, — Talvez.

— Ainda não podemos dizer que você sente muito, não é?

Eu resmunguei. — Não tenho certeza de que eu preciso, mas se isso te faz sentir melhor, eu sinto muito.

Alex sorriu triunfante para mim. — Isso foi um pedido de desculpas de merda, mas como vem de você, eu vou aceitar.

— Isso significa que você vai aceitar a minha bebida?

— Sua mãe não está te esperando para o jantar?

Eu balancei minha cabeça. — Eu e os rapazes temos que nos virar nas noites de quarta. Mama Beth tem seu encontro de estudos bíblicos com outras senhoras na casa dela.

— Como deve ser terrível ter que cozinhar para si mesmo, — ela disse, os lábios se curvando em um sorriso brincalhão.

— Quando se trata de cozinhar e limpar, nós temos uma sorte de merda.

Ela riu. — Parece um homem típico falando.

Apontando para o bar, eu perguntei, — Qual é a sua bebida?

— Depende. Se eu estou em casa e quero relaxar lentamente, eu iria por uma cerveja. Mas depois de um longo dia como hoje, quando eu quero que o zumbido venha rápido, eu iria por uma tequila.

Eu bufei. — Uma coisa forte como tequila? Você tem que estar brincando comigo, princesa.

— Não. Patrón Prata²⁹, se você tiver.

— Eu pensei que você ia escolher um pouco de vinho branco.

Ela sorriu. — Eu sou paradoxal.

Revirando os olhos, eu disse, — Palavras grandes de novo.

— Eu tenho dois lados que juntos não fazem sentido.

— Eu teria que concordar. — Acenando para Cheyenne, eu disse, — Nos dê duas doses de prata³⁰.

Cheyenne me deu um olhar um pouco faiscante antes de alcançar debaixo do balcão e pegar a Patrón. Ela bateu os dois copos sobre o balcão com um pouco mais de força do que ela faria normalmente, antes de despejar a tequila transparente. Sem outra palavra para mim, ela foi para o final do bar, onde alguns dos outros caras estavam chamando.

Alexandra pegou ansiosamente seu copo. Depois ela levantou as sobrancelhas para mim. — Em um gole?

Com um aceno de cabeça, peguei meu copo. — Em um gole, — eu repeti. Quando trouxe meu copo aos lábios, olhava para Alexandra, esperando que ela amarelasse. Em vez disso, no entanto, ela virou todo o conteúdo do copo e nem sequer chupou o limão.

Assim que terminei o meu, sorri para ela. — Impressionante.

— Obrigada.

— Outro?

— Eu realmente não deveria.

— Vamos lá. Viva um pouco.

— Montar uma moto e ficar bêbada de tequila sendo que tenho que trabalhar amanhã? Eu diria que você é uma má influência para mim.

— Eu tomo isso como um elogio.

Ela riu. — Imagino que sim. — Ela então me entregou seu copo. — Vou aceitar a sua oferta.

— Bom. — Quando eu olhei pelo comprimento do balcão, Cheyenne mais uma vez olhou para mim. Eu não sabia qual era a porra do seu problema. Eu só estava tomando uma bebida com Alexandra. Não era como se eu estivesse transando com ela no bar ou algo assim.

Sem dizer uma palavra, ela se aproximou de mim. Ela bateu a garrafa de Patrón no balcão do bar. — No caso de vocês quiserem mais.

E então ela se afastou. Alex olhou de Cheyenne para mim. — Eu não acho que ela é muito minha fã.

Com um encolher de ombros, eu respondi, — Não importa.

— Quando ela olha para mim como se quisesse arrancar meus olhos, importa sim. — Alex passou o dedo sobre a borda do copo de tequila. — Vocês estão juntos? — ela perguntou suavemente.

— Não exatamente.

— O que isso significa?

Agarrando a garrafa de Patrón, eu nos servi outra dose bem necessária. Sem responder a sua pergunta, levantei meu copo para ela. — Em um gole só de novo.

Alex pegou seu copo e bateu no meu. — Saúde. — Então nós dois viramos nossas doses, estremeçando um pouco quando o álcool queimou nossas gargantas. — Agora responda à minha pergunta, — Alex disse em um tom de quem não estava brincando.

— Tudo bem, mas você não vai gostar. — Eu me servi outra dose. Surpreendentemente, Alex empurrou seu corpo para mim, querendo outra dose também. Depois que bebemos, eu disse, — Eu não estou namorando Cheyenne, mas estou transando com ela há mais de um ano.

Os olhos escuros de Alex se arregalaram com a minha declaração. — Entendo.

— Ei, você pediu.

— Na verdade, eu vejo além disso. Ela quer mais de você, mas você não está disposto a dar. Certo?

— Talvez.

— Você não quer se acomodar, agora que tem Willow?

— Willow não precisa que uma mulher seja jogada sobre ela de maneira forçada para brincar de ser sua mãe. Ela já tem Mama Beth. Além disso, Cheyenne não é o tipo maternal. Eu não sei nem se ela é o tipo para ser esposa.

— Não foi exatamente isso o que eu perguntei, mas sua atitude evasiva sobre o assunto do casamento e do compromisso está me dando toda a resposta aqui.

— Olha, eu sempre sou honesto com as mulheres com quem eu estou. Qualquer fantasia que elas tenham sobre mim é maldito problema delas.

Alex revirou os olhos. — Você é tão romântico.

— Bem, bem, que temos aqui? — questionou uma voz atrás de nós.

Alex se virou um pouco rápido demais, o que a fez cambalear. — Eu provavelmente deveria ter comido alguma coisa antes de virar essas três doses, — ela murmurou.

— Talvez você devesse ter alimentado a pobre menina, Deacon, — a esposa de Case, Kim, ralhou.

— Você sabe que o meu negócio é deixar elas bêbadas do que manter elas sóbrias, — eu respondi com uma piscadela.

Kim bateu no meu braço de brincadeira antes de me abraçar. Quando ela se afastou, seus olhos verdes me lançaram um olhar interrogativo. Eu sabia que ela estava perguntando o que diabos eu estava fazendo na festa com Alex, especialmente na frente de Cheyenne. Como *old lady* do presidente, ela era encarregada de manter a paz entre as esposas e prostitutas do clube. Pela sua expressão, eu poderia dizer que ela pensava que toda essa situação tinha “problemas” escrito sobre ela.

Embora eu não fosse alguém que sempre quis uma *old lady*, Kim era uma das melhores. Com seu bom humor, sua personalidade radiante e seu coração tão grande quanto seus peitos naturais, ela era uma incrível esposa para um presidente. Case tinha se apaixonado no momento em que a viu dançando, ainda menor de idade, no salão do clube. No início, a gostosona loira de dezessete anos não ligou para o Case de trinta. Como eu, ela tinha fugido de um orfanato aos quinze anos e estava tendo uma vida dura nos

últimos dois anos. Mas assim que ela completou dezoito e ele começou a mostrar a lhe mostrar um lado mais suave – um que seus irmãos não tinham ideia que existia – ele finalmente conquistou seu coração. Eles se casaram um ano depois, e ainda hoje não conseguiam manter as mãos um longe do outro, o que era evidente pelos seus cinco filhos com idades variando entre os três e os vinte.

Além da ira de Mama Beth, Kim foi uma das principais razões pela qual prostituição nunca fui um dos negócios dos Raiders. Ela tinha sido forçada a seguir esse caminho no período em que viveu nas ruas, e Case respeitava demais a sua dor para lidar com qualquer coisa além de strippers nos negócios.

— Onde estão as suas maneiras, Deacon? Me apresente a sua amiga, — disse Kim, interrompendo meus pensamentos.

— Essa é a professora de Willow, Alexandra Evans. — Apontando para Kim, eu disse a Alex, — Essa é Kim, a esposa do nosso presidente.

Alex estendeu a mão. — É um prazer.

— Iguamente, — Kim respondeu com um sorriso.

Tiny apareceu em seguida, com uma prancheta na mão. — Ei, chefe. Acabamos de receber algumas entregar que você precisa ver.

Eu balancei a cabeça. — Me desculpem, senhoras. — Depois que pulei fora do meu banco, me virei para Rev. — Fique de olho nela, — eu disse em voz vai.

— Pode deixar, — ele respondeu.

Levou uns bons quinze minutos para cuidar do inventário da entrega. Era necessário um pouco de cuidado extra ao supervisionar o que entrava no armazém, considerando que o que havia dentro era nossa última remessa de armas para o braço dos Raiders no Tennessee. Uma vez que estava tudo trancado lá dentro, voltei para o clube.

A música estridente vinha do jukebox, assim como os sons de assobios e vaias, e isso me recebeu assim que passei pela porta. Eu não podia imaginar que diabos estava acontecendo lá. Então fiz uma parada abrupta ao ver Alex em cima do bar, dançando com Kim. Mas ela não estava só dançando. Não, ela estava cantando o mais alto que podia com a esposa do presidente “Pour Some Sugar On Me³¹”.

— Puta que pariu, — eu murmurei baixinho.

Cerca de dez dos rapazes cercavam o bar, assistindo e gritando para elas. Naturalmente, a maioria tinha seus olhares pervertidos fixos em Alex. Seu corpo ágil era tão bom no balé quanto na dança em cima do balcão do bar. Cada balanço dos seus quadris e deslizar da sua mão pelo seu corpo fazia o meu pau inchar. Era virar e fugir ou tirar Alex de cima da porra daquele bar. Claro, havia também uma terceira opção, que era tirar ela dali, a levar para o meu quarto e foder ela até perder a cabeça.

E escolhi a alternativa B pelo bem de nós dois. Eu só podia imaginar que sóbria Alex ficaria mortificada com o seu comportamento. Avançando até o bar, empurrei alguns caras para fora do caminho. Quando vi Rev, bati na parte de trás da sua cabeça.

— Jesus, homem, qual é o seu problema? — ele gritou por cima da música e da cantoria.

Apontando para Alex, eu disse, — Eu pensei que tinha dito para olhar ela.

Rev sorriu. — Eu estou olhando.

— Sim, só para constar, ela dançando em cima do bar não era o que eu tinha em mente.

— Vamos lá, Deacon. Ela só está se soltando e se divertindo um pouco.

Quando lhe dei o meu olhar “você só pode estar brincando comigo” Rev disse, — Ela só está dançando. Se ela tivesse tentado começar a tirar a roupa, eu teria impedido. Quanto aos nossos irmãos, você pode ter certeza que ninguém tocou em um fio de cabelo dela... bem, ninguém além de Kim.

Naquele momento, Alex empurrou sua bunda para Kim e esfregou contra ela. — Doce Senhor, — eu resmunguei, enquanto os homens ao redor gritaram mais em aprovação. Quando Alex finalmente encontrou meu olhar, eu a chamei até mim com o dedo. Com a graça de uma supermodelo em uma passarela, ela caminhou pelo comprimento do balcão até onde eu estava. No momento em que ela ficou ao meu alcance, acenei para ela baixar mais, como se fosse sussurrar em seu ouvido. Quando ela fez isso, a agarrei pela cintura e puxei para baixo.

Meus irmãos vaiaram e assobiaram em protesto. — Calem a boca! — eu gritei quando coloquei Alex no chão.

— Não. Eu não quero parar de dançar.

— Sim, você quer.

— Eu estou com sede, — ela disse distraidamente. Um de nossos membros de fora da cidade, Tony, lhe entregou uma cerveja. — Obrigada, — ela respondeu docemente. Ela então começou a tomar a coisa em uma série de grandes goles e depois mais uma que foi colocada em suas mãos ansiosas.

— Eu não acho que isso foi uma boa ideia. — Agora que ela estava fora do bar, começou a balançar um pouco. Agarrando seus ombros, eu a equilibrei. — Ok, eu acho que é oficialmente hora de você ir para a cama.

Alex empurrou minhas mãos para longe dela. — Não seja um desmancha prazeres, — ela disse com a voz arrastada. Olhando por cima do seu ombro, ela gritou: — Mais doses!

Enquanto Rev ri do seu entusiasmo, uma música com uma batida rápida veio do jukebox, e Alex se esforçou para subir no bar novamente. — Pode descer.

— Mas eu quero dançar de novo.

Depois de sua cerveja, ela mal conseguia andar, muito menos dançar. Quando eu apertei meus braços ao redor da sua cintura, ela se virou e, em seguida, me empurrou com o máximo de força que uma bêbada do seu tamanho conseguiria. Eu não me mexi, então ela me deu um tapa estalado no rosto. — Me solta!

— Se eu fizer isso, você vai acabar no chão.

Levantando o queixo para mim, ela gritou, — Você é um idiota!

— E você é uma bebadazinha malvada, — eu brinquei, meu rosto ainda doendo.

As sobranceiras de Alex se juntaram. — Eu sou mesmo uma bêbada malvada?

— Considerando que você acabou de me dar um tapa, eu diria que sim.

Ela ofegou. — Oh meu Deus. Eu sou uma pessoa horrível.

— E uma bêbada malvada, — eu provoquei. Quando seu queixo tremeu, eu gemi. — Agora não seja a bêbada chorona também, — eu resmunguei.

Depois de fungar, ela disse, — Me desculpe pelo tapa, Deacon.

— Tudo bem. Eu sou homem suficiente para aguentar.

Quando ela olhou para mim, franziu a testa. Fechando os olhos, ela balançou a cabeça. Quando os abriu novamente, ela parecia estar olhando além de mim. — Vocês dois não me odeiam, não é?

Eu olhei de um lado para o outro. Havia apenas eu e Alex ali de pé. — De que diabos você está falando?

Ela apontou com o dedo para mim e para o lugar vazio ao meu lado. — Você e ele.

— Jesus, agora você está vendo o dobro?

Ela soluçou. — Pode ser.

Revirei os olhos. — Ok, você está realmente indo para a cama agora. — Tomando-a pelo braço, comecei a leva-la na direção dos quartos.

— Boa noite, Alex! — veio um coro de vozes masculinas.

— Boa noite, rapazes! — ela gritou por cima do ombro.

À medida que começamos a andar pelo corredor, ela olhou para mim. — Sabe, eu realmente gosto dos seus amigos... quero dizer, irmãos. Os motoqueiros são muito legais.

— Estou feliz que você pense assim, — eu disse.

Quando chegamos ao meu quarto no clube, Alex olhou ao redor. — Eu estava esperando algo diferente.

— Como o quê?

— Muito couro preto, alguns móveis de pele, e muitos dos espelhos.

Eu ri. — Bem, tem esse aqui, — eu disse, apontando para o teto.

— Oh, — ela murmurou, olhando para os nossos reflexos.

— Eu não posso ficar com o crédito de colocar ali. Quem quer que tenha sido o dono desse quarto antes de mim devia gostar de espelhos.

Alex olhou para mim novamente. — Mas você não tirou?

— Nah. É bem legal, às vezes.

— Eca.

— Não fale mal até experimentar, baby.

Ela me lançou um olhar de novo antes de tropeçar até a cama. Quando ela começou a deitar de cara no colchão, eu a peguei pelo braço. — Espere um minuto. — Com o braço livre, eu puxei as cobertas para baixo. — Deite embaixo das cobertas.

Ela bufou, — Sim, papai.

Revirando os olhos, eu respondi, — Não me chame assim.

Em uma voz melodiosa, ela perguntou, — Você vai ler para mim uma história para dormir também?

— Não, eu não sou. Vou esperar e rezar para o seu rabo bêbado finalmente desmaiar, porque você está me deixando louco. — Sua resposta foi me mostrar a língua. — Agora você também é uma bêbada imatura.

— Ugh, que calor, — ela reclamou, chutando fora as cobertas.

— Se você puder esperar um minuto maldito, eu vou ligar o ventilador. — Quando me virei depois de ligar o interruptor, puxei uma respiração dura ao ver Alex tirando a camiseta. O sutiã de renda branco era a porra da coisa mais sexy que eu tinha visto em um longo tempo do caralho. Ele podia não ser muito revelador, mas apenas de ver o contorno dos mamilos rosados de Alex debaixo daquela renda de merda me deixou com a boca seca.

Mas ela não tinha acabado de me atormentar. Ah, não. Ela teve que tirar suas calças jeans também, revelando uma calcinha tipo shorts branco. Lambi os lábios, tentado me segurar para não arrancar aquela coisa e enterrar meu rosto entre as suas pernas.

Com meu pau batendo contra o zíper, eu sabia que precisava dar o fora dali. Se eu não fizesse isso, ia acabar me arrependendo de algo que eu nunca, nunca fiz, que foi foder uma garota totalmente bêbada. Quando me virei para sair, ela agarrou meu braço e me puxou para a cama. — Nãããã, não me deixe.

— Porra, me dá um tempo, Alex. Você consegue dormir sozinha.

Ela deu uma risadinha. — Eu prometo não tentar tirar vantagem de você.

— Não é isso. — Não, eu seria o único tirando vantagem dela de uma centena de maneiras diferentes.

Sua diversão desapareceu. Olhando para mim com aqueles grandes olhos castanhos, ela perguntou, — Você não quer ficar comigo?

— Você não faria essa pergunta se estivesse sóbria.

— E por que não?

— Porque você saberia que com toda certeza do inferno eu não sou o tipo de homem que faz o que uma mulher pede.

— Mesmo se ela implorar?

— Eu só escuto o que uma mulher implora quando eu estou trepando.

Ela torceu o nariz. — Você é um porco nojento.

— Sim, eu sou, querida. E não se esqueça isso.

— Você pode pelo menos se sentar na beirada da cama até que eu durma?

— Você não vai desistir, vai?

— Eu prometo que não vou contar a ninguém que você fez isso. Você pode manter as aparências para os seus irmãos. Além disso, eu provavelmente não vou nem lembrar de nada disso amanhã, de qualquer maneira.

Eu não sei porque me sentei na cama. Mas, novamente, aquela pequena voz de consciência, que eu normalmente ignorava, parecia simplesmente anular qualquer ideia de dizer não a Alex. Toda vez que ela chegava um pouco mais perto de mim, eu deveria disparar na direção oposta. Eu nunca conheci uma mulher perigosa assim – que me fazia fazer merda que eu não queria fazer e considerar merdas que eu não queria considerar.

Esticando as pernas, me empurrei na cama até me recostar sentado contra a cabeceira. Embora não estivéssemos nos tocando, eu podia sentir Alex ao meu lado. Ela me esmagava com a sua presença na minha cama – o cheiro do seu perfume, seu cabelo caindo em camadas pelo travesseiro, sua coxa nua deslizando para fora do edredom.

Lacey tinha sido a última mulher com quem eu tinha deitado em uma cama sem transar. Quando ela não estava aquela bagunça bêbada, não tinha nada que eu amasse mais do que ficar deitado de conchinha com ela. Claro, isso geralmente levava a uma ereção e a sexo, mas só seu corpo suave fazia algo comigo – ele me acalmava. Eu estava começando a me sentir da mesma forma com Alex.

Eu não sei quanto tempo nós ficamos lá. Alex estava tão quieta que eu pensei que ela tinha adormecido. Mas então ela mudou de posição. Apoiando a cabeça no cotovelo, ela olhou para mim. — Me diga algo sobre você, algo que você nunca disse a ninguém.

Eu fiz uma careta para ela e respondi, — Você pode dar o fora daqui se pensa que eu vou fazer isso.

— Por que não?

Eu entrelacei meus dedos atrás da cabeça. — Porque esse não sou eu, querida. Não é quem eu sou e eu nunca vou ser.

— Por que você tem tanto medo de se abrir para alguém?

— Eu não tenho, — eu rosnei.

— Sim, você tem.

Olhando para ela com frieza, eu disse, — Se você não parar com essa merda emocional, eu vou embora. Eu juro que você é a bêbada mais lúcida que eu já vi. Por que você não está rindo e agindo como uma idiota?

— Depois da agitação inicial, o álcool normalmente me faz ver com mais clareza.

— Sorte a minha.

— Eu só achei que nós poderíamos conversar um pouco. Quer dizer, eu estou vindo aqui a dias e eu mal conheço você.

— E eu gostaria de manter assim.

Fúria e mágoa brilharam em seus olhos escuros. — Você é um idiota.

— Vai ser bom para você se lembrar disso, — eu respondi.

— Ótimo. Você sabe o quê? Vou compartilhar algo meu primeiro, para estabelecer confiança.

— Você pode falar até que esteja azul, eu não vou dizer merda nenhuma.

— Você quer saber por que eu decidi ser professora?

— Não, não quero, porra.

Me ignorando, Alex disse, — Quando eu tinha dezessete anos, fiquei grávida do meu namorado.

Meus olhos se arregalaram, e eu fiquei olhando de boca aberta para ela. Essa era a última coisa que eu esperava que ela dissesse. — Você quer dizer que uma boa garota como você ficou grávida do namorado? — quando ela acenou com a cabeça, não pude deixar de perguntar, — Mas eu pensei que você tivesse dito que não tinha filhos. Você o deu para alguém ou algo assim?

— Algo assim, — ela respondeu em um sussurro agonizante.

A eletricidade no quarto mudou. Eu percebi que nós estávamos na borda do equivalente a penhasco emocional. Se eu continuasse falando com Alex sobre isso, poderia muito bem pegar a mão dela e fazer com que nós dois saltássemos sobre a borda. Com as apostas tão altas, não sei por que eu queria que ela continuasse a história. Apoiando o queixo na mão, ela virou o rosto para olhar para mim. — O que aconteceu, Alex?

— Ninguém nunca soube que eu estava grávida. Eu não contei ao meu namorado, e eu não contei aos meus pais. Eu tinha descoberto há pouco tempo. — Ela estremeceu. — Eu estava assustada. Eu estava assustada pra caralho. A partir do momento em que vi o sinal de positivo no teste, isso me despedaçou emocionalmente. Parecia que eu estava fora do meu corpo, me observando como se eu fosse um estranho. Tudo o que eu disse ou fiz a partir daquele momento era outra pessoa. Eu sempre amei bebês. Eu era voluntária no berçário da igreja e tomava conta das crianças de todo mundo na minha rua. Mas, nesse momento, quando era hora de ter o meu próprio bebê, eu não podia aceitar. — Ela olhou para mim para avaliar minha resposta – seus olhos estavam cansados como os de um soldado depois da batalha.

— Você fez um aborto?

Uma risada sem alegria escapou de seus lábios. — Se eu fui a uma clínica e esperei que alguém matasse o meu bebê? Não. Eu nunca poderia ter feito algo assim. — Ela balançou a cabeça. — Eu fiz algo muito, muito pior. — Ela olhou para mim, seus olhos escuros quase sem alma. — *Eu matei o meu bebê.*

Puxei uma respiração afiada, em choque com a admissão. — Você fez o quê?

— Foi durante um dos ensaios no estúdio onde eu fazia balé. Nós estávamos praticando elevações com parceiros masculinos. E tinha esse garoto alto e eu estava praticamente em cima da sua cabeça. Quando a ideia surgiu, não tomei um segundo para tentar me convencer do contrário. Eu só agi. — Ela soltou uma respiração irregular, seus olhos em mim, mas vendo o passado.

— Você poderia pensar que teria que ser algo difícil e importante tirar uma vida do seu corpo. Mas foi tão simples... apenas um deslize da minha perna, em uma posição que eu já tinha executado perfeitamente várias vezes. E mesmo quando eu comecei a cair, ainda não era tarde demais. Eu poderia ter mudado de ideia, torcido o meu corpo e ter caído de costas. Mas não. Eu fiz tudo certo e caí com toda força de barriga no chão.

Seus olhos se fecharam, como ela estivesse mais uma vez experimentando a dor física, juntamente com seu tormento emocional. — Todo ar saiu do meu corpo e eu fiquei lá, deitada, lutando para respirar. Todos vieram correndo, me perguntando se eu estava bem. Quando eu pude finalmente respirar de novo, me senti mal pelo que eu tinha feito, então pedi licença e fui para casa. O resto da noite eu esperei que algo acontecesse, mas nada aconteceu. Então, na hora de dormir, eu estava deitada na cama e coloquei minha mão sobre minha barriga dolorida, e nesse instante a coisa mais estranha aconteceu. A aceitação do amor mais absoluto que eu sentia pelo meu filho correu através de mim. Eu fui dormir pronta para contar aos meus pais sobre o bebê logo na primeira hora da manhã.

As lágrimas brilhavam em seus olhos, e eu poderia dizer que ela estava perto de desabar. — Acordei em uma poça de sangue. Quando eu gritei, meus pais vieram correndo. Fingi que era apenas dor de cólicas menstruais muito fortes. Depois de enxotar meu pai constrangido porta afora, minha mãe começou a cuidar de mim como se eu fosse uma menina novamente. Ela me despiu como uma criança e me colocou no chuveiro. Enquanto eu lavava o sangue inocente do meu bebê de mim, ela trocou os lençóis. Se ela suspeitou de algo, nunca me disse nada. Ela apenas ligou para o trabalho dizendo que não poderia ir e ficou na cama comigo o dia todo, me dando todo o conforto que eu precisava.

— Jesus, — eu murmurei, sem saber o que diabos dizer depois dessa história. Parte de mim queria dar o fora dali e colocar a maior distância possível entre mim e a dor de Alex. De alguma forma, estar naquele quarto com ela era mais difícil do que matar um bandido com uma arma.

— Um ano mais tarde, no mesmo dia que eu matei meu bebê, meus pais foram morreram. Às vezes eu penso que isso foi um castigo pelo que eu fiz – uma retribuição cármica porque eu joguei fora algo que me foi dado, então outra coisa que eu adorava foi tirada de mim. — Por um minuto eu me perguntei se ela falou isso por causa do álcool, mas depois me lembrei do quanto a bebida a deixou afiada.

— Ei, não pense uma merda dessas. — Quando Alex não olhou para mim, tomei seu rosto em minhas mãos, apreciando a suavidade da sua pele. — Você ouviu? A morte dos seus pais não teve nada a ver com o bebê. Merda ruim acontece o tempo todo.

Ela não ouviu nada do que eu disse. — Depois que eles morreram, eu mudei o foco do meu curso para educação. Não só para honrar a sua memória, mas eu pensei que se eu pudesse amar crianças, poderia, de alguma forma, me redimir pelo que eu fiz.

— Alex, me escuta, caramba. Você era só uma adolescente assustada que escolheu um caminho que talvez não fosse o melhor. No fim das contas o que você fez não foi diferente de ir a uma clínica. O resultado final teria sido o mesmo.

— Eu fiz isso sozinha. Isso torna as coisas piores.

— Mas não torna. — Segurando seu queixo, inclinei sua cabeça para que ela me olhasse nos olhos. — Você não matou os seus pais. Essa merda não funciona assim. Sim, você matou seu bebê, mas isso não iniciou uma cadeia cósmica de eventos para te punir.

Quando ela só suspirou em resposta às minhas palavras, eu disse, — Tudo bem. Você quer algo sobre mim? Eu vou te dar uma coisa. Quando eu tinha quinze anos, eu matei meu pai.

Enquanto eu pensei que a minha afirmação ia fazer ela sair correndo, ou pelo menos ofegar em choque, ela não fez nada disso. Ela só olhou para mim, esperando que eu continuasse. — Isso não te assusta?

— Eu sempre soube que você era um fora-da-lei, Jesse James, — ela disse com um pequeno sorriso.

— É mesmo?

Ela deu um leve aceno de cabeça. — Mas sem você me contar a história entre vocês dois, eu só posso imaginar que você teve um motivo.

A estranha calma do caralho com a qual ela disse essas palavras teve o mesmo efeito em mim como se alguém tivesse me jogado um balde de água gelada. — Como você, de todas as pessoas, pode sentar aqui e dizer que eu tinha razão? Eu matei o homem que era minha própria carne e sangue, — eu retruquei.

Se arrumando na cama, ela me prendeu com um olhar. — Você quer que eu seja juiz, júri e carrasco? Então não me conte que você o matou. Eu posso não te conhecer bem, mas o que eu conheço me diz que você nunca iria matar alguém a menos que tivesse que fazer isso. — Levantando o queixo para mim, ela disse. — Me diga o que ele fez com você.

— Eu acho que você é inteligente o suficiente para já saber.

— Mas eu preciso ouvir isso de você. — Avançando mais perto de mim na cama, ela murmurou, — Eu também acho que você precisa dizer isso em voz alta.

O pânico se instalou debaixo da minha pele. Eu não pude deixar de olhar para a porta, ansioso para fugir. Ninguém sabia sobre o meu velho, somente eu e Preach. Havia a possibilidade de Preach ter contado a algum dos irmãos, mas eu duvidava.

— Meu pai adotivo, Preacher Man, deixou a sua igreja no verão. Naquele outono ele veio até mim e perguntou se eu queria me vingar do meu pai. Eu disse a ele que sim, eu queria – isso era algo no qual eu tinha pensado em todos os dias da minha vida. Eu fiquei impressionado pra caralho quando ele me disse que conseguiu rastrear o meu velho – algo que nem os policiais tinham conseguido fazer – e, se eu quisesse, ele iria me levar até ele.

— O que aconteceu então? — Alex indagou.

Dei de ombros quase de forma apática. — Nós dirigimos para o Texas, para que eu pudesse acabar com ele.

— Há mais do que isso.

Sorrindo para ela, eu respondi. — Mas, se eu te disser, vou ter que te matar.

— Depois do que eu contei, pensei que nós tínhamos estabelecido mais confiança do que isso.

— Certo. Você quer os detalhes para poder ter pesadelos e nunca mais querer estar na mesma sala comigo outra vez?

Baixando os olhos, ela respondeu, — Não realmente.

— Então pare de fazer perguntas como essa, porra, porque você não vai gostar das respostas. Tudo que você precisa saber é que ele está morto e nunca mais será capaz de machucar alguém.

— Como ele machucou você? — ela perguntou, seus olhos escuros mais uma vez encontrando os meus. Eles eram hipnóticos pra caralho, e eu mal conseguia desviar o olhar. Ela tinha que estar fazendo algum tipo de vodu hipnotizante para me fazer falar tanto assim.

— É desperdício de ar falar.

— Eu ainda quero saber.

Joguei minhas mãos no ar em derrota. — Meu velho a porra do mal encarnado. Que diabos minha mãe viu nele, eu nunca vou saber. Acho que ela pensou que poderia mudar ele, salvá-lo do que ele era. Mas ele só acabou arrastando ela com ele. Quando eu tinha dois anos, ele a empurrou escada abaixo quando ela estava grávida de oito meses. Disse que não precisava de outra boca para alimentar. Para a sorte dele, minha irmã nasceu morta.

Alexandra pegou minha mãe, mas eu a afastei. Sua expressão ficou triste, provavelmente tanto pelo que eu disse quando pela minha reação a ela. — Coitada da sua mãe.

— Ela tentou deixar ele um monte de vezes. Antes que meus avós morressem, ela ficou com eles um tempo, mas ambos estavam tão velhos e doentes que não podiam ajudar em nada contra o meu pai. Ele ameaçou mata-los se ela não voltasse para casa com ele. — Balancei minha cabeça quando minha voz sufocou pela emoção. — Ela deve ter se sentido como a porra de um animal enjaulado.

— Me conte sobre ela.

— Ela era linda, com longos cabelos castanhos e olhos escuros. Willow vai ser parecida com ela.

— Então você é parecido com a sua mãe?

— Sim, acho que sim.

Tentei me lembrar tanto dos meus sete anos com ela quanto eu podia. — Ela tinha cheiro de damascos, porque gostava de usar uma loção com essa essência. — Uma risada trêmula retumbou por mim com uma memória em particular. — Uma vez ela não tinha dinheiro para comprar a loção. Então eu, um pirralho de cinco anos de idade, roubei alguns damascos do mercado. Eu não consegui entender porque diabos ela me arrastou até lá. Ela me fez devolver tudo ao gerente da loja, assim como pedir desculpas. Mas em seguida, da sua própria maneira paciente, ela me fez entender o quão errado era roubar. Mais do que tudo, ela disse que queria que eu fosse diferente do meu pai. — Alcançando meu bolso, puxei um maço de cigarros e meu isqueiro. Alexandra não protestou quando eu acendi. Depois de uma longa tragada, continuei. — Depois de todo seu trabalho duro, ela provavelmente não estaria muito orgulhosa de mim hoje.

— Você é muito duro consigo mesmo.

— E você é, obviamente, muito ingênua. Que parte do meu mundo que você não entende? Eu disse que matou o meu pai, porra.

— Por que você o matou, Deacon? — ela repetiu. Embora ela tivesse perguntado antes, agora pareceu abordado de forma diferente. Ela devia saber que eu me sentia perfeitamente justificado em mata-lo, mas ela ainda queria mais. Ela queria que eu abrisse aquela sepultura emocional onde eu tinha enterrado por muito tempo as razões que me levaram a assassinar o filho da puta do meu pai quando ainda era praticamente uma criança. Afinal, eu era aparentemente leal, e a maior violação da lealdade era matar seu próprio sangue.

Mesmo que devesse ter ignorado a sua pergunta e saído do quarto, decido lhe dar o que ela estava procurando. Então, talvez ela pudesse ver de uma vez por todas o grande bastardo que eu era.

— Porque ele matou a minha mãe! Ele a perseguiu e a torturou como a porra de um animal. Ele não podia só cortar a sua garganta ou matá-la. Não. Ele a fez pagar por fugir dele. Ele a surrou até que ela morreu de hemorragia interna e uma fratura no crânio que fez fragmentos ósseos cortarem o seu cérebro. — Minhas mãos trêmulas levaram o cigarro aos lábios para que eu pudesse dar uma tragada. Às vezes, tarde da noite, se as coisas estivessem muito tranquilas, eu podia ouvir os gritos dela... podia a ouvir implorando pela sua vida. E então, finalmente, implorando pela minha.

— Onde você estava quando sua mãe foi morta?

— Por que você tem que fazer tantas perguntas do caralho? Você é um tipo de aberração mórbida que se excita com essa merda? Uma masoquista de dor emocional?

Em vez de se encolher com a minha agressão verbal, Alex se manteve firme. — Onde você estava? — ela repetiu.

— Por que você precisa saber? O que você possivelmente poderia conseguir se soubesse isso, porra?

— Não é por mim que eu estou perguntando. É por você.

Joguei o cigarro no cinzeiro sobre a mesa e, em seguida, me lancei sobre Alex. Segurando seu pescoço com uma mão, olhei em seus olhos com veneno suficiente para que ela se encolhesse de medo. — Se você fosse um homem, eu ia te matar por foder comigo assim.

— Se me bater faz você se sentir melhor, te liberta da dor, então me bata.

— Não me tente.

— Responda a minha pergunta.

— Você tem vontade de morrer, mulher?

— Ele te amarrou, não foi? — quando minhas narinas se abriram com raiva, ela disse, — Ele não deixou você ir para o quarto ou ficar no carro. Ele fez você assistir o ataque, sem que você pudesse fazer nada para lhe ajudar.

Apertando sua garganta com mais força, eu queria que ela calasse a boca. Ela estava muito perto.

Ela sabia demais. Ela podia me ver muito bem.

Seus dedos vieram para os meus lados, suas unhas cavando em minha pele. Mas enquanto eu olhava em seus olhos, não havia pânico ou medo neles. Recuando, eu soltei sua garganta. Olhei para minha mão com desprezo antes de cair de lado na cama. O que diabos eu estava pensando para agarrar ela assim? — Eu sinto muito, — eu resmunguei.

— Não, eu que sinto muito.

— Você deveria sentir mesmo, depois de puxar toda merda assim.

— Eu não sinto por isso.

— Perdão?

— Sinto muito pelo menino de sete anos de idade, indefeso, que foi forçado a carregar um fardo desse tamanho, essa culpa, por algo que ele não podia controlar.

Eu praticamente saltei da cama para me afastar dela. — Você não ouse vir com essa piedade do caralho para mim.

— Sinto muito que você nunca foi capaz de se abrir com ninguém antes por medo de que eles não fossem gostar das suas partes mais escuras.

— Cale a boca! — Eu saí do quarto batendo a porta atrás de mim. Embora eu quisesse marchar direto para o bar e tomar algumas doses fortes de álcool, minhas botas permaneceram enraizadas no chão do corredor.

Deus, as coisas que eu disse a ela – revelei as partes mais profundas e obscuras dentro de mim. Nenhuma mulher jamais conseguiu tanto de mim. Nem Mama Beth, nem Lacey. O medo sempre me impedia de revelar muito. Medo de que se elas conhecessem meu verdadeiro eu, não poderiam me amar. Claro, elas podiam ter suas ideias sobre o que eu fazia e como eu lidava com os meus negócios, mas nunca me questionaram sobre isso. Inferno, ninguém tinha me alcançado como Alexandra.

Por razões do caralho que eu não conseguia entender, não saí andando pelo corredor e voltei para os meus irmãos. Em vez disso, abri a porta do quarto de merda e escorreguei para dentro.

Alexandra estava sentada na beirada da cama, o lençol puxado até o peito. Suas sobranceiras subiram quando ela me viu. — Eu ter voltado aqui não significa que eu concordo com o que você disse.

— Tudo bem, — ela disse suavemente.

Eu cruzei o quarto para chegar na cama. — Você é uma merda de uma dor na minha bunda, Srta. Evans.

— Sinto muito. Eu não quero ser.

Acenando com o queixo, eu disse, — Vá em frente e se deite na cama.

— Você não quer que eu vá embora?

— Não, não quero.

Surpresa inundou seu rosto. — Eu só esperava que...

— Você nunca cala a boca?

Seus olhos se estreitaram um pouco antes de ela deitar na cama outra vez, se enterrando debaixo das cobertas. É claro que, enquanto ela fazia isso, tive outro lampejo dos seus peitos cobertos pelo sutiã e sua maldita calcinha que era como uma cueca. Mesmo que suas atitudes tivessem me deixado furioso, apenas a visão do seu corpo magro, mas ainda forte, alimentou todas as minhas reações. Maldita mulher.

Uma vez que ela estava coberta, eu andei em torno do lado da cama. Sentei no colchão para honrar seu pedido de ficar até que ela adormecesse. Claro, mantive minha bunda em cima das cobertas e tão longe quanto eu podia dela. Quando pensei que ela tinha finalmente apagado, estendi a mão para apagar a luz.

— Deacon? — ela chamou.

— Alex, se você sabe o que é bom para você agora, vai fechar a porra dos seus olhos e dormir.

— Eu só queria dizer obrigada.

— Por que diabos?

— Por falar comigo essa noite. Isso significou muito.

Embora eu nunca fosse admitir isso a ela, isso significava muito para mim também. Um pequeno pedaço de paz correu através de mim. Independentemente de quão pequeno ele era, eu ficava feliz em tê-lo comigo. — Sim, que seja, — eu resmunguei.

Então me deixei cair no sono ao lado de uma mulher sem ter transado com ela pela primeira vez na minha vida.

Capítulo Sete

ALEXANDRA

A luz do sol batia na cama, me aquecendo debaixo dos lençóis. No momento em que minhas pálpebras se abriram, o pânico se instalou. Onde eu estava? Meus olhos percorreram freneticamente o quarto. E então tudo veio correndo de volta para mim, junto com a sensação de uma banda só de instrumentos metálicos batendo em um ritmo incansável na minha cabeça dolorida. Gemi quando as memórias de ficar totalmente bêbada e pedir a Deacon que ficasse comigo invadiram a minha mente. Também não deixei escapar que eu estava só de calcinha e sutiã. Claro, eu estava feliz de lembrar que tinha sido eu mesma que tirei a roupa, e não Deacon.

Putá merda. Eu tinha dormido com Deacon.

Olhando para o lado, achei a cama vazia. Por alguma razão, isso me incomodou mais do que deveria. Quando eu rolei, senti o buraco que o corpo de Deacon tinha feito na cama. Acho que ele realmente ficou só até que eu tivesse adormecido.

Quando eu pensei nas coisas que eu disse a ele e no que ele me disse, voltei a deitar de costas e esfreguei a minha cabeça. Eu nunca imaginei que ele seria tão aberto e honesto comigo. Mesmo que ele tivesse feito isso chutando e gritando, significou muito para mim. Eu não sei o que havia dentro de mim que precisava que ele me confiasse essa parte tão escura. Mesmo que ele não fosse reconhecer isso, eu conseguia o ver muito melhor do que ele jamais poderia ter imaginado. Ele havia se trancando tão apertado emocionalmente, que a única maneira dele aceitar plenamente o amor de Willow seria deixando de lado os fantasmas do passado e a dor que isso ainda lhe infligia.

Enquanto eu deveria estar horrorizada por ele ter assassinado seu próprio pai, eu não estava. Após a vida do inferno que ele havia enfrentado, junto com a morte da sua mãe, havia uma razão para ele ter feito o que fez. Eu não sei o que isso dizia de mim como pessoa se eu conseguia ignorar e esquecer algo tão horrível do seu passado. Talvez isso fosse o que eu devia fazer comigo mesmo.

Alguém bateu na porta. — Sim? — eu perguntei, puxando as cobertas até o pescoço.

Deacon apareceu com uma xícara de café e algo envolto em um guardanapo. — Mama Beth mandou isso para você.

Me sentando na cama, peguei o que ele trouxe. Depois de largar o café na mesa de cabeceira, desembulhei o guardanapo. — Oh, um biscoito caseiro. Não como um desses a anos.

Meu batimento cardíaco desacelerou descontroladamente quando ele me deu um sorriso genuíno que se estendeu pelo seu rosto. Eu raramente via esse tipo de sorriso vindo dele, que geralmente escondia sarcasmo ou alguma observação provocante. — Ela pensou que você ia gostar.

— Espero que ela não tenha tido todo esse trabalho só por minha causa.

— Nah. Ela sempre prepara um grande café da manhã para nós todos os dias.

— Onde está Willow? — eu perguntei depois de tomar um gole de café escaldante.

— Em casa. Não achei que ia ser uma boa ideia deixar ela saber que você ainda estava aqui.

Concordei enquanto mastigava cuidadosamente o biscoito, não querendo sobrecarregar meu estômago embebido em álcool. — Ela fazia muitas perguntas.

— Sim. — Ele ergueu as sobrancelhas para mim. — Assim como a sua professora.

Um riso nervoso borbulhou pelos meus lábios. — Sim, acho que sim.

Nenhum de nós parecia ser capaz de falar sobre o que tinha acontecido na noite passada. Deacon pigarreou. — Só para você saber, seu carro está lá fora.

— Ah é?

Deacon assentiu. — Só precisou de um novo alternador.

— Você tem certeza de que eu não devo nada?

— Não. Está tudo certo.

— Obrigada.

— As chaves estão na ignição. Eu sei que você tem que chegar no trabalho na hora certa.

Olhando para o relógio na mesa de cabeceira, vi que eram seis e meia. — Merda. Eu tenho. — No momento em que pensei em arremessar as cobertas longe e pular da cama, percebi que estava seminua.

Como se sentisse meu pânico, Deacon se virou para a porta. — Sim, sim, te vejo mais tarde.

— Sim. E obrigada novamente pelo carro.

— De nada. — Ele abriu a porta, mas, em seguida, a fechou outra vez. Olhando para mim por cima do ombro, ele disse, — Eu acredito que o que foi dito aqui na noite passada vai ficar só entre nós dois?

— Claro.

— Bom, — ele murmurou. Então ele saiu pela porta sem dizer outra palavra.

Não havia nenhuma chance que eu iria algum dia compartilhar com alguém o que Deacon me disse na noite passada. Nós dois havíamos estado extremamente vulneráveis ao revelar nossas feridas do passado. Considerando a vergonha e imensa tristeza que eu ainda carregava comigo do período negro da minha própria vida, eu nunca poderia trair a confiança dele, assim como eu gostaria que ele não traísse a minha.

No final, foi um alívio para mim poder desabafar. Por razões que eu não entendia, fez com que eu não me sentisse tão sozinha

Naquele domingo eu me encontrava a quilômetros de distância do mundo de Deacon. Um sorriso apareceu em meus lábios quando pensei no que ele dia sobre o meu entorno. Ele iria dizer que eu sentada no carro na entrada da grande casa colonial de dois andares na rua chique estava vivendo em meu mundo cor de rosa. Ele provavelmente estava certo, considerando a completa diferença que existia com o mundo

dos Raiders.

No banco do passageiro ao meu lado estava o meu labrador preto, Atticus. Ele empurrou meu braço com seu focinho preto para me apressar para fora do carro. Ele gostava da casa do tio Jimmy e da tia Joy tanto quanto eu. Parte da razão era porque ele era de uma ninhada de Mahalia, a cadela premiada do tio Jimmy. Eu acho que para ele era como voltar para casa, assim como para mim.

Atticus saiu correndo para fora assim que eu destravei a porta, nem mesmo se importando em esperar por mim. Ele parou na varanda, latindo animadamente, no tempo em que eu estava tirando a comida que eu trouxe para fora do carro. Enquanto fazia meu caminho até os degraus familiares da varanda, a porta da frente se abriu, revelando o rosto sorridente do meu tio. — Bem, olá, estranha! Estou feliz que você se lembrou de onde moramos, — ele disse com bom humor.

Eu sorri. — Sinto muito. Eu realmente ando muito ocupada ultimamente, desde que comecei a prestar serviços em casa.

Tio Jimmy acenou coma cabeça antes de me puxar para os seus braços. Eu não podia evitar agradecer a Deus por ele. Os irmãos do meu pai viviam fora do Estado e eu e meu irmão, Charlie, nunca tínhamos sido próximos deles. Como não tínhamos mais avós, nós acabaríamos sendo enviados para um deles se não fosse por tio Jimmy.

Quando eu me afastei para sorrir para ele, pude ver muito da minha mãe em seu rosto. Eles tinham o mesmo cabelo escuro ondulado, embora o de tio Jimmy agora tivesse muito mais cinza do que o da minha mãe alguma vez teve. Seus olhos azuis sempre pareciam ter um brilho quente para lhe deixar à vontade e fazer você se sentir amado. Minha mãe era alta como ele, mas onde ela era magra, tio Jimmy tinha a sua “pança induzida pelos donuts de aplicação da lei”, como ele gostava de brincar.

— Vamos. Vamos entrar, — disse ele, segurando a porta.

— Lydia está aqui? — perguntei.

— Não. Ela está em alguma escavação no Novo México.

Tio Jimmy e tia Joy tinham uma única filha, Lydia, que era antropóloga. Quinze anos atrás, aos dezoito anos, ela saiu de casa e da Georgia e nem olhou para trás. Agora ela tinha dois filhos, que tio Jimmy e tia Joy adoravam, ela tentava vir para cá pelo menos uma vez por mês.

Depois que entrei no hall de entrada, tio Jimmy tomou os sacos de comida das minhas mãos. Quando comecei a ir até a cozinha, uma voz da sala de estar me chamou. — Ei, Al, vem tirar esse animal selvagem de cima de mim! — Charlie gritou. Eu sorri, sabendo que essa era a sua forma de me pedir para ir até ele. Mesmo depois de todos esses anos, ele ainda não era bom em expressar emoções.

Entre na sala para encontrar Atticus esparramado no sofá ao lado de Charlie. Em vez de estar sendo realmente atacado por ele, Charlie estava lhe dando uma massagem, o que fazia Atticus gemer em êxtase. — Ei, irmãozinho. É bom ver você, — eu disse enquanto caía do seu outro lado.

Ele sorriu, o que fez aparecer duas covinhas em suas bochechas. Elas já eram adoráveis para mim, então eu tinha certeza que elas faziam as meninas da sua idade desmaiar. — É bom ver você também.

— Como está a faculdade?

Inclinando a cabeça para mim, Charlie respondeu, — Você quer dizer que eu estou estudando e indo para as aulas ou fazendo muita festa?

Eu o cutuquei de brincadeira. — Eu não seria sua irmã mais velha se eu não perguntasse.

— Verdade. Muito verdade. — Quando ele permaneceu evasivo, eu limpei a garganta para chamar sua atenção. Ele levantou as mãos. — Certo. Eu tenho bons Bs nesse momento.

— Ah, Charlie, isso é ótimo. Eu estou muito orgulhosa, — eu respondi antes de jogar meus braços em volta do seu pescoço.

— Mas tudo poderia dar errado até o final do semestre, — ele brincou.

— Não, não nessa vida, senhor, — eu me afastei para lhe dar o meu olhar mais severo, o mesmo que eu dava aos meus alunos. — Não me faça ir para Athens e seguir você por lá.

Ele bufou — Olha, eu sei que você não tem uma vida, mas mesmo eu não posso imaginar que você fazendo isso.

— Eu tenho uma vida, — eu retruquei.

— O seu grupo de amigas que faz uma noite de margaritas mensal conta como ter uma vida?

— Nós saímos mais do que isso, — eu menti.

— Certo.

— Além disso, estou muito ocupada agora dando aulas. Estou até mesmo dando aulas particulares em casa.

— Sim, tio Jimmy me disse.

Minhas sobrancelhas se levantaram em surpresa. — Ele disse?

Charlie assentiu. — Disse que ele estava preocupado com você.

Engoli em seco. — Por quê? — perguntei, embora eu já soubesse a resposta.

— Por causa do lugar onde você está dando aulas. — Com um sorriso irônico, Charlie acrescentou. — Quem teria pensando que a boa garota que é a minha irmã mais velha iria sair por aí com um bando de motoqueiros sujos e perigosos?

Revirando os olhos, eu respondi, — Eles não são assim.

— Você tem certeza disso? Pelo que o tio Jimmy disse, os Raiders são conhecidos por meterem as mãos em todo o tipo de negócios sujos, desde jogos de azar até tráfico de armas.

Eu dei de ombros. — É apenas um boato. Nenhum deles foi preso por nada disso. — Eu sabia que isso era uma mentira parcial, considerando que o pai de Deacon tinha estado na prisão antes dele começar os Raiders.

A expressão de Charlie ficou séria. — Me prometa que você vai ter cuidado.

— Será que isso aí é preocupação de verdade comigo, irmãozinho? — eu brinquei, tentando aliviar

o clima.

— Sim, é.

Eu lhe dei uns tapinhas na perna e respondi, — Você não precisa se preocupar. Eu estou bem, eu prometo.

Embora tenha acenado com a cabeça, eu poderia dizer que ele não estava convencido. Mas antes que ele tivesse a chance de me pressionar para obter mais detalhes sobre os Raiders, tia Joy apareceu na porta e nos chamou para ir comer.

Felizmente, nem Charlie nem tio Jimmy trouxeram à tona o assunto dos Raiders, e eu fui capaz de ter um almoço divertido e despreocupado com aqueles que eu mais amava no mundo.

Capítulo Oito

ALEXANDRA

Duas semanas se passaram desde a minha confissão bêbada para Deacon. Eu continuei vindo ao complexo todos os dias, como se nada de importante tivesse acontecido naquela noite. Eu costumava ser convidada para o jantar, pelo menos, duas vezes por semana. Eu me encontrei em uma dança peculiar com Rev. Ele não continuou a fazer um movimento formal sobre mim, mas sempre que eu estava por perto, ele me dava toda a sua atenção. E sempre que eu me encontrava conversando com Rev na mesa de jantar ou pelo complexo, sentia o olhar quente de Deacon em mim. Seu comportamento era muito confuso. Deacon ainda parecia querer que algo romântico acontecesse entre Rev e eu, mas seus olhares afiados pareciam contar outra história. Claro, eu sabia que não deveria perguntar. Ele era o mestre da evasão e de virar a mesa contra mim. Além disso, eu não tinha certeza se eu poderia lidar com um relacionamento com o doce e respeitoso Rev, muito menos com o volátil e introspectivo Deacon.

Hoje, depois que Willow e eu tínhamos acabado a nossa lição, fiquei surpresa ao encontrar Deacon nos esperando do lado de fora da porta. — Você tem um minuto?

— Sim.

— Eu queria mostrar uma coisa.

Willow bateu o pé ao nosso lado. — Deacon, isso não é justo! — Então ela passou furiosa ao nosso lado para ir para o lado de Archer.

Minhas sobrancelhas se franziram em confusão. — Por que ela está tão chateada?

Deacon riu. — Ela está chateada porque sabe que eu vou te mostrar o trabalho que eu fiz no estúdio de balé.

— Mas qual o problema nisso?

— É porque eu estou fazendo ela esperar até que esteja pronto. Você sabe, para ser uma surpresa.

Não pude deixar de sorrir para ele, não só por estar construindo um estúdio para Willow, mas por querer que fosse uma surpresa. Nossos sapatos faziam barulho ao andarmos pelo caminho de cascalho. — Você tem ideia de quando Willow vai poder voltar à escola?

Deacon balançou a cabeça. Quando ele não disse mais nada, eu suspirei. — Você já quer se livrar desse trabalho? — ele perguntou.

— Você sabe que eu amo trabalhar com Willow. Eu só me preocupo com ela.

Com verdadeira preocupação em seu rosto, Deacon questionou, — Você acha que eu estou fazendo ela sofrer, ao manter ela presa aqui?

— Não. Ela está perfeitamente segura e feliz aqui. Eu só odeio que ela não tenha envolvimento com outras crianças.

Ele coçou a barba rala em seu queixo. — Talvez eu consiga fazer Kim para trazer seus filhos mais vezes. Ela e Case tem umas crianças com a idade próxima a de Willow. Mac também tem uma neta por

essa idade.

— Eu acho que seria uma ótima ideia.

Deacon fez sinal para eu ir na frente dele nos degraus da varanda. Quando entramos na casa, Willow se sentou à mesa da cozinha, com os braços cruzados e uma carranca no rosto.

— Ei, cara de trovão, você vai fazer chover aqui, — eu disse com um sorriso.

— Eu quero ver o estúdio.

— E você vai, quando estiver totalmente acabado, — Deacon respondeu enquanto abria a porta do porão para mim.

— Eu também vou descer com vocês para ver o progresso, — disse Beth.

Sabendo que agora Mama Beth também ia ver o estúdio, Willow fez uma careta ainda maior, então eu lhe dei um sorriso compreensivo e disse que estaria de volta em breve. Pisei cuidadosamente nas placas desgastadas da escada. Do meu ponto de vista, eu podia entender por que Willow achava esse lugar assustador. Mas quando cheguei ao pé da escada, engasguei de surpresa.

Enquanto o porão era uma sala grande que tinha o mesmo comprimento da casa, Deacon tinha trabalhado para limpar a extremidade distante. Espelhos ocupam o comprimento da parede oposta e um novo piso de cerâmica tinha sido colocado. Eu não sei como ele tinha conseguido esse piso que era usado em estúdios de dança de verdade. Novas luzes foram colocadas para não ficasse tão escuro e, claro, as paredes mais próximas à área do estúdio foram pintadas de rosa. O desejo de Willow tinha sido atendido com uma barra fixada à parede.

— Então, o que você acha? — perguntou Deacon.

Olhando ao redor da sala, eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto. — Isto é incrível. Você pensou em tudo. — Me virando para ele, eu perguntei, — Você realmente fez tudo isso sozinho?

Com uma piscadela, ele respondeu, — Eu já lhe disse antes que eu sou um homem de muitos talentos.

Beth riu. — O que ele quer dizer é que temos alguns eletricitas e empreiteiros no clube que ajudaram.

— Obrigado por entregar os meus segredos, mãe, — Deacon disse bem-humorado.

— A arrogância precede a queda, — ela respondeu.

Deacon apenas revirou os olhos para sua resposta. No outro extremo da sala, notei uma pilha de caixas, junto com outras tranqueiras.

— O que é tudo isso? — perguntei, apontando para um sistema de som antigo, com um toca-discos e vinis empilhados.

— Essa é a minha coleção de vinis antigos. Eu não sabia se você poderia aproveitar esse aparelho de som ou não.

— Acho que não. A maioria das músicas que eu vou usar com Willow estão no meu iPod. —

Comecei a passar pelos vinis. — Uau. Você tem vários clássicos aqui.

— Eu não achei que você fosse uma fã dos clássicos, — Deacon disse pensativo.

— Oh, eu cresci ouvindo os clássicos. Meus pais costumavam limpar a casa todos os sábados ao som de Motown³² — Temptations, Four Tops, Martha Reeves e Vanedellas. — Eu sorri. — Esses discos trazem de voltas muitas memórias.

Deacon pegou o álbum da minha mão e o colocou no toca-discos. O som arranhado e o pop do vinil encheu meus ouvidos antes da abertura inconfundível de “My Girl” sair pelos alto-falantes.

— Você deveria ensinar Deacon a dançar, — sugeriu Beth.

Minhas sobrancelhas subiram em surpresa. — Você não sabe dançar?

Ele fez uma careta tanto para sua mãe quanto para mim. — Eu nunca tive um motivo para aprender.

Dando um tapinha nas costas de Deacon, Beth disse, — Pelo menos tente. Eles têm aquele jantar onde os pais dançam com as filhas na escola de Willow. Não é mesmo, Alexandra?

— Sim, é verdade.

— É só mais um motivo para eu não deixar que ela volte para lá, — Deacon respondeu.

Beth riu. — Eu vou começar o jantar. Talvez até lá você já tenha aprendido alguns passos?

Mesmo que ele não tivesse dito não, o brilho em seu rosto certamente não estava dizendo não. Quando Beth começou a subir as escadas, eu dei um passo hesitante para frente, estendendo os braços. — Quer tentar?

— Se eu não fizer isso, você vai achar que eu sou um covarde, não é?

Eu ri. — Pode ser.

Com um grunhido, ele fechou a distância entre nós. Seus braços começaram a deslizar em torno da minha cintura. — Nós não estamos dançando como se estivéssemos em uma reunião dançante. Isso é diferente.

— Como diabos é diferente?

— Coloque uma de suas mãos na minha cintura. E então coloque a outra na minha mão. — Uma vez que ele fez isso, sorri para ele. — Bom trabalho. Agora você pode balançar de um lado para o outro ou então fazer um quadrado.

— Eu acho que prefiro balançar, — ele respondeu, sua mão apertando minha cintura. Mesmo sob o tecido da saia, minha pele pareceu inflamar com seu simples toque. Essa era a primeira vez que nós estivemos tão perto, se tocando intimamente, desde a noite em que deixamos nossos esqueletos pessoais dançarem precariamente ao redor do quarto.

Não era a primeira vez que um homem tinha as mãos em mim, mas algo sobre o toque de Deacon era diferente. Nervosismo, junto com a antecipação, vibrou através do meu corpo. Embora eu tivesse tentado ignorar seu magnetismo antes, não havia como negar isso agora. Mesmo que ele fosse incrivelmente bonito, era sua presença forte, todo macho, que tomava conta de mim. O bom senso me

dizia que uma mulher como eu nunca deveria querer estar em uma sala sozinha com um homem como ele, mas eu escolhi ignorar as vozes de dúvida na minha cabeça. Em vez disso, eu decidi apenas me deixar sentir.

Quando ele olhou para mim, a expressão no seu rosto mudou. Engoli em seco com a intensidade do seu olhar queimando no meu. Eu não sabia como algo tão inocente havia mudado para algo tão ilícito e perigoso. Desde a noite em que tínhamos compartilhado a cama, tudo tinha mudado entre nós.

O pop crepitante do vinil mudou para uma outra canção. Quando a batida sensual saiu dos alto-falantes, eu imediatamente a reconheci. Dusty Springfield cantava “Son of a Preacher Man”³³. Não poderia haver música mais adequada para nós nesse momento. Eu estava diante do filho de um pregador, querendo desesperadamente que ele fizesse comigo as coisas da canção. O simples pensamento enviou uma dor se espalhando entre as minhas pernas.

*O único cara que conseguiu chegar em mim era filho do pregador*³⁴.

Os olhos de Deacon encontraram os meus, e eu não pude deixar de notar o brilho de desejo neles. — Não olhe para mim desse jeito, — ele rosnou.

— Como eu estou olhando para você? — eu suspirei.

— Como se você quisesse me foder.

A eletricidade no ar ao nosso redor crepitou e bateu no mesmo ritmo do som do vinil que saía pelos alto-falantes. Eu sabia que devia me virar e fugir. Eu tinha um trabalho a fazer com Willow, um que não incluía transar com o seu pai. Embora eu soubesse que estar com Deacon seria uma experiência incrível, tinha toda a certeza do mundo que eu não poderia escapar emocionalmente ilesa. Tudo dentro de mim gritava para me soltar dos seus braços e ir para o santuário seguro que era a cozinha de Beth.

*Ser boa não é sempre fácil. Não importa o quanto eu tente*³⁵.

Mas quando Deacon continuou a olhar para mim como um predador faria com a sua presa, eu não queria mais nada do que ser consumida por ele. Sem dizer uma palavra, o polegar de Deacon passou lentamente ao longo do meu lábio inferior. Agindo por vontade própria, minha língua serpenteou para fora para bater contra a sua pele. Os olhos escuros de Deacon queimaram antes dele abaixar a cabeça e esmagar seus lábios contra os meus. A força me pegou desprevenida, e eu cambaleei para trás. Seus braços fortes me pegaram e me puxaram para mais perto dele. Assim como eu tinha imaginado, ele sabia o que estava fazendo quando se tratava de beijar.

A língua de Deacon mergulhou na minha boca enquanto seus dedos mergulharam no meu cabelo. Quando ele puxou os fios, eu gemi em sua boca, apreciando a picada de dor. Minhas mãos deslizaram pelas suas costas para segurar seus ombros como se fossem a própria vida. Seus lábios, assim como a força do seu corpo e a sensação dos seus dedos nos meus cabelos, tinham a capacidade de liquefazer meus ossos e músculos. A qualquer momento eu esperava derreter até virar uma poça no chão.

Quando ele finalmente afastou a boca da minha, nós dois estávamos ofegantes. Ele olhou para mim com os olhos encapuzados. — O que você quer de mim, Alexandra?

— Eu quero que você me foda. — Instantaneamente, calor inundou meu rosto. Eu nunca tinha sido tão descarada ou direta com um homem antes. A presença dominante de Deacon tinha a capacidade de

trazer para fora uma parte minha que eu nem sabia que existia. Mesmo que isso estragasse tudo entre nós, tudo com Willow, eu ainda queria que ele me consumisse.

Com um gemido, ele deslizou as mãos pelas minhas costas até cobrir a minha bunda. Me puxando para frente, ele moeu sua protuberância dura e presa em seu jeans contra mim. Eu ofeguei com o atrito causado pelo contato. — Por favor, Deacon.

Me empurrando para trás, ele beijou meu pescoço, sua língua rodando na minha pele. Eu tremi.

Batendo com força com as costas na parede espelhada, engasguei pelo prazer e pela dor. Deacon não se desculpou. Em vez disso, suas mãos subiram para segurar asperamente meus seios por baixo da minha camisa. Em poucos segundos, ele tinha os botões abertos e estava empurrando meu sutiã para baixo. Ao sentir sua boca quente no meu mamilo, gemi e fechei os olhos. Quando ele beliscou o outro entre os dedos, comecei a esfregar minha pélvis contra ele, desesperada pela fricção que aliviaria a dor. — Do que você precisa, baby? — Deacon perguntou com a voz rouca.

— Você. Eu preciso de você, — eu soluzei,

— Me diga o que você quer e eu vou te dar.

Eu balancei a cabeça, o calor tomando as minhas bochechas. Conversa suja geralmente me deixava com vergonha, então eu não podia me imaginar dizendo o que eu queria a Deacon.

Com seus olhos nos meus, Deacon serpenteou uma mão por baixo da minha saia. Quando um de seus dedos pôs de lado a minha calcinha, eu empurrei meus quadris contra ele, mas ele se afastou. Frustração me tomou. Seu folego queimou contra a minha orelha quando ele repetiu, — Me diga o que você quer e eu vou te dar.

— Por favor, Deacon.

— Por favor, Deacon, o quê? — ele retrocedeu a cabeça para me prender com seu olhar. — Por favor me beije? Por favor chupe os meus mamilos? Por favor, foda a minha buceta com os dedos até que eu goze?

Eu queria resistir a dizer essas coisas horríveis, então mordi meu lábio inferior. Mas, então, enquanto os segundos agonizantes se passavam, o desejo ficou muito grande. — Por favor, os dedos, — eu sussurrei.

Um sorriso triunfante esticou em seu rosto. — O que você disse?

— Eu disse que quero os dedos, — eu repeti um pouco mais alto.

— Os dedos onde?

— Você sabe onde! — eu bati.

— Diga, Alex.

Agarrando os dois lados do seu rosto, eu gritei, — Seus dedos na minha buceta, Deacon! Me fode com os dedos até que eu esteja molhada, que esteja escorrendo pelas minhas coxas! Me fode até que eu goze, minhas paredes se apertando em torno de você!

Seus olhos se arregalaram quando a diversão por me provocar desapareceu. — Puta que pariu, — ele murmurou, balançando a cabeça para mim. — Você vai ser a minha morte, mulher. — E então ele empurrou seus dedos dentro na minha calcinha e, finalmente, enfiou dois dedos dentro de mim. Nós dois gememos com o contato. Eu balancei meus quadris contra seus dedos. Assim que eu comecei a ir em direção à borda, ele tirou a mão.

— Por favor, não pare, — eu implorei.

— Não se preocupe, querida. Eu quero que você termine na minha língua.

Deacon se ajoelhou na minha frente, com as mãos desaparecendo debaixo da minha saia. Seus dedos ásperos agarraram o elástico da minha calcinha fio dental antes dele a puxar para baixo pelas minhas pernas. Depois de levantar meu pé esquerdo, ele abriu minhas pernas e colocou minha panturrilha em seu ombro. Com um brilho malicioso nos olhos, ele abaixou a cabeça e enterrou o rosto na minha buceta. — Deacon! — eu assobieei.

Na primeira batida da sua língua em meu clitóris, eu gritei, agarrando os fios de seu cabelo escuro. Meus quadris balançaram para a frente quando seu ataque com a língua continuou a descer pelos lábios da minha buceta. Uma mão subiu para agarrar a minha saia, a empurrando até os meus quadris. Olhando para baixo, eu agora tinha uma vista fabulosa dele me lambendo e chupando. Quando nossos olhares se encontraram, eu não conseguia desviar.

Mas quando eu fui chegando mais e mais perto da borda, minhas pálpebras se fecharam, e eu joguei a cabeça contra a parede espelhada. Agarrei o cabelo de Deacon com mais força, esfregando meus quadris mais rápido contra a sua língua.

— Deacon? Senhorita Alex? — a voz de Willow chamou do topo da escada.

Ao som da voz da sua filha, Deacon congelou, seu rosto ainda enterrado entre as minhas pernas. Meu peito arfava enquanto tentava recuperar o fôlego. Eu precisava desesperadamente que ele continuasse – eu precisava explodir na sua língua.

— S-sim? — eu finalmente gaguejei.

— É hora do jantar.

— Ok. Estamos subindo.

Com o momento cheio de luxúria frenética quebrado, Deacon se balançou sobre os joelhos. Ele colocou a minha perna instável para baixo. Olhando de relance para mim, Deacon deslizou minha calcinha lentamente pelas minhas pernas e coxas. — É melhor eu ir, — eu sussurrei.

— Você não quer ficar para o jantar?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não posso me sentar na sua frente agora e conversar como se nada tivesse acontecido.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim, um sorriso grande se espalhando em seus lábios. — Eu te excitei tanto assim, querida?

Empurrando o queixo para a protuberância em suas calças, eu respondi, — Eu poderia dizer o mesmo para você.

Ele riu. — Acho que você me pegou.

Me virando, olhei no espelho para rapidamente abaixar minha saia para baixo e abotoar minha camisa. Uma vez que estava pronta, tentei arrumar meu cabelo totalmente fora de controle, porque os dedos de Deacon tinham feito uma bagunça. Quando eu achei que estava apresentável o suficiente, comecei a ir para as escadas. Deacon estendeu a mão e me agarrou, me puxando para ele.

— Deacon, nós temos que...

Ele esmagou seus lábios nos meus. Quando ele se afastou, eu estava mais uma vez toda derretida. — Eu não queria que você saísse daqui se sentindo usada. Eu só quis dizer boa noite.

— Obrigada e boa noite, — eu murmurei.

Quando ele me deixou ir, eu corri até as escadas. Ao ver Rev e Bishop me olhando com expectativa, calor inundou meu rosto. — Eu tenho que ir.

— Mas por quê? — perguntou Beth.

— Eu-eu tenho que jantar com os meus tios hoje à noite, — eu menti.

— Que pena, — ela respondeu.

— Eu sei. Mas agradeço a oferta, no entanto. — Eu peguei minha bolsa e me dirigi para a porta. Uma vez que saí para a varanda, exalei a longa respiração que estava segurando. Enquanto meus sapatos faziam ranger o cascalho solto no caminho até o meu carro, minhas pernas ainda balançavam do meu momento escaldante com Deacon. A brisa leve ajudou a refrescar minha pele inflamada. Pareceu que levou uma eternidade para fazer minhas mãos trêmulas fazerem a chave girar para abrir o carro.

Quando deslizei no banco e liguei o carro, levantei o olhar. Um tremor passou por mim com a visão de Deacon encostado na grade da varanda. Ele estava acendendo um cigarro, e seu olhar ainda cheio de desejo perfurava através do para-brisa para enviar um desejo pulsante através de mim novamente. Levou tudo dentro de mim para não desligar o carro, correr de volta até a varanda e exigir que ele me levasse para algum lugar onde não seríamos interrompidos para terminar o que começamos. Eu ainda podia sentir meu gosto no seu beijo. Mas em vez de fazer tudo isso, me forcei a dar marcha ré e afastar meu olhar de Deacon.

Enquanto fazia meu caminho habitual pelas ruas que levavam à minha casa, minha mente e corpo estavam ligados em Deacon. Imagens dos nossos momentos de paixão passaram pela minha mente, e a dor entre as minhas pernas continuou a queimar. Antes que eu pudesse me parar, escorreguei uma mão entre minhas pernas e comecei a me acariciar sobre a calcinha, assim como Deacon tinha feito antes. Quando parei em um sinal vermelho, joguei a cabeça para trás contra o encosto. Meus dedos voaram mais e mais rápido enquanto eu buscava desesperadamente o orgasmo que me tinha sido negado antes. Foi apenas a buzina alta do carro atrás de mim que me trouxe de volta à realidade. Mortificada, tirei a mão da calcinha e um rubor quente encheu minhas bochechas. O que diabos eu estava pensando, me masturbando no meio do trânsito? Deacon continuava a trazer para fora de mim partes que eu nunca soube que existiam. E que Deus me ajudasse, eu gostava.

Depois de entrar na garagem, estacionei meu carro. Quando fui pegar minha bolsa, tive um vislumbre de mim no espelho retrovisor. Um riso nervoso escapou dos meus lábios com a visão do

cabelo de sexo bagunçado, as bochechas rosadas e os lábios inchados. Eu parecia quase o que eu tinha sido. Imediatamente eu fiquei agradecida por ser escuro do lado de fora da casa e ninguém ter olhado para mim quando eu estava parada no sinal vermelho.

Pegando a minha bolsa, saí do carro. Depois de entrar em casa, não pude evitar, mas me recostei contra a porta enquanto continuava tentando sair da minha neblina sexual. Apertando meus olhos bem fechados, eu quase podia sentir as mãos de Deacon no meu corpo, sua boca e língua nos meus mamilos, sua ereção dura cavando em meu núcleo.

De repente, fui arrebatada para fora do meu mundo de fantasia quando uma sensação de medo arrepiou a minha pele. Girando a cabeça para o painel do alarme, percebi que eu ainda não tinha digitado o código. Olhei para a tela e meu peito apertou quando vi as palavras “sistema desabilitado” piscando ali.

Ondas de medo caíram sobre o meu corpo quando notei que Atticus ainda não tinha vindo me cumprimentar. Normalmente, sua língua rosa lambia cada parte possível minha enquanto ele fazia sua dança de boas-vindas ao meu redor. Com a voz trêmula, chamei, — Atticus? — quando não aconteceu nada, dei alguns passos hesitantes dentro da minha cozinha. — Atticus? — eu repeti. O silêncio foi a minha resposta.

Percebendo que eu precisava sair da casa, me virei para fugir. Meus pés derraparam em algo escorregadio no chão, e eu caí de joelhos. Enquanto eu tentava ficar de pé, minhas mãos deslizaram em algo quente e pegajoso. Olhando fixamente para baixo, percebi que estava em uma poça de sangue. Um grito rasgou a minha garganta. Lutando e me debatendo, me empurrei para conseguir sair dali. Quando meus pés esbarraram na porta, comecei a tentar me levantar desesperadamente, mas cada eu só deslizava mais no sangue.

Em seguida a luz da cozinha acendeu. Mais uma vez eu gritei quando avistei um homem corpulento na porta. Ele tinha um sorriso sinistro enquanto me encarava com seu único olho. Uma tapa-olho preto cobria o outro, e abaixo havia uma cicatriz irregular que atravessava seu rosto até chegar ao pescoço.

— Hmm. Bem como eu gosto das minhas mulheres – de joelhos e gritando, — disse o homem.

Horrorizada tanto por suas palavras como por sua aparência, eu abaixei minha cabeça. Um soluço sufocou minha garganta quando vi o corpo sem vida de Atticus aos pés do homem; um grande corte na sua garganta foi o responsável por todo o sangue no chão. — Não, não, não! — eu chorei e lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto. A preocupação com o meu próprio destino foi momentaneamente esquecida pelo horror da perda de Atticus.

Quando eu olhei para cima novamente, o homem estava bem na minha frente. Segurando minhas mãos em sinal de rendição, eu implorei, — Não me machuque. Eu tenho dinheiro aqui. Você pode ficar com tudo, pode pegar o meu carro. Qualquer coisa. Só não me machuque.

Me agarrando pelos ombros, ele me puxou do chão. Eu pendia em suas mãos como um boneco de cordas enquanto minhas pernas tentavam se firmar. Com um sorriso de escárnio, ele disse, — Oh, eu vou tirar tudo de você. Mas não vai ser dinheiro ou o seu carro. Para que isso tenha importância, tem que ser físico.

Sua ameaça fez meus joelhos enfraquecerem, e se ele não estivesse me agarrando com tanta força,

eu teria entrado em colapso no chão. — Por favor, não, — eu implorei. Ele largou um dos meus ombros para me dar uma bofetada que fez minha bochecha picar.

— Não diga mais nenhuma palavra, porra, ou eu vou acabar com você, não importa o que o chefe tenha dito.

Pressionando meus lábios juntos, eu concordei com a cabeça. Minha mente girou com pensamentos fora de controle. Quem era o chefe? Por que ele havia dado ordens a esse vândalo sobre mim?

Ele me colocou em meus pés e, em seguida, me empurrou para a mesa da cozinha. Ele pressionou contra mim, seu corpo maciço me impedindo de fugir. De dentro do seu colete, o homem tirou uma faca longa – parecia que pertencia às Forças Armadas. A lâmina brilhava sob a luz da cozinha. Depois de admirar por um momento, ele a trouxe para a minha garganta. Ao sentir o metal pressionado contra a minha pele, comecei a hiperventilar. Meu peito arfava como se eu tentasse recuperar o fôlego.

Abaixando a faca, ele a arrastou até os botões da minha camisa. Lentamente, um por um, a lâmina arrancou os botões até que eu estava com a camisa aberta. Me agarrando pelo pescoço, ele arrancou o tecido pelos meus braços. Quando eu trouxe minhas mãos para a frente do sutiã, ele começou a rasgar o tecido da camisa. Ele voltou a usar a faca para cortar o tecido em tiras e as segurou com força entre as mãos.

— Isso deve te manter quieta. — Antes que eu pudesse protestar, ele colocou a tira de tecido sobre a minha boca, me amordaçando. Agora ninguém podia me ouvir gritar. O pensamento enviou desespero delirante subindo rapidamente através de mim.

Isso não está acontecendo. É tudo apenas um sonho... um pesadelo. Você vai acordar em poucos segundos.

Com outra das tiras de pano, ele amarrou minhas mãos. O tecido cortou minha pele, e eu gritei contra a mordada. Então ele agarrou meus quadris e me içou sobre a mesa da cozinha. Ele trouxe minhas mãos sobre minha cabeça e prendeu a tira de tecido no lustre. — De joelhos, — ele ordenou. Eu me balancei até conseguir ficar ajoelhada na mesa da cozinha.

— Agora isso deve manter você quieta para o que eu ainda tenho que fazer. — Quando sua mão foi para o seu cinto, comecei a lutar contra minhas restrições. Eu puxei tão duro quanto eu podia, na esperança de derrubar o lustre. Uma vez que o cinto estava fora, ele me deu um sorriso maligno antes de trazê-lo sobre sua cabeça. Um estalo alto ecoou pela sala com a mordida do couro na carne no meu abdômen. Lágrimas encheram meus olhos enquanto eu gritava por trás da mordada. O próximo golpe do cinto me bateu entre os seios. Eu nem sequer tive a chance de me recuperar antes de outra chicotada quebrar contra as minhas costas, e então contra as minhas coxas.

A voz áspera do homem cortou minha névoa de dor. — O boato é que você é *old lady* de Deacon. — Quando eu não entendi suas palavras, ele bateu o cinto contra a minha bochecha. Depois que eu terminei a gritar de dor, seus olhos se prenderam nos meus. — Me responda, vadia. Você é a *old lady* de Deacon? "

Eu balancei a cabeça furiosamente de um lado para o outro. Minha resposta foi recompensada com outra chicotada. — Ele colocou você na parte de trás da moto dele. Você passou a noite no complexo dos Raiders e ele tem um prospecto que te segue até em casa. Isso é sim coisa de uma *old lady* do caralho.

— N-não, eu-eu na-não sou, — gaguejei por trás da mordança. — Eu j-juro.

O homem me olhou com curiosidade antes que seus lábios se curvassem em outro sorriso de escárnio. — Você está mentindo. Você está mentindo para tentar se salvar e salvar aquele pedaço de merda para quem você abre as pernas.

— Não! — eu chorei.

— Eu vou ser mais legal com você se você me disser a verdade. Isso é necessário. Como ele mantém aquela pirralha fechada a sete chaves, você é a próxima escolha. Ele vai querer vingança porque nós te machucamos, e é aí que vamos atacar. Então, eu vou perguntar de novo, você é a *old lady* de Deacon?

Temendo por minha vida, eu finalmente concordei com a cabeça. — Sim. Sim eu sou.

Quando ele lambeu os lábios, o medo arrepiou todo meu corpo como pequenas facas. — Agora vem a melhor parte do trabalho.

Enquanto as chicotadas tinham sido horríveis, a insinuação do que ele estava prestes a fazer era mais do que eu podia suportar. Ele me empurrou mais para trás na mesa, me tirando da posição de joelhos. Afastando minhas pernas, ele ficou entre elas. Seus dedos agarraram o botão da minha saia e eu fechei os olhos, rezando com força. Então, com tudo que sobrou de mim, eu o empurrei com um pé o chutei no rosto com o outro. A força o mandou voando para trás, contra o balcão da cozinha. Mais uma vez eu puxei minhas restrições com todas as minhas forças.

Quando o homem se levantou do chão, sangue se acumulava no lábio reventado. — Sua puta do caralho! — ele gritou. Eu tentei fugir de cima da mesa, mas não tinha para onde ir. Seu punho bateu no lado da minha cabeça. O mundo girou em torno de mim em uma onda vertiginosa antes que a cortina escura do meu pesadelo se fechasse.

Capítulo Nove

DEACON

Quando as luzes traseiras do carro de Alexandra desapareceram ao longe, eu bati minhas botas descendo os degraus da varanda. Sacudindo a ponta do cigarro no meio dos arbustos, eu fiz o meu caminho até a sede do clube. Assim como ela, eu não ia conseguir me sentar em uma mesa cheia com a minha família agora. Mais do que tudo, eu precisava de algo para bloquear ela da minha mente. Seu cheiro se agarrou ao meu corpo e aos meus dedos, e o gosto dela ainda estava na minha língua. Eu me encontrei completamente obcecado por ela. Considerando a ereção a meio mastro que eu exibia, meu corpo ainda estava pensando nela também. Tomar um passeio emocional e sexual pela estrada da memória não era algo que eu estava acostumado a fazer, e isso estava me assustando pra caralho. O próprio fato de Alexandra ter tanto efeito sobre mim quando a gente nem tinha transado foi algo ainda mais apavorante.

O som do motor da moto de Archer rugindo para a vida me tirou dos meus pensamentos. Toda a noite eu fazia o prospecto seguir Alexandra até em casa, para ter certeza que ela estava a salvo. Eu tinha lhe instruído a sempre ficar um pouco para trás, porque eu não queria que ela ficasse assustada sobre sua vida estar em perigo por causa de sua associação comigo. E porque ela também era mais inteligente do que deveria, eu não queria despertar qualquer suspeita sobre quão obscuras minhas relações eram.

Dei um aceno de cabeça para Bubba e Ollie enquanto me dirigia para a porta dos fundos. Como era noite de sexta-feira, o clube estava cheio de membros de dentro e fora da cidade. E pelo visto, todos os quartos estavam sendo usados.

Eu me sentei em uma das banquetas desgastadas do bar. Eu nem sequer precisei acenar para chamar Cheyenne. Como se ela possuísse um “radar de Deacon”, ela foi alertada sobre a minha presença no momento em que entrei. Eu tinha sentido o calor dos seus olhos me procurando enquanto eu caminhava por entre a multidão, parando para cumprimentar alguns dos membros de fora da cidade.

Com as palmas das mãos plantadas no bar, ela se inclinou, erguendo as sobrancelhas para mim. Eu balancei a cabeça para o seu comportamento. Ela sempre sabia o que eu queria e, geralmente, trazia sua bunda até aqui para me servir sem eu ter que pedir. — Por que você está arrastando esse rabo hoje? Me traga o de sempre. Agora.

Me atirando um olhar “coma merda e morra”, Cheyenne tirou as mãos do bar num acesso de raiva e foi pegar minha cerveja na geladeira. Depois de estalar a tampa, ela empurrou a garrafa para mim pelo balcão. Mas quando fui pegar, ela a puxou para longe. Apertei os olhos para ela. — Sério, cadela, que diabos é o seu problema essa noite?

Ela bateu a garrafa de cerveja na minha frente. — Eu acho que sou a única que deveria estar fazendo essa pergunta.

— Perdão?

Cheyenne cruzou os braços sobre o peito. — Você está transando com ela?

— Eu não sei do que você está falando.

Ela revirou os olhos. — Não se faça de idiota, Deacon. Você sabe muito bem do que eu estou falando. Aquela princesinha vadia, que tem piscado aqueles olhos castanhos para você desde o dia em que entrou aqui.

Eu tomei um gole da minha longneck. — Alexandra. O nome dela é Alexandra, — eu respondi.

À menção de seu nome, as narinas de Cheyenne se abriram com raiva. — Eu não dou a mínima para a merda do seu nome. O que me interessa é que você acabou de vir aqui com o cheiro dela em você todo, para não mencionar o seu cabelo fodido e seus lábios com a cor do seu batom.

— Da última vez que eu verifiquei, você não era minha *old lady*, e não tem nenhum “Propriedade de Deacon” escrito nas suas costas. Então é melhor você tirar o seu nariz dos meus negócios.

Minhas palavras fizeram as suas feições esculpidas pela raiva abrandarem e, em seu lugar, surgiu extrema mágoa. — Deacon, você sabe como eu me sinto sobre você, — ela começou com uma voz trêmula. Meu telefone vibrando no meu bolso a interrompeu. Eu o peguei e olhei a tela. Inquietação tomou conta de mim enquanto aceitava a chamada.

— O que há de errado, Archer?

— Porra, cara. Um idiota atirou no meu pneu traseiro quando eu estava seguindo Alexandra. Eu derrapei pra fora da pista. Minha moto está uma bagunça do caralho. Alguém a chamou a polícia porque eu estou sangrando e toda essa merda, então...

— Eu tenho que ir. Ligue para Rev. O atualize sobre tudo e diga para os meninos me encontrarem lá. — Antes que Archer pudesse dizer outra palavra, desliguei o telefone. Em um flash, eu estava fora do banquinho e correndo para a porta.

— Deacon? — Cheyenne gritou atrás de mim.

Eu a ignorei. Quando abri a porta do clube, vi um dos membros mais velho do clube inclinado contra o capô do seu carro, conversando com uma das prostitutas. Apontando para o veículo, eu disse, — Eu preciso pedir isso. Agora.

Sem dizer uma palavra, ele me jogou as chaves. Depois de abrir a porta do carro, deslizei no assento de couro e liguei o motor. De jeito nenhum eu iria de moto. Isso me deixaria muito vulnerável e muito suspeito. Um carro poderia chegar à casa dela sem avisar ninguém, enquanto o som inconfundível do motor das motos iria anunciar a todo mundo que eu estava ali.

Eu girei para fora do estacionamento, levantando uma nuvem de poeira e cascalho. Minhas mãos agarraram o volante até que meus dedos ficaram brancos. Enquanto eu me mexia no banco, me sentia um animal enjaulado. Eu sabia no fundo do meu ser que se Archer tinha sido baleado, então Alex estava em sérios apuros. Sigel e seus capangas, de alguma forma, conseguiram fazer uma ligação entre nós dois. *Porra*. Eu não podia pensar no tamanho do perigo que Alexandra estava ou eu ia perder a cabeça. Eu tinha que manter a calma. Não ia ser bom nem para ela nem para mim se eu fosse ao fundo disso.

Então, em vez disso, eu concentrei minha raiva em quem eu suspeitava era o responsável. Sigel. Ele estava agindo por baixo, procurando uma maneira de me atingir. Quando Willow não deu certo, ele foi para outra pessoa, alguém que ele achava que também era importante para mim.

Nesse momento, enquanto minha mente girava fora de controle, percebi o quanto eu queria Alex.

Ela era mais do que apenas a professora de Willow. Nos pequenos momentos roubados que passamos juntos, eu acabei vindo a me importar com ela muito mais do que eu jamais esperei. Enquanto eu estava louco para foder com ela, também era mais do que isso. Eu queria o seu corpo todo, e esta tarde foi um exemplo de quanto. Mas havia algo mais. Eu quero acabar com Sigel por tentar tirar de mim alguma coisa que eu ainda nem tinha chegado a reivindicar.

Quando cheguei a rua de Alex, estacionei três casas para baixo da dela. Eu não sabia quantos dos homens de Sigel havia lá dentro. Depois de desligar o motor, desci do carro e comecei a correr pela rua extraordinariamente arborizada. No canto de um quintal do outro lado da rua, me escondi atrás de um arbusto para inspecionar a cena. A luz que vinha do poste da rua era suficiente para que eu visse que não havia nenhum carro estacionado na garagem de Alex. No entanto, na mesma rua, um carro escuro estava estacionado, com vista direta para a sua varanda.

Me mantendo abaixado perto do chão, atravessei a rua em direção à casa. Com a porta da garagem fechada, fiz meu caminho ao redor da lateral da casa, procurando outra maneira de entrar. Encontrei uma porta lateral para a garagem que estava trancada. Pegando minha carteira do bolso de trás da calça, usei um dos meus mais antigos truques para abrir a fechadura.

Escorreguei dentro da garagem escura, pisando de leve para evitar fazer qualquer barulho. Eu estava a meio caminho do lado do carro de Alex quando o som de uma luta fez meu peito contrair. — Sua puta do caralho! — a voz rouca de um homem gritou. Quando cheguei à porta, olhei para dentro. A raiva queimou dentro de mim quando vi Alex amordaçada, amarrada e inconsciente. Levou tudo dentro de mim para não sair correndo. Mas tive que manter a calma e usar a razão. Eu estava armado com apenas uma arma, e qualquer coisa poderia alertar o vizinho e a polícia. Essa era a última coisa que eu queria. Eu ia cuidar desse filho da puta com as minhas próprias mãos.

Mas todo o meu raciocínio saiu pela janela quando o homem empurrou para cima a saia de Alex, revelando suas coxas. Antes que a mão dele pudesse ir mais longe, eu invadia cozinha. O homem se virou. Antes que ele tivesse a chance de levantar sua faca para mim, desci dois socos fortes na sua mandíbula e barriga. A faca caiu no chão. Quando o alcancei, minha bota quebrou o seu pulso, meu calcanhar moendo a sua mão. Ele gritou de dor e eu trouxe minha perna para chutá-lo duro no queixo. Ele rolou para o lado com a força do impacto.

Eu acertei mais dois socos fortes do estômago e, em seguida, mais um na mandíbula. Sangue respingava sobre os nós dos meus dedos e mãos. Eu o agarrou pelos cabelos e comecei a bater seu rosto no fogão. Quando ele finalmente caiu, sinalizando que tinha ficado inconsciente, soltei o seu cabelo e empurrei para o chão.

Ao som de um gemido, eu me virei. Alex deve ter despertado em algum momento, enquanto eu dava uma surra na escória que se a lhe atacar. Quando encontrei seus olhos, eles estavam arregalados de medo. Dei alguns passos em direção a ela, levantando as mãos. — Alex, está tudo bem. Sou eu. Ninguém mais vai machucar você.

Quando me aproximei, ela gritou e se afastou de mim. Eu não sabia em que tipo de merda de choque ela estava. Eu estava esperando que ela caísse em meus braços. Bem naquele momento, Rev, junto com Bishop, Case e Mac, invadiram a casa como uma tormenta por entradas diferentes.

— A casa e o perímetro estão limpos, — Case me informou.

— Bom.

— Então foi tudo por causa de um filho da puta? — Mac perguntou, apontando para o homem caído no chão da cozinha.

— Sim. Esperemos que esse pedaço de merda fique apagado por um tempo. — Olhando para trás para ver Alex, eu disse, — Mas ela, eu não sei.

— Ela está em estado de choque? — perguntou Mac.

Eu balancei a cabeça. — E não me deixa chegar perto dela. Acho que é porque ela me viu dando uma surra no homem.

Case assentiu. — Ela está com medo de você.

— Lave as mãos e o rosto, — Rev ordenou. Eu quase mandei ele se foder, até que peguei um vislumbre do meu reflexo na geladeira de aço inoxidável. Percebi, então, como eu deveria parecer assustador para ela, com sangue por toda minha camiseta e rosto, para não mencionar que eu também estava sujo das mãos até os cotovelos.

Com um aceno de cabeça, passei por ele e fui até a pia. Meus pés deslizaram em alguma coisa, e eu olhei para baixo. — Filho da puta! Esse filho da puta matou o cachorro dela.

À menção do seu cão, Alex choramingou. — Sinto muito, querida. Eu realmente sinto muito, — eu murmurei por cima do meu ombro. Quando ela não respondeu, fui para a pia. Arranquei a camiseta sobre a cabeça, enxugando um pouco do sangue dos meus braços. Enquanto ligava a água quente, estiquei o pescoço para ver o que Rev estava fazendo.

Pegando uma faca do seu bolso, ele se aproximou lentamente de Alex. — Alexandra, sou eu, Rev. Você vai deixar que eu a solte?

Ela o olhou com os olhos de um animal selvagem enjaulado. Mas Rev não recuou. Ele continuou avançando cada vez mais perto dela. — Nenhum de nós aqui vai machucar você. Eu quero te soltar, para podermos sair daqui e voltarmos para o complexo. Você vai estar segura lá, nós vamos cuidar bem de você. — Rev falou de maneira uniforme e reconfortante. Alex finalmente parecia estar ouvindo.

— Eu vou te soltar agora. — Ela o olhou com cautela, mas não tentou se afastar. Rev cortou as tiras que a prendiam à luminária da cozinha. Quando ela ficou livre, abaixou os braços, esfregando os pulsos para que o fluxo de sangue voltasse a eles. — Você vai me deixar cortar a mordaça agora?

Lentamente, ela balançou a cabeça. Ele chegou por trás dela e cortou o pano, e depois o tirou gentilmente da sua boca. Ele esfregou o rosto dela com ternura por cima das linhas vermelhas de onde a mordaça tinha estado. — Vá buscar um cobertor para ela, B, — Rev instruiu.

Bishop balançou a cabeça e desapareceu na sala de estar. Agora que ela estava livre e sendo consolada por Rev, mergulhei minha cabeça sob o fluxo de água para lavar o sangue. Eu estava somente na metade do trabalho quando ouvi Alex gritar meu nome. Tirei a cabeça da água e uma cascata escorreu pelas minhas costas. — Deacon! — ela gritou novamente.

Eu nem sequer me preocupei com uma toalha. Tudo que eu queria era ficar com ela. Quando cheguei à mesa, ela se atirou em meus braços, pressionando seu rosto contra o meu peito nu. — Shhh.

Estou aqui. Está tudo bem, — eu disse. Tentei não estremecer quando ela cravou as unhas na pele dos meus ombros. Eu não acho que ela ia ficar até satisfeita até que arrancasse a pele.

— Ele queria atrair você para você, ele quer me usar para te atrair para fora, assim ele ia poder te machucar.

Recuando do abraço, olhei para o rosto dela. — Do que você está falando?

— O homem me disse que o chefe dele queria atrair você para fora. Que ele não conseguiu chegar a Willow, então veio por mim. — Seu olhar selvagem encontrou o meu. — Não deixe que ele chegue até você, Deacon. — Ela agarrou meus ombros com mais força. — Me prometa que não importa o que aconteça, você vai ficar seguro.

— Eu prometo, — eu disse, totalmente ciente de que eu estava mentindo através dos dentes cerrados. Agora que Sigel tinha me golpeado, não havia nenhuma maneira que eu poderia prometer a ela estar seguro.

Bishop retornou com o cobertor, e eu o envolvi ao redor de Alex o melhor possível antes de me abaixar para pegá-la em meus braços. Quando a embalei no meu peito, meu olhar correu entre Rev e Bishop. — Será que vocês podem resolver as coisas aqui? Cuidar do cachorro e de toda essa confusão. Eu vou levar elas de volta para o complexo.

Bishop assentiu enquanto Rev acenou com o queixo para onde o atacante de Alex permanecia inconsciente. — E ele?

Minha boca se torceu em desgosto. — Case e Mac podem levar ele para o complexo, mas ninguém toca nele a não ser eu.

— Tudo bem, — respondeu Rev. Quando comecei a ir em direção à porta, senti a mão de Rev nas minhas costas. — Cuide bem dela, D.

Olhando por cima do meu ombro, notei a sua expressão angustiada. Parte disso era preocupação por Alexandra, por mim e pelo clube. Mas outra parte era a sua própria angústia pessoal, porque Alex tinha chamado a mim, estendeu a mão para mim, como se eu fosse a única forma que ela pudesse respirar novamente. O último fio da sua sanidade. Eu sabia que tinha doído pra caralho. Mas ele era um homem melhor do que eu, sempre foi. — Você tem a minha palavra.

Depois que saí da casa, encontrei Crazy Ace e um membro de fora da cidade, Sidewinder, esperando nas motos. — Preciso que vocês me escoltem na volta até o complexo.

— Pode deixar, — disse Sidewinder. Ele deslizou no assento da sua moto e eu comecei a descer a rua para chegar ao carro. Encontrei um prospecto de fora da cidade de pé ao lado do veículo, tomando conta. Ele abriu a porta para mim. Quando tentei colocar Alex no banco de trás, ela se agarrou aos meus ombros e se apertou contra mim.

— Baby, eu tenho que dirigir.

Sua respiração saiu em rajadas rápidas e ofegantes contra o meu pescoço. — Não me deixe, Deacon. Eu vou quebrar se você não ficar comigo.

Crazy Ace veio para o meu lado. Ele pegou as chaves da minha mãe e, em seguida, abriu a porta de

trás. — Deixa comigo, Sargento.

— Obrigada cara.

Me sentei no banco de trás o melhor que pude com Alex em meus braços. Uma vez que estávamos dentro, Crazy Ace fechou a porta e se sentou atrás do volante. Quando já corríamos pela estrada, lágrimas silenciosas de Alex começaram a cair no meu peito nu. Afastando-a um pouco de mim, olhei em seus olhos. — Fale comigo, querida.

Ela respirava irregularmente. — Me desculpe, eu não consigo parar de chorar. Eu estou muito machucada, — ela gemia.

Eu sabia que ela tinha que estar em dor extrema por causa vergões em seu corpo, juntamente com a tensão de ser amarrada. Eu não sabia o que mais aquele filho da puta tinha feito com ela. Eu não queria pensar o que mais ele poderia ter feito para lhe machucar. — Eu prometo que assim que chegarmos ao complexo, vamos te dar alguns remédios. — Escovei seus cabelos encharcados pelas lágrimas, empurrando os fios do seu rosto. — Até lá, você pode chorar tudo o que quiser.

Minhas palavras fizeram seus lábios tremerem, e o choro começou novamente. Falei em voz baixa com ela, me lembrando de alguns momentos dela com Willow. Isso pareceu acalmá-la um pouco, e as lágrimas tinham quase parado no momento em que viramos na estrada familiar para casa.

Quando chegamos ao complexo, Crazy Ace mal conseguiu estacionar, devido à multidão que estava ali esperando. Tinha certeza que as notícias tinham se espalhado e agora todo mundo estava tenso e no limite. Assim que ele conseguiu estacionar, eu abri a porta, não me importando se ia bater em alguém que estivesse perto. Quando fiquei de pé Alex gritou porque tive que acomodá-la para garantir que ela continuasse em meus braços. Abri caminho através da multidão, ignorando as perguntas que me faziam.

— Ok, está certo. Deem o fora do caminho. O que há de errado com vocês? A pobre menina precisa de um pouco de ar! — a voz de Kim gritou atrás de mim. Eu me virei e lhe dei um sorriso agradecido. Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, começou a caminhar para longe do carro. Como a cadela de ferro que só ela podia ser, ela liderou o caminho de todos de volta para dentro do clube, batendo nas pessoas do lado ou nas costas se eles chegavam muito perto.

Quando nós estávamos dentro, levei Alex direto para o meu quarto. Felizmente, alguém teve a presença de espírito de chamar Breakneck Bob, também conhecido como Dr. Robert Edgeway. Ele estava fora do meu quarto, com sua maleta de médico na mão. Breackneck tinha sido um dos membros fundadores originais dos Raiders. No começo todo mundo achava que ele era um metido rico querendo mostrar que tinha bolas andando de moto. Mas mesmo quando ele estava na faculdade de medicina, e mesmo tendo vindo de uma das melhores famílias da cidade, Breackneck levava muito a sério a sua moto. Ele abandonou seu patch vários anos atrás, quando o hospital ameaçou a sua licença se ele continuasse com os Raiders. Agora ele ficava por perto do clube e era nosso médico não oficial.

— Ei, cara. Ainda bem que você conseguiu vir, — eu disse enquanto passava por ele para entrar no quarto.

— Eu sinto muito que eu tenha sido chamado para algo assim, — respondeu ele. Ele veio atrás de mim, largando sua maleta na mesa de cabeceira.

Gentilmente, eu coloquei Alexandra na cama. Quando ela viu Breakneck, se agarrou a mim para

que eu não a soltasse, — Calma, agora. Ele é um dos nossos, mas, mais importante, ele é um médico. Ele precisa ver os seus ferimentos.

— Fique comigo, — ela sussurrou, apertando minha mão.

Eu balancei a cabeça. — Eu vou.

Breakneck deu um sorriso gentil a Alex. — Meu nome é Dr. Edgeway, mas você pode me chamar de Bob. Eu vou cuidar bem de você.

Suas palavras fizeram pouco para acalmar Alexandra. Antes que ele começasse a examiná-la, ele enfiou a mão na maleta e pegou um frasco e uma seringa. — Vou apenas lhe dar algo para a dor. Isso também vai acalmar você.

Ela deu um leve aceno com a cabeça enquanto seus olhos permaneceram firmemente presos aos meus. Depois da injeção, Alex ficou um pouco mais calma. Ele passou por uma série de exames, desde colocar uma luz brilhante em seus olhos até ouvir seus batimentos cardíacos. Ele examinou os cortes e arranhões em seu rosto e no peito, dizendo que seria necessário limpar e desinfetar.

Quando seus dedos tocaram seu abdômen nu, Alex pulou. — Eu só estou palpitando seus órgãos para ter certeza de que não há hemorragia interna.

Rangendo os dentes, ela apertou minha mão com força. — Parece que você está bem aqui, mas eu receio que seu ombro está machucado. Eu não posso ter certeza sem um raio-X.

— Ok, — eu respondi.

— Alex, eu tenho que perguntar isso para ver se preciso continuar os exames. Você foi sexualmente agredida hoje à noite?

Lágrimas encheram os olhos escuros de Alex, mas ela balançou a cabeça com firmeza de um lado para o outro. Eu não pude evitar o suspiro de alívio que escapou dos meus lábios. Eu sabia que ela tinha passado por um inferno, foi espancada e abusada, mas eu não acho que poderia suportar saber que ela foi estuprada por minha causa.

— Eu vou passar por aqui para saber como você está na parte da manhã. Por essa noite, aconselho que você tome um banho e tente descansar um pouco. Vou esperar lá fora até que você esteja pronta para dormir, e então eu posso te dar algum remédio para isso.

— Tudo bem, — murmurou Alex.

Breakneck assentiu com a cabeça e, em seguida, saiu para falar com Case. Quando ele saiu, me virei para Alex. — Você quer que Mama Beth ou Kim a ajudem no banho?

— Você. Eu quero você.

— Você tem certeza? Quer dizer, eu sei que que nós já estivemos juntos, mas eu vou ter que ver você toda nua, e eu acho que você já passou por muita coisa essa noite.

— Eu preciso que você cuide de mim, Deacon.

Eu exalei um suspiro de frustração. — Baby, eu tenho que ser honesto. Eu posso dar uma surra em

qualquer escória que te machucar, mas essa merda carinhosa de cuidados? — balancei minha cabeça. — Eu não sei fazer isso.

— Você está indo muito bem até agora.

— Porra. — Eu resmunguei antes de me levantar da cama. Me inclinando, eu a peguei no colo.

Quando cheguei à porta do quarto, ela gritou de surpresa. — Para onde você está me levando?

— Para casa.

— Ok, — ela sussurrou antes de baixar a cabeça no meu peito.

Breakneck seguiu junto com a gente, às vezes indo na minha frente para tirar as pessoas do nosso caminho. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que o clube tinha estado tão cheio. Mas no momento em que o clube era atacado, membros de todas as partes começavam a chegar.

Kim começou a andar com a gente enquanto fazíamos o caminho em silêncio até a casa de Mama Beth. Eu não fiquei surpreso ao vê-la de pé na varanda da frente e a preocupação gravada em seu rosto enquanto eu subia as escadas.

Sem dizer uma palavra, fui direto ao banheiro. Antes de fechar a porta, olhei por cima do meu ombro. — Rev e Bishop estão trazendo as coisas dela. Coloque no quarto alguma coisa para ela vestir quando eles chegarem.

— Claro. Tudo o que ela precisar, — Mama Beth respondeu.

Eu chutei a porta com a minha bota. Então sentei Alex no vaso sanitário. Ela parece frágil pra caralho sentada ali. Com sua pele pálida, ela parecia uma boneca de porcelana que iria se quebrar em pedaços a qualquer momento. Me virando, liguei o chuveiro e ajustei a temperatura no morno. Eu sabia que água muito quente seria extremamente doloroso para sua pele marcada e ferida.

Uma vez que a água estava ideal, eu virei de novo para ela. — Eu preciso tirar a sua roupa agora.

Ela olhou para mim através de seus cílios longos antes de gentilmente deixar o cobertor escorregar dos seus ombros. Fazendo uma careta, cheguei às suas costas para abrir o sutiã. Quando consegui, Alex manteve momentaneamente o tecido pressionado contra ela. A tomando pela cintura, a fiz ficar de pé. Abri o botão da sua saia e a deixei escorregar pelas suas pernas.

Quando meus dedos roçaram o cóis da calcinha, percebi o quanto ela estava tremendo. — Alex, eu não preciso fazer isso. Deixe que Mama Beth assumo agora.

— Não. Eu quero você, — ela respondeu com determinação firme em sua voz. Ela deixou o sutiã cair de seu corpo. Então ela pegou a calcinha e deslizou para baixo pelas suas pernas. Uma vez que ela estava nua, olhou para mim. — Tire a roupa.

— O quê? — eu perguntei.

— Você é tão sujo quanto eu. Ele ainda está nas suas mãos.

Eu olhei para baixo para ver manchas avermelhadas em minhas mãos e dedos. Eu não tinha tido muito tempo de me lavar na pia da cozinha antes que ela chamasse por mim. — Tudo bem, — eu

respondi. Eu já tinha abandonado a camiseta coberta de sangue na casa dela, então tudo o que restava tirar era minha calça jeans. Eu nunca usava cueca.

Tomando a mão de Alex, a levei para o chuveiro. Quando ela entrou, eu segui atrás dela. No momento em que a água atingiu sua pele ferida, ela gritou. — Aguarde um minuto.

— Pare-parecem l-lâminas, — ela gaguejou.

— Eu sei. Vai arder por um momento.

Meu coração doía pelas lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Eu tinha apanhado o suficiente para saber o que aqueles primeiros minutos debaixo da água eram. Mas ela sempre foi tão protegida, tão longe desse mundo, que tudo era um pesadelo para ela. E era minha culpa.

Eu tirei o cabelo do seu rosto e sussurrei, — Shh, vai ficar tudo bem.

Ela escondeu o rosto no meu peito e começou a chorar com tanta força que seu corpo fez o meu tremer. Por um momento, meus braços ficaram ao meu lado. Eu não sabia como lidar com a situação, especialmente com seus ferimentos. Então, finalmente, a envolvi em meu abraço. — Desculpe, Alex. Eu sinto muito mesmo.

— Por que você está se desculpando?

— Isso nunca teria acontecido com você se não fosse por mim.

Afastando-se, ela olhou para mim. — Você não pode se culpar por isso.

— Se você não tivesse se envolvido com o meu mundo, estaria em casa agora, dormindo em sua cama com seu cachorro ao lado, — eu argumentei.

Com um suspiro derrotado, ela disse, — Talvez seja verdade. Mas se o meu ataque poupou Willow de qualquer dano, então valeu a pena. Assim como valeu a pena ser uma parte da vida dela... e da sua.

Segurando seu rosto em minhas mãos, eu disse, — Porra, vai me assombrar para sempre o fato de que eu não fui capaz de manter você segura o bastante. Pensei que o suficiente fazer Archer te seguir até em casa.

Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Você fazia ele me seguir?

Eu balancei a cabeça. — Eu queria ter certeza de que você chegava em casa bem. — Deslizando a mão pelo meu cabelo, eu suspirei. — Mas você tem a minha palavra, eu juro com tudo que existe em mim, você nunca mais vai ser machucada outra vez.

— Tem certeza de que você pode prometer isso, Jesse James? — quando abri minha boca para protestar, ela balançou a cabeça. — Você é um fora da lei. Você e seu clube vivem por um código diferente que eu não posso nem começar a compreender.

— Esse código de fora da lei que você está falando? Eu vou usá-lo para garantir que você nunca seja ferida novamente e que o filho da puta que se atreveu a tocar em você, pague. — Eu olhei para o rosto dela, buscando sua expressão. — Você me entendeu?

Ela puxou uma respiração dura enquanto seus olhos se arregalaram. Eu sabia que ela tinha

entendido o que eu ia fazer com o filho da puta que tinha lhe machucado. — Ninguém jamais vai te machucar novamente, — eu reiterei.

— Eu quero acreditar em você, Deacon. Mas, com tudo o que aconteceu comigo na vida, eu sou realista. Eu não vejo como isso é possível. — Em voz baixa, ela disse, — Como *nós* somos possível.

Um pânico incapacitante tomou conta do meu corpo. Eu não gostava de pensar no que Alex estava dizendo ou no que ela poderia estar insinuando. — Então o que você está tentando dizer? Que você não quer ser uma parte do meu mundo?

Alcançando atrás de mim, ela pegou o sabonete líquido de Mama Beth. Tomando a minha mão, ela esguichou um pouco do líquido na palma. — Eu não acho que posso tocar a minha pele agora. Você faria isso?

Eu levantei minhas sobrancelhas para ela. — Você vai responder a minha pergunta?

Ela levantou os olhos para encontrar os meus. — Eu não posso agora.

— Você não pode ou não quer?

— Eu simplesmente não posso, — ela sussurrou.

— Tudo bem. — Eu engoli o caroço na minha garganta e respirei fundo. Embora eu não conseguisse imaginar ela fora do meu mundo, tinha que admitir que fazia sentido que ela não quisesse estar nele. Sem outra palavra, eu esfreguei as mãos juntas para fazer espuma. — Se vire, — eu instruí.

Ela girou lentamente até ficar de costas para mim. Tão delicadamente quanto pude, encostei na pele quebrada e marcada onde aquele bastardo deve ter batido nela com seu cinto. Eu conhecia a aparência dessas marcas muito bem, porque meu pai costumava me bater quando eu era criança. Ela pulou no momento em que a toquei. Eu não sei foi por causa da dor ou do toque íntimo de minhas mãos. Olhando por cima do ombro para mim, ela me lançou um olhar tímido. — Isso está bem?

— Sim. Obrigada.

Eu lavei seus braços e a parte inferior das costas. Quando cheguei a suas nádegas, puxei uma respiração. Embora sexo devesse ser a coisa mais distante da minha mente agora, não podia deixar de admirar a curva do seu traseiro, a sensação de tocar nos globos enquanto eu os esfregava. Silenciosamente, eu só queria pensar em sexo. Em vez disso, me concentrei em como eu ia fazer em pedaços o seu agressor assim que eu tivesse um momento a sós com ele.

Quando terminei as costas das suas pernas, me levantei. — Vire, — ordenei novamente. Ela obedientemente seguiu minhas instruções. Como se no piloto automático, ela cruzou os braços sobre os seios, os cobrindo de mim com modéstia. — Baby, eles estiveram na minha boca mais cedo essa noite, se você se lembrar bem.

Suas bochechas coraram e ela abaixou a cabeça. Eu gemi e passei a mão ensaboada pelo meu cabelo. — Merda, eu sinto muito. Eu fui um bastardo por lembrar disso, considerando tudo que você passou.

— Está tudo bem, — ela sussurrou.

— Não está não. É exatamente por isso que eu queria Mama Beth ou Kim aqui com você. Eu estou

fodendo tudo e te machucando.

Seu olhar trancou no meu. — Quantas vezes eu tenho que dizer que é só você que eu quero? Eu preciso de você, Deacon. Eu realmente preciso.

Levantando as sobrancelhas para ela, eu rebati, — Sim, e nem cinco minutos atrás você estava agindo como se quisesse estar longe de mim e dessa vida fora da lei o mais rápido que você pudesse.

Seus olhos escuros brilharam com raiva. — Você pode apenas por um momento tentar se colocar no meu lugar? Eu não cresci neste mundo. Eu não estou acostumada com todo esse sangue e guerras entre clubes. Então eu fui espancada e quase estuprada essa noite. Sinto muito se está além do seu entendimento de que talvez eu precise de um minuto ou dois para recuperar o fôlego.

Minha cabeça foi para trás como se ela tivesse me dado um tapa, — Jesus.

Tomando o frasco de shampoo, ela o bateu no meu peito. — Lave o seu cabelo.

Mordi a língua antes de dizer *ninguém me dá ordens, porra*. Em vez disso, eu peguei o frasco e esguichei shampoo na mão. Enquanto lavava meu cabelo, Alexandra pegou o sabonete e colocou um pouco na sua mão. Com um toque mais duro do que o meu, ela começou a lavar meus braços e peito. Minhas mãos se acalmaram no meu cabelo enquanto eu observava o seu trabalho.

Naquele momento, eu sabia que eu não queria que ela fosse embora. Não tinha apenas a ver com alguma besteira sobre o sentimento de precisar protegê-la depois do que aconteceu. Era mais profundo do que isso. Pouco a pouco, ela tinha aberto caminho através da minha determinação de nunca mais me importar com outra mulher. Enquanto ela era completamente errada, também era certa pra caralho.

Seu rosto estava a meras polegadas do meu quando eu sussurrei, — Não vai embora.

Inclinando a cabeça, ela olhou para mim. — Por quê? — ela questionou em um quase sussurro.

— Porque eu não quero que você vá.

— Por quê? — ela repetiu.

Rangendo os dentes, eu olhei para ela. — Porque eu não quero ver esse seu rabo irritante indo embora.

Ela piscou antes de parar embaixo da ducha para tirar o sabonete das mãos. Quando ela começou a ir para a cortina, agarrei a sua mão. — Porque eu me importo com você. Muito.

— É mesmo?

— Sim, eu me importo pra caralho.

— Eu me importo com você também. — A mão de Alex subiu para cobrir a minha bochecha. — E por causa do que eu sinto por você, eu realmente não quero ir a qualquer outro lugar.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Mesmo depois de tudo o que aconteceu?

— Se eu realmente for honesta comigo mesma, a resposta ainda seria sim.

Com um sorriso provocante, perguntei, — Você quer um pouco da vida fora da lei, princesa?

— Não. Eu só quero mais de você. Independentemente dos riscos ou dos obstáculos, eu quero você.

A seriedade das suas palavras e da sua expressão limpou o sorriso do meu rosto. Nós estávamos em um inferno de uma encruzilhada agora. Na verdade, era algo mais como a borda de um precipício. — Você merece alguém melhor do que eu, — argumentei suavemente.

— Eu sei, — respondeu ela, os cantos dos lábios vibrando como se ela estivesse tentando não sorrir. — Desde que você tente arduamente se tornar digno de mim, acho que nós vamos ficar bem.

Eu não pude evitar que os cantos dos meus lábios se levantassem com a sua declaração. Isso não me impediu de contrapor, — Eu nunca tive que trabalhar por uma mulher antes.

— Talvez você nunca teve uma que valesse a pena.

Eu olhei em seus olhos escuros – que agora estavam cansados por tudo que ela tinha passado essa noite – e percebi o quanto ela estava certa. Eu nunca tinha tido com uma mulher que fosse inteligente e educada. Eu nunca tinha tido com uma mulher que se importava o suficiente com os meus irmãos que ela sacrificaria mais do seu tempo para ajuda-los a passar no GED. Eu nunca tinha visto uma das minhas conquistas ser doce ou atenciosa com a minha mãe. Também nunca vi nenhuma delas ser tão gentil ou compassiva com a minha filha.

— Talvez você tenha razão.

Seus olhos brilharam com a minha resposta. Continuamos olhando um para o outro até que eu finalmente limpei minha garganta. — Vamos. Precisamos tirar você daqui.

Alex deu um aceno rápido com a cabeça antes de eu pisar para fora do chuveiro. Ofereci minha mão e a ajudei a sair. Peguei uma toalha e entreguei a ela enquanto eu mesmo me secava. Ela soltou pequenos suspiros e assobios enquanto tentava secar sua pele ferida.

Depois de envolver a toalha ao redor da minha cintura, fui para o quarto. Assim como eu tinha pedido, Mama Beth tinha colocado um pijama para Alex sobre a cama. Eu o peguei e voltei para dentro do banheiro. Alex estendeu um tubo de Neosporin para mim. — Você pode passar isso nas minhas costas?

— Sim, claro, — eu murmurei, lhe entregando o pijama. Tão delicadamente quanto eu pude, passei a pomada sobre a sua pele machucada. Eu sabia que seria necessário fazer isso várias vezes ao dia para que não ficassem cicatrizes. Ele tinha uma pele bonita demais para ficar marcada. Além disso, também representaria uma lembrança física do que ela tinha vivido essa noite.

Quando acabei, Alex pôs o pijama. Eu vesti uma camiseta e um par de calças jeans que eu estava disposto a jogar fora enquanto Alex secava o cabelo. Saí do armário para encontrar com ela sentada, os joelhos pressionados contra o peito. Sem dizer uma palavra, fui até a porta do quarto e a abri. — Breakneck? — chamei.

Seus passos ecoaram pelo corredor da sala de estar. Quando ele entrou no quarto, Alex olhou para ele com cautela. — Eu vou dar algo para ajudar você a dormir. Seu corpo e sua mente precisam de descanso ininterrupto, e muitas vezes depois de um trauma nossas mentes não parecem desligar, para deixar o corpo descansar.

— Você vai ficar comigo, não vai? — Alex me perguntou.

— É claro, — eu menti. A verdade é que, no momento em que ela estivesse dormindo, eu ia cuidar de negócios que não podiam esperar.

Ela acenou para Breakneck. Depois de cavar uma seringa de sua maleta, ele deu um passo para ela. Alex fez uma careta quando a agulha entrou em seu braço. Depois que ele terminou, ela voltou a se deitar na cama. Seus olhos procuram os meus, me implorando para lhe acompanhar.

Depois que eu dei um tapinha agradecido nas costas de Breakneck, fui até a cama. Assim que me deitei, Alex se enfiou contra mim, colocando a cabeça no meu peito. Enrolei meus braços em torno dela, tentando lhe dar o abrigo e a segurança que ela tanto precisava. — Fale comigo, — ela sussurrou.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa. Eu só quero ouvir a sua voz.

Enquanto eu quebrava a cabeça tentando pensar em algo para falar, finalmente acabei me resolvendo por uma história. — No primeiro dia em que vim viver com Preacher Man e Mama Beth, eu estava ao mesmo tempo assustado e feliz. Enquanto era estranho ter pais novamente, a história toda era diferente, eu tinha dois irmãos mais novos...

Quando a respiração de Alex sinalizou que ela finalmente caiu no sono, eu lentamente comecei a me livrar do seu abraço. O que quer que tivesse na dose que Breakneck lhe dera, foi o suficiente para lhe apagar totalmente. Ela não se mexeu quando deslizei para fora do colchão e parei sobre ela. Era bom finalmente vê-la em paz. Claro, seu rosto marcado por contusões e cortes, junto com o resto de sua pele machucada exposta, não pareceu tão pacífico. Ela era o emblema de alguém que tinha passado por um trauma terrível.

Um trauma que eu estava indo garantir que ia ser vingado. Abri a porta para encontrar Rev e Bishop do lado de fora. Apenas um aceno com a minha cabeça respondeu à pergunta não feita por eles. Eu podia ter sido carinhoso e terno nas últimas duas horas, mas agora eu estava pronto para trabalhar. Em silêncio, caminhei pelo corredor. Na sala de estar, encontrei Mama Beth e Kim nos olhando com expectativa. — Vocês podem ir ficar com Alex? Eu tenho alguns negócios que preciso cuidar.

Elas não se incomodaram em perguntar que tipo de negócios iriam me tirar da cabeceira da mulher ferida que eu estava cuidando. Eles haviam passado tempo suficiente com os Raiders para saberem o que eu estava prestes a fazer. Mama Beth cobriu meu rosto com as mãos, lágrimas transbordando em seus olhos. Mesmo que ela não pudesse tolerar minhas ações, eu sabia que ela entendia meus motivos. Então ela se arrastou pelo corredor, com Kim atrás dela.

Nós saímos para a noite escura. O silêncio pairou pesado ao nosso redor. Nós estávamos sobrecarregados com a tarefa a cumprir. Mesmo que Rev e Bishop não colocassem um dedo no atacante de Alex, eles ainda iriam participar da sua morte apenas por testemunhá-la, e, portanto, teriam também sangue nas mãos.

Quando chegamos ao clube, os membros ainda estavam andando de um lado a outro. Ao ver minha expressão desagradável e determinada, eles saíram do meu caminho. Enquanto eu descia as escadas até o porão, a corrida familiar de adrenalina começou a bombear através de minhas veias. Sangue bateu forte nos meus ouvidos, abafando o som das minhas botas na escada de madeira.

Se Willow tinha ficado com medo do porão de Mama Beth, ela teria cagado nas calças ao ver isso aqui. As paredes eram brancas, e tiveram que ser repintadas muitas vezes, para esconder as manchas de sangue que eram iluminadas por uma lâmpada solitária que pendia em uma corrente vindo do teto, lançando sombras sinistras pelos quatro cantos da sala. Em uma das paredes estava um rack que se assemelhava a algo saído de uma câmara de tortura medieval. Próximo a ele estava uma mesa cheia de instrumentos de tortura.

Eu acenei com o queixo na direção de Case e Boone antes de voltar minha atenção para a tarefa à minha frente. No meio da sala, o agressor de Alex estava preso a um dos ganchos pendurados desde o teto. Seus braços, que eram cobertos de tatuagens multicoloridas, estavam esticados acima da sua cabeça, e eu sabia que essa posição doía como o inferno depois de muito tempo. Mas ele merecia. Ele merecia cada porra que eu estava prestes a lhe dar.

Ele estava acordado agora, e me encarou enquanto eu caminhava até ele com um sorriso de escárnio arrogante em meu rosto. — Qual é o nome desse filho da puta? — eu perguntei.

— O nome no seu colete diz que é “Crank”, mas sua ID diz Keith McGuinness, — Mac respondeu atrás de mim.

Encarando-o diretamente nos olhos, eu disse, — Crank, você fodeu com o homem errado.

Ele murmurou alguma coisa para mim por trás de sua mordação. Colocando meu ouvido mais perto dele, eu disse, — Desculpe. Não consigo te ouvir.

Desta vez, quando ele gritou ele, eu poderia muito bem ligar o “foda-se”, mas estendi a mão e arranquei a mordação. A força foi tanta que arrancou dois de seus dentes juntos, que caíram com ruído no chão. — Me desculpe por isso. Mas você não vai precisar deles quando eu terminar com você.

A resposta de Crank foi cuspir sangue, que respingou nas minhas botas. Por agora, optei por ignorar. — Sigel mandou você ser rude com a minha menina. Acho que ele gostaria que eu saísse daqui para ele poder se vingar, certo?

Crank não respondeu. Estendendo a minha mão, eu esperei um dos irmãos me entregar uma ferramenta. Um alicate foi colocado em minha palma. — Você vai me responder?

Quando ele continuou a não dizer nada, levantei o alicate até suas mãos. Em rápida sucessão, esmaguei e quebrei os dedos de uma das mãos. Tentando não me dar a satisfação de ver a sua for, ele chupou uma respiração ofegante e soltou, se recusando a gritar. No entanto, uma vez que fiz o mesmo do outro lado, ele gritou quando suas mãos, queimando com a dor, empurrando e convulsionaram contra suas amarras.

— Eu vou perguntar de novo. Sigel mandou você para Alex para ele fazer eu sair fora do complexo para sua vingança?

Mais uma vez, ele só me olhou com puro veneno fervendo em seus olhos. Ao longo dos anos, eu me deparei com homens como Crank – nozes duras de rachar. Bem, a menos que você realmente quebre as suas nozes³⁶, aí eles começam a cantar que nem canários. Então eu vôlei a trabalhar, mas desta vez coloquei de volta a mordação.

Depois de usar o alicate para arrancar fora cada uma de suas unhas, eu entreguei a ferramenta

ensanguentada de volta para Bishop. Em seguida, ele me entregou um pé de cabra. Ficando quase na mesma posição de um jogador, eu me inclinei para trás antes de descer um sólido golpe no seu joelho direito. Um grito abafado irrompeu pela mordaca, mas eu ignorei. Em vez disso, lancei o pé de cabra sobre sua rótula esquerda, quebrando-a com o impacto.

Crank agora estava precariamente pendurado pelos braços, incapaz de suportar o seu peso com os joelhos quebrados. O suor escorria de seu rosto, que se contraiu com a dor que passava pelo seu corpo. Eu arranquei a mordaca novamente. — Apenas me diga sim, e isso vai muito mais fácil.

Me olhando fixamente por um momento, Crank resmungou, — Vai se foder.

— Não, cara. Eu vou foder você com o cabo oxidado desse pé de cabra, se você não começar a falar.

— Eu deveria ter cortado a garganta da sua pirralha quando tive a chance, — ele cuspiu.

— Com licença?

Um sorriso ameaçador curvou seus lábios. — Eu poderia ter fodido ela de todos os jeitos possíveis antes de cortar sua garganta, mas Sigel disse que não.

Engoli em seco pela imagem que ele tinha pintado, uma com a qual eu estava muito familiarizado a fazer uso durante as sessões de tortura. Com toda certeza eu não estava acostumado a ter essas coisas viradas contra mim. Sem pensar outra vez, lancei o pé de cabra na parte inferior das suas costas, acertando o rim. Ele gritou, uma combinação de saliva e sangue espirrando de sua boca. Depois de acertar o outro, eu lhe dei um momento para aproveitar a onda de dor. — Você vai me dizer essa merda ou eu devo apenas acabar com você agora?

— Acabe comigo.

— Tudo bem. — Lançando o pé de cabra sobre a mesa, peguei o facão longo. Olhando para as tatuagens no seu peito, balancei minha cabeça. Com precisão metódica, comecei a cortar cada uma das tatuagens que representavam seus laços com os Nordic Knights e o ódio venenoso que eles vomitavam.

Eu não sei quanto tempo se passou ou quando Crank finalmente parou de gritar. Quando eu olhei para ele, seus olhos estavam vidrados, e eu sabia que ele estava naquela área sombria, onde você tem o dedo do pé ainda aqui na sala e outro na linha da morte. Segurando o facão, cortei seus pulsos. Seu estado de estupor virou para um em pânico quando sua última força de vida jorrou e fluiu para o cimento e pelo ralo no chão.

Olhando por cima do meu ombro, conferi a resposta dos meus irmãos. Apenas Rev tinha um olhar de desgosto. Tenho certeza que ele achava que eu tinha ido longe demais, independentemente do que Crank tinha feito para Alexandra. Sem dizer uma palavra a nenhum deles, eu andei até o chuveiro que havia no canto da sala. Depois de tirar minha roupa saturada de sangue, parei embaixo da água. Enquanto me livrava da evidência física do meu crime, meus irmãos trabalharam para se livrar de Crank.

Ensaboando meu corpo, eu assisti enquanto eles rolavam o corpo em plástico e, em seguida, em uma lona. Ele seria depositado à porta de seu clube em algum momento esta noite. Isso envolveria uma grande produção e um plano muito bem feito para que carros sem identificação entrassem no território dos Knights. O mais provável é que um runner – alguém que fazia bicos para o clube – acabaria jogando

o corpo lá, então nós não poderíamos ser ligados ao crime pelos federais. Mas Sigel ia saber com toda certeza quem tinha acabado com Crank.

Depois de tomar banho, coloquei as calças de moletom e a camiseta que Archer trouxe para mim. Embora eu devesse ter ido para a casa com Alexandra, saí do clube em direção à floresta. Antes que eu pudesse estar com ela novamente, eu tinha que colocar minha cabeça no lugar. Embora tivesse havido muitas mortes na minha vida, todas elas me afetavam. Minhas emoções ficavam represadas, e eu precisava de um tempo para me acalmar.

Com apenas minha arma e minha lanterna, tropecei no meio do mato e me dirigi para a floresta, em busca do lugar onde eu sempre ia para encontrar consolo e cura.

Capítulo Dez

ALEXANDRA

Quando eu encontrei minha consciência ainda meio grogue, minhas pernas pareciam pesadas e me puxavam para baixo, fazendo difícil se mover. Piscando furiosamente, me esforcei para abrir os olhos. No momento em que minhas pálpebras finalmente abriram, tudo que tinha acontecido na noite anterior desabou em cima de mim como um edifício em ruínas. Um grito rasgado saiu de meus lábios quando um carretel de imagens começou a se desenrolar na minha mente, me agredindo. Os braços e pernas que eu não tinha tido energia para mexer antes agora se debatiam violentamente na cama. Meu corpo tremia e convulsionava até que ouvi uma voz calmante à minha esquerda. — Shh. Está tudo bem, querida, — disse Beth, enquanto pegava minha mão na dela.

Bile subiu na minha garganta, e quando eu engoli em seco, minha garganta se enfureceu em agonia. Mas não foi o grito por ontem à noite que a deixou áspera e como se tivesse sido cortada por lâminas de barbear. Foi a combinação das mãos fortes do meu agressor ao redor da minha garganta com meus gritos de terror antes que Deacon tivesse voado para me resgatar.

Oh Deus, Deacon.

Ele tinha sido meu protetor, um verdadeiro cavaleiro de armadura brilhante. Sua força me salvou de um pesadelo infernal. Meus olhos percorreram o quarto descontroladamente à procura dele. — David está bem. Ele só tinha que cuidar de algumas coisas. Ele estará de volta em alguns minutos, — Beth me tranquilizou.

Eu não podia deixar de me perguntar o que ele estava fazendo. Eu ainda estava consciente o suficiente para me lembrar dele latindo ordens para Rev e Bishop sobre trazer meu atacante de volta para o complexo. Será que ele torturou o homem para conseguir informações? Talvez até mesmo o matou?

No meu tremor, Beth apertou mais as cobertas ao meu redor. Quando a encarei, ela segurou meu rosto com ternura. — Eu sinto muito que tudo isso tenha acontecido com você, querida.

— Obrigada, — eu murmurei.

— Você está com dor em algum lugar?

— Eu me sinto dolorida, isso é tudo. — Quando me mexi na cama, alguns pontos nas minhas costas gritaram em agonia, e eu fiz uma careta.

— Eu vou pegar alguns remédios que Breakneck deixou.

— Breakneck?

Ela riu. — Sinto muito. Eu ainda me refiro ao seu nome de estrada, de quando ele era um membro do clube. Eu quis dizer o Dr. Edgeway.

Uma pequena batida veio da porta. — Vovó Beth, eu posso ver Alex agora? — a vizinha abafada de Willow questionou.

Eu balancei a cabeça de um lado para o outro freneticamente enquanto as lágrimas ardiam nos meus olhos. — E-eu n-não posso deixar que ela me veja assim.

Beth girou a bainha de seu avental antes de encontrar meu olhar. — Ela está pedindo para ver você durante toda a manhã. Ela chorou até dormir nos braços de Nathaniel, porque ficou preocupada demais depois que viu que você foi trazida para cá. Eu não acho que ela vai ser convencida de que você está realmente bem até que a veja.

— O q-que ela acha...? — engoli em seco novamente. — O que você disse que me aconteceu?

— David disse a ela que você sofreu um acidente de carro. Ele achou que era a melhor explicação para seus ferimentos.

— Meus ferimentos?

Beth fez uma careta. — Os cortes e contusões.

— Oh, — eu sussurrei.

A batida outrora suave na porta ficou mais forte. Eu quase podia imaginar as minúsculas mãozinhas de Willow esmagadas contra a madeira. — Por favor, vovó Beth, me deixe entrar! — ela gritou.

Seu tom angustiado me quebrou. Independentemente de saber se eu teria força emocional e física para vê-la, eu não poderia lhe negar isso. Ela já tinha vivido muita coisa no seu passado. Havia um limite que uma criança podia aguentar, e eu não podia aumentar ainda mais o seu sofrimento.

Me sentando na cama, eu disse, — Entre, querida. — Estremeci com a dor na minha garganta ferida.

A porta se abriu, suas dobradiças rangendo. Willow entrou se arrastando no quarto. Quando seus olhos escuros encontraram os meus, seu olhar assustado desapareceu um pouco. Suas bochechas cobertas de lágrimas se esticaram em um largo sorriso. Mas, quando ela se aproximou mais, seu sorriso foi desaparecendo. Eu só podia imaginar a bagunça que estava o meu rosto. — Oh, Srta. Alex, você tem tantos dodóis. Você vai ficar bem?

Forçando um sorriso no meu rosto, eu assenti. — Tenho certeza que sim. Eu só fiquei um pouco machucada, mas vou ficar bem.

Suas sobrancelhas escuras vincaram em preocupação, e eu podia ver as engrenagens rodando em

sua cabeça. Ela queria saber se podia acreditar em mim. Esticando minha mão, eu acenei para a cama. — Venha aqui se sentar comigo. Eu sei que estar com você vai fazer eu me sentir melhor.

Ela sorriu quando foi direto para a cama. — Cuidado, — alertou Beth quando Willow subiu na cama.

— Quer assistir alguns desenhos animados? — ela perguntou.

— Eu adoraria.

Com um sorriso, ela estendeu a mão para a mesa de cabeceira e pegou o controle remoto. Depois de ligar a TV, acabou parando em um episódio antigo de *Scooby-Doo*.

— Acho que você poderia comer alguma coisa? — perguntou Beth. Quando neguei com a cabeça, ela disse, — Eu tenho alguns biscoitos e molho de carne prontos. Eles são suaves para o estômago. Mas se você quiser um pouco de sopa, eu posso preparar.

Sua insistência fez uma dor emocional queimar através de meu peito. Ela estava fazendo papel de mãe comigo, e tinha muito tempo que eu não tinha uma. Era algo que sentia falta desesperadamente. Na minha hesitação, ela disse, — Vai te fazer bem, querida.

Quando minha garganta se apertou com emoção, eu apenas balancei a cabeça. O rosto de Beth se iluminou com a minha concordância. — Tudo bem então. Biscoitos e molho de carne ou sopa?

— Eu não posso imaginar qualquer coisa que eu queira mais do que seus biscoitos, — eu disse.

Ela sorriu. — Então biscoitos é o que teremos. Vou estar de volta em um minuto.

Com Willow aconchegada ao meu lado, me abaixei para lhe dar um beijo no topo da cabeça. Fechando os olhos, inalei a doce fragrância do seu shampoo. — Eu amo você, senhorita Alex, — Willow murmurou.

Lágrimas encheram meus olhos. — Eu também te amo, docinho. Muito, muito, muito.

Olhando para mim, Willow disse: — Oh, não chore!

— Está tudo bem. São lágrimas de felicidade de ouvir suas palavras bonitas.

Willow franziu a testa. — Eu só ia dizer que gostaria que você fosse a minha mamãe, mas é melhor não, se vai fazer você chorar.

Houve o barulho de alguém limpando a garganta na porta. Quando olhei para cima, meu coração disparou com a visão do porte forte de Deacon. Ele segurava uma bandeja com a comida que Beth tinha insistido para que eu comesse. — Oi, — eu disse suavemente.

— Oi, — ele responde. Seus olhos escuros correram de mim para Willow. — Vá até a cozinha para almoçar.

Seus lábios se viraram para baixo em um beicinho. — Mas eu quero ficar com a senhorita Alex.

— Willow...

— Eu só pude entrar a uns minutinhos atrás, — ela protestou.

— Não discuta comigo. Agora, — ele ordenou. Seu tom de quem não estava para brincadeiras fez Willow lutar para sair da cama, mas não a impediu de pisar duro por todo o quarto até ele.

Quando ela o encontrou na porta, entornou o dedo para ele, o chamando até o nível dela. Quando ele se inclinou um pouco, ela disse em um tom abafado, — Srta. Alex está machucada e triste, então seja bom para ela.

Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — O que você acabou de me dizer?

— Não seja como você é geralmente com ela. Seja legal.

A expressão de descrença absoluta de Deacon trouxe um sorriso tão necessário ao meu rosto. Ele olhou para sua filha como se ela fosse alguma forma de vida alienígena. O seu estado de choque tirou qualquer possibilidade de castigar Willow por suas palavras ou tom. Quando ele finalmente deu um leve aceno de concordância, ela passou por ele e seguiu pelo corredor.

Com um olhar perplexo no rosto, ele atravessou o quarto até mim. Me acomodei mais na cama, me apoiando contra os travesseiros, enquanto ele se sentava ao meu lado. — Você está com fome?

— Na verdade, não. Eu só não queria ferir os sentimentos de Mama Beth.

— Bem, você precisa comer. Para manter sua força e tudo mais.

Eu observei com surpresa quando ele equilibrou a bandeja em seu colo. Pegando a colher, ele a afundou no molho de carne. Quando ele a trouxe até a minha boca, arregalei os olhos.

— O quê? — perguntou Deacon com a colher pairando perto dos meus lábios.

— Você acabou de me surpreender, é isso.

Quando eu ainda não aceitei a colher, Deacon levantou as sobrancelhas para mim. — Não me diga que você vai me obrigar a fazer aquela besteira de aviãozinho com a colher.

Eu ri e, em seguida, fiz uma careta pelas minhas costelas doloridas. — Você realmente faria isso?

— Porra, não.

Me inclinando para frente, tomei o conteúdo da colher, deslizando o caldo em minha língua. — Mmm. Isso é bom.

— Mama Beth faz questão do molho de carne caseiro. Ele acha que é algum tipo de sacrilégio comer os que vêm embalados.

— Ela só quer o melhor para seus filhos, — eu respondi com um sorriso.

Deacon me alcançou um biscoito. Enquanto eu mastigava pensativamente, ele inclinou a cabeça para mim. — O que você está pensando?

— Que ninguém acreditaria que o Sr. Motoqueiro Menino-Fodão está me dando comida na boca.

Com um bufo, Deacon disse, — Menino? Eu sou um homem, querida.

— Sim, você é.

Obediente, eu aceitei outra colherada do molho. Uma vez que engoli, Deacon trouxe o suco de laranja para meus lábios. — Merda! — gritei quando a acidez do suco entrou em contato com minha pele machucada, tanto dos lábios, quanto a língua e a bochecha.

Deacon fez uma careta. — Eu devia ter pensado que suco de laranja não seria uma boa escolha.

— Você tem um monte de experiência com bocas estouradas? — perguntei antes que pudesse parar.

— Sim, eu tenho. Aprendi quando eu lutava.

— Você não luta mais?

— Luto, mas é diferente de quando eu era garoto. Naquela época era uma forma de sobrevivência. — Procurando em meus olhos por alguma forma de julgamento, ele acrescentou, — Mas mesmo agora, eu não vou parar de lutar.

— Um mal necessário, — murmurei. Quando ele fez um breve movimento de cabeça em assentimento, eu não pude deixar de perguntar: — O que acontece agora? — perguntei.

— Você fica aqui até melhorar.

— E depois?

Deacon deu de ombros. — Então você fica aqui até eu cansar de você.

Eu ri. — Eu acho que você precisa trabalhar nas suas habilidades hospitaleiras.

Ele sorriu. — O que são todas essas perguntas? Pensei que a gente já tinha trabalhado em toda essa merda melosa ontem à noite no chuveiro.

— Sim, nós fizemos isso. Mas eu tenho meio que um TOC³⁷ quando se trata de fazer planos para o futuro.

— Tudo com o que essa sua linda cabecinha precisa se preocupar é em ficar boa. — Com um olhar aguçado, ele acrescentou. — Porque aquele bastardo nunca vai te machucar de novo. Eu juro.

Quando Deacon trouxe a colher para os meus lábios, eu empurrei sua mão. Vendo suas sobrancelhas levantadas, perguntei em um sussurro, — Você o matou. Não é?

Deacon soltou um suspiro irregular. — Não me pergunte sobre os meus negócios.

Eu balancei a cabeça. — E não venha todo Michael Corleone *O Poderoso Chefão* para cima de mim, Deacon. Eu sei que eu disse que ia ficar aqui, mas tenho as minhas condições. Honestidade é uma delas.

— A única razão pela qual eu esconderia coisas de você é para sua proteção. Quando menos você souber sobre os negócios dos Raiders, melhor. Então você nunca poderia ser chamada para testemunhar.

Enquanto isso fazia sentido, eu não podia deixar pra lá. — Você matou ele? — eu repeti.

A colher bateu ruidosamente contra a tigela. A expressão fria e calculista no rosto de Deacon me fez encolher contra os meus travesseiros. — Sim, porra, eu matei ele. Quando alguém machuca as pessoas com quem eu me importo, eu não espero por um juiz ou um júri – eu cuido do assunto com as

minhas próprias mãos.

Enquanto eu tinha minhas suspeitas sobre os pecados escuros de Deacon, bem como tinha a sua confissão sobre a morte de seu pai, nada poderia se comparar a realmente ouvir as palavras saindo de sua boca. Ele ia além de um bandido com negócios escuros. Ele era um assassino – e ele até mesmo matou por mim.

Ao fim e ao cabo, eu estava apaixonada por um assassino. De repente foi difícil respirar, enquanto eu lutava para compreender como Deacon se encaixava em meu mundo ético e moralmente organizado.

— Diga alguma coisa, — ele ordenou.

Olhando para a colcha desbotada, eu respondi, — Eu não sei o que dizer.

— Então você pode enxergar meu verdadeiro eu além do sangue em minhas mãos

— Esse é um lado seu que você consegue compartimentar assim tão facilmente?

— Provavelmente assim como você com o seu bebê, — ele respondeu.

Apertei meus olhos fechados à menção dos meus próprios pecados. Suponho que para o mundo devia parecer que eu tinha a consciência limpa. Para algumas pessoas, aquilo que eu fiz há tantos anos atrás não seria um problema. Afinal de contas, não existia uma bússola moral com todas as verdades a serem respeitadas. Cada indivíduo, cada fé, todas as culturas, muitas vezes escolhiam o que era o certo e o errado aos seus olhos. Dependendo de onde você olhava, luz era sombra e sombra era luz, deixando muitos tons de cinza no meio disso. Talvez todo mundo lutasse contra a exposição do seu lado escuro. Talvez todos nós estivéssemos lutando uma guerra interna secreta, enquanto que Deacon escolheu lutar essa batalha a céu aberto, sem abrigo.

Com a sensação do olhar intenso de Deacon sobre mim, eu abri meus olhos. Sua expressão me disse que ele estava arrependido por trazer meu passado à discussão. Eu sabia que pedir desculpas não seria fácil para ele. Esse não era o seu estilo. — Talvez eu precise de um pouco de tempo para processar tudo isso. Assim como você precisava de tempo para se abrir para Willow e para mim, eu preciso disso também, quando se trata do seu mundo.

— Eu entendo. É difícil imaginar você realmente se importando com alguém como eu.

— Não é isso.

— Você tem certeza? Você já pensou em como vai explicar isso aos seus tios? E aos professores que trabalham com você? Como será que todos vão reagir quando a boa Alexandra aparecer namorando um bandido?

— Não presuma que eu sou tão superficial. No momento em que meus pais morreram, desisti de dar a mínima para o que as pessoas pensavam de mim. Ninguém quer ser rotulada como a órfã bizarra ou ter alguém sussurrando sobre você. Essa foi a única razão pela qual eu fui para a faculdade e nunca pus um pé na minha cidade natal outra vez. Eu nunca quis ser uma mártir das tragédias da minha vida — me empurrando na cama, cruzei os braços sobre o peito. — Sim, nós somos de mundos diferentes. Assim como as pessoas podem me questionar sobre minha escolha, não duvido um minuto que os Raiders não vão questionar você também.

— Não é da porra da conta deles.

— Você sabe tão bem quanto eu que eles vão fazer ser da conta deles. Isso é o que as pessoas fazem — estendendo a mão, peguei a mão dele na minha. — No fim das contas, não importa o que os outros dizem. Isso é apenas sobre você e eu — fiquei olhando para sua mão, ligando meus dedos aos dele. Deveria ter sido assustador segurar a mão que havia dispensado uma justiça tão horrível. Mas também foi essa mão que tão gentilmente me lavou na noite passada, os dedos que, com ternura, passaram pomada sobre as minhas feridas. Calor pulsou através de mim com o pensamento de outro talento que seus dedos e mãos tinham.

Deacon trouxe a outra mão na minha bochecha. — Apenas você e eu.

Me inclinando contra a palma da mão em meu rosto, fechei os olhos, curtindo a sensação de seus dedos calejados contra minha bochecha. O breve momento de intimidade terminou quando uma voz veio de fora no corredor. — Posso voltar agora? — perguntou Willow.

No grunhido de frustração de Deacon, eu ri. Havia algo tão agradável em ver o Sr. Grosso e Durão totalmente sem ação quando se tratava de uma garotinha minúscula. — Sim, você pode voltar agora.

Willow abriu a porta, um livro para colorir e lápis de cor na mão. — Eu pensei que a nós poderíamos colorir juntos.

— Eu gostaria muito disso.

Depois de colocar suas coisas na mesa de cabeceira, ela rastejou sobre Deacon e ficou entalada entre nós dois. Eu sorri para o olhar horrorizado no rosto dele. — Sabe, você poderia ter ido para o outro lado, — Deacon disse.

— Mas seria mais difícil dividir os lápis de cor.

Suas sobrancelhas se ergueram. — O quê?

— Você não quer colorir com a gente?

Deacon abriu a boca para protestar, mas eu balancei rápido a cabeça. — Claro que ele quer — quando ele olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, eu disse: — Eu preciso de companhia.

Incapaz ou relutante em discutir comigo sobre este ponto, Deacon apenas soltou um grande suspiro. Olhando entre Willow e eu, ele perguntou: — Então, o que estamos colorindo?

— Barbie Bailarina, — Willow respondeu.

— Eu deveria ter imaginado, — ele murmurou.

E quando ele levantou um lápis roxo simples, eu sabia, sem sombra de dúvida, de que não importavam os demais atos pelos quais suas mãos haviam sido responsáveis, eu amava Deacon com todo meu coração.

Capítulo Onze

ALEXANDRA

O suspiro pesado do velho balanço na varanda de Beth estava quase me embalando no sono. Com meu e-reader descansando no meu colo, eu olhava para fora, ao longo das trilhas e dos bosques que iam para além do complexo. Quando me inclinei para frente para ter uma melhor visão de um cervo que mordiscava um pouco de grama, dor cortou as minhas costas, e eu respirei fundo asperamente.

Três dias se passaram desde o meu ataque. Enquanto as cintadas pareciam estar melhores e curando, a dor em meus ossos e músculos parecia estar demorando um pouco mais para se ajustar. Emocionalmente eu estava ficando mais forte. Eu não tinha tido que tomar nenhum remédio para dormir nas duas últimas noites. Claro, não era nada mal que Deacon dormia ao meu lado, me fazendo sentir segura e protegida.

Eu ainda não tinha voltado para casa, e eu temia a ideia de enfrentar minha casa sozinha novamente. Quando fechava meus olhos, ainda podia ver a forma sem vida de Atticus e o homem horrível que me atacou. Deacon prometeu me levar para casa quando eu me sentisse pronta, mas eu não tinha certeza de quando isso ia acontecer.

Era quase perfeito demais que a escola estava na nossa semana de pausa de outubro, então eu não tinha que me preocupar em inventar desculpas ao diretor sobre a minha ausência. Com toda certeza eu não poderia ter isso trabalhar toda machucada e surrada. Isso teria levantado muitas suspeitas e discussão sobre o que estava acontecendo na minha vida privada.

A voz de Deacon me tirou dos meus pensamentos. — Ei, — ele disse, um sorriso travesso em seu rosto.

— Ei para você também.

Ele caminhou por toda a extensão da varanda com uma grande caixa de madeira em seus braços. Acenando com o queixo para a caixa, eu perguntei, — O que tem aí?

— Um presente para você.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Você vai me dar um presente?

— Você age como se eu nunca fosse fazer algo tão considerado.

Eu ri. — Eu estou um pouco surpresa.

Com uma carranca, ele disse, — Eu tenho alguns ossos decentes em meu corpo, você sabe.

— Sim, eu sei.

Depois de largar a caixa aos meus pés, ele coçou a parte de trás do seu pescoço. Foi algo cativante, porque eu sabia que ele sempre fazia isso quando estava nervoso. — Estou esperando que você goste. Se você não quiser eu posso dar para alguém.

Eu balancei a cabeça para ele. — Oh não, você não pode. Além disso, eu tenho certeza que vou amar.

Mais uma vez, ele coçou puxou o cabelo na base do pescoço. — Espero que você goste. Quer dizer, espero que isso tenha sido a coisa certa a fazer.

Com a minha curiosidade em chamas, eu me inclinei para a frente no balanço para poder abrir a caixa. No momento em que soltei a tampa, algo avançou para mim. Eu gritei e pulei para trás. Quando olhei para baixo, havia um filhotinho preto de pit bull se contorcendo e chorando e cheirando meus pés.

Olhei para Deacon surpresa. — Você me deu um cachorro?

Sua mão se dirigiu para a parte de trás do seu pescoço novamente. Se ele continuasse a fazer isso, ia acabar careca. — Eu sei que você amava o seu cão, e bem, depois do que aconteceu com ele, pensei que você poderia gostar de ter outro. O cachorro de Boone teve uma ninhada um tempo atrás, e eu escolhi esse para você.

Quando o cachorro mordeu meu dedo do pé descalço com seus dentes de bebê, eu ri. — Ei, isso aí não é de comer, — eu disse, me curvando para pegá-lo. Ele olhou para mim com olhos azuis profundos, e foi amor instantâneo. — Você é um menino bonito, hein?

Sua resposta foi abrir a boca e bocejar, jogando aquele cheiro maravilhoso de respiração de filhote de cachorro em mim. Eu o aconcheguei em meu peito, beijando o topo da sua cabeça. Quando olhei para cima, Deacon estava me olhando com curiosidade. — Isso significa que você gosta dele?

— Como eu não poderia? Ele é adorável.

— Então eu mandei bem?

Eu o chamei para perto curvando o dedo. Com as sobrancelhas franzidas, ele se inclinou para baixo. — Você mandou muito bem, Jesse James, — eu respondi antes de levar meus lábios aos dele. Quando senti minha língua contra a sua e ia aprofundar o beijo, ele se afastou. Meu coração afundou um pouco com a reação dele, mas eu forcei um sorriso em meu rosto para esconder minha decepção. Três dias atrás ele fez coisas más para mim com essa língua, mas depois do meu ataque ele não conseguia me tocar sexualmente. Eu poderia muito bem ter uma etiqueta presa em mim com os dizeres “mercadoria danificada”.

A porta de tela bateu e Willow pulou para a varanda. No momento em que ela viu o cachorro, seus olhos se arregalaram. Com um grito, ela correu até mim. — Você tem um cachorro?

— Sim. Seu pai me deu um.

Willow fez uma careta para o pai enquanto colocava uma de suas mãos no quadril. — Você disse que eu não poderia ter um.

— Isso mesmo. Eu disse. Senhorita Alex é adulta e pode cuidar de um filhote de cachorro, enquanto você não pode. Além disso, o cachorro dela teve... — Deacon estremeceu, e eu sabia que ele estava tentando encontrar a forma mais delicada de dizer o que aconteceu com Atticus. — Bem, ele, uh... Ele foi para o céu na outra noite, então esse aqui veio para tirar um pouco da sua tristeza, — ele respondeu.

— Oh, senhorita Alex, eu sinto muito sobre o seu cão, — Willow disse, seus lábios se voltando para baixo.

— Está tudo bem. Você quer segurar ele? — ela assentiu enfaticamente com a cabeça, então eu passei o cachorro para ela. Ele começou a lambear seu rosto loucamente, o que fez com que ela explodisse em um ataque de risos. Eu não pude deixar de rir com a visão. Deacon também começou a rir. Era bom estar em torno de risos outra vez.

— Qual vai ser o nome dele? — perguntou Willow enquanto se esquivava das longas lambidas do filhote.

— Hmm. Eu não sei. Por que você não escolhe um nome?

— Sério?

Eu balancei a cabeça. — Então talvez você possa me ajudar com ele e mostrar ao seu pai que está pronta para ter o seu próprio filhote de cachorro.

Deacon fez uma careta para mim, mas quando Willow olhou para ele para confirmar suas intenções, ele acenou com a cabeça. — Oh, eu não posso acreditar que vou poder escolher um nome para ele. — Segurando o cachorro, ela olhou em seus olhos. — Walter, — ela anunciou.

Com uma risada, eu perguntei, — Walter? De onde você tirou esse nome?

— Sr. Walter vivia no fim do nosso corredor. Ele costumava ir ao apartamento da Sra. Martinez — baixando a voz, ela disse: — Eu acho que ele era o namorado dela, mas eles fingiam ser apenas bons amigos.

Eu sorri. — Entendo.

— Às vezes eu desejava que ele fosse o namorado da mamãe, porque ele sempre me tratou melhor do que os dela.

Um rosnado baixo veio da parte de trás da garganta de Deacon. Eu sabia que se ele pudesse rastrear todos e cada um dos ex-namorados de sua ex, ele iria acabar com eles por ferir Willow. Para mudar de assunto, eu disse, — Então eu acho que devemos honrar o Sr. Walter nomeando este belo exemplar de cachorro com o nome dele.

— Posso ir mostrar ele para a vovó?

— Claro.

Sorrindo, ela se virou e correu para dentro da casa. — Por que eu tenho a sensação de que não vou ver muito o Walter? — perguntei com um sorriso.

Deacon balançou a cabeça. — Ele é *seu* cão, não dela. É bom vocês suas se lembrarem disso.

— Oh, eu tenho certeza que a primeira vez que ele fizer cocô dentro de casa ela vai se lembrar de que ele é *meu* cão.

Com uma risada, Deacon respondeu, — Sim, provavelmente sim — quando seu olhar encontrou o meu, sua expressão ficou séria. Ele estendeu a mão para mim. — Venha. Você precisa comer alguma coisa.

— Você deve se lembrar, porque estava à mesa comigo, que eu tomei café da manhã.

Ele balançou a cabeça. — Aquilo mal alimenta um passarinho. Você nunca vai recuperar a sua força, se não comer.

Sua preocupação fez meu coração acelerar. Sabendo que eu não iria ganhar essa discussão, escorreguei minha mão na sua e o deixei me puxar para ele. De mãos dadas, nós caminhamos pela varanda e para dentro da casa.

Capítulo Doze

ALEXANDRA

Sexta à noite eu me encontrei no clube com os Raiders. Com duas jarras de cerveja sobre a mesa, estávamos comemorando minha primeira semana completa de volta às aulas depois do meu ataque. Enquanto Deacon estava totalmente inflexível sobre não querer que eu voltasse a trabalhar, ele teve que colocar em sua cabeça que, ao contrário de Willow, eu não podia ser mantida sob sete chaves dentro do complexo. Assim, embora relutante, ele teve que confiar minha segurança a Archer e Crazy Ace, que me seguiam para a escola todas as manhãs e depois voltavam para o complexo comigo todas as tardes. Os dois prospectos se revezavam durante o dia cuidando a escola.

Quando me aconcheguei ao lado de Deacon, meu olhar caiu sobre a pulseira antiga de diamantes cintilando no meu braço. Deacon tinha falado comigo sobre um dispositivo de rastreamento. Mas ele queria um que estivesse comigo em todos os momentos. E foi aí que entrou a pulseira. Embora ele tivesse tentado desfazer do presente, dizendo que o conseguiu na casa de penhores, eu sabia que ele era mais do que apenas uma forma de rastreamento. Tinha sido um presente, assim como Walter, que descansava agora no meu colo.

Mais e mais membros foram entrando pela porta. O álcool corria junto com a música alta estourando do jukebox. Enquanto Kim e algumas das outras esposas eram amigáveis, ainda havia uma linha forte traçada me separando da maioria das mulheres do clube, especialmente as bundas doces. Kim tentou aliviar minhas preocupações, dizendo que elas sempre agiriam dessa forma quando um dos homens saía do mercado.

Uma mulher em particular me preocupava mais do que as outras, e era a barman Cheyenne. Sempre que Deacon estava na sala, ela só tinha olhos para ele.

Tentando afastar minha mente desses pensamentos, acariciei o topo da cabeça peluda de Walter. Ele abriu os olhos para me dar um olhar sonolento antes de bocejar. — Você tem uma vida tão difícil, — eu provoquei.

Deacon estendeu a mão para coçar as orelhas de Walter. — Ele está sendo estragado pra caralho. Eu não tenho sequer certeza que ele sabe andar, considerando que você e Willow o levam no colo para todos os lados. Inferno, eu até peguei Mama Beth com ele um braço enquanto passava roupas com o outro.

Eu ri. — Eu não vou argumentar que ele é mimado. Eu só não sabia que você estava com ciúmes.

Ele bufou. — Eu não estou com ciúmes de um cão de merda.

— Se você estivesse, isso seria natural, uma vez que ele está recebendo todo o amor e atenção das mulheres em sua vida.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim. — Você fala muita merda, princesa.

— Que seja, Jesse James, — eu respondi.

— Ei, D, você quer se juntar a nós para uma partida? — Crazy Ace chamou do outro lado da sala.

— Sim, eu vou entrar — quando ele começou a se levantar da cadeira, eu agarrei o braço dele. — O quê? — ele questionou.

— São sete e meia. Você esqueceu que está na hora do conto de Willow?

Deacon fez uma careta. — Merda — se afastando da mesa, ele disse, — Tenho que usar meu tiquete de chuva³⁸, caras — em seu gemido de frustração, ele respondeu: — Confiem em mim, eu com certeza preferia estar aqui com vocês do que lendo histórias para a minha filha.

— Você é um bom homem e pai, D, — disse Kim, lhe dando um tapinha no rosto.

Ele deu um sorriso tímido ao seu elogio. — Obrigado — se inclinando, ele me deu um beijo na bochecha. — Eu já volto.

Walter empurrou em direção a ele, e eu disse: — É melhor levá-lo com você. Willow vai ter um ataque se ele não estiver com ela na hora de dormir.

Com um suspiro, Deacon pegou Walter em seus braços. — Você é mais trabalho do que vale a pena, — ele resmungou para o cãozinho.

Quando ele começou a atravessar o bar, Cheyenne deslizou em seu caminho. Com um par de shorts que poderiam se passar por uma das minhas calcinhas³⁹ e um top que mal cobria seus peitos, ela empurrou uma cerveja em suas mãos.

— O que é isso? — Deacon perguntou.

Com uma piscadela, Cheyenne respondeu. — Uma coisa pra te ajudar a passar pela hora do conto.

Ele sorriu. — Você me conhece muito bem, baby.

No seu uso familiar da palavra "baby," Cheyenne mudou. Ela tirou os olhos de Deacon e os parou em mim. Havia um olhar triunfante em seu rosto. Uma conhecida sensação sufocante tomou conta de mim.

— Tudo bem, senhorita. O que você está fazendo? — Kim perguntou sobre o ruído estridente do jogo de pôquer.

Eu dei de ombros. — Nada. Por quê?

— Não me venha com bobagens. Você está parecendo realmente chateada.

Enquanto eu olhava para os profundos olhos verdes de Kim, podia ver a verdadeira preocupação por mim brilhando neles. Olhando ao redor da sala, eu balancei minha cabeça. — Não aqui, — eu sussurrei.

Com um aceno de cabeça, ela jogou o braço em volta dos meus ombros e me levou até a cozinha e então para o lado de fora. Depois de fazer uma varredura rápida da área, vi feliz que estávamos a sós. Pela primeira vez não havia um prospecto pendurado ao meu redor pelo complexo.

Me recostando contra a parede de tijolos, suspirei. — É Deacon.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Ele está sendo um imbecil de novo?

— Não. Não é nada disso. Ele está sendo completamente o oposto de um imbecil. Ele foi muito

além de qualquer expectativa nas últimas semanas.

— Então qual é o problema?

Eu passei meus braços em volta da minha cintura e apertei, esperando que eu pudesse conter minhas emoções. Mas as lágrimas que ardiavam em meus olhos me traíram. A mão de Kim ternamente segurou meu rosto. — O que foi, querida?

— Desde o meu ataque... ele não olha para mim da mesma maneira. Se ele me toca, é sempre como um irmão ou um pai. Quando eu tento beijá-lo, ele se afasta antes que fique mais quente. Ele nunca tenta ficar sozinho comigo — quando as lágrimas começaram a riscar o meu rosto, balancei a cabeça. — Mesmo que eu não fosse... — meus olhos estavam bem fechados agora, e eu engoli em seco, incapaz de realmente verbalizar as palavras. — É como se ele me visse como uma mercadoria danificada agora.

— Oh, querida. Você entendeu tudo errado. Deacon ainda queima por você — o fogo em seus olhos é tão forte quanto era antes. Ele só não sabe como ser ele mesmo e lidar com o que aconteceu com você. Ele está confuso. Tenho certeza que ele quer ter tudo isso com você, mas ele acha que você precisa de espaço. Diz muito sobre ele, se ele está disposto a colocar o que ele acha que são as suas necessidades antes das dele mesmo.

— Oh, eu acho que as necessidades dele estão sendo muito bem atendidas, — eu cuspi enquanto as lágrimas continuavam a cair pelo meu rosto.

As sobrancelhas de Kim se juntaram em confusão. — Hã?

— Acho que ele está transando com Cheyenne — aí estava. Eu disse isso. Conhecendo Kim, ela ia negar ou confirmar. Quando as palavras finalmente desceram, eu não tinha certeza se queria ouvir a verdade.

— Agora, isso eu sei que não está acontecendo.

Empurrando meu queixo para cima, eu rebati, — E como você pode ter tanta certeza?

— Porque eu conheço Deacon.

— Sim, bem, eu conheço ele também. Ele está sempre vindo para a cama tarde, depois que ele pensa que eu estou dormindo, e ela está sempre pendurada por aqui até bem tarde da noite — as lágrimas queimavam meus olhos. — Eu não sei o que fazer. Eu tenho medo de estar perdendo ele.

Me puxando em seus braços, Kim acariciou minhas costas, acalmando os meus nervos em frangalhos. — Eu acho que tenho uma ideia — ela recuou no abraço para olhar nos meus olhos. — Você precisa fazer com que Deacon a veja como alguém sexual outra vez.

— E como eu faço isso? Vestido uma roupa de puta como Cheyenne? — retruquei.

Um sorriso felino curvou os lábios de Kim. — Embora isso possa fazer com que ele incendeie um pouco, você precisa fazer ele explodir. Nada irrita nossos motoqueiros mais do que ver seus irmãos quererem um pedaço das suas mulheres e suas mulheres parecerem bem com isso.

Minhas sobrancelhas se juntaram em confusão. — O que você quer dizer?

— Me diga. Você sabe jogar pôquer?

Capítulo Treze

DEACON

Uma hora, cinco livros, e uma cerveja mais tarde, Willow finalmente cansou e dormiu com Walter roncando como um urso maldito ao lado dela. Ela poderia ser uma merdinha teimosa – algo que ela tinha herdado totalmente de mim. Sutilmente, me levantei da cama. Não me atrevi a fazer qualquer coisa que pudesse acordá-la, e então rastejei para fora do quarto na porra da ponta dos pés. Quando cheguei à porta, joguei um último olhar por cima do ombro. Calor encheu meu peito com a visão de Willow dormindo tão pacificamente com Walter ao seu lado e a boneca esfarrapada do anjo na sua mão.

Depois de passar para o corredor da maneira mais silenciosa possível com minhas botas, fechei a porta atrás de mim. Quando cheguei à sala de estar, encontrei Mama Beth sozinha. Esticando meu pescoço, varri o meu olhar pela cozinha. — Onde está Alex?

— Ainda na sede do clube.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. Após seu ataque, ela muito raramente queria estar fora da minha vista. Normalmente, uma garota ser toda pegajosa era algo que me afastava. Meu eu gostava disso em Alex, principalmente por causa do que ela tinha passado por minha culpa. Pela primeira vez que eu conseguia lembrar, a atenção que ela exigia de mim me fez sentir necessário para alguém que não meus irmãos. Era uma porra de uma viagem de ego, me sentir tão protetor com alguém. Mais do que tudo, eu gostava de passar tempo com ela, fazendo as coisas mais simples. Às vezes eu me perguntava se eu tinha perdido a cabeça. Eu nunca tinha precisado ou querido estar perto de uma mulher desde Lacey, e mesmo quando eu estava apaixonado por ela, isso não era a regra para mim. Eu sabia que se eu expusesse meus sentimentos para Mama Beth, ela ia dizer que eu estava apaixonado por Alex, e eu ainda não estava pronto para ouvir isso de alguém.

Eu não podia imaginar por que ela iria querer ficar na sede do clube, quando eu não estava lá. Mesmo que ela soubesse que eu ia voltar, ela preferia suas noites silenciosas com Mama Beth do que no clube barulhento. — Eu volto daqui a pouco, — eu disse enquanto ia até a porta.

— Tudo bem, filho.

Corri pelo caminho de cascalho, ansioso para ver como Alex estava, bem como para jogar uma ou duas partidas de pôquer. Eu precisava de algo para colocar minha mente longe do sexo. Eu estava passando pelo meu maior tempo sem uma buceta do caralho em toda a minha vida adulta. Claro, foi minha própria teimosia maldita que me levou a ficar nessa situação de somente eu e minha mão. Mesmo depois de tudo que ela havia passado, Alex jogava constantemente dicas para mim, dizendo que estava pronta para que irmos até o fim. Não importava o quanto ela parecia pronta, no entanto, eu não podia me fazer dormir com ela. Pelo amor de Deus, ela tinha quase sido estuprada, para não mencionar a surra e a tortura. Não importava que ela consentisse, que tipo de idiota épico eu seria de foder seus miolos quando ela ainda estava se curando física e emocionalmente? Sim, talvez meu velho eu tivesse considerado isso, mas o meu novo eu com certeza não estava indo para lá.

E eu não só tinha que lutar com Alex, mas Cheyenne parecia mais do que disposta a aliviar minha dor. Sempre que eu tentava evitar os avanços de Alex, saindo da sede do clube, Cheyenne empurrava

seus peitos na minha cara ou saía de trás do bar para se esfregar contra mim.

Basicamente, era o inferno, pura e simplesmente.

Quando eu abri a porta dos fundos, o tumulto vindo da sala da frente me encontrou com um rugido ensurdecedor. Fiquei contente de ouvir isso, uma vez que significava que o jogo de pôquer ainda estava em pleno vigor, e eu poderia tentar queimar um pouco da minha energia em excesso.

Eu deslizei atrás do bar e peguei outra cerveja. Depois que me levantei, tomei um longo golpe. Com o canto do olho, vi Alex sentada à mesa redonda, cartas na mão e fichas coloridas na frente dela. Lentamente, abaixei a garrafa enquanto percebia o resto dos caras e *old ladies*. Raiva disparou através de mim quando tive um vislumbre de tetas e bundas. Minha garrafa caiu no chão quando atravessei o espaço até a mesa.

— Que porra você acha que está fazendo? — perguntei.

Olhando para mim através de seus cílios, Alex me lançou um olhar inocente. — Jogando pôquer.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ela. — Eu acho que você esqueceu um de seus adjetivos, professora. Você está jogando *strip* pôquer.

Crazy Ace se levantou da cadeira, seus piercings nos mamilos brilhando na luz. — E maldito seja se ela não é uma trapaceira. Nós pensamos que ela estaria totalmente pelada na primeira mão, mas ela nos bateu.

Bishop, sendo um filho da puta presunçoso, teve a coragem de me dar uma piscadela. — Sim, mas pegamos ela nesta rodada. — Cutucando o ombro de Alex, ele disse, — Você nos deve uma peça de roupa, querida. Tire.

Quando as mãos de Alex foram para o botão da sua camisa, um inferno vermelho coloriu minha visão. Sem pensar duas vezes, minhas mãos voaram para a borda da mesa, virando-a e jogado cartas e fichas de pôquer pelo ar. — O jogo acabou, — eu rosnei.

— Eu ainda tenho que pagar, Deacon, — Alex retrucou antes de ter a audácia de abrir os botões de sua camisa, revelando um sutiã preto rendado.

Assim como a porra de um homem das cavernas, eu estendi a mão, a agarrei pela cintura e, em seguida, a ergui sobre meus ombros. — O que você está fazendo? — ela perguntou quando eu comecei a caminhar para longe da mesa. Quando não respondi, ela bateu na minha bunda. — Me responde, Deacon.

Eu não disse uma maldita palavra até estar no meu quarto. Depois que eu chutei a porta fechada atrás de nós, caminhei até a cama e a deixou cair sobre ela. Quando seu corpo saltou sobre o colchão, ela assobiou como uma pequena gata irritada.

— O que diabos você estava pensando?

Ela olhou para mim. — Eu só queria me divertir um pouco.

— Permitindo que meus irmãos te vissem sem roupa?

— Eu estava ganhando, — ela desafiou.

— Sim, bem, eu não dou a mínima. Ninguém neste clube pode te ver nua. Você entendeu?

— E por que não?

Apertei os olhos para ela. — Não me questione, mulher.

— Então não me diga o que fazer!

Para silenciar sua boca inteligente, eu esmaguei meus lábios contra os dela. Em vez de encontrar resistência, senti ela devolver o beijo, suas mãos subindo para agarrar meu cabelo, puxando os fios. Em um flash, cobri seu corpo com o meu, batendo suas costas no colchão. Eu tinha essa necessidade desesperada de reclamar ela, não por causa de alguma besteira territorial, mas por conta de uma emoção forte. Ela era meu total e completo oposto, mas de alguma forma a gente se completava. Ela a compaixão, a mulher forte e teimosa que eu precisava para suavizar as minhas arestas. Ela trazia as melhores partes de mim, que eu tantas vezes tinha escondido no passado. Por ela, eu queria ser um homem melhor, um pai melhor, um irmão melhor e, porra, um ser humano melhor.

Alex me tirou dos meus pensamentos, separando suas pernas de forma convidativa. Eu não desperdicei tempo em escorregar meus quadris entre elas. Enquanto nossas línguas lutavam uma contra a outra, esfregava minha ereção crescente contra o seu núcleo. Quando ela gemeu em minha boca, agarrei seus braços e os empurrei acima da sua cabeça.

Afastando minha boca da dela, eu olhei para baixo, para Alex. — Você é minha. Entendeu?

— Sim, — ela ofegou.

Mantendo seus braços presos com uma mão, deixei minha outra mão ir para os seus seios. — Esses peitos são só para os meus olhos e o meu prazer. Você entendeu?

— Sim, Deacon. Só para você.

Depois de provocar um pouco seu mamilo, levei minha mão entre as suas pernas e cobri seu monte. — E essa buceta é só para os meus olhos, meus dedos, minha língua e o meu pau.

Um arrepio percorreu o seu corpo com as minhas palavras. — Eu só quero você. Você e somente você, Deacon, — ela respondeu.

Enquanto eu pairava sobre ela, o meu olhar com fome caiu sobre alguns dos hematomas amarelados que ainda marcavam seu pescoço e seu peito. Com a simples visão disso, meu pau começou a desinchar. Jesus, que diabos eu estava pensando? Arrastar ela até o meu quarto como a porra de um homem das cavernas, depois dela ter acabado de ser atacada e quase estuprada há três semanas. — Porra, Alex. Eu sinto muito.

Quando eu comecei a me afastar, suas mãos voaram para segurar meu rosto. — Não, não pare! — ela gritou.

Eu balancei minha cabeça quando a vergonha tomou conta de mim. — Eu sinto muito por estar tratando você com tanto desrespeito depois de tudo o que aconteceu.

— Eu não estou quebrada, Deacon. Eu sou a mesma mulher que eu era antes do ataque – daquele dia em que você me tinha contra a parede, pronto para me foder como um louco.

— Eu sei disso.

— Então por que você está me tratando desse jeito?

Me sentei em meus joelhos e passei a mão pelo seu cabelo escuro. — Não importa o quanto eu tente ver as coisas de forma diferente, eu nunca vou ser bom para você, Alex.

— Por que você não me deixa ser a juíza disso?

Com um olhar, eu rebati, — Você está em uma missão suicida do caralho ou algo assim? Uma aberração S&M⁴⁰ enrustida que gosta de dor?

— Não, não é nada disso.

— Então por que você quer me foder como um animal depois do que você passou?

— Porque eu quero estar com você. E mesmo que isso não signifique fazer amor, mas foder duro e rápido, eu ainda quero, porque é com você. Eu quero você há tanto tempo, Deacon. Talvez até mesmo antes daquela noite no porão. Minha cabeça me diz para desconfiar de você. Que eu não deveria querer estar com um bandido como você. Mas não importa o quanto eu tente me convencer a não ter sentimentos por você, meu corpo e meu coração tremem por você.

— Ah, merda, — eu murmurei, olhando para seu rosto determinado. Apesar de todas as nossas diferenças, ela ainda me queria. Independentemente do mundo fodido que eu vivia, uma mulher de bom coração como Alex realmente me queria. E não era apenas seu corpo, vendo o bad boy que eu era. Ela me queria com seu coração, também. Isso quase me esmagou.

Após momentaneamente morder o lábio inferior, ela disse, — Se você pode dizer honestamente que só quer me foder e não sente mais nada, além de um sentimento de obrigação idiota em relação a mim, então eu vou me levantar e sair daqui. Vamos continuar sendo amigos e conhecidos, e eu nunca vou te pressionar sobre isso de novo. E você pode voltar para Cheyenne, que claramente não acha que vocês dois acabaram. Inferno, talvez nada tenha acabado entre vocês, e é por isso que ela não deixa você ir.

— Não há porra nenhuma entre mim e Cheyenne. Assim, você pode tirar isso da sua maldita cabeça agora.

Alex não pareceu acreditar em mim. — Então, se você sente por mim o que eu sinto por você, me foda até que eu grite e esteja apertando na sua volta.

—Eu gemi. — Jesus, mulher, sua boca está me deixando louco.

— Espere até que ela esteja ao redor do seu pau.

Me jogando para frente, mais uma vez cobri o corpo dela com o meu. Fiquei olhando para ela, balançando a cabeça em descrença de que havia uma mulher como Alex que realmente me queria. — Você não está jogando limpo com essa boca suja.

Ela me deu um sorriso provocante. — Eu aprendi com o melhor, Jesse James.

Sua diversão desapareceu quando eu comecei a deslizar para fora dela. — Deacon...

Eu trouxe um dedo sobre sua boca para silenciá-la. — Eu não quero que haja nada entre nós a

primeira vez que eu te foder. Então se levante e tire a roupa.

Sem outra palavra, ela deslizou para fora da cama. Quando estava na borda, ela trabalhou os botões da sua camisa. Seus olhos nunca deixaram os meus. Quando ela deslizou para fora dos meus braços, não parecia estar se movendo rápido o suficiente. Agarrando a cintura da sua calça jeans, eu a puxei para perto de mim, antes de trabalhar o botão e o zíper. Empurrei o jeans para baixo do seu corpo. Quando as mãos dela subiram para abrir o sutiã, peguei a calcinha e a puxei para baixo. Uma vez que ela estava nua diante de mim, eu não podia deixar de olhar. Eu já tinha visto e tocado cada polegada do seu corpo naquela noite no chuveiro. Mas esta noite eu ia cuidar de necessidades diferentes.

Eu levei minha mão entre as suas pernas. Ela inalou uma respiração afiada enquanto eu a acariciava, sentindo seu clitóris começar a inchar. Minha outra mão foi para o seu quadril para afastar mais suas pernas. Quando ela abriu as coxas, enfiei um dedo dentro dela, o que a fez suspirar de prazer. Mergulhei outro dedo e comecei a movimentar eles em um ritmo punitivo. Ela arqueou seus quadris para frente, montando a minha mão. Seus dedos agarraram meus ombros, as unhas cavando na pele enquanto eu a trazia mais e mais perto do lançamento. Quando ela chegou lá, sua cabeça caiu para trás, e ela gemeu meu nome. Isso me deixou ainda mais duro.

Ela me empurrou para que eu deitasse de costas. Seus olhos escuros ardiavam de desejo enquanto seus dedos iam para o botão do meu jeans. Depois que ela abriu, começou a puxar a calça pelos meus quadris. Quando meu pau duro como pedra saltou livre, ela parou um momento para lhe dar um olhar apreciativo. Uma vez que jogou meu jeans do lado da cama, ela se arrastou lentamente até minhas pernas. Quando ela agarrou meu pau em suas mãos, sua língua sacudiu por toda a cabeça. Eu respirei fundo enquanto ela arrastava a língua da base até a ponta. Ela continuou fazendo movimentos provocativos com sua língua, até que eu estava gemendo em agonia. — Alex, pare de brincar comigo e chupe o meu pau.

Fazendo uma pausa, ela olhou para mim. — Essa não é a palavra mágica

Com um grunhido, eu relutantemente disse, — Por favor.

Ela atendeu à porra do meu pedido, me enfiando profundamente em sua boca. — Cristo, — eu resmunguei, arqueando os quadris para cima. Seus lábios trabalharam todo o meu comprimento, enquanto ela me bombeava com as suas mãos. Ela começou a girar a língua uma e outra vez em torno de mim, enquanto eu ainda estava em sua boca. Mordendo com força o meu lábio, tentei não explodir na boca dela como um adolescente. Para uma menina com aquela aparência toda certinha, Alex com certeza sabia como fazer um boquete.

Agarrando ela pelos ombros, a empurrei. Relutante, ela tirou meu pau daquela sua boca divina do caralho. Eu a puxei para cima até que ela montou em mim. Um gemido de prazer e frustração escapou quando meu pau escorregou e deslizou através da sua umidade. — Espere, — eu resmunguei. A empurrei para trás e me levantei um pouco para pegar uma camisinha na mesa de cabeceira. Depois que o coloquei, olhei para baixo para ela, para ver que ela me encarava quase timidamente.

Eu nunca tinha me sentido tão vulnerável com uma mulher antes. Mas, por razões que eu não entendia, me sentia seguro em ser aberto com Alex. Ela me aceitava por quem eu era, o que era fácil. Ela amava minha filha como se fosse dela. Ela amava minha mãe e meus irmãos como se eles fossem sua família também.

Naquele momento, eu sabia o que precisava dizer. Ela merecia ouvir. Eu não estava apenas tirando

proveito do fato de que estávamos prestes a foder... ou ter relações sexuais... ou fazer amor. Era algo muito mais profundo do que isso. Quando me posicionei entre suas pernas, mais uma vez encontrei o seu olhar. — Preciso te dizer uma coisa.

As sobrancelhas de Alex se franziram com preocupação enquanto ela mordeu o lábio inferior. — O que é?

— Eu... — por que diabos eu não conseguia dizer as palavras? Ah, foda-se. — Eu amo você, Alex.

Seus olhos escuros se arregalaram. — Eu também amo você. Com todo meu coração.

Com o peso das palavras entre nós, eu bati dentro nela. Nós dois ofegamos. Retirei e, em seguida, empurrei dentro novamente. Logo achei um ritmo quase punitivo, outra vez. Assim quando ela começou a construir seu clímax, eu rolei de costas, ainda enterrado dentro dela. Agarrando os quadris de Alex, eu a levantei. Lentamente, ela deslizou para baixo, me enterrando centímetro por centímetro. Quando ela tomou tudo do meu comprimento, achatou as palmas das mãos no meu peito. Então ela começou a me montar.

Quando os peitos dela saltaram com seus movimentos, estendi as mãos para agarrar eles, rolando e beliscando os mamilos entre meus dedos. Fui recompensado com um gemido profundo. Me levantando, levei minha boca para eles. Quando eu chupei duro, roçando meus dentes, Alex puxou meu cabelo. — Deacon, — ela murmurou.

Agarrando sua cintura, levantei meus quadris, empurrando nela em um ritmo acelerado. Ela gritou quando gozou ao meu redor, ordenhando meu pau com suas paredes internas. Eu não pude segurar e segui atrás dela. Ela desabou sobre o meu peito, enterrando seu rosto no meu pescoço. Uma vez que tínhamos descido do nosso torpor, comecei a acariciar suas costas com os dedos. Nós permanecemos unidos, seu hálito quente no meu pescoço.

— Baby? — eu chamei.

— Mmm, — ela murmurou.

— Você está bem?

Erguendo a cabeça, ela sorriu para mim com um olhar completamente fodido em seu rosto. — Oh, eu estou mais do que bem.

— Fico feliz em ouvir isso.

Seu dedo bateu contra o meu peito. — Você quer dormir agora?

— Não. Não era isso que eu tinha em mente.

— Não era? — a partir do seu tom, eu poderia dizer que ela estava brincando comigo.

— Assim que eu me recuperar, estava pensando em te colocar de joelhos e te comer por trás.

— Isso parece bom, eu acho.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ela. — *Bom?*

Com um encolher de ombros, ela respondeu, — Sim, você sabe, você já fez estilo cachorrinho uma

vez, você já fez isso um milhão de vezes.

— Ah, sim. Você está em apuros agora. — Ela deu um grito quando eu a rolei de costas. Nós nos separamos quando eu comecei a fazer cócegas em seus lados, a fazendo rir a ponto de perder o fôlego.

— Não... Deacon, — ela implorou.

— Diga que você está arrependida.

— Desculpe, — sua resposta saiu entre ofegos.

— Diga “ninguém nunca vai me foder como você, Deacon”, — eu ordenei.

Seu peito arfava enquanto ela tentava recuperar o fôlego para repetir uma frase tão longa. — Ninguém nunca vai me foder como você, Deacon.

Com um sorriso, eu disse, — Isso mesmo. É por isso que eu sou um deus do sexo, porra.

Ela balançou a cabeça. — Não. É porque você me ama.

Minha diversão desapareceu um pouco com as palavras dela. — Você acha que só porque eu te amo, vou pegar leve com você, hein?

— Eu espero que não.

Deslizando a camisinha para fora do meu pau, a joguei na lata de lixo ao lado da cama. — Você espera que não?

— Eu realmente espero que não.

— Se você diz. — Eu acenei com meu queixo para ela. — Fique de joelhos para mim.

Lentamente, ela se virou sobre o seu estômago. Colocando as mãos sobre o colchão, ela ficou de joelhos, balançando o rabo provocativamente para mim. — Assim?

— Porra, sim. Bem assim.

Depois de colocar outro preservativo, agarrei suas nádegas, as separando bem. justo quando ela pensou que eu ia me mover para frente e mergulhar nela, me inclinei e bati minha língua em seu clitóris. — Deacon! — ela gritou, se empurrando para trás contra mim. Com movimentos longos da minha língua, comecei a comer a sua buceta. Quando só a língua não foi suficiente, levei toda minha boca contra ela, sugando seu clitóris. Ela gozou, gritando meu nome, torcendo os dedos nos lençóis.

Eu não esperei um segundo por ela se acalmar e, em seguida, empurrei dentro dela. Agarrando seus quadris, mantive um ritmo implacável. Nossa pele golpeando junto ecoou pelo quarto, assim como meus gemidos e seus ofegos. Me inclinando sobre as costas dela, sussurrei em seu ouvido, — Da próxima vez que eu te comer assim, vou colocar meu pau na sua bunda.

Quando ela endureceu, eu sabia que tinha alcançado um território desconhecido para ela. — Você me deixaria fazer isso, Alex? Você me deixaria comer seu rabo apertado? — dei uma bofetada ardida em uma das bochechas da sua bunda.

Sem um momento de hesitação, ela gritou, — Sim, Deacon! Sim, eu deixaria.

— Porra, baby, — eu murmurei, batendo cada vez mais duro dentro dela. A cabeça de Alex se inclinou para baixo, e seu rosto descansou no colchão. Seus gritos e gemidos de prazer se tornaram a minha ruína. Sabendo que eu estava perto, deslizei minha mão entre nós para esfregar o seu clitóris. Ela escondeu o rosto no colchão e gritou quando gozou. Bati dentro mais umas duas ou três vezes antes de gemer e me derramar dentro dela.

Me retirei lentamente antes de tirar o preservativo. Alex permaneceu deitada de bruços, imóvel. — Será que eu te deixei cansada? — perguntei enquanto colocava beijos delicados em suas costas.

— Eu realmente quero dormir agora, — disse ela, sonolenta.

Eu ri. — Eu sei, baby. Eu estou acabado, também.

Eu puxei o lençol debaixo do seu corpo, e então me acomodei ao seu lado. Quando ela me sentiu, rolou para se aconchegar no meu peito. Poderia ser apenas dez horas da noite, mas eu dormi feliz ao lado da mulher que eu tinha fodido completamente e amava completamente.

Capítulo Catorze

ALEXANDRA

Kim tinha estado tão certa sobre o jogo de pôquer para chamar a atenção de Deacon. Depois que estivemos juntos pela primeira vez, ele não conseguia mais manter suas mãos longe de mim. Eu ainda não tinha voltado para casa desde o meu ataque, então o fato de que passava todos os dias e noites na casa dele, lhe deixava muito tempo para me tocar. E eu com certeza estava curtindo cada minuto disso.

Passei pelos meus dias em uma névoa de luxúria. Sexo matinal com Deacon me fazia pensar nele o dia todo. E ele normalmente me mostrava o quanto estava pensando em mim também, sempre que encontrava tempo para uma rapidinha entre as aulas de Willow e o jantar. Depois de colocarmos Willow na cama e lermos uma história para ela dormir, às vezes íamos para o quarto mais cedo. Tenho certeza que Beth sabia exatamente o que estava acontecendo, mas ela nunca disse nada ou nos deu olhares de desaprovação.

Nesta manhã de domingo, eu tinha mais uma vez acordado sendo adorada por Deacon. Depois de três orgasmos para mim e um para ele, nós estávamos entrelaçados na cama.

— Olha só, vai ser você que vai ter que colocar Willow na cama essa noite, — disse ele depois de um longo silêncio.

— Aonde você vai?

— Sair.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Como é?

Seus olhos se estreitaram ligeiramente. — Bem. Se você quer saber, vão acontecer audições no clube. Como sou um dos sócios, eu tenho que estar lá para votar.

Eu bufei desdenhosamente enquanto trabalhava para me soltar do seu abraço. — Você só pode estar brincando comigo.

— Não estou.

Cruzando os braços sobre o peito, eu bufei. — Deixe eu ver se entendi. Você está me dizendo que vai assistir aos testes das strippers essa noite, e só está aí esperando que eu diga “divirta-se, querido”?

Deacon os ombros. — Sim, acho que sim.

— Eu não significo nada para você?

— Alex, não comece essa merda.

— Ah, com toda certeza do inferno eu vou começar essa merda. — Rolando para fora da cama, peguei minhas calças de moletom e minha camiseta descartadas. Estreitando os olhos para ele, eu disse, — Você está comigo agora – você é o meu homem, e eu sou a sua *old lady*. Isso significa que nós não podemos olhar ou tocar outros membros do sexo oposto.

— Eu não vou tocar em ninguém! — ele gritou.

Depois que eu puxei a camiseta sobre a minha cabeça, bufei. — Você não vai precisar. Tenho certeza que elas vão estar te tocando enquanto se esfregam em todo seu pau durante a dança.

— Agora, me escute. Você pode ser a minha *old lady*, mas isso não significa que pode me dizer o que fazer. Então você precisa cortar essa merda.

— Você é um maldito idiota! — eu gritei.

— E você precisa aprender o seu lugar! — ele atirou de volta.

Eu balancei a cabeça, me odiando por causa das lágrimas que brotaram em meus olhos. — Eu não posso fazer isso, Deacon. Eu não posso deitar em uma cama vazia, querendo saber o que você está fazendo, e com quem. Se é assim como você realmente se sente, então acho que não precisamos nos ver mais.

— Droga, Alex, — ele rosnou, agarrando o meu braço.

Eu puxei meu braço para longe do seu aperto e fui para a porta. — Se você for para aquele clube hoje à noite, não se incomode de voltar para mim quando tiver terminado. Eu não vou estar aqui.

Com isso, eu saí pela porta. Desci correndo as escadas e fui até o meu carro.

— Ei, onde você está indo tão cedo? — Kim perguntou da calçada. Ela estava fazendo sua corrida matinal ao redor do complexo. Quando não respondi, ela se aproximou de mim no carro. Eu me apressei e deslizei para dentro, tentando desesperadamente ligar o carro para poder escapar dela.

— Alex, fale comigo.

— Eu tenho que sair daqui. — Eu tentei mais uma vez colocar a chave na ignição, mas minhas mãos trêmulas não funcionavam.

— Querida, o que há de errado? — quando eu comecei a chorar, ela enfiou a mão no carro e me puxou para fora. Colocando o braço em volta do meu ombro, ela me levou pela colina para a sua casa. Eu estava chorando tanto que meu corpo todo tremia enquanto ela me puxava pela porta da frente. Eu só podia imaginar o olhar que seus filhos e Case estavam me dando. Passando pela sala de estar e cozinha, ela me levou até a varanda dos fundos.

— Agora, o que diabos está acontecendo? Eu pensei que depois do seu pequeno festival de foda com Deacon não haveria mais problemas no paraíso.

Fungando, limpei meus olhos com a manga da camiseta. — Case não vai para as audições no clube?

Seu corpo enrijeceu. — Não, ele não vai. — Quando eu abri a boca, ela balançou a cabeça. — Não é pela razão que você pensa.

— Não é porque você lhe disse para não ir?

Ela balançou a cabeça. — Não. É porque isso envolve muitas lembranças ruins para mim. Eu estava fazendo strip quando o conheci. Por respeito a mim, ele não vai mais lá.

— Deacon vai às audições hoje à noite. Ele nem sequer me escutou quando eu implorei que ele não

fosse. — Olhando fixamente para os olhos verdes de Kim, eu disse, — Eu não acho que nós poderemos mais estar juntos.

— Ah não. Eu não vou deixar você desistir tão fácil.

— Eu não posso estar com alguém que não se importa com meus sentimentos. Isto pode parecer pequeno agora, mas e quando for algo maior? Ele me disse que me amava, mas não pode deixar de ir ver mulheres nuas rebolando em um poste? Isso não ajuda nada.

— Deacon está apenas sendo teimoso. Ele nunca teve de justificar suas ações a qualquer mulher. Nem nunca teve uma que lhe dissesse não, exceto sua mãe. Você precisa encontrar uma maneira de virar a mesa sobre ele, fazer ele provar seu próprio remédio.

Com uma risada sem alegria, eu disse: — Por que todos os seus conselhos sempre envolvem uma espécie de jogo?

— Porque é assim que trabalhamos com estes homens, querida. Eu não teria dito a você para jogar strip pôquer se você estivesse namorando um banqueiro ou até mesmo um mecânico. Mas você está com um dos Raiders, e ele são uma raça diferente de homens.

— Você está certo, — eu respondi. Então eu pensei sobre como Deacon foi um homem das cavernas no jogo de pôquer, quando ele pensou que seus irmãos iam me ver nua. Eu, obviamente, não poderia encenar outro jogo daqueles. Tinha que encontrar um meio diferente dessa vez. E então eu tive uma ideia.

— Kim, você tem alguma ligação com alguém lá de dentro do clube?

Suas sobrancelhas se juntaram. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, alguém de quem você poderia cobrar um favor.

— Sim, acho que sim. Por quê?

— Eu acabei de pensar em uma maneira de vencer Deacon em seu próprio jogo.

Quando ela percebeu o que eu queria dizer, seus olhos se arregalaram e sua boca abriu. — Puta merda. Você está falando sério?

— Você não acha que isso vai funcionar?

Ela riu. — Oh, querida, eu acho que vai ser a merda mais épica da história.

Mordiscando meu lábio, eu perguntei, — Você não acha que é demais?

Com uma piscadela, ela respondeu, — Depende de quão longe você for.

Eu respirei fundo antes de abordar um tema difícil. — Você estaria disposta a me ajudar?

A diversão no rosto de Kim desapareceu. Quando ela começou a torcer as mãos no seu colo, me arrependi de ter mencionado isso. Eu sabia que era pedir muito dela. — Olha, foi errado da minha parte pedir. Tenho certeza que eu posso subornar alguma das garotas regulares para me ajudar.

Quando me levantei da cadeira, ela pegou minha mão para me impedir. — Eu acho que eu posso

fazer uma exceção para você.

— Sério? Você realmente quer dizer isso?

Ela assentiu com a cabeça. — Além disso, meu aniversário de casamento com Case está chegando. Pode ser bom dar a ele uma lap dance⁴¹ em nome dos velhos tempos.

Eu ri. — Só se você tiver certeza.

— Eu tenho. Não iria oferecer se não fosse assim.

— Então o que fazemos agora?

Kim sorriu. — Vamos transformar a bailarina em uma dançarina de pole.

Enquanto eu caminhava de um lado a outro atrás da cortina em meus saltos altíssimos, me perguntava em que diabos eu estava pensando para levar adiante a ideia de fazer um strip para Deacon. Claro, o clube foi fechado para a cliente regular, e somente os membros com patch eram permitidos entrar. Essa era a única razão pela qual eu ainda não tinha desistido da ideia. A última coisa que eu precisava era que alguém de fora me reconhecesse. Eu poderia dar um beijo de adeus à minha carreira docente.

Olhei para a plateia, apertando os olhos para ver além da máscara negra reluzente que emoldurava meus olhos. Pelo menos dez Raiders estavam sentados na primeira fila de cadeiras ao lado do palco. Embora eu não planejasse tirar tudo, a calcinha fio-dental que eu estava usando, junto com meu sutiã não deixava muito para a imaginação. Eu não tinha certeza se seria capaz de olhar para Rev ou Bishop outra vez.

Mas quando eu achei o rosto de Deacon na primeira fila, a raiva voou através de mim. Mas que diabos? Ele estava na porra da primeira fila do caralho. Quer dizer, ele não poderia ter, pelo menos, ido lá para trás? Ah, eu ia fazer aquele babaca pagar.

Kim tinha sacrificado todo o seu dia para me ajudar. Ela me ensinou a trabalhar no pole e encontrou uma roupa para eu usar, e também fez meu cabelo e maquiagem. Ela também mexeu uns pauzinhos para que a minha fosse a primeira audição.

Coco, a menina que comandava o show, pegou o microfone perto de mim. — Ok, estamos prontos para começar.

Assobios e vaias ecoaram por trás da cortina. Eu poderia dizer que os homens estavam mais do que prontos para começar o show. Kim esvoaçou o meu cabelo e ajustei o chapéu de cowboy mais uma vez, antes de eu verificar o longo sobretudo que eu estava usando. — Vá lá e pegue o seu homem.

— Eu vou tentar.

Ela me deu um tapa na bunda de voltar para as coxias laterais. Os acordes iniciais da música ecoaram pelos alto-falantes. Era Cher cantando “Just Like Jesse James”. Não era a escolha mais óbvia

para um strip, mas eu a escolhi cuidadosamente por causa do significado que teria para Deacon .

Quando a cortina se abriu, eu tive um segundo de puro pânico percorrendo meu corpo da cabeça aos pés. E então se foi. E foi substituído pela coragem que pulsava através de mim. Eu não pensei em que estava na frente desse palco. Eu não pensei sobre o fato de que eu era apenas uma professora de jardim de infância que tinha de alguma forma tomando o caminho errado. Eu não pensei em qualquer inibição que geralmente pararia meu comportamento selvagem.

Em vez disso, eu andei pelo palco até o pole, balançando meus quadris provocativamente de um lado para o outro. Isso deu aos homens um pequeno vislumbre das minhas coxas e do que havia por debaixo do sobretudo. Olhando para a multidão, eu lenta e deliberadamente abri o cinto, fazendo um show tirar ele da minha cintura. Quando abri o casaco e, em seguida, o despi, fui recompensada com os berros de aprovação dos homens.

Escorreguei para o pole, minhas mãos segurando o metal como se fosse à vida. Por causa da minha formação no balé, eu conseguia agir no pole dance com naturalidade. Eu rodava, dobrava e torcia meu corpo, lhes dando um verdadeiro espetáculo.

Quando eu estava arqueada sobre minhas costas, agarrando o pole, o verso que eu estive esperando chegou. No “*Just like Jesse James*”, me levantei e, com a mão livre, apontei um gatilho diretamente para Deacon. O olhar divertido em seu rosto desapareceu. De repente ele percebeu exatamente quem eu era.

Ele estava fora de sua cadeira em um flash.

Felizmente, eu tinha me preparado para isso.

Capítulo Quinze

DEACON

Enquanto eu estava sentado na cadeira de couro barato, esperando as strippers saírem, senti algo que nunca tinha experimentado antes nesse salão. Culpa. Sim, vou admitir que me senti culpado pra caralho vindo para cá depois da minha briga com Alex. Nossa primeira briga de verdade como um casal, e foi por causa de strippers.

— O que há de errado com você? — Bishop perguntou quando ele se deixou cair ao meu lado.

— Nada, — eu resmunguei. No meu outro lado, Rev bufou. Do meu lugar, olhei para ele. — Você tem algo a dizer?

— Só que você é um idiota.

— É mesmo?

— Sim. Você tem uma pessoa maravilhosa e incrível como Alex em casa, e você vem pra cá?

— Ah, vamos lá, Rev. D só está assistindo. Não é como se ele fosse para a parte de trás ter uma lap dance como ele costumava fazer. — Bishop deu um tapa nas minhas costas. — Você não vai, não é? — ele perguntou em voz baixa.

— Não, eu não vou, — eu rosnei.

— Viu? Sem problemas.

Rev se inclinou para frente em sua cadeira para que ele pudesse ver a nós dois. — Eu acho que há um monte de problemas no que ele está fazendo... e no que ele fez.

Depois de engolir o resto da minha cerveja, levantei minhas sobrancelhas para Rev. — Parece que você falou com Alex.

Rev balançou a cabeça. — Na verdade, falei com Case. Ele veio até o bar dizendo que Alex estava se acabando de chorar em sua casa antes das oito esta manhã.

Eu fiz uma careta. Eu sabia que ela tinha desaparecido com Kim, e em vez de ir atrás dela, eu pensei que a melhor coisa a fazer era deixar que ela se acalmasse. Então ela não voltou para casa o resto do dia, ou atendeu minhas ligações ou respondeu minhas mensagens. Mas eu sabia que ela estava bem, no entanto, porque ela estava com Kim.

— Sim, bem, ela tem muito a aprender quando se trata de mim e dos meus negócios.

— Você é um idiota.

— Foi o que me disseram essa manhã.

Bishop riu do meu comentário, enquanto Rev me lançou um olhar mortal. — Alguém precisa bater algum bom senso em você.

— Ah, é mesmo? Você é homem para fazer isso, irmão?

— Se isso significa que vou impedir você de machucar Alex, pode ter certeza que eu vou fazer!

Bishop se levantou da cadeira para ficar entre nós. — Ei, calma. Acho que nunca tivemos dois irmãos sendo jogados para fora antes de um show começar.

— Que seja, — eu resmunguei.

Rev não respondeu. Em vez disso, ele cruzou os braços sobre o peito. — Não foi como se eu quisesse ferir os sentimentos dela, — eu finalmente disse para preencher o silêncio.

— Ela merece mais, — foi a resposta suave de Rev.

— Gente... — Bishop começou em advertência.

Eu balancei minha cabeça. — Não, isso é direito de Rev. Ela merece mais do que eu. — Eu sabia que não deveria estar nesse salão. Eu deveria ter tentado encontrar Alexandra e arrumar as coisas. Comecei a me levantar de minha cadeira para sair quando Case me empurrou de volta para baixo.

— Você precisa ficar e aproveitar o show.

Levei um momento para falar, considerando como fiquei chocado ao vê-lo. Ele nunca vinha para as audições. — Eu preciso acertar as coisas com a minha mulher.

— Veja um pouco de peitos e bundas primeiro, antes de ir falar com ela.

— Eu não quero ver peitos e bundas além dos dela, e a menos que eu arrume as coisas, eu nunca mais verei nada disso novamente. — Com Case praticamente me prendendo no lugar, eu suspirei, — Que seja.

A música soou nos alto-falantes. Era uma escolha incomum. Quando a cortina se abriu e eu olhei para a garota, minha surpresa cresceu ainda mais. Ela não era como as garotas que normalmente faziam os testes. Ela parecia quase elegante, como se tivesse saído dos clubes mais bem pagos de Atlanta. Eu não podia imaginar o que diabos ela estava fazendo aqui.

Quando ela começou a andar pelo palco, meu pau se agitou em suas calças. Eu me odiei por ter uma reação a alguém que não era Alex. Depois que ela abriu seu sobretudo e o atirou para fora do palco, não consegui mais desviar o olhar. Era como se ela tivesse alguma atração magnética sobre mim. Ela tinha seios fabulosos, naturais, que mal estavam cobertos pelo seu sutiã minúsculo. Seus longos cabelos escuros caíam sobre seus ombros. A cor me fez pensar em Alex.

Se eu fosse sincero, muito nessa garota me fazia lembrar de Alex. Com metade do seu rosto coberto pela máscara com brilhos, eu não podia dizer o quanto ela se parecia com ela. Mas seu corpo era exatamente igual, também.

E então foi como um balde de água fria caindo sobre a minha cabeça. Com um sorriso maroto, a garota apontou um dedo no gatilho para mim quando a música disse “*Just like Jesse James*”. E então eu sabia que era Alex balançando a bunda seminua no palco para mim. Mal tive tempo de processar minhas emoções antes de pular para fora da minha cadeira. Alex simplesmente me observou enquanto eu me içava no palco. — Que porra você acha que está fazendo? — eu quis saber assim que marchei até ela.

Ela não respondeu. Em vez disso, acenou para alguém sobre o meu ombro. Antes que eu pudesse olhar para trás, Rev e Case subiram no palco. Um par de algemas apareceu do bolso de Case. Mais uma

vez, eu questioneei, — O que diabos você pensa que está fazendo?

Case e Rev me deram sorrisos arrogantes de merda antes de se lançarem sobre mim. Eu não tive tempo de me esquivar antes que eles me alcançassem. Enquanto eu me debatia contra eles, senti meus braços sendo levados acima da minha cabeça. A pressão das algemas fechando pareceu ecoar acima da música. Quando puxei meus braços, eles não se mexeram. Eles prenderam minhas mãos o mais apertado possível no pole. Eu estava completamente à sua mercê. Ou melhor dizendo, à mercê de Alex.

— Divirta-se, — disse Case para Alex enquanto se dirigia para fora do palco.

— Alexandra Evans, me solte dessas algemas. Agora. Mesmo. Porra!

Ela balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Esta noite você vai entender que você é meu, Jesse James. Mais do que isso, vou mostrar aos seus irmãos que você e seu pau são meus.

Suas palavras, juntamente com seu traje, fizeram meu pau bater contra meu zíper – maldito traidor. Assobios vieram da plateia até nós. — Pegue ele, Alex! — Crazy Ace rugiu.

— Faça ele implorar, — Boone entrou nas exclamações.

Olhando por cima do ombro para os homens, Alex lhes deu um sorriso doce antes de voltar para mim. — Quanto tempo você acha que vai demorar para gozar na frente dos caras?

Estreitando meus olhos para ela, eu zombei, — Eu não vou gozar em minhas calças como um adolescente.

Ela inclinou a cabeça. — Você tem certeza disso?

Se curvando, ela apoiou as mãos no chão, enquanto sua bunda começou a me trabalhar sobre os meus jeans. Eu gemi, tanto pela sensação quanto pela imagem do seu rabo quase nu moendo contra o meu pau. Com cada impulso para cima de seus quadris, ela esfregava uma parte diferente do meu pau. Eu não teria ficado surpreso se ela estivesse ficando molhada do pré-goço que provavelmente estava vazando através do meu jeans.

Ela se levantou e se virou para mim. Ela se inclinou para correr a língua ao longo dos meus lábios, antes de sugar meu lábio inferior entre os dentes, mordiscando ligeiramente. Levantando uma de suas pernas, ela a levou ao redor do meu quadril. Meus olhos rolaram para trás ao seu sentir sua buceta quente através do meu jeans. As mãos dela vieram para o meu pescoço, e ela começou a me montar como se estivéssemos na horizontal. Seus olhos trancados nos meus enquanto pequenos ofegos pelo esforço saiam dos seus lábios. Eu já tive lap dances antes, mas ser fodido em um pole era um jogo totalmente novo.

Eu grunhi e flexionei os quadris contra ela, tentando desesperadamente encontrar mais atrito. Alex começou a trabalhar com mais força contra mim. Mordendo o lábio, eu não queria ceder. Agarrando os fios do meu cabelo, Alex puxou minha cabeça até que encontrasse seus olhos. Enquanto a música ecoava, “*Come on baby*” ao nosso redor, Alex ordenou, — Goze pra mim, Deacon. Goze pra mim e só pra mim⁴³.

Eu não podia mais lutar. Jogando a cabeça para trás contra o pole, me deixei ir. — Alex! — eu gritei com voz rouca.

Quando eu comecei a voltar a mim, Alex estava destrancando as algemas. Meus braços caíram para baixo, e eu estremei. Ignorando os gritos e vaias dos meus irmãos, eu balancei a cabeça para ela. —

Você vai conseguir isso.

— Eu vou?

— Ah, sim. — Agarrando ela pela cintura, eu a icei por cima do meu ombro. Ela trouxe a porra do homem das cavernas em mim. Quando eu pisei nos bastidores, Alex não protestou. Ela simplesmente me deixou levá-la. — Dê o fora daqui, — rosnei para um segurança que estava esperando em frente às salas privativas. Eu sabia que mais tarde alguns dos rapazes tinham planejado fazer um teste com as meninas aqui. Por enquanto eu ia usar um deles para tomar Alexandra.

Uma vez que o segurança nos deixou, eu joguei Alex no sofá. — Você acha que é muito inteligente, não é?

— Eu estava apenas provando um ponto.

— Que eu sou seu? — eu perguntei enquanto arrancava minha camiseta.

— Sim.

— Você acha que qualquer homem lá duvidava disso antes de hoje à noite?

— Não. Mas eu não quero nenhuma das mulheres que andam por aqui, especialmente Cheyenne, tendo quaisquer dúvidas de que você pertence a mim e que elas devem manter suas mãos longe! — Porra. Ela estava preocupada comigo e Cheyenne. Assim quando eu estava prestes a lhe dizer que Cheyenne não significava nada, ela apertou os lábios para mim. — Claro, não doeu ver você sofrer um pouco na frente dos seus irmãos.

Mais uma vez, todos os outros pensamentos coerentes deixaram minha mente, exceto o desejo animalesco de foder a mulher bonita na minha frente. Arranquei minhas calças e fiz uma bola amassada com elas. Eu tinha começado a utilizá-las para limpar a bagunça em minhas coxas e quadris quando Alex estendeu a mão para me parar. Se inclinando no sofá, ela trouxe sua língua para lambe e limpar a minha porra. Ela já tinha me engolido antes, mas havia algo sexy pra caralho no que ela estava fazendo agora, e eu não podia deixar de estremecer.

Não querendo que ela saísse por cima outra vez, preendi algumas mechas do seu cabelo ao redor da minha mão e puxei com força. Ela engasgou com a dor e o prazer. — Você merece ser punida, — eu rosnei.

— Então me puna. Assim como você era meu para quem quisesse ver lá fora, eu sou sua aqui.

Meu pau começou a voltar à vida. Visões de dobrar ela sobre uma das cadeiras e espancar a sua bunda me fez levantar e correr. Mas então eu realmente queria virar a mesa. Assim como ela tinha me reivindicado lá fora, eu queria reivindicar alguma coisa dela. — Tire toda a roupa.

Obediente, Alex se levantou. Enquanto ela abria o sutiã, eu fui até o armário no canto. Dentro havia tudo que você pode imaginar, desde camisinha até brinquedos sexuais. Enquanto nossos negócios não envolviam prostituição, era inevitável que isso acontecesse às vezes, e o clube estava preparado. Peguei um tubo fechado de lubrificante. Quando me virei, Alex estava nua diante de mim, exceto pelos saltos altos de stripper, que ela manteve.

Por um momento, eu só conseguia olhar para ela. — Você é tão bonita.

Mesmo no quarto mal iluminado, vi seu rosto corar. — Obrigada.

Quando atravesssei a sala até ela, disse, — Eu não sei como você poderia pensar que eu iria querer alguém quando tenho você. — Levantando seu queixo, a obriguei a olhar para mim. — Você tem um rosto bonito e é gostosa pra caralho, mas mais do que isso, você tem uma merda de um coração de ouro, querida.

Seus braços cercaram meu pescoço, e ela se apertou contra mim. — Não é só com você que eu estou preocupada. Mulheres podem ser muito persuasivas. Você é tipo um deus por aqui, e cada uma delas quer um pedaço de você. Especialmente as mulheres com quem você já esteve antes. — Eu estremeci, porque sabia que ela estava falando de Cheyenne. Alex encostou sua testa contra a minha. — Eu não sei como lidar com isso. Eu te amo tanto e não quero ficar sempre imaginando que você vai me deixar.

Por um momento, eu só pude olhar incrédulo para Alex. Como no inferno era possível que ela fosse a pessoa que estava com medo de ser abandonada? De pé no meu lugar, eu via o contrário. Eu estava preocupado que, eventualmente, o meu mundo e toda minha bagagem de merda seriam demais para ela. Certamente um dia Alex veria através de mim e decidiria que eu não valia a pena. Rev estava certo, ela merecia alguém melhor do que eu. Mas mais do que qualquer coisa, ela precisava saber o quanto ela significava para mim.

— Baby, além da minha mãe, eu só disse a uma mulher que eu a amava, e ela me deixou. Eu não digo essas palavras da boca para fora.

— Fico feliz em ouvir isso. — Embora ela estivesse séria e eu achasse que ela acreditou em mim, eu precisava afastar seu medo por Cheyenne completamente. Mas eu não ia mencionar seu nome.

— Nenhuma outra mulher significa nada para mim, Alex. Nenhuma. Outra. Mulher. — Ela olhou para mim, e eu vi o momento em que ela soube de quem eu estava falando. Ela pareceu entender. Ela fechou os olhos, respirou fundo e um pequeno sorriso se formou nos seus lábios lindos.

— Ok?

Ela assentiu com a cabeça. — Ok.

Aqui estávamos nós, abertos e vulneráveis pra caralho um com o outro, totalmente nus na parte de trás de um clube de strip. Alcançando entre nós, Alex pegou o lubrificante das minhas mãos. Suas sobrancelhas arquearam em surpresa. — É isso que você tinha em mente para nós essa noite?

— Eu tinha pensado assim, mas agora eu não tenho tanta certeza.

— Por quê?

Olhando ao redor, eu disse: — Eu não tenho certeza se este é o lugar certo para comer sua bunda pela primeira vez.

Ela deu uma risadinha. — Eu não sabia que havia um protocolo para comer bundas.

Me inclinei e mordi seus lábios com meus dentes. — Você e essa sua boca inteligente.

— Você ama ela tanto quanto me ama.

Tirando o cabelo do rosto seu, eu sorri. — Sim.

Lentamente, ela começou a recuar longe de mim. Em seguida, ela abriu o frasco de lubrificante. Colocando um pouco em sua palma, ela estendeu a mão para cobrir o meu pau. Ela espalhou o lubrificante sobre o meu eixo, o cobrindo como uma segunda pele. — Isso é tudo que precisamos? — ela perguntou em voz baixa.

— Bem, eu posso estar preparado, mas precisamos trabalhar para que você chegue lá.

— Precisamos?

Caindo de joelhos na frente dela, eu disse, — Sim, precisamos. — Mergulhei minha cabeça onde eu poderia lamber e chupar sua buceta. Alex ofegou. Enquanto eu trabalhava nela com minha língua, cutuquei suas pernas mais afastadas. Continuei meu ataque à sua buceta e levei um dedo para provocar seu buraquinho enrugado. Pensei que ela ficaria tensa e empurraria para longe, mas ela continuou balançando os quadris e montando minha língua. Passei meu dedo através da sua umidade e, em seguida, delicadamente o pressionei no buraco outra vez, antes de deslizar para dentro. Ela puxou uma respiração afiada, seus quadris congelaram momentaneamente. — Está tudo bem? — perguntei.

— Mmm, sim.

— Bom. — Eu trabalhei o meu dedo dentro e fora dela enquanto roçava seu clitóris com meus dentes. Ela saltou quando o início de um orgasmo começou.

— Deacon! — ela gritou, jogando a cabeça para trás. Eu tive que firmar seus quadris com uma das minhas mãos. Quando ela começou a se acalmar, tirei meu dedo lentamente. Tomando-a pela mão, eu a levei para o sofá.

Quando me sentei, ela me deu um olhar engraçado. — Nós vamos começar desta forma para que você possa tomar o que você puder e decidir o ritmo. — A puxei para baixo para escarranchar no meu colo. Esfreguei meu pau na sua umidade para adicionar um pouco de lubrificante extra. — Pronta?

— Como eu nunca estive, — ela respondeu com um sorriso tímido.

Levantando-a pelos quadris, eu me posicionei em sua entrada. — Ok, baby. Você decide.

Mantendo o olhar fixo no meu, Alex mordeu o lábio enquanto ela lentamente desceu um pouco sobre mim. Ela trouxe os braços para cima para agarrar meus ombros. Fechei os olhos porque ela incrível para caralho e eu não queria empurrar dentro dela. Ela foi avançando pelo meu eixo no que para mim era um ritmo de caracol, mas eu sabia que para ela era um jogo totalmente diferente. Cheguei ao redor para acariciar seu clitóris, na esperança de que isso fizesse ela se soltar um pouco.

E ela se soltou. Ela finalmente afundou todo o caminho para baixo em mim. — Como é que se sente?

— Cheia. Esticada. Mas é bom.

Eu sorri. — Fico feliz em ouvir isso.

Ela estremeceu quando começou a se mover lentamente em mim. — Isso é bom. — Aos poucos, ela começou a acelerar o ritmo. Eu também acelerei o ritmo dos dedos que deslizei dentro dela. Quanto mais ela se aproximava da borda, mais ela saltava sobre mim. quando ela gritou, eu levantei seus quadris e

tirei meu pau de dentro dela.

Gentilmente, eu a empurrei para a frente sobre suas mãos e então eu trouxe suas pernas para cima, de forma que ela ficou de joelhos. Me levantei e, em seguida, mergulhei outra vez na sua bunda. Ela me levou mais fácil dessa vez. Comecei a bombear dentro e fora dela. Ela era tão fodidamente apertada que não demorou muito para que minhas bolas apertarem e eu começar a gozar. — Oh, Alex! Porra, sim! — eu resmunguei. Eu puxei para fora dela para gozar na parte inferior das suas costas, a marcando de outra maneira como minha.

Quando terminei, eu a puxei para mim, envolvendo meus braços em torno dela. Ela tentou se afastar. — Eu preciso de um banho.

— Eu gosto de você do jeito que você está, coberta de mim.

Ela revirou os olhos. — Você é um homem das cavernas.

— Quando se trata de você, com certeza eu sou.

— Bem, você me tomou de todas as formas possíveis agora, — disse ela com um sorriso.

— Sim, eu tomei. Agora eu só tenho que te dar o meu nome, e aí sim você será realmente toda minha.

Os olhos escuros de Alexandra se arregalaram. — Isso significa o que eu acho que significa?

Eu ri. — Baby, eu prometo a você que isso não foi um pedido de casamento. Então não precisa se preocupar em inventar uma história melhor de como você foi pedida em casamento nua e coberta de porra.

Ela me empurrou para longe. — Ugh, você é nojento. Às vezes me pergunto o que eu vejo em você.

— O homem que lhe dá orgasmos de abalar o mundo e te ama com todo seu coração negro.

— Isso só te redime um pouco.

Eu sorri para sua indignação. — Vamos lá, gatinha zangada. Vamos tomar um banho. E então eu quero que você encontre suas roupas. Com toda certeza do inferno não vamos voltar lá para fora como você estava vestida essa noite.

Capítulo Dezesseis

ALEXANDRA

DUAS SEMANAS DEPOIS

Algumas semanas atrás os meus dois mundos muito diferentes tinham colidido inesperadamente quando meu tio Jimmy tinha aparecido na sede do clube, pedindo para me ver. Depois que eu tinha deixado de ir a alguns almoços de família, ele tinha chegado à conclusão de que eu estava sendo mantida prisioneira por Deacon e pelos Raiders. Assim ele usou suas antigas conexões no SPG para rastrear o meu telefone celular.

Porque eu nunca tinha sido capaz de esconder nada dele, eu lhe contei tudo, do meu ataque ao meu relacionamento com Deacon. Eu esperava palavras duras e uma repreensão severa por namorar um dos Hells Raiders, mas fiquei surpresa em como tio Jimmy levou tudo muito bem. — Eu quero que você seja feliz, Alexandra. Apenas nos poucos minutos em que estive conversando com você, eu não acho que você pareceu tão feliz em muito tempo.

Ele então pediu para conversar a sós com Deacon. Ansiedade tomou conta de mim enquanto eu estava sentada do outro lado da sala, ajudando Willow com seu trabalho escolar. Felizmente, não houve socos nem gritos. Tio Jimmy e Deacon pareceram gostar um do outro, ou pelo menos eles se toleraram. Willow, por outro lado, adorou tio Jimmy de imediato, especialmente quando ele prometeu levá-la à sua cabana, onde ela poderia pescar, nadar no rio e brincar com seus netos. Pensei que Deacon ia recusar a oferta, mas não poderia ficar mais surpresa quando ele concordou que Willow poderia ir. Mais tarde, quando perguntei a ele sobre isso, ele disse, — Seu tio é um ex-soldado. Ele sabe como usar uma arma, e como proteger aqueles ao seu redor. Sua cabana fica em um condomínio fechado. Willow vai estar tão segura com ele quanto estaria com qualquer um de nós. Além disso, Sigel não vai ter antecipado Jimmy.

Agora, descansando no colo de Deacon, eu reprimi um bocejo e lutei contra o cansaço que me encheu. Não tinha sido exatamente um dia calmo até agora. Eu tinha acordado quase de madrugada para ajudar Beth com o almoço de domingo. E hoje tinha sido um dia de novidades, porque não só eu acompanhei Beth à igreja, mas Deacon também. Eu tinha demorado um segundo para reparar nele assim que pisei fora do quarto, sem o seu colete e usando uma camisa branca com as mangas arregaçadas. Claro, ele tinha sua calça jeans e botas, mas era uma transformação bem grande. Ele parecia quase respeitável. Quando ele me pegou olhando, meu deu seu sorriso habitual.

Depois da igreja, voltamos para a casa de Beth para o segundo acontecimento do dia. Meu tio Jimmy e tia Joy chegaram logo depois para o almoço, e depois de uma refeição agradável juntos, eles levaram uma Willow muito feliz para uma viagem até a cabana. Apesar do seu entusiasmo óbvio, eu ainda não podia deixar de me sentir um pouco apreensiva. Eu teria preferido acompanhá-la, mas não podia perder mais nenhum dia longe da escola. Como sempre, Deacon estava um passo à frente de mim, acalmando meus medos. Quando Willow deixou o complexo com Jimmy, Beth deixou o complexo logo atrás dele, mas foi na direção oposta. Se Sigel tivesse alguém vigiando, eles seguiriam o carro de Beth, que tinha um prospecto atrás dela. Apenas duas horas haviam se passado desde que ela saiu, mas parecia muito mais tempo.

— O que você está pensando? — perguntou Deacon, sua voz zumbindo contra a minha orelha.

— Nada, — eu menti.

— Mentira, — ele respondeu. Quando olhei para ele por cima do ombro, ele balançou a cabeça. — Você é uma péssima mentirosa, Alex. Seu corpo trai você o tempo todo. Você esteve tensa pelos últimos minutos.

— Desculpe. Eu estava pensando em Willow.

Deacon riu. — Você já está com saudade da ratinha?

— Talvez um pouco. Eu não estou acostumada a estar aqui no complexo sem ela.

Se aninhando em meu pescoço, ele passou a língua contra a minha pele. — Eu tenho certeza que eu posso pensar em alguma coisa para tirar seus pensamentos dela.

Eu ri. — Eu tenho certeza que você pode.

Case enfiou a cabeça para fora da sala de reunião do clube. — Vocês viram as últimas faturas?

Revirando os olhos para o marido, Kim gemeu. — Baby, você não pode trazer sua bunda aqui e relaxar só por uma vez?

— Eu adoraria, mas no momento eu tenho merda para cuidar, antes de poder fazer isso. Essa é a razão pela qual tem escrito “presidente” na porra da minha cadeira.

— Você sabe que isso não é bom para a sua pressão, — ela respondeu.

— Porra, Case. Isso pode esperar até amanhã, não pode? — Deacon perguntou antes de tomar um longo gole de sua cerveja.

Com um grunhido, Case respondeu, — O resto da merda pode esperar, mas eu tenho que verificar as faturas dessa carga. Não estão fechando, no momento, e, a menos que eu possa encontrar um erro da minha parte, nossas bundas vão estar entre uma rocha e um lugar duro.

Kim abriu outra garrafa de cerveja. — Se você prometer fazer isso em dez minutos, eu vou te chupar lá fora.

As sobrancelhas de Case se levantaram. — Isso é sério?

Lambendo sugestivamente a borda da garrafa, ela respondeu. — Totalmente sério.

— Porra, — ele grunhiu, enquanto saía da sala de reunião. — Me dê cinco minutos para ir lá em casa verificar isso. Assim que eu vir o que está lá, vou deixar o resto para mais tarde. Ok?

Kim sorriu. — Ok, baby. — Olhando por cima do ombro para mim, ela piscou. — Incrível o que um homem faz por um boquete, hein?

Eu ri. — Não me surpreende nem um pouco.

— Ah é? — Deacon questionou, sua mão deslizando para cima do meu estômago para roçar no lado de baixo do meu peito.

— Sim, é, — eu respondi sem fôlego.

— Vocês mulheres acham que nos têm amarrados pela buceta, — Deacon disse.

Inclinando a cabeça, Kim respondeu, — Nós não achamos apenas que temos vocês amarrados pela buceta. Também achamos que temos vocês amarrados pelo pau. — Quando Case passou por ela, deu um tapa forte na sua bunda.

Deacon me tirou do seu colo e me pôs de pé. — Eu vou com você, Prez. Depois de verificar, vou trancar tudo no cofre pelo resto da noite. Veja se você mantém sua palavra e relaxe.

— Obrigado, D. Estou contente que alguém se preocupa com o bem-estar do meu marido.

Piscando para ela, ele respondeu, — Eu estou sempre disposto a fazer tudo para garantir que um dos meus irmãos ganhe um boquete.

Foi a vez de Kim bater na bunda de Deacon quando ele passou por ela. — Vá de uma vez, antes que mude de ideia e ele tenha ainda mais problemas com bolas azuis.

Deacon riu enquanto começou a correr para recuperar o atraso e alcançar Case. Assim quando eu estava prestes a me sentar, o jukebox passou a tocar uma música das antigas, “What About Love?”. Os olhos de Kim reviraram de prazer. — Oh meu Deus, eu amo essa música.

— Eu também.

Entortando o dedo para mim, ela começou a cantar junto com a música. Nunca capaz de resistir à oportunidade de um karokê, me levantei da minha cadeira e fui até ela. Bishop gemeu. — Se eu descobrir quem pagou por essa música, vou chutar a sua bunda.

— Elas não são tão ruins, — disse Rev sobre nós.

— Eles não são boas, também, — respondeu Bishop, o que lhe valeu um dedo do meio de Kim.

No meio do nosso grande final, um rugido alto rasgou a sala. As janelas chacoalharam e o chão e as paredes vibraram. Garrafas caíram do bar e estouraram no chão. Pareceu durar para sempre, mas na verdade provavelmente durou apenas alguns segundos. Quando acabou, todos nós olhamos fixamente um para o outro, nossos rostos uma mistura de confusão e medo.

— Ah, merda, — Rev murmurou ao meu lado antes de sair correndo pela porta dos fundos. Em um movimento fluido, todos nós corremos atrás dele. No momento em que cheguei lá fora, meu coração pareceu parar de repente. Fumaça que saía da casa de Case, onde chamas laranjas e vermelhas lambiam e dançavam no que restava da estrutura.

Meu mundo parou momentaneamente. Enquanto eu estava ali congelada, todos à minha volta pareciam correr de um lado a outro em grande velocidade. Raiders saíam de todas as direções do complexo. Ao meu lado, Archer freneticamente ligou para o 911, e na outra extremidade da rua, a cabeça prateada de Beth vinha correndo na direção do fogo.

Quando eu tentei dar um passo adiante para ajudar, parecia que eu estava caminhando em areia movediça no mundo de sonho em que me encontrava. Balancei a cabeça, esperando desesperadamente sair desse pesadelo.

Deacon está nessa casa. Deacon está nessa casa. Deacon está nessa casa!

— CASE! — Kim gritou meu lado antes de disparar em uma corrida.

Embora eu quisesse que meu corpo se movesse, ele permaneceu enraizado no lugar. Como se um botão tivesse sido acionado, fui transportada de volta para o dia em que eu estava do lado de fora das portas automáticas da emergência do hospital. O médico com expressão sombria tinha acabado de dar a mim e a tio Jimmy a notícia sobre a morte dos meus pais. Enquanto o médico me chamava para segui-lo até onde os corpos deles estavam, eu congelei. Era como se, caso eu desse um passo à frente, estaria reconhecendo o que tinha acontecido, mas se eu ficasse aonde estava, então não seria real.

Hoje foi exatamente da mesma maneira. Eu assisti com os olhos arregalados de horror quando o caminhão de bombeiros passou com a sirene ligada ao meu lado, fazendo uma parada na frente da casa de Case. Mac e Boone se esforçavam para segurar Kim. Ela lutou muito contra eles, todo o tempo gritando o nome de Caso a plenos pulmões. Eu fiz uma oração silenciosa de agradecimento que nenhum dos cinco filhos de Kim estavam na casa. Eles tinham se amontoado na camionete da família e saíram mais cedo para passar o dia no shopping e no cinema.

Beth ficou ao lado de Kim, sua cabeça baixa, as mãos unidas em oração. Rev e Bishop estavam um em cada lado dela, garantindo a sua proteção. Os outros membros do clube circulavam a rua, balançando a cabeça em descrença, seus rostos pálidos.

Algo arranhou minhas pernas, momentaneamente me trazendo para fora do meu transe. Quando eu olhei para baixo, Walter olhou para mim, chorando sem parar. Por um momento, eu só consegui olhar para ele. Era como se meus braços ignorassem a mensagem que meu cérebro estava enviando. Finalmente, consegui me abaixar e pegá-lo.

Quando enterrei meu rosto em sua pele macia, minhas emoções finalmente descongelaram em uma agonia crua. Lágrimas silenciosas caíram dos meus olhos e foram amortecidas pelas costas de Walter. Parecia que meu peito tinha sido amarrado com muita força. Eu queria desesperadamente deixar de lado todas essas emoções esmagadoras, mas não importava o quanto eu silenciosamente chorasse, não conseguia encontrar qualquer alívio. Quando meu choro se transformou em soluços, a dor se alastrou pelo meu peito tão selvagemmente que parecia que eu estava queimando de dentro para fora.

Quando a última das chamas finalmente tinha sido apagada, havia pouco que ainda lembrava à casa de dois andares. Fumaça ainda saía dos escombros fumegantes. De certa forma, eles representavam como eu sentia o mundo ao meu redor agora – enegrecido, devastado, em ruínas. Enquanto eu examinava as expressões de quem tinha se tornado minha família, parecia que eles estavam se sentindo da mesma maneira que eu.

Dois bombeiros me tiraram dos meus pensamentos quando passaram por mim. — Quando você acha que eles vão liberar que a gente entre e procure os corpos? — perguntou o mais jovem.

O mais velho resmungou. — Filho, não havia nenhum aquecedor de água para explodir. Essa explosão foi causada por uma bomba. Isso, junto com a temperatura do fogo, não vai nos deixar encontrar merda nenhuma. Eles vão ter sorte se tiverem um monte de cinzas para colocar na urna.

Minha mão voou para cobrir minha boca, tanto para abafar o grito quando para impedir a bile que subia pela garganta. O bombeiro mais velho virou os olhos para mim. Sua expressão se tornou arrependida e apologética. — Sinto muito, senhora. Eu não devia ter dito isso de onde você pudesse ouvir.

Eu não respondi. Eu *não podia* responder. Afinal, o que se diz nesta situação? Minha mente não podia sequer começar a pensar que Deacon estava vivo dentro do clube a menos de meia hora atrás. E agora *ele* se foi, reduzido a nada. No final, o meu salvador não pôde salvar a si mesmo. O único lugar onde eu me sentia segura havia sido de alguma forma violado. Eu não tenho que pensar para saber quem tinha feito isso. Sigel tinha finalmente chegado para sua vingança, e ele desferiu um golpe devastador sobre os Raiders, derrubando o seu presidente e sargento de armas.

Depois que o chefe dos bombeiros falou à multidão em um tom baixo, vi como Rev passou os braços ao redor dos ombros de Beth, tentando consolá-la. Mas eu podia ouvir seus gritos angustiados de onde eu estava. Bishop estava junto, colocando uma mão nas costas de sua mãe. Apesar dos esforços de Mac e de Boone, o corpo de Kim ficou mole, e ela caiu no chão. Quando eu pensei que ela tinha desmaiado, ela começou a bater com os punhos no chão. — NÃOOOOO! — ela gritou.

Enquanto os membros dos Raiders se consolavam uns aos outros, eu nunca me senti mais sozinha em minha vida. Mesmo que pudesse ter chegado até eles por conforto, eu sabia muito bem como era isolar realmente a dor. Você poderia estar em uma sala cheia de pessoas, e ainda estar sozinha em seu próprio inferno particular. Prendendo Walter em meu peito, me virei e entrei no clube vazio, que estava silencioso como uma tumba.

Eu momentaneamente parei na frente da cadeira onde Deacon estava sentado comigo. Passei a mão livre sobre o encosto alto, imaginando suas costas fortes pressionadas contra ele. Se eu fechasse os olhos, podia vê-lo ali, quase sentir seu cheiro ainda persistente no ar. Abrindo meus ouvidos, tentei desesperadamente ouvir sua voz no vazio.

Com nada além do vazio que me cercava, fiz meu caminho até o seu quarto. Fechei a porta e depois me arrastei pelo espaço. Pegando meu celular da mesa de cabeceira, tive a presença de espírito de mandar uma mensagem ao diretor da escola dizendo que não iria trabalhar amanhã. A verdade era que eu não sabia quando eu iria voltar – ou ao menos se eu poderia. Eu tinha juntado os pedaços de uma vida destroçada uma vez antes. Mesmo que isso tivesse me feito mais forte, eu não era resistente. Eu não sabia se eu poderia voltar depois disso.

Desmoronando na cama, me enrolei no cobertor que cheirava esmagadoramente a ele. Walter se enterrou ao meu lado, e eu fiquei feliz com o conforto que era sua presença. Fechando os olhos, eu quis dormir para escapar do pesadelo da minha realidade. Para escorregar em uma inconsciência desprovida de dor ou tristeza. Onde eu nunca teria aqueles que eu amava arrancados de mim.

E, finalmente, eu escorreguei para longe.

Capítulo Dezessete

ALEXANDRA

Eu estava fora do ar. Meus músculos gritavam em agonia, mas eu continuei correndo. As madeiras escuras das árvores de aparência sinistra me envolviam. O medo, como eu nunca tinha conhecido, me empurrava. Eu estava correndo de alguma coisa, mas do que, eu não sabia. Imagens do meu passado voaram diante de mim como um relâmpago caindo através do céu. Minha mãe me entregando um buquê de rosas cor de sangue em um dos meus recitais de balé. Meu pai sorrindo quando pressionou as chaves do carro em minhas mãos ávidas aos dezesseis anos de idade⁴⁴. Os intensos olhos escuros de Deacon, um brilho de suor no seu peito tatuado, e seus quadris se flexionando enquanto ele bombeava dentro e fora de mim.

Cada uma das memórias felizes explodiu em cacos de vidro quando eu corri através deles, me cortando com uma dor emocional que não parecia me tocar fisicamente. Cheguei ao fim da floresta só para me encontrar na borda de um precipício. O que quer que estivesse vindo atrás de mim, estava cada vez mais perto e, sem escolha, eu saltei do penhasco. E caí em queda-livre.

Com um grito lancinante, dei um salto na cama. Levei uma mão trêmula à minha testa, empurrando para trás alguns fios encharcados de suor do meu cabelo. Agarrando minha camisa na altura do meu coração, quis respirar normalmente de novo. Quando me tornei consciente de onde eu estava e porque eu estava lá, percebi que não havia trégua. Eu tinha acabado de trocar um pesadelo por outro.

Uma batida suave veio da porta. — Alexandra? — a voz preocupada de Rev perguntou.

— Sim? — eu resmunguei.

Quando Rev abriu a porta, eu imediatamente esqueci minha própria dor e, em vez disso, me concentrei na sua. A angústia desfigurava seu rosto geralmente bonito. Nas últimas vinte e quatro horas ele tinha perdido muito mais do que eu, e a tensão era evidente em seu rosto. — Você está bem? Eu ouvi você gritar.

Com um aceno de cabeça, eu me levantei na cama. — Só um pesadelo.

— Sinto muito.

— Depois de perder meus pais, eu deveria estar acostumada com isso. Eu tive pesadelos por meses depois que eles morreram. Acho que é só esperar agora.

— Eu sei o que você quer dizer. Tive pesadelos por anos depois... — Rev parou, uma expressão de dor em seu rosto. — Bem, de qualquer forma, eu só queria dar uma olhada em você.

— Que horas são?

— Um pouco depois das cinco da manhã.

— Você não foi para a cama ainda?

— Parece que não consigo ficar parado.

Embora eu tivesse vindo originalmente para o quarto de Deacon na sede do clube para me confortar, não acho que eu poderia suportar ficar sozinha por mais tempo. — Você fica comigo até eu dormir?

As sobrancelhas escuras de Rev se ergueram. — Eu não acho que é uma boa ideia.

— Por que não?

Ele fez uma careta. — Se Deacon estivesse aqui, ele ia chutar a minha bunda por estar na cama com a sua old lady.

Antes que eu pudesse me parar, um riso saiu de meus lábios quando eu imaginei Deacon disparando como uma bala com a visão de mim e Rev juntos. Na expressão surpresa de Rev, balancei minha cabeça. — Você está certo. Ele ficaria bravo se estivesse aqui, mas ele não está. E considerando que ele nos amava, acho que ele gostaria que nós dois tivéssemos um pouco de consolo.

Rev pesou minhas palavras antes que de finalmente fechar a porta atrás de si. Ele fechou a distância entre nós em dois passos longos. Eu deslizei mais na cama quando ele se sentou no colchão. Lentamente, ele tirou suas botas. Ele as jogou no chão antes de cair para trás no colchão. Sem esperar por um convite, eu me arrastei até ele. Ele me abrigou levantando seu braço para me deixar aconchegar a cabeça em seu peito coberto por uma camiseta.

— Como está a sua mãe?

Rev ficou tenso embaixo de mim. — Nada bem. Breakneck acabou tendo que lhe dar um sedativo. Ela provavelmente estaria andando de um lado para o outro e chorando, se ele não tivesse feito isso.

Lágrimas transbordaram em meus olhos com o pensamento da tristeza de Beth, o que enviou umidade para a camiseta de Rev. Parte de mim pensou que eu deveria estar com ela. Mas ela tinha seus meninos. Nós duas iríamos chorar juntas em breve.

Tudo no meu mundo tinha se tornado tão negro como os restos carbonizados da casa de Case. E, em seguida, do nada, o rosto sorridente de Willow surgiu na minha mente. Um gemido de agonia escapou dos meus lábios, fazendo com que o braço de Rev se apertasse em torno de mim.

— Oh Deus, Rev, e Willow? Eles não iriam voltar antes de quarta-feira.

— Pensei em ir buscar ela amanhã. Contar pessoalmente.

Eu não podia sequer imaginar como seria contar a ela, muito menos o que ele iria fazer com ela. Nos últimos oito meses, ela tinha perdido sua mãe, e agora o pai que ela tinha apenas começado a conhecer... e amar. — Pobrezinha, — eu murmurei.

— Alexandra, eu sei que pode ser muito cedo para dizer isso, mas eu preciso. Sem Deacon, você pode pensar que não tem mais um lugar aqui, mas isso não é verdade. Você é nossa família. Nós cuidamos das old ladies. Mais do que tudo, Willow vai precisar de você.

Eu levantei minha cabeça para olhar em seus olhos preocupados. — Eu não estava pensando em ir a qualquer lugar. No caso de você não ter notado, eu preciso de vocês também. Eu amo todos vocês.

Ele empurrou o queixo para mim. — Fico feliz em ouvir isso.

Deitada de costas, me aconcheguei mais perto dele. O silêncio que se estendeu entre nós quando ficamos ali, sobrecarregados pelos nossos próprios pensamentos e pela tristeza. — Obrigada por estar aqui, Rev, — eu sussurrei no escuro.

— De nada. E obrigado, também.

Fechei os olhos e deixei que a exaustão emocional me oprimisse mais uma vez, e caí em sono profundo.

Quando eu acordei de um sono novamente cheio de pesadelos, Rev tinha ido embora. Capotando na cama, olhei para o relógio. Era quase meio-dia. Eu não podia acreditar que tinha dormindo tanto tempo. Jogando as cobertas para longe de mim, levantei da cama. Meus braços e pernas pareciam pesados pela dor esmagadora que me cercava. O sono tinha sido um alívio bem-vindo, mas agora eu estava experimentando outra vez toda a gama de emoções. Encontrei o corredor silencioso e vazio quando eu saí para ir ao banheiro. Embora eu precisasse desesperadamente de café, meu desejo por um banho foi maior. Liguei a água tão quente quanto possível antes de me enfiar debaixo da ducha.

Eu permaneci imóvel, olhando para o azulejo gasto na minha frente até que a água quente terminou. A cascata gelada sobre a minha cabeça finalmente me acordou. Eu lavei meu cabelo e corpo quase em tempo recorde, meus dentes batendo o tempo todo. Quando eu saí, esfreguei furiosamente a toalha sobre mim, tentando me aquecer. Vesti meu roupão e voltei para o quarto.

Enquanto me vestia, ouvi o som de choro angustiado de uma mulher. Não demorei nem mais um segundo para perceber que era Kim. O quarto dela e de Case eram do outro lado do corredor, bem em frente ao de Deacon. Enquanto eu estava em meu próprio mundo cheio de tormento, não podia nem começar a imaginar a sua agonia. Case tinha sido o amor da sua vida e pai de seus filhos, mas mais do que isso, ele tinha sido quem a salvou de uma vida no inferno. Meu coração doeu por ela tão intensamente que comecei a me sentir sufocar.

Meu telefone tocou na mesa de cabeceira. Quando eu olhei para o identificador, meu peito apertou ainda mais forte. Eu não podia me fazer atender. A porta se abriu, e Rev entrou. Ele olhou para o telefone, e eu balancei minha cabeça. — É Willow.

— Achei que era quando eu ouvi o toque.

Balançando a cabeça, eu disse, — Eu não consigo.

Ele pegou o telefone de mim. — Ei, ratinha, o que você está fazendo?

Eu ouvi a voz dela fazendo várias perguntas a ele. — Sim, ela está ocupada, então eu pensei em atender o seu telefone. — Willow então continuou a sua fala.

— Sim, nós estávamos pensando em ir aí buscar você hoje... — ele fez uma pausa com o grito de Willow. — Eu sei que você recém chegou aí e não deveria voltar até quarta-feira, — seu olhar cintilou no meu.

Deixe ela fica, eu murmurei.

Suas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Espere aí, ratinha, — ele disse antes de pressionar o botão de mudo no telefone.

— Ela está se divertindo muito, não é? — ao aceno de Rev, eu disse, — Deixe ela ter mais alguns dias de diversão inocente. Quem sabe quando ela vai poder desfrutar de algo assim outra vez.

Depois de processar as minhas palavras, ele disse, — Você está certa. Vamos esperar para fazer um memorial até ela voltar. Vamos estar bastante ocupados com o de Case antes disso. — Rev tirou o telefone do mudo. — Ok, ratinha, você conseguiu o que queria, como sempre. Você pode voltar com Jimmy na quarta. — Lágrimas picaram meus olhos quando ouvi seu grito animado. A sombra de um sorriso brincou em seus lábios. — Eu vou dizer a ela. Eu te amo, docinho.

Ele, então, terminou a chamada. — Ela me queria lembrar a você de dar beijos em Walter por ela, como ela pediu.

Um soluço sufocou minha garganta quando pensei no dia em que Deacon me trouxe o cachorro e Willow lhe deu um nome incomum. Naquele momento, eu não conseguia ficar no complexo nem mais um segundo. — Eu tenho que sair daqui, — eu disse, meu queixo tremendo.

Ele apenas acenou com a cabeça antes de me oferecer sua mão. Eu estendi a minha e, depois, fui levada pelo corredor. O clima na sala principal do clube era sombrio, para dizer o mínimo. Onde os homens e mulheres uma vez estiveram conversando e rindo enquanto bebiam, agora todos falavam em voz baixa, isso se falassem. Claro, todas as vozes sumiram quando me viram.

— Alex precisa de um tempo longe daqui. Leve ela onde quer que ela precise ir, — Rev instruiu Archer.

— Vai ser uma honra, — ele respondeu.

Suas palavras e a reverência com que ele as falou fez com que a sufocante dor familiar voltasse através de mim. Enquanto Deacon e eu estávamos longe de um casamento ou até mesmo de um noivado, eu era reconhecida como sua viúva, assim como Kim.

Eu me inclinei para abraçar Rev. — Eu não vou demorar.

— Leve o tempo que você precisa.

Com um aceno de cabeça, eu comecei a sair da sede do clube com Archer ao meu lado. Quando ele se aproximou da sua moto, eu hesitei. Eu não podia me imaginar andando com ninguém mais além de Deacon. Na minha hesitação, ele se virou. — Se você não está bem com isso, podemos ir de carro.

Quando eu contemplei suas palavras, pensei em como, uma vez que eu tinha superado o medo inicial, a estrada aberta se sentira tão pacífica. — Não, está tudo bem.

— Você tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza.

Ele me entregou um capacete, e eu o vesti. Depois que deslizei no assento, meus braços congelaram antes que eu pudesse coloca-los ao seu redor. Parecia tão errado tocar ele de forma tão íntima, assim como tinha feito com Deacon. Quando Archer olhou por cima do ombro, me deu um sorriso triste, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. Com as mãos trêmulas, finalmente estendi os braços ao redor da sua cintura. Ele ligou o motor e nós partimos.

— Onde estamos indo? — ele gritou.

— Haynes Road, — eu gritei de volta.

Ele assentiu. Havia apenas um lugar que eu poderia pensar onde poderia escapar. Eu não podia voltar para casa. Era um lugar cheio de lembranças desagradáveis. Gostaria de ir ao lugar que me deu objetivo — a escola.

Quando chegamos, era um pouco depois das três. Todos os alunos tinham ido embora, exceto os que estavam atividades extraclasse, mas eles estavam concentrados no ginásio e no refeitório. Depois que entramos no estacionamento, eu desci da moto e entreguei o capacete para Archer. Eu não podia começar a imaginar os olhares dos professores que viam a cena de dentro do prédio. Claro, alguns deles sabiam que eu estava envolvida com um motoqueiro, e agora eu tenho certeza que eles sabiam que ele estava morto. Eu tinha ligado para o diretor para pedir alguns dias de folga.

Felizmente, eu me lembrei de trazer minhas chaves, por isso fomos capazes de escorregar por uma das portas laterais, em vez de entrar pela frente. Quando comecei a ir para minha sala de aula, notei que os pés de Archer estavam presos ao chão. Sua postura era de alguém em alerta total.

Mesmo que eu já soubesse a resposta, perguntei, — Você não quer entrar?

Ele balançou a cabeça. — Eu vou esperar aqui fora.

— Ok. — Enquanto eu deveria ter me senti confortada por ele manter um olho nas coisas, eu também não queria ficar sozinha. Nem mesmo na minha sala de aula, com meus quadros de avisos e cartazes e decoração alegre. Eu deslizei para dentro e fechei a porta atrás de mim. Quem quer que fosse minha substituta, estava obviamente tentando sobreviver com quinze de crianças de cinco anos, porque o lugar estava um caco.

Com um renovado senso de propósito bombeando através de mim, eu fui até o armário e peguei os materiais de limpeza necessários. Eu não sei quanto tempo eu passei lavando mesas e cadeiras, raspando aglomerados de cola e reorganizando minhas estantes e livros. Ironicamente, isso me fez muito bem. Por um breve momento, fui capaz de esquecer que o homem que eu amava mais do que tudo no mundo tinha sido morto ontem.

Derrotada pela nuvem de tristeza dolorosa que inchou em torno de mim, andei até minha mesa e caí na cadeira. Embalando a cabeça em minhas mãos, chorei abertamente e sem vergonha. Enquanto eu chorava, imagens de Deacon e eu juntos passavam pela minha mente. Ele com Willow. Ele com seus irmãos. Dele naqueles últimos momentos antes dele sair pela porta, em direção ao destino terrível que o aguardava.

Uma vez que comecei a me recuperar, passei meus braços pelo rosto umedecido. Um lenço entrou em minha linha de visão. — Obrigada, Archer, — eu murmurei quando comecei a limpar os olhos.

— De nada, Srta. Evans.

Eu levantei minha cabeça ao ouvir a voz do estranho. Cada molécula do meu corpo pareceu incendiar com o perigo. Embora eu quisesse gritar por ajuda, minhas cordas vocais se torceram com medo e eu não pude fazer nada, além de guinchar. Quando meu olhar correu para a porta da sala de aula, o homem levantou a mão. — Não se preocupe com o prospecto. Ele só está momentaneamente detido. Eu não achei que era necessário derramar o seu sangue hoje.

— Q-quem é v-você? — eu gaguejei.

Ele me deu um sorriso perverso. — Eu tenho certeza que você já sabe a resposta para essa pergunta, senhorita Evans. Você é uma menina inteligente, sendo professora.

— Sigel?

Fazendo uma reverência floreada, ele disse: — O primeiro e único.

— O que você está fazendo aqui?

— Vejo que você é uma mulher que não tem papas na língua. Fico feliz em ouvir isso. Odeio ter meu tempo desperdiçado. Eu vim aqui prestar meus respeitos pela perda do seu saudoso namorado.

Meus punhos se cerraram em meu colo. A raiva superou o medo, e eu senti como se a qualquer momento eu pudesse me lançar em Sigel.

Inclinando a cabeça, Sigel parecia estar pesando minha linguagem corporal. — Eu espero que você acredite em mim quando eu digo que eu não tinha ideia de que Deacon estaria em qualquer lugar perto da casa de Case.

— E eu espero que você acredite em mim quando eu digo que é isso é uma grande besteira de merda.

Os profundos olhos azuis de Sigel se arregalaram com a minha declaração. — Eu posso ver porque Deacon gostava tanto de você. Você é como uma gatinha zangada, não é Srta. Evans? — náusea tomou conta de mim quando Sigel usou as palavras “gatinha zangada”. Foram as mesmas que Deacon usou para me provocar.

Quando me recusei a responder, Sigel balançou a cabeça. — O plano era matar Case, o que iria enfurecer Deacon o suficiente para ele vir atrás de mim. Eu, então, seria capaz de conseguir minha vingança pessoal. Confie em mim que ter acabado com ele em uma simples explosão não serviu de nada para mim. — Sua expressão escureceu ainda mais. — Ele teve uma morte muito mais rápida e indolor do que a que eu tinha reservada para ele.

Enquanto ainda era difícil imaginar que Sigel não tivesse planejado acabar com Deacon, suas palavras certamente me deram algo para pensar. — Com Deacon morto, eu não posso imaginar o que você poderia querer de mim, — eu disse em voz baixa.

— Você foi uma vez uma mercadoria muito valiosa para mim, Srta. Evans. Tenho certeza que isso ficou claro quando você passou um tempo com o meu ex-sócio, Crank.

Levantando o queixo para ele, eu disse, — Se você por um minuto acha que pode me usar para chegar a Willow, então pode me matar aqui e agora. Enquanto eu tiver um fôlego dentro de mim, vou manter essa criança segura!

Sigel fez um *tsk tsk* no fundo de sua garganta. — Você mais uma vez perdeu o fio da meada aqui, Srta. Evans. Eu não quero a pirralha de Deacon. Enquanto eu tenho certeza que a sua morte iria afetar muito Rev e alguns dos outros irmãos, isso não faria muito por mim, considerando que o pai dela está morto.

— Então o que você quer? — perguntei, minha voz estridente.

— Você sabe, dizem que esse é um mundo pequeno, e eu não teria realmente acreditado em quão pequeno ele poderia ser até que você entrou na vida de Deacon Malloy.

— Eu não entendo.

— Não, eu não acho que você entenda. Então me deixe refrescar sua memória. Tenho certeza que você ouviu daquele filho da puta para quem você abria as pernas que eu tinha um filho. Um filho que ele assassinou.

— Em forma de vingança porque você matou o pai dele, — cuspi de volta.

— *Touché*, Srta. Evans. Eu suponho que você aprova essa vingança do Antigo Testamento de olho por olho que seu namorado escolheu. — Quando eu não respondi, ele começou a andar ao redor as minha, enquanto seu olhar vagava pela sala. — Você tem uma bela sala de aula. De certa forma, me lembra a da sua mãe.

Meu batimento cardíaco estremeceu a uma parada e depois reiniciou. — Com licença?

Seus olhos encontraram os meus. — Eu acho que você me ouviu bem.

— Mas como é possível que você saiba quem é a minha mãe?

— Você vê, é aí onde nossos pequenos mundos colidem. Certa vez, sua mãe ensinou meu filho, Andy. Era no segundo ou terceiro nível. Eu não me lembro exatamente agora.

— Segundo. Ela só deu aulas no jardim de infância, e para o nível dois, — eu murmurei baixinho.

— Ah, obrigado por me lembrar. — Sigel se virou para me enfrentar novamente. — Sua mãe era a porra de uma cadela intrometida. Em vez de se preocupar com os pirralhos com meleca no nariz que ela tinha que ensinar, ela se concentrou em Andy. Ela não conseguia acreditar que ele tinha hematomas nos braços e nas pernas simplesmente por brincar. Ela não parecia entender que eu cuidava dos meus filhos com uma disciplina muito da velha guarda. Então ela levou o caso para o SPC local. Eu não podia ter eles bisbilhotando na minha vida, por isso nós desaparecemos. Nós pulamos de cidade em cidade, não indo muito longe do meu clube. — Seus olhos azuis sem alma estavam focados nos meus. — Uma coisa que poderia ser dita sobre a sua mãe é que ela tinha uma memória do caralho. Pensei que eu tinha colocado tempo e espaço suficiente das suas antigas denúncias quando me mudei para cá de novo com Andy, para ele começar o ensino médio.

Lentamente, as peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar. — Ele era um dos alunos do meu pai?

— Ora, ora, você não é inteligente? Sim, ele acabou sendo aluno do seu velho. Acho que durante o jantar ou algo assim, ele começou a falar sobre como estava preocupado com um dos seus alunos. E quando ele mencionou o nome, sua mão o reconheceu. Naquela noite eu recebi um telefonema do seu pai. Ele queria respostas e se lembrava do primeiro caso contra mim. Meus métodos habituais de persuasão não pareciam funcionar com ele, mesmo quando eu ameacei que algo aconteceria com você.

Fechando meus olhos, eu não poderia começar a imaginar o que essa ameaça significou para o meu pai. Nada importava mais para ele no mundo do que sua esposa e seus filhos. Mas, ao mesmo tempo, ele tinha uma profunda paixão dentro de si, de defender o que era certo, mesmo que isso representasse uma potencial ameaça para aqueles que ele amava.

— No final, eu estava cansado pra caralho de ser forçado a correr, então eu decidi tomar um curso de ação diferente.

Suas palavras causaram um arrepio correndo da minha cabeça pela minha espinha. — Mas eles morreram em um acidente de carro, — eu disse sem convicção.

— Sim, eles morreram. Um acidente de carro causado por freios defeituosos e um carro sem identificação que os atingiu, os empurrando para fora da estrada.

Minha mão voou para a boca para parar o grito se construindo na garganta. As emoções confusas estremeceram e encheram meu corpo e me fizeram sentir como se estivesse me debatendo para me soltar de uma camisa de força. Era esmagador. Os últimos dez anos inteiros da minha vida foram baseados em uma mentira. Meus pais não tinham morrido em um acidente. Eles haviam sido assassinados. Suas mortes tinham sido friamente calculadas pelo pedaço de merda que estava na minha frente.

— Felizmente, seu pai não deu com a língua nos dentes para qualquer um dos seus colegas de trabalho, de modo que ninguém sabia que ele tinha quase vindo para cima de mim, o que teria afetado o meu clube. Claro, eu odiei que seu irmão mais novo estivesse no carro. Eu nunca quis que vocês dois se machucassem.

Lágrimas de angústia e raiva arderam em meus olhos. Enquanto eu olhava para Sigel, me perguntei qual o motivo ou intenção que ele tinha para me contar isso. Eu já estava no meu limite por causa dele. Eu estava sobrevivendo depois de perder o homem que eu amava. Isso era demais. Empurrar muito longe.

— P-por que você está me c-contando isso? — gaguejei, mal capaz de pronunciar as palavras

— Porque você tem direito à verdade. E porque eu espero que isso vá influenciar você a fazer o que eu estou a ponto de lhe pedir.

Com uma risada sem alegria, retruquei, — Como você pode pensar que depois de ter acabado de me contar que você matou meus pais, eu vou querer fazer alguma coisa você? — esse homem tinha um aperto frouxo sobre sua sanidade. Ele estava absolutamente delirante se pensava que eu ia confiar nele.

— Porque, enquanto você não pode trazer seus pais de volta, sua colaboração vai permitir que seu irmão fique em segurança, assim com a fedelha do Malloy.

Puxei uma respiração afiada. — Você está me chantageando.

Sigel levantou um ombro apaticamente. — Se você quiser chamar assim. Eu gosto de pensar nisso como um seguro, ou mesmo uma garantia. Nós dois trabalhando de boa-fé para obter um resultado.

— Depois de tudo o que você fez, como posso confiar em você?

— Você vai ter que descobrir isso sozinha, Srta. Evans. — Sigel colocou ambas as palmas das mãos sobre a minha mesa e se inclinou para frente. — Eu sei que depois do que aconteceu com Case e Deacon, haverá represálias dos Raiders contra o meu clube. Mas antes que isso aconteça, eu quero que você me traga algo – algo que os Raiders tiraram de mim.

— Você quer que eu roube alguma coisa?

— É meu por direito, Srta. Evans. Ou pelos menos era do meu filho.

Olhando-o com curiosidade, perguntei, — O que é isso?

Ele se empurrou da minha mesa e começou a andar pela sala. Algo sobre isso que ele queria o deixava agitado. Finalmente, ele se virou para mim, — No mundo dos clubes, o colete de um homem é sagrado. A partir do momento que você recebe o seu, se torna sua segunda pele. Você costura seus títulos e seu nome no couro. Você nunca o abandona em lugar nenhum para que seus irmãos o peguem ou seus inimigos o roubem. — Alcançando o seu próprio colete, Sigel tirou um maço de cigarros e um isqueiro. Eu não me incomodei em lhe informar que não era permitido fumar nas dependências da escola.

Depois de dar uma longa tragada, os olhos de Sigel perfuraram os meus. — Deacon Malloy não apenas foi até o meu filho e atirou nele. Ou o esfaqueou. Esse filho da puta o torturou por umas boas duas horas.

Se ele tinha a intenção de que suas palavras provocassem um efeito em mim, ele conseguiu. Meu estômago se agitou, e eu tive que lutar contra a vontade de vomitar. Era incompreensível para mim como o Deacon que eu amei poderia fazer uma coisa tão horrível para outra pessoa, mesmo em vingança pela morte do seu pai.

Exalando uma nuvem de fumaça, Sigel disse, — Além de fazer o meu menino sofrer com duas horas de tortura, ele fez a coisa mais desrespeitosa que um companheiro motoqueiro pode fazer. Ele pegou o colete de Andy. Isso deveria ter sido enterrado com ele, mas Deacon tirou isso de nós.

— Você acha que esse colete de Andy está em algum lugar no complexo dos Raiders?

— Ah, eu sei que está.

— Mas e se Deacon o queimou ou o destruiu de alguma forma?

Sigel balançou a cabeça. — Você não se livra dos prêmios de guerra. Esse colete está em algum lugar no clube, e você vai encontra-lo.

— E se eu não conseguir.

— Ah, eu sei você vai. Você valoriza a sua vida, a vida do seu irmão e da pirralha de Malloy demais para falhar.

— Uma vez que eu trouxer esse colete, você jura que não vai ferir a mim ou a Willow?

— Você tem minha palavra.

— Eu não tenho certeza se ela vale alguma coisa.

— Neste caso, sim. Tenha certeza de que eu não sou um agente duplo, Srta. Evans. Quando eu digo algo, quero dizer isso. Tenho certeza que seu pai poderia atestar isso. Eu lhe avisei que iria mata-lo se ele não recuasse, e olha o que aconteceu.

— Saia daqui! — eu gritei, a raiva sacudiu através de mim.

Uma risada cruel escapou de Sigel. — Você é tão pouco hospitaleira. Vou honrar o seu pedido agora. — Ele caminhou até a porta antes de virar para mim. — Você pode esperar para ouvir de mim nos próximos dias. Quando eu ligar, vou querer uma pronta entrega. Sem desculpas. Você também pode tirar dessa sua cabecinha linda qualquer ideia de pedir ajuda aos Raiders.

— Eu não sonharia em fazer qualquer coisa que colocaria em risco a minha chance de me livrar de você completamente.

— Fico feliz em ouvir isso. Entrarei em contato.

E então ele desapareceu tão rapidamente como tinha aparecido. Quando o peso emocional da admissão de Sigel caiu em cima de mim, eu comecei a hiperventilar. Agarrando a borda da minha mesa, eu respirei dentro e fora. *Respire, Alex. Apenas respire.*

Repeti a frase várias vezes em minha mente como um mantra. Então eu percebi que eu não era a única dizendo isso. Sacudindo a cabeça, olhei para o rosto preocupado de Archer. Com um sorriso fraco, ele mais uma vez repetiu, — Apenas respire.

Pulando da cadeira, passei meus braços em torno dele. Eu precisava de conforto tão desesperadamente quanto precisava de ar.

— Me desculpe. Eu sinto muito porque eu não estava aqui. Os homens dele me encurralaram no banheiro e me seguraram com armas até que tivesse acabado. — Eu gemi em protesto quando ele se afastou. Estudando meu rosto, ele perguntou, — Ele machucou você? Ele tocou em você? Porra, Alex, eu te machucou de alguma forma?

— Não. Ele não me machucou nem me tocou.

Quando eu não forneci nenhuma outra informação, Archer suspirou. — Graças a Deus está tudo bem.

— Me leve para casa.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Para a sua casa?

Eu balancei minha cabeça. — Não, para o complexo.

— Tem certeza que você é capaz de montar? Eu posso chamar alguém para nos pegar.

— Só me leve para casa agora. Por favor.

— Qualquer coisa para você, Alex, — Archer respondeu. Deslizando seu braço em volta do meu quadril, ele me puxou para ele. Com a minha cabeça contra seu peito, eu me inclinei em sua força enquanto nós caminhamos para fora.

Quando chegamos à porta que conduzia para o lado de fora, eu hesitei um pouco. — Está tudo bem. Eu estou bem aqui, — Archer me tranquilizou. Enquanto eu olhava para o rosto dele, não pude deixar de notar a maneira como seus olhos cautelosamente esquadrinharam os arredores, bem como a forma como ele tencionou e relaxou a mandíbula. Ele parecia um homem no limite, e eu não poderia culpá-lo. Não só dois membros do clube tinham acabado de morrer, como ele tinha acabado de ser atacado.

À vista da sua moto, eu hesitei. Eu não podia evitar a paranoia de que algo tinha sido feito na sua máquina.

— Você está bem? — ele questionou.

— Você acha que sua moto foi adulterada?

As sobrancelhas de Archer dispararam em surpresa. — Acho que não. Se eles quisessem nos machucar, tiveram a chance.

Minha mente automaticamente foi para os meus pais e como quando eles saíram para ir à escola naquela manhã, eles se sentiram a salvo em seu SUV. — Só um palpite, eu acho.

— Espere um segundo, — disse Archer. Ele então fez um grande círculo em torno da moto. — Não há pegadas.

— Elas iriam aparecer?

— Se eles tivessem andado por aqui, teriam deixando alguma marca, especialmente considerando que há sedimentos, areia e sujeira por todo o estacionamento. — Ele balançou a cabeça. — Elas iriam aparecer.

— Se você diz, — eu respondi, me sentindo convencida.

Coçando a parte de trás do seu pescoço, Archer disse, — Ouça, Alex, não é da minha conta, mas eu imagino que se Sigel veio até aqui para encontrar com você, há algo que ele quer. Algo que você, e somente você, vai dar a ele. — Quando me recusei a responder, Archer disse, — Só isso já significa que nada vai acontecer com você. Pelo menos não agora.

Com um aceno rápido de cabeça, eu respondi, — Tudo bem. Mas eu mudei de ideia. Eu não estou pronta para voltar ao complexo ainda.

Ele me deu um olhar interrogativo. — Então você quer ir para outro lugar?

— Não. Eu só preciso montar por um tempo.

— Ok, eu posso fazer isso.

Tenho certeza que ele pensou que eu tinha absolutamente perdido a cabeça quando, em um minuto, estava preocupada que sua moto explodisse e, no seguinte, queria ficar em cima dela por mais um tempo.

Sem outra palavra para ele, eu peguei o capacete e subi na moto. Saímos do estacionamento. Archer nos levou para fora da cidade e por algumas estradas fora das rotas principais, pelas áreas mais rurais. Enquanto nós voávamos, as coisas ficavam cada vez mais claras na minha mente. Eu tinha chegado a uma encruzilhada que eu nunca tinha imaginado possível.

— Encoste! — eu gritei sobre o rugido do motor.

Archer não olhou de volta para mim. Em vez disso, ele encontrou no bosque um espaço sem árvores. Quando ele parou, eu não desci da moto imediatamente. — Você precisa ir ao banheiro.

— Desligue o motor. — Quando ele me obedeceu, eu puxei uma respiração profunda. — Archer, se eu fosse pedia sua ajuda, você me daria ela sem questionar?

Lentamente, ele se virou para olhar para mim. — Eu não acho que eu gosto de onde isso vai dar.

Lambi meus lábios secos. — Se eu tivesse que pedir a sua ajuda para fazer algo que iria proteger Willow e o clube, você faria isso?

— Depende. — Ele coçou a barba em seu queixo. — O que você quer?

— Primeiro você tem que jurar que, mesmo se você não concordar em fazer isso, não contará nada a nenhum dos Raiders.

Os olhos de Archer se arregalaram e ele pulou da moto. Ele andou ao redor por um momento antes de começar a caminhar de verdade. — Você está me colocando em uma situação difícil pra caralho.

— Eu não sonharia em lhe pedir isso se não fosse uma questão de vida ou morte.

Minhas palavras só pareceram o agitar ainda mais, e ele continuou a caminhar. Ele quase tinha aberto um buraco no cascalho quando finalmente parou. Ele suspirou com tanta força que seu corpo estremeceu. Então ele se virou para mim. — Você tem a minha palavra. Agora, o que é?

Da melhor maneira que pude, relatei a ele o que tinha acontecido em meu encontro com Sigel. Ele ouviu chocado, sem interromper nem questionar. Quando eu terminei, ele olhou para mim quase incrédulo. — Você está falando sério.

— Estou.

— Isso é uma merda do caralho.

— Sim, bem, isso é onde eu estou.

Eu esperava que ele voltasse a caminhar. Em vez disso, ele andou de volta para mim. Seus olhos azuis queimaram nos meus quando ele me olhou. — Eu estou dentro.

Eu não pude evitar o meu suspiro de surpresa. — Você está?

— Mesmo que eu devesse mandar você ir se foder por me colocar nessa situação, eu entendo. Eu realmente entendo.

— Obrigada.

Balançando a cabeça, ele passou a perna por cima da moto. — Guarde os agradecimentos para quando a gente sair dessa vivos.

Eu ri nervosamente. — Fechado.

Capítulo Dezoito

ALEXANDRA

Eu não sei como Archer conseguiu avisar eles, mas quando chegamos ao complexo, todos os Raiders vieram correndo do clube ao nosso encontro. Rev e Bishop também apareceram. Eles me escoltaram para dentro. Em vez de me levar para o quarto de Deacon, eles me levaram para a sala de reuniões. Rev puxou uma cadeira para mim e fez sinal para eu me sentar. — Fale conosco, Alex, — insistiu ele.

Segurando minhas mãos, eu disse, — Eu estou um pouco abalada, mas na maior parte, estou bem.

Bishop estudou meu rosto. — Ele não tentou nada físico com você, não é?

— Minha virtude está intacta, — eu respondi com um sorriso sem graça.

— É melhor mesmo que esteja. Se ele se atreveu a colocar um dedo em você, nós vamos jogar a porra de uma tempestade de fogo em cima dele, — Bishop rosnou.

Eu puxei uma respiração profunda, me preparando para abordar o assunto que eu queria de forma cautelosa. — Eu preciso que vocês me ensinem a usar uma faca.

Rev e Bishop trocaram um olhar. — Alex, eu não tenho certeza se essa é uma boa ideia, — disse Rev.

— Você prefere que eu esteja indefesa da próxima vez que me encontrar com Sigel ou seus capangas?

— Nós sempre vamos te proteger, — argumentou Rev.

Levantando minhas sobrancelhas, eu disse: — Como hoje?

— Acho que você tem um ponto.

— Você percebe que se eu estivesse armada com uma faca ou um revólver, eu poderia ter acabado com Sigel? Apenas com isso, — estalei meus dedos para dar ênfase.

Cruzando os braços tatuados sobre peito, Bishop respondeu, — Bem, isso é algo bom de se pensar, mas você não é realmente o tipo de garota que anda com faca em punho.

— Basicamente, eu sou uma fêmea fraca e indefesa? — retruquei.

Ele fez uma careta. — Eu não disse isso.

— Não, você fez alusão a isso, que é tão ruim quanto.

Quando me virei para olhar Rev, ele me deu um olhar de avaliação antes de assentir com a cabeça. — Você precisa aprender a se defender.

— Sério? — Bishop questionou, seus olhos azuis arregalados.

— Alex está certa. Nós não podemos garantir que vamos sempre ser capazes de proteger ela.

Mesmo com Deacon indo embora, ela é, obviamente, ainda um alvo para Sigel. Essa é mais uma razão para que ela saiba se defender.

Percebendo que ele tinha perdido, Bishop exalou bruscamente. — Se você diz.

Rev assentiu. — Vá até a loja e consiga algo que ela possa usar.

Com um último olhar de desaprovação em nossa direção, Bishop saiu pela porta. Voltando sua atenção para mim, Rev perguntou, — Onde é o primeiro lugar que você pensaria em atacar se estivesse indo apunhalar alguém?

Franzindo minhas sobrancelhas, eu respondi, — O coração?

Rev balançou a cabeça. — Embora, em última instância letal, você tem que passar por um esterno duro pra caralho para chegar até ele. Você precisa de algo que incapacite imediatamente o seu inimigo.

Estendendo a mão, ele a levou ao meu pescoço. Seus dedos percorreram a lateral. — Você quer tentar cortar uma das artérias carótidas aqui no pescoço. Elas bombeiam sangue para o cérebro. Desde que controla todas as funções do corpo, você vai querer acertar o sistema nervoso central. Quinze a vinte segundos depois do golpe, seu inimigo estará além da ajuda e, provavelmente, inconsciente. Então você está bem para ir.

— Não há uma maneira matar imediatamente?

— Não, mas sem ajuda, acertar a carótida vai garantir que eles morram. Além disso, com seu inimigo incapacitado, você vai ter o tempo que precisa para se afastar.

— Ok.

Rev largou meu pescoço. — Depois que você o tiver derrubado, algumas facadas no abdômen são boas. — Ao pressionar contra o meu estômago, ele disse, — Aqui. — Então ele moveu a mão um pouco para o lado. — Aqui. — E então a deixou cair até o meu umbigo. — E aqui.

Bishop retornou nesse ponto com um canivete brilhante. Com o toque de um botão, uma longa lâmina se projetou para fora. — Veja como você se sente com esse na mão.

Respirando fundo, eu estendi a mão para a faca. Exceto para cortar bifes ou esculpir abóboras, eu nunca tinha segurado uma faca dessas nas mãos. Eu não sabia se, quando chegasse a hora, eu seria realmente capaz de usá-la. Mas eu tinha que tentar.

Como a lâmina de aço brilhou na luz, um sentimento de poder caiu sobre mim. Não era uma AK-47 ou uma granada, mas eu sabia que ela iria salvar a minha vida. Mais importante de tudo, ela ia me dar o corte que poderia acabar com a vida de alguém, a vida de alguém que era uma ameaça para mim e aqueles que eu amava. Alguém como Sigel.

— Você acha que pode usar ela quando a merda real acontecer? — Bishop perguntou.

— Sim, eu posso, — eu respondi honestamente.

Ele sorriu. — Algo me diz que você pode. Você é um osso duro de roer.

— Obrigada. — Eu continuei olhando a faca com fascinação mórbida, imaginando os danos que ela

que poderia fazer em Sigel. — Então, vocês mantêm prêmios de guerra de seus inimigos?

Quando me atrevi a olhar para cima, tanto Rev quanto Bishop me olhavam com expressões quase ilegíveis. — Sim? — eu repeti.

— Por que você quer saber?

Dando de ombros, eu respondi, — Só por curiosidade.

— Que mentira! O que diabos Sigel disse a você? — Bishop exigiu.

— Quanto menos você souber sobre isso, melhor, — eu sussurrei.

Rev estendeu as mãos para as colocar sobre meus ombros. — Alex, você precisa nos dizer o que Sigel disse a você sobre prêmios de guerra.

Balançando a cabeça, eu mordi meu lábio, tentando me impedir de dar muita informação. O aperto de Rev ficou mais forte. — Ele quer algo que já foi dos Knights, não é?

— Por favor, Rev.

— Droga, Alex. Eu não ligo para as ameaças que ele fez. Você tem que nos dizer! — Rev gritou.

— Ele quer o colete que Deacon levou do seu filho depois que o matou. Ele vai me ligar em poucos dias, e eu tenho que levar para ele. Se eu fizer isso, ele vai me deixar em paz, e Willow também. Mas eu não posso envolver qualquer um dos Raiders, ou as pessoas vão se machucar.

Rev e Bishop trocaram um olhar. — Ele está aqui, não é? — perguntei. Quando eles não responderam, eu disse, — Por favor.

Tomando minha mão, Rev me puxou para fora da minha cadeira. Ele me acompanhou até o final da sala. No lado esquerdo da porta, havia um armário. Surpreendentemente, ele não pegou uma chave para destrancá-lo. Em vez disso, apenas o abriu. Quando olhei para dentro, eu ofeguei. Sobre a prateleira do meio, havia um colete de couro estampado com símbolos nazistas. Estendi a mão para pegá-lo, mas Rev me segurou. — Você não vai pegar ele agora. Só quando Sigel te chamar para o encontro.

Embora eu tenha ficado frustrada com isso, não deixei minhas emoções me traírem. — OK. Provavelmente é melhor manter isso aqui de qualquer maneira.

— Nós esperamos ser envolvidos. Mesmo que precisemos ficar escondidos, ainda vamos ter as suas costas.

Eu sorri. — Obrigada. Eu aprecio isso. Eu não quero ter que fazer isso por conta própria.

Rev e Bishop pareceram aliviados com a minha resposta. Atirando o braço sobre meu ombro, Bishop disse, — Por que você não deixa eu te pagar um jantar?

— Isso é muito doce, mas eu preciso ir para casa um pouco, pegar algumas roupas e verificar as coisas.

As sobrancelhas de Rev se juntaram em preocupação. — Podemos enviar Archer ou Crazy Ace lá.

Eu ri. — Por mais tentador que pareça ter os prospectos escolhendo minhas roupas e mexendo na

minha gaveta de calcinhas, eu preciso fazer isso sozinha. Talvez até mesmo dormir na minha própria cama.

Bishop olhou entre mim e Rev. — Você realmente acha que é uma boa ideia depois do que aconteceu com Sigel hoje?

— Ele não vai fazer nada para mim até que consiga o colete.

— Ela está certa, — Rev respondeu.

— Eu ainda não gosto da ideia de você em qualquer lugar fora do complexo, — disse Bishop.

Eu dei um tapinha em seu ombro. — Obrigada por ser superprotetor.

Ele piscou. — A qualquer hora, querida.

Rev pressionou a faca na palma da minha mão. — Apenas no caso de ser necessária.

— Obrigada.

Bishop assobiou para Archer, que imediatamente veio. — Eu quero que você vá para casa com Alex. Mantenha seus olhos e ouvidos abertos para qualquer coisa.

— Pode deixar.

Quando começamos a ir até a porta, olhei para Archer. — Você não está cansado de ser minha babá?

Ele sorriu. — Essa é uma tarefa muito fácil em comparação a algumas coisas realmente fodidas que os prospectos geralmente são obrigados a fazer.

— Bom saber.

— Além disso, eu gosto de estar com você.

— É mesmo?

Ele assentiu. — Sim, você me faz lembrar da minha irmã mais nova.

Eu dei um soco no seu braço de brincadeira, e disse, — Ei, da última vez que eu verifiquei, eu era mais velha do que você.

— Sim, mas vocês agem da mesma forma.

— Entendi. — Quando chegamos na porta do clube, eu o interrompi. — Você pode me dar dez minutos? Preciso pegar minhas roupas que vou levar para lavanderia.

— Claro. Leve o tempo que precisar.

Um momento se passou entre nós, e Archer acenou com a cabeça em reconhecimento. Eu então fiz meu caminho pelo corredor até o quarto de Deacon. Quando deslizei para dentro, fui para o armário e peguei minha bolsa. Depois de despejar todo o conteúdo no chão do closet, peguei minha maleta de maquiagens e levei até a cama. Dali tirei uma pequena tesoura.

Depois de cortar parte do forro da minha bolsa, deixei o corte aberto. Joguei minhas camisas e

calças dentro antes de sair para o corredor. Quando cheguei à sala principal, a encontrei vazia. Caminhando até a sala de reuniões, abri a porta. Eu sabia que Archer tinha se assegurado que iria estar destrancada.

A sala estava mergulhada na escuridão, e Rev e Bishop não estavam mais lá. Olhando por cima do meu ombro, deslizei para dentro. Corri para o armário. Joguei minha bolsa com as roupas no chão e abri a porta do armário. Rev e Bishop eram muito confiantes, porque o colete ainda estava na prateleira. O peguei e enfiei no fundo cortado da bolsa. Coloquei as roupas em volta e sobre ele e, em seguida, fechei o zíper. Fechei a porta do armário rapidamente e corri para fora da sala de reuniões. Felizmente, não havia ninguém lá para me ver.

Tentei aliviar minha respiração frenética quando fui para fora para encontrar com Archer. Ele estava esperando por mim na moto. — Pronta? — ele perguntou, suas sobrelanceiras subindo.

Balancei a cabeça, — Sim. Tudo pronto.

— Certo. — Ele deslizou pelo assento de sua moto enquanto eu peguei o capacete que tinha praticamente se tornado meu. Depois de coloca-lo, subi atrás dele. Quando meus braços se enrolaram na sua cintura, mais uma vez tive que lutar para manter minhas emoções sob controle. Enquanto cada vez isso parecia ficar um pouco mais fácil subir na parte de trás de uma moto, a dor de perder Deacon ainda era esmagadora.

Mais tarde, quando nós paramos em minha garagem, eu não pude evitar o aperto em meu coração com a visão da casa que uma vez tinha sido meu lar feliz. Depois do meu ataque, acho que ela nunca mais ia parecer feliz. Isso, junto com a perda de Deacon, me fez pensar seriamente em colocar ela à venda.

Quando eu comecei a subir as escadas da entrada, percebi que Archer não estava ao meu lado. Me virando, levantei as sobrelanceiras para ele. — Você não vai entrar?

Ele balançou a cabeça. — Vou fazer uma caminhada ao redor. Então eu provavelmente vou ficar aqui fora na varanda.

— Você quer dizer que vai dormir em uma das cadeiras?

— Eu não vou dormir.

— Mas eu tenho um sofá perfeitamente bom lá dentro, para não mencionar um quarto de hóspedes.

— Alex, quando a sua proteção é colocada sobre os meus ombros, eu levo isso muito a sério. Eu não ser pego dormindo se Sigel resolver atacar.

Percebendo que eu não ia quebrar a sua determinação, assenti. — Tudo bem, então. Mas parece que um temporal vem aí. Se chover, você vem para dentro. Não quero que você seja atingido por um raio.

Ele riu. — Que seja.

— E obrigada. Por hoje. Por tudo.

Com o não-dito pendurado pesado entre nós, ele acenou com a cabeça. — De nada.

Me virando, voltei a subir as escadas. Depois de destrancar a porta, me recusei, de propósito, a olhar para a esquerda. Com minhas emoções já a flor da pele, eu não podia sequer ver a cozinha onde

tudo tinha acontecido. Não importa o quanto tentei escapar delas, as lembranças daquela noite horrível dispararam pela minha mente, me fazendo ofegar.

Me obrigando a seguir em frente, corri até as escadas, ansiosa para colocar a maior distância possível entre a cozinha e eu. Quando cheguei ao meu quarto, fui direto para o banheiro. No momento em que liguei a água, as lágrimas agrupadas em meus olhos começaram a cair também. Após tirar minhas roupas, escorreguei para o chuveiro. Debaixo da ducha, deixei a água lavar as lágrimas que continuavam a cair. Eu pensei que por agora eu já estaria seca, mas assim como minha dor parecia não ter fim, minhas lágrimas também não.

Quando eu terminei, eu me sequei do lado de fora e vesti meu robe de seda azul que estava pendurado na porta do banheiro. Eu sabia que não haveria nenhuma maneira de eu conseguir dormir por minha conta essa noite – nem com Archer fazendo a guarda. Assim que fui para o meu remédio para dormir, eu queria pelo menos pedir uma pizza para ele, ou alguma coisa que compensasse o fato de ter que ser minha babá, mesmo que ele tivesse dito que era uma tarefa fácil.

Ao abrir o armário de remédios, tirei as pílulas que meu terapeuta tinha começado a prescrever para mim depois que meus pais morreram. Agora, depois de mais uma perda trágica, havia razão para recomeçar a tomar as pílulas azuis que me faziam escapar da minha agonia através do sono.

Eu fechei o armário e peguei o copo no balcão. Algo chamou minha atenção, e eu olhei para o espelho. O frasco de comprimidos caiu ruidosamente sobre o balcão. Ambas as minhas mãos voaram para minha boca. Sem dizer uma palavra, eu balancei a cabeça de um lado para o outro, desejando acordar do sonho em que eu certamente me encontrava. Mas nada aconteceu.

— Baby, — uma voz suave disse.

Parado na porta do meu banheiro estava Deacon.

Capítulo Dezenove

ALEXANDRA

A capacidade de falar tinha me abandonado. Em vez disso, meu corpo tremia sem parar enquanto eu tentava entrar em acordo com o que havia diante de mim. Com seus olhos nunca deixando os meus, Deacon entrou no banheiro. Tomando passos lentos, ele fechou a distância entre nós. Quando a mão dele subiu para cobrir o meu rosto, meus joelhos se dobraram. Eu teria afundado no chão se Deacon não tivesse estendido a mão e me agarrado pelos ombros. Me puxando para cima, ele agarrou minha cintura e me içou sobre o balcão.

Ligando a torneira, ele me serviu um copo de água. Quando ele o trouxe para os meus lábios, eu relutantemente tomei alguns goles. Eu não sabia como água simples poderia me ajudar neste momento. Eu precisava de uma bebida forte.

— V-você está vivo? — eu gaguejei.

Ele assentiu.

— Mas como? A bomba ... o fogo.

Deacon passou a mão pelo cabelo. — Walter me seguiu até a casa de Case. Assim quando Case ia entrar, Walter saiu correndo na direção da floresta. Eu sabia que ele iria se perder, e você e Willow iam me matar. Dei dois passos na direção da floresta, e então a explosão me derrubou.

Tentei processar suas palavras. Ele nunca tinha estado na casa. Walter, o presente que ele tinha me dado, havia salvado sua vida. Nos últimos dois dias, ele tinha estado vivo, escondido em algum lugar, enquanto aqueles que ele amava lamentavam a sua perda.

Me lançando para ele, comecei a dar tapas no seu rosto e peito enquanto minhas pernas chutavam tão forte quanto eu podia. — Porra, Alexandra, o que diabos há de errado com você? — ele perguntou enquanto desviava de alguns dos meus golpes.

— O que há de errado comigo? Você tem alguma ideia do que os últimos dois dias foram para mim? — quando ele não respondeu, eu agarrei os lados do seu rosto e gritei, — Um verdadeiro inferno! Um inferno onde o homem que eu amava foi arrancado de mim e eu fui deixada sozinha para juntar meus pedaços.

— Eu sinto muito.

Uma risada histérica saltou dos meus lábios enquanto eu oscilava precariamente perto de perder o fio frágil de sanidade que me restava. — Tudo que você tem a dizer é que sente muito? Bem, vá se foder, você e suas desculpas de merda.

Empurrando ele para o lado, pulei do balcão e saí para o quarto. Eu estava a meio caminho da porta que dava para a sacada quando Deacon agarrou meu braço e me puxou de volta contra ele. Minhas pálpebras se fecharam momentaneamente, enquanto eu me permiti desfrutar de estar em seus braços outra vez, sentindo o cheiro do seu perfume almiscarado.

Quando me recuperei, me debati contra ele, tentando fugir. — Será que você pode me ouvir por um

segundo? Pelo amor de Deus, Alexandra. Eu não forjei minha própria morte para ser um idiota. Eu tive minhas razões para isso.

— Devem ser razões malditamente boas, para você machucar sua família como você fez.

Deacon estremeceu com minhas palavras. — Eu precisava que Sigel pensasse que eu estava morto. Após a explosão, quando eu estava lá no mato, percebi que era perfeito. Se Sigel chegou a matar meu presidente para me tirar do complexo, ele não ia parar por nada. Morrer foi a melhor maneira de proteger a minha família.

— Me solta, — eu rosnei com os dentes cerrados.

— Sinto muito por ferir você, Alex. Você sabe como eu me sinto sobre você e eu nunca faria nada para te machucar intencionalmente.

Eu tinha que ficar longe dele. Se eu continuasse ouvindo, minha resolução iria desaparecer, e eu ia aceitar seu pedido de desculpas. Eu ia entender o seu raciocínio. E eu não podia fazer isso. Se houve alguma coisa que os últimos dois dias me ensinaram, era que estar envolvida com Deacon e o seu mundo era um perigo para minha segurança e sanidade.

Para escapar dele, tive uma reação instintiva e chutei suas bolas. Enquanto ele gemia de dor, eu me arranquei dos seus braços. Sabendo que eu precisava de ajuda, abri a porta da sacada. Um trovão sinistro ecoou pelo céu assim que pisei do lado de fora. Que apropriado que uma tempestade estivesse se formando bem quando o mesmo acontecia com as minhas emoções. Encostada na grade, eu olhei para baixo, no quintal. As árvores e arbustos formavam um cobertor tão espesso que, junto com a falta de luz, tornava difícil de enxergar.

— Que diabos você está fazendo?

Olhando de relance para Deacon por cima do meu ombro, eu respondi, — Archer está em algum lugar lá fora. Eu vou gritar até que ele venha, para te jogar para fora daqui!

— Eu disse a Archer para se afastar e nos dar um pouco de privacidade essa noite. Então eu vou voltar para o complexo amanhã e explicar tudo para minha família. Eu quero que você venha comigo.

Eu balancei minha cabeça. — Depois do que eu passei, eu não vou a lugar nenhum com você. Nem agora, nem nunca mais.

Os olhos escuros de Deacon se estreitaram para mim. — Estou disposto a esquecer seu pequeno ataque por causa de como você está machucada. Mas me ouça quando eu digo isso. Para que a porra das brincadeiras, Alex.

— Eu posso garantir a você que eu não estou brincando. Eu não tenho brincado pelos últimos dois dias enquanto eu chorava por você e pelo que havíamos perdido. Eu não vou me colocar nessa outra vez. Eu te amo, mas eu tenho que amar mais a mim e a minha sanidade.

Relâmpagos irregulares cortaram o céu noturno, iluminando o rosto de Deacon no escuro. Ele tinha uma expressão de pura raiva, mas outra coisa também brilhou em seus olhos.

Desejo.

Me encolhendo contra a grade, eu tentei encontrar meios melhores de escapar dele. Mas antes que

eu pudesse tentar fugir, ele me empurrou contra ele. — Você não vai a lugar nenhum, Alex, então pode tirar a porra desse olhar do rosto.

Mais uma vez, eu me encontrei presa em seus braços fortes. Em uma tentativa inútil, me encolhi para longe. Quando me atrevi a olhar para ele, seu olhar queimou dentro de mim, praticamente chamuscando minha carne. Meu corpo traidor veio à vida sob o seu olhar, causando uma dor entre as minhas pernas. — Não, Deacon. Eu não quero você.

— Sim, você quer.

Levantando o queixo para ele, eu cuspi, — Eu não fodo com pessoas que eu odeio.

— Você não me odeia. Você acabou de dizer há dois segundos que me amava.

Ele momentaneamente diminuiu seu poder sobre mim. Suas mãos foram para as lapelas do meu roupão, e o abriram. Ele puxou o tecido de seda pelos meus braços, deixando o material formar uma piscina aos meus pés. Enquanto ele me olhava nua diante dele, o desejo em seus olhos ardeu como uma explosão branca como o relâmpago acima de nós.

— Eu morreria mil mortes apenas para ver você assim. Só para se ter uma nova chance de enterrar meu pau profundamente dentro de você.

Mesmo que suas palavras fizessem um arrepio correr através de mim, eu fiz um X com os braços sobre os meus seios, lágrimas se reunindo em meus olhos. — Se eu me entregar a você novamente, eu vou estar perdida. Eu não posso voltar a sentir isso. Se eu fizer isso, eu poderia muito bem pular dessa sacada.

Me agarrando pela cintura, Deacon me puxou para ele. — Você não está entregando nada. Eu estou tomando o que é meu. — Com uma mão, ele abriu seu cinto. — Você é minha, Alex. A morte ou o inferno não vão mudar o que eu sinto por você. — Sua respiração queimou na minha testa. — Nada vai mudar o quanto eu te amo. Você me tem – de mente, coração, corpo e alma.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto com as suas palavras. — Deacon, — eu gemi antes de bater meus lábios nos dele. Deixando cair meus braços, eu alcancei a borda da sua calça jeans. Freneticamente, abri o botão do seu zíper antes de empurrar o tecido pelos sus quadris. Quando seu pau estava livre, Deacon me agarrou pelas coxas. Ele me levantou e, em seguida, me empalou. Eu gritei com a sensação intensa dele me enchendo. Ele se retirou de mim lentamente antes de mergulhar ainda mais fundo. Minhas unhas cavaram em suas costas até que eu senti o sangue embaixo delas.

As nuvens se abriram, e uma completo dilúvio foi enviado sobre nós. A tempestade rugia e os trovões cortavam o céu, sacudindo as janelas. O vento uivava por entre as árvores, abafando nossos gemidos de prazer e o tapa de nossa pele encharcada batendo uma na outra.

Se incline para trás, — Deacon ordenou. Eu o obedeci, liberando minhas mãos dos seus ombros. Elas se debateram por um momento, até fazerem contato com a grade de ferro escorregadia. Minha nova posição deu a ele a alavancagem que ele precisava para bombear com ainda mais força dentro de mim. Quando ele se inclinou, sua boca procurou os meus seios, alterando entre chupar os dois mamilos endurecidos.

— Sim, Deacon, sim! — eu gritei enquanto olhava para ele.

Ele era Lázaro subindo, subindo sobre mim enquanto nossos corpos se juntavam com pressa em uma comunhão crua. Ele era a escuridão e eu era a luz, éramos uma perfeita tempestade de opostos, vociferando contra o outro em perfeita harmonia. Deixamos a tormenta nos oprimir, e vida e morte tiveram um novo significado, nós ressuscitamos e renascemos.

Gritando, eu gozei duro, apertando ao redor do pau implacável de Deacon. Ele seguiu logo atrás de mim, soltando um gemido áspero. Quando os tremores finalmente começaram a diminuir, ele me puxou para cima e passou os braços em volta de mim. — Eu te amo, — ele sussurrou.

Embalando sua cabeça em minhas mãos, eu disse, — Eu também te amo.

Quando ele deslizou para fora de mim, eu assobiei ligeiramente com a queimação que isso provocou. Suas sobrancelhas se ergueram em preocupação. — Eu fui muito duro?

— Não. Você foi bom. Tão bom.

Deacon me deu um sorriso arrogante enquanto me colocava sobre meus pés. Quando ele olhou para baixo entre nós, de repente fez uma careta. — Merda, eu esqueci da camisinha.

— Está tudo bem. Eu estou tomando pílula.

— Você confia que eu estou limpo? — ele perguntou quase incrédulo.

Enquanto eu provavelmente deveria ter me preocupado com isso, apenas assenti. — Mais do que tudo, eu confio em você.

Sua expressão ficou séria. — Você não pode imaginar o quanto isso significa para mim.

— Eu deixar você vir sem proteção?

— Não, que uma mulher como você confie em um homem como eu.

— Bem, eu confio, — eu respondi, passando os dedos pelo seu cabelo.

— Eu confio em você, também. Mais do que qualquer outra mulher com quem eu já estive. — Ele se ajoelhou diante de mim para pegar o roupão do chão. Usando o material de seda, ele começou a limpar as evidências da nossa união nas minhas coxas. Quando ele terminou, se levantou e olhou para mim. A intensidade em seus olhos me fez estremecer. — Um dia eu gostaria que você parasse de usar pílula.

— Você tem certeza?

Ele assentiu. — Eu quero fazer um bebê com você.

Eu não pude evitar a onda de choque que percorreu meu corpo com a sua declaração. Essa era a última coisa no mundo que eu imaginava que ele iria querer, muito menos que fosse dizer isso em voz alta. — V-você quer? — eu finalmente gaguejei.

Ele balançou a cabeça, seu polegar traçando o meu lábio inferior. No que deve ter sido o medo em meus olhos, ele disse, — Você não é seu passado, Alexandra. Você já é a melhor mãe que alguém poderia ser para Willow. Você é tudo que eu poderia querer para ser a mãe dos meus filhos.

As lágrimas arderam em meus olhos com suas palavras. — Você é o único homem que eu quero para pai dos meus filhos. Tanto quanto eu amo Willow, eu quero um pedaço de você e eu juntos.

Ele sorriu. — Você vai ter isso. E quando ele chegar aqui, eu espero que se pareça com você, e não com o seu velho pai.

Eu soltei uma risada. — *Ele?* E se for uma menina?

Seu entusiasmo desvaneceu um pouco. — Eu não tenho certeza de que posso ter outra menina. Willow é como quinze garotas em uma só.

— Espere até ela ser adolescente.

Deacon jogou a cabeça para trás e gemeu. — Eu não posso nem pensar nessa merda agora.

Um sorriso provocador curvou meus lábios. — Pela maneira que você sempre tratou as mulheres, seria bom se você tivesse uma casa cheia de filhas.

— Você está me matando, querida.

Na ponta dos pés, eu levei a minha boca para a dele. Deacon respondeu envolvendo os braços em volta da minha cintura. Assim quando sua língua começou a dançar tentadoramente com a minha, eu me afastei dele. — Ter um bebê juntos é um grande compromisso. Você tem certeza que sabe o que está dizendo?

Ele estreitou os olhos para mim. — Eu com certeza sei. Eu não sou um idiota que quer um monte de mães para os meus bebês. Eu quero uma mulher para criar meus filhos.

— Dentro do casamento?

Ele engoliu em seco, o que fez seu pomo de Adão subir e descer. Se a conversa não fosse tão séria, eu poderia ter rido da sua expressão horrorizada. Finalmente, ele soltou uma respiração irregular. — Sim, eu posso ver isso dentro de um casamento.

— Você quer se casar comigo algum dia? — perguntei. Embora tenha havido uma pitada de brincadeira em minha voz, meu coração vibrou freneticamente enquanto eu esperava por sua resposta.

Deacon levantou as sobrancelhas para mim enquanto diversão dançava em seus olhos. — Você está tentando conseguir um pedido, princesa?

Eu dei de ombros. — Talvez.

— Então, talvez um dia, você consiga um, — ele respondeu com uma piscadela. Então ele abaixou a cabeça para me dar um beijo suave nos lábios. — Eu nunca quis me casar antes de você. Acho que faz sentido que você seja aquela com quem eu vou casar.

— Você é tão romântico, — eu respondi com um sorriso que escondia a minha exultação.

— Eu sou o que sou, querida. Você não está recebendo nada diferente.

— Eu vou aceitar, exatamente como você é. — Depois de alguns momentos de beijo de tirar o fôlego, eu mais uma vez me afastei. — Tem certeza que você não deve ir ver seus irmãos hoje à noite?

— Eu deveria. Mas eu não quero mais nada do que ficar sozinho com você. — Ele me beijou novamente. — Outras doze horas não vão mudar o fato de que Rev e Bishop ainda irão chutar a minha bunda.

Com uma risada, eu respondi, — Você merece isso.

— Depois de tudo, você entendeu por que eu fiz o que fiz, não é?

— Tanto quanto eu odeio admitir isso, sim, eu entendo. Eu só queria que tivesse havido uma maneira de que você pudesse ter nos deixado saber que estava tudo bem.

Deacon balançou a cabeça. — As aparências são tudo. Se minha família e irmãos realmente não estivessem de luto, então o plano não teria funcionado.

— Bem, Sigel comprou a mentira de que você estava morto. Isso é certo. — No momento em que as palavras saíram da minha boca, me arrependi delas. Lá no fundo, eu senti que não deveria ter mencionado a visita de Sigel à escola. Como eu sabia que seria, foi como tirar o pino de uma granada.

Apertando os braços em volta de mim, Deacon perguntou, — O que você quer dizer? Você o viu?

Sabendo muito bem que Rev e Bishop iriam contar a ele sobre o encontro, eu respondi, — Ele me fez uma visita ontem.

— Me conte tudo, — Deacon exigiu.

Um dos meus poemas favoritos de sempre foi um de Robert Frost, "The Road Not Taken"⁴⁵. Enquanto eu estava ali nos braços de Deacon, eu enfrentava minha própria encruzilhada. De um lado havia o caminho mais fácil, onde eu contava a Deacon sobre Sigel querer o colete. Isso os levaria a um confronto em que um ou ambos morreriam. Eu tinha acabado de recuperar Deacon. Não tinha a intenção de perdê-lo novamente.

O outro caminho implicava em um plano que eu tinha idealizado na parte traseira da moto de Archer. Ele envolvia não só mentir para o homem que eu amava, mas também me colocar em perigo extremo para garantir a segurança dos que eu amava. No final, não foi uma escolha tão difícil quanto eu pensava que seria. Foi a razão pela qual eu tinha roubado o colete essa noite. Eu iria enfrentar Sigel quando fosse entregar o que ele queria.

— Ele queria que eu soubesse que eu não tinha que me preocupar com ele vindo atrás de mim ou de Willow. Que com você fora do jogo, estava tudo limpo, — eu menti.

As sobrancelhas de Deacon se juntaram. — Ele foi até a sua escola só para dizer isso?

— Eu acho que ele sabia que não iria ter uma chance de falar comigo em qualquer outro lugar que não estivesse cheio de Raiders. Talvez tenha sido uma manobra para fazer os Raiders saírem atrás de mim. Eu não sei.

— Eu também não sei, mas seja o que for, eu com certeza não gosto. Estou supondo que Willow ainda está segura com Jimmy e Joy nas montanhas?

— Como você sabia Willow ainda estava lá e não com a gente?

Ele me deu um sorriso sombrio. — Eu tenho minhas formas de controle sobre ela.

— Algo como o GPS na minha pulseira?

— Sim.

Depois que eu me abaixei para pegar o meu roupão agora sujo, Deacon estendeu a mão para mim. Sua expressão era solene. — Alexandra, você não iria mentir para mim sobre Sigel, não é? Eu sei que você pode pensar que está me protegendo, mas mais do que qualquer coisa, eu preciso que você seja honesta.

Meu batimento cardíaco acelerou tão selvagememente em meus ouvidos que eu tinha certeza que Deacon podia ouvi-lo. Engolindo o nó na garganta que ameaçava me sufocar, eu respondi, — Por que eu iria mentir para você?

— Você me diz.

— Pelo que eu vi do seu mundo, Deacon, não haveria nenhum benefício em esconder algo de você. Por mais que eu gostaria de ser nobre e te proteger, eu sei o quão estúpido e ingênuo isso seria. No final do dia, eu preciso da sua proteção muito mais do que você precisa da minha, então você precisa saber tudo para me proteger direito, certo?

Depois que ele estudou meu rosto pelo que pareceu uma eternidade, a expressão tensa do Deacon começou a desvanecer. Lutei contra a vontade de exalar com alívio. Em vez disso, eu decidi mudar de tática, forçando um sorriso em meu rosto. Eu levantei minha cabeça quase provocativamente para ele. — Graças a você, eu preciso de um banho, e você provavelmente poderia aproveitar de um, também.

Um sorriso malicioso se esgueirou em seu rosto. — Isso é um convite?

Abanando minhas sobrancelhas, eu respondi, — Claro.

— E então eu vou ter essa sua bunda no chuveiro.

— O prazer é meu.

Com meu peito constricto pela agonia, eu segui Deacon para o quarto. Meu único pedido a Deacon foi que ele fosse sempre honesto comigo. E aqui estava eu, sendo completamente desonesta e o enganando. Independentemente da sensação de mal-estar na boca do meu estômago, eu não ia recuar. Eu tinha que fazer isso por mim, por Deacon e por Willow.

Mas eu não podia pensar sobre o que estava por vir agora. Eu precisava de Deacon. Eu precisava ser abraçada por ele, amada por ele, fodida por ele. E que isso superasse todo o resto em minha mente.

Capítulo Vinte

DEACON

No momento em que entrei pela porta dos fundos do clube, meus irmãos se lançaram sobre mim e rapidamente começaram a me bater. Não apenas Rev e Bishop. A maior parte do grupo da nossa matriz, incluindo os prospectos, vieram para mim. Havia puxões, empurrões, socos e alguns filhos da puta jogaram sujo, me dando pontapés nas canelas e nas bolas. Quando tudo acabou, eu tinha um lábio reventado, o que seria um olho roxo pela manhã e, provavelmente, algumas costelas machucadas.

Mas eu não teria esperado que meus irmãos me recebessem de qualquer forma diferente, porque essa era a única maneira como eles sabiam fazer isso. Eu com certeza não pensava que eles viriam com abraços e lágrimas. Essa merda era para viados e as mulheres dos Raiders.

— Eu acho que isso exige uma rodada para comemorar, — disse Bishop, acenando com o queixo para Cheyenne. Quando eu segui o seu olhar para ela, registrei a expressão atingida pelo sofrimento em seu rosto. Enquanto ela estava feliz que eu estivesse de volta, ela sabia que nunca me teria. Meu corpo, e mais importante, meu coração, agora pertenciam a Alexandra. Quebrando contato visual comigo, ela se ocupou em servir as cervejas.

— Nós estamos precisando passar a próxima hora sentados em uma missa. Precisamos atualizar você com a velocidade em que tudo aconteceu nos últimos dois dias, — disse Rev.

— Claro, cara. Tudo o que você precisar. — Eu peguei o patch de PRESIDENTE recém costurado no seu colete.

Olhando por cima do ombro de Rev, eu vi Kim sentada em um dos bancos altos do bar. Vestindo jeans preto, botas pretas e camiseta preta, ela parecia em cada centímetro a viúva de um motoqueiro. Minha garganta apertou como se alguém tivesse me agarrado pelo pescoço e cortado meu suprimento de ar. Eu preferiria encarar Sigel em um beco escuro a ter que ver ela assim. Me mexendo, eu andei lentamente até ela.

Quando a alcancei, lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Graças a Deus você está vivo, — disse ela antes de começar a solução histericamente. Ela se jogou em meus braços. Ela apertou seu rosto em meu peito, abafando seu choro. Mas, na minha cabeça, eu os ouvia alto pra caralho, como um canhão estourando ao meu lado.

— Eu sinto muito, Kim, — murmurei em seu ouvido. — Eu realmente sinto muito.

Se afastando de mim, ela me olhou. — Eu sei que você sente.

— Eu quero que você saiba que eu o abandonei lá. Por causa do cachorro malcriado de Alex, eu nem sequer entrei na casa.

Kim pressionou a palma da sua mão contra a minha bochecha. — Oh, querido. Eu sei que você não teria sacrificado Case. Você o amava tanto quanto ele te amava.

Eu gemi quando as lágrimas contra as quais eu lutei com força apertaram minha garganta e arderam em meus olhos. — Eu o amava. Eu o amava como um pai – assim como eu amei Preacher Man. — Peguei

a mão dela no meu rosto e a coloquei sobre o meu coração. — Eu juro que vou proteger e cuidar de você e dos seus filhos. Qualquer que você precisar, é só me pedir.

A expressão de Kim obscureceu momentaneamente. Em vez de tristeza, raiva queimou em seus olhos. — A única coisa que eu peço é para que você *nunca*, nunca deixe um dos meus filhos ganhar um patch no clube. Não importa o quanto eles queiram o que o pai deles tinha, você não vai deixar que eles entrem. — Ela balançou a cabeça. — Eu não vou perder meus filhos como eu perdi o pai.

Minha mente foi para seus filhos de treze e quinze anos de idade, Ben e Eric. Desde que eram muito pequenos, eles tinham estado em cada função que envolvia a família que eram os Raiders. Eles muitas vezes imploraram a Case para que os deixasse vir durante a semana. Tudo que eles já tinham conhecido era a vida de um pai motoqueiro. Eu não podia sequer imaginar tentar negar isso a eles quando o momento chegasse. Eu esperava que, até lá, a dor de Kim tivesse diminuído e ela mudasse de ideia.

Mas, neste momento, eu tinha que fazer o que eu podia para consolar ela. — Você tem a minha palavra.

— Obrigada, Deacon, — respondeu ela, se inclinando para me dar um beijo na bochecha.

Uma cerveja foi empurrada para nossas mãos. Eu procurei por Alexandra na multidão. Quando a encontrei, fiz sinal para que ela viesse até mim. Com um sorriso tímido, ela atravessou o mar de gente para se juntar a mim.

Bishop ergueu seu copo. — A Deacon, meu irmão, que eu sempre soube que era um maricas, e como parece que ele tem sete vidas, isso só confirma a minha teoria ⁴⁶.

Risos se elevaram ao redor da sala. Antes que pudéssemos tomar um gole, Bishop levantou a mão. — E à memória de um dos melhores malditos presidentes que os Raiders já tiveram. A Case.

— A Case, — ecoou pela sala.

Com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, Kim colocou a cerveja no bar e seguiu pelo corredor até o antigo quarto de Case. — Eu vou com ela, — disse Alexandra.

— Obrigado, querida.

Engoli o conteúdo do meu copo em três goles. Então fui direto para a sala de reuniões. Eu sabia que Rev não ia descansar até despejar tudo em mim. Meus irmãos me seguiram para dentro da sala.

Um sentimento esquisito, quase como um flashback, me picou quando assisti Rev tomar assento na antiga cadeira velha de Case. Eu nunca tinha dado muita atenção para o quanto Rev se parecia com Preacher Man até que o vi sentado lá com um martelo na mão. Eu tomei meu lugar habitual. Bishop sentou ao meu lado.

Mesmo que eu tivesse sumido por apenas três dias, um monte de merda aconteceu nesse tempo. Tínhamos o funeral de Case para lidar. Decidimos esperar até o final de semana, assim mais membros de fora da cidade e outros clubes poderiam vir para prestar seus respeitos. Egoisticamente, quase desejei que eu tivesse perdido a coisa toda. Eu não queria ter que lidar com todas as emoções que eu sabia que o adeus final iria trazer. Uma dose dupla de culpa comeu seu caminho através de mim. Culpa pelo meu desejo de não querer prestar o devido respeito a Case, bem como pelo fato de que poderia ser eu a estar

dentro de uma urna. Eu já tinha enganado o Ceifador muitas vezes, mas desta última vez, eu pude sentir sua respiração quente no meu pescoço.

— Eu digo que devemos adiar a entrega dos patches dos prospectos e votações oficiais até a próxima semana. Não quero que pareça que estamos lidando com os negócios normalmente quando ainda estamos de luto por Case, — disse Rev antes de olhar ao redor da mesa para medir nossa reação.

Mac assentiu com a cabeça. — Eu concordo.

Uma vez que foi decidido por unanimidade que adiaríamos qualquer negócio oficial do clube, a sessão foi encerrada. Depois que os outros saíram, Rev e Bishop ficaram para trás comigo. — Embora eu esteja feliz como o inferno por você estar vivo, eu mesmo poderia te matar pelo que você fez com a gente, — disse Bishop.

Eu ri. — Eu sei, irmão. Se houve outra maneira, eu te juro, eu iria por ela. Mas foi a melhor forma de conseguir uma vantagem sobre Sigel.

— E como você acha que devemos lidar com a questão do colete? — perguntou Rev.

Unindo minhas sobrancelhas, eu perguntei, — Qual parte?

Rev e Bishop trocaram um olhar. — Alex não contou que Sigel exigiu que ela levasse para ele o colete de Andy? — perguntou Rev.

Eu puxei uma respiração afiada. — Não, ela não disse.

— É por isso que ele foi se encontrar com ela na escola. Ele quer que ela, e somente ela, leve isso para ele, — Rev respondeu.

Quando eu não respondi, Bishop disse, — Nós nunca iríamos deixar que ela fosse sozinha, cara. Não pense que porque você foi embora a gente ia sacrificar ela. Estivemos pensando em como colocar uma bomba no maldito colete para ele explodir na cara de Sigel.

Naquele momento, eu não conseguia pensar em bombas ou qualquer outra coisa que não o fato de que Alexandra havia mentido para mim. Me levantando da minha cadeira, balancei minha cabeça. — Eu preciso ir falar com Alex. Descobrir o que diabos está acontecendo.

A expressão de Rev ficou cautelosa. — Não seja duro com ela. Tenho certeza que ela apenas não queria te preocupar ou te incomodar logo após você ter voltado. — Com um olhar aguçado, ele acrescentou, — Ela foi ao inferno e voltou, irmão.

— Eu entendo. — Não era como se eu estivesse indo arrastar Alex para o meu quarto e jogasse a merda sobre ela não estar sendo honesta comigo. Eu só queria saber todos os detalhes do que aconteceu no seu encontro com Sigel. Eu esperava que ela não tivesse deixado mais nada de fora.

O que aconteceu depois foi algo que eu nunca teria, alguma vez, imaginado. O tipo de choque absoluto. A vida me jogou um inferno de uma porra de uma bola em curva, e a mulher que eu amava foi quem a lançou.

Capítulo Vinte e Um

ALEXANDRA

Depois de tentar o meu melhor para confortar Kim, eu me senti terrível por ter que deixar ela com outras mulheres do clube para que eu pudesse me preparar para a reunião de pais na escola. Embora meu diretor tivesse me garantido que não havia problemas se eu perdesse isso, eu queria ir. Mesmo antes da ressurreição de Deacon, eu já tinha planejado era lá para os meus alunos e seus pais.

Um banho rápido depois, eu estava na frente da cômoda de Deacon, colocando minha calcinha, quando o toque estridente do meu telefone me pegou desprevenida, me fazendo saltar. Mas quando olhei para o identificador de chamadas, um pavor frio como pedra disparou através de mim. Com as mãos trêmulas, eu peguei o telefone. — A-alô? — eu resmunguei.

— Senhorita Evans, seu tempo acabou. Eu quero o colete. Hoje à noite.

— Ok.

— Eu suponho que isso significa que você já o conseguiu.

— Sim, eu consegui.

Na minha hesitação, Sigel perguntou, — Então qual é o problema?

— O problema é que hoje é a reunião dos pais na minha escola. Eu prometi ao diretor que estaria lá.

— Isso não vai ser nenhum problema.

— Não vai?

— Não. Na verdade, eu acho que isso funciona melhor do que qualquer plano que eu tinha em mente. Eu já tinha antecipado nosso encontro em algum lugar onde houvesse uma multidão – algum lugar onde seus irmãos Raiders não poderiam tentar retaliar sem se auto incriminarem. Uma escola cheia de pais e criança é totalmente perfeito.

Sua voz fez minha pele arrepiar. — Você promete que ninguém vai se machucar?

— Senhorita Evans, me dói que você duvide da minha sinceridade. Além disso, assim como os Raiders, e não quero fazer nada que possa chamar a atenção das autoridades para mim. Acredito que sair atirando em uma escola me colocaria bem no topo da lista de procurados da ATF.

— Se você diz.

— Vá em frente e faça seu show. Vou ligar com a localização de onde me encontrar na escola.

Ele terminou a chamada. Conforme eu puxei o telefone do meu ouvido, fiquei olhando para ele. Embora eu soubesse que este dia estava chegando em breve, nada se comparava a realmente ter o lobo do lado de fora da porta. Quando você elabora um plano, ele sempre parece bom na teoria. Claro, você pode prever alguns “ses”, mas em sua mente, ele é executado com perfeição.

Ontem quando eu pedi a Rev e Bishop para me ensinar como usar uma faca, eu tinha segundas intenções. Enquanto eu queria aprender a me proteger, meu real motivo era muito mais obscuro. No caminho de volta para o complexo, um pensamento sinistro do lado mais escuro da minha psique começou a apertar e empurrar o seu caminho para a frente da minha mente.

Eu tinha passado por uma escala mental de justiça e pesado os pecados de Sigel. Ele tinha tomado duas das pessoas mais importantes na minha vida. Ele quase matou meu irmão. Naquela época, eu tinha pensado que ele tinha matado também o homem que eu amava, mas, em vez disso, ele matou o presidente do seu clube.

Enquanto Sigel respirasse, ele seria uma ameaça para Willow, para Charlie e para mim. Agora que Deacon não estava fora do jogo, com pensava Sigel, eles finalmente teriam o confronto pelo qual estiveram esperando. Eu não queria ter que enfrentar a realidade de perdê-lo de novo tão cedo. Eu queria salvar Willow do destino de ser órfã.

Sigel tinha que morrer.

E eu estava indo matá-lo.

Hoje à noite eu continuaria a ser a ser a protetora de Willow, e seria também a vingadora dos meus pais, fazendo justiça com as minhas próprias mãos.

Segurando o telefone, eu não ouvi Deacon entrar no quarto. O som de sua voz me fez pular. — Quem era?

— Ah, apenas o tio Jimmy, — eu respondi.

— Ele está querendo que a gente busque Willow o mais rápido possível, porque ela está lhe deixando louco?

Eu ri. — Não, nada disso. — Depois que eu larguei o telefone sobre a cômoda, perguntei, — A reunião foi boa?

— Sim, até que eu descobri que você mentiu para mim.

Minha mão congelou no momento em que ia puxar minha saia da cadeira. Eu não podia me fazer olhar para ele. — O que você quer dizer?

— Eu descobri através de Rev e Bishop que mais coisa aconteceu no seu encontro com Sigel do que você me disse.

Engoli em seco. Freneticamente, eu procurei uma maneira de acalmar a situação potencialmente volátil em que eu me encontrava. — Ah, isso, — eu respondi com um aceno casual da minha mão.

— Sim, isso.

Me virando para ele, eu suspirei. — Eu sinto muito, Deacon. Eu tinha acabado de ter você de volta. Eu queria aproveitar o tempo que tinha com você, não ter você todo irritado sem necessidade. Não havia nada de mal-intencionado ou calculado no que eu fiz.

Mentira. Tudo mentira.

O olhar acusador de Deacon passou para um de fome. Ele parecia apreciar minha calcinha de renda preta e rosa e o sutiã combinando. Naquela fração de segundo, eu sabia o que tinha que fazer. — Você está me olhando como se quisesse me devorar, — eu disse em um sussurro rouco.

— Eu quero.

— Mmm, talvez eu devesse te dar uma rapidinha. Aguçar um pouco o seu apetite até que eu possa voltar.

— Eu gosto disso.

— Deite na cama, — ordenei.

As sobrancelhas de Deacon levantaram com o meu tom autoritário. — Com licença?

— Estou tomando as rédeas, cowboy. Eu preciso ficar por cima, assim não vou estragar o meu cabelo.

Ele sorriu. — Só não se esqueça de quem é o verdadeiro chefe por aqui.

— Ah, eu estou bem ciente de quem é.

Quando ele caiu de costas na cama, eu dei um passo vacilante para a frente. Com os dedos trêmulos, eu abri a gaveta do criado mudo. Em vez de pegar uma camisinha, peguei o par de algemas com o qual tínhamos brincado na sede do clube.

Girando-a em torno dos meus dedos, eu pisquei para ele. — Vamos brincar um pouco de fora da lei e má policial.

Os olhos de Deacon se arregalaram. — Que diabos deu em você?

Eu dei de ombros. — Apenas estou feliz por ter você de volta, isto é tudo. Tem um monte de fantasias para realizarmos juntos.

— Se você diz, baby, — ele respondeu com uma risada.

— Levante os braços. — Ele apressadamente obedeceu, trazendo os braços sobre a cabeça. Suas mãos se estenderam para agarrar as grades primorosamente bem-feitas da cama de ferro. Era agora ou nunca. Assim que eu algemasse Deacon, não havia como voltar atrás com ele ou com Sigel. Deacon vivia por um código de lealdade e honestidade, e eu estava quebrando isso. Eu não tinha certeza se ele um dia poderia me perdoar pelo que eu estava prestes a fazer.

Eu não poderia evitar me perguntar se eu estava olhando para os olhos do homem que eu amava com todo meu coração pela última vez com amor entre nós. Eu estava de pé sobre os trilhos, olhando para o trem desgovernado.

O fechamento das algemas ecoou pela sala. Por um momento eu mantive minhas mãos em volta delas, sem piscar e imóvel. Então eu lentamente me afastei. Dei um passo para trás e depois outro. As sobrancelhas de Deacon se uniram. — O que você está fazendo?

Ignorando ele, peguei minha saia da cadeira e vesti. Quando fui para a blusa de seda azul com babados na frente, Deacon perguntou, — Isso é parte do jogo?

Lágrimas queimaram meus olhos enquanto eu trabalhava freneticamente nos botões da blusa. Quando terminei, olhei para ele. — Sinto muito.

— O que você quer dizer? Alex, o que diabos está acontecendo? — seu tom tinha ido da diversão ao desespero.

— Eu tenho que fazer isso, Deacon. É a solução certa. Realmente é a única solução em que você e Willow não vão se machucar.

— Você não está fazendo nenhum sentido. — Ele empurrou as algemas e fez uma careta. — Me tire daqui.

Me afastei dele para começar a cavar na minha bolsa. Na parte inferior, abri o forro cortado e olhei para o colete de Andy. Com os dedos trêmulos, o puxei para fora. Me levantei do chão e me virei para Deacon. Seus olhos deixaram os meus e caíram para as minhas mãos. Com os olhos arregalados, ele exigiu, — Que porra você está fazendo com isso?

— Eu peguei isso do armário de prêmios de guerra.

Deacon puxou o ar tão rápido que soou mais como um assobio. — Alexandra, eu quero que você me tire dessas algemas do caralho *agora mesmo!* — quando eu dei um leve aceno negativo com a cabeça, ele rosnou. — Não pense nem por um minuto que você vai ir sozinha.

— Tem algo que eu deixei de fora sobre meu encontro com Sigel – algo que eu não disse nem para Rev ou Bishop. — Eu tomei uma respiração profunda. — Sigel causou o acidente que matou meus pais.

Deacon olhou para mim, incrédulo. — O quê? Como?

Olhei para o colete antes de lhe falar sobre como o amor dos meus pais pelas crianças acabou causando as suas mortes. Quando terminei, me atrevi a encontrar seus olhos outra vez. — Além de você e Willow, eu tenho um papel nisso que nunca imaginei. Uma oportunidade de fazer justiça pelo assassinato dos meus pais.

— Alexandra, você não pode pegar um homem como Sigel. Você está caminhando para a sua morte, sua estúpida mulher teimosa! — Deacon gritou.

Colocando o colete na cadeira, eu me abaixei e peguei um lenço de seda da pilha de roupas que eu tinha jogado para fora da mala. Era um que eu tinha usado muitas vezes para dar aulas. Hoje à noite ele teria outro propósito. Quando me aproximei de Deacon, ele pareceu momentaneamente aliviado. Ele pensou que eu finalmente tinha voltado aos meus sentidos. Em vez disso, minhas mãos trêmulas usaram o lenço para lhe amordaçar. Ele resistiu e lutou contra mim, mas de alguma forma eu consegui terminar.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto quando eu finalmente me permiti olhar para ele. — Eu sinto muito, mas eu tinha que fazer isso. Eu fiz isso por você, e eu fiz isso por nós.

Ele olhou para mim com olhos que queimavam com raiva e veneno. Eu nem sequer queria imaginar o que ele teria feito para mim naquele momento se tivesse conseguido se libertar. Eu tinha que me afastar dele o mais rápido possível. Eu não podia suportar ver ele me olhando daquele jeito durante o que poderiam ser nossos últimos minutos juntos.

Em vez de me permitir quebrar, eu sequei as lágrimas dos olhos. Agarrei o colete e o empurrei para

baixo, guardando na minha pasta. Em um momento de vaidade, peguei minha bolsa de maquiagem, assim poderia reparar os danos que as lágrimas causaram. Depois que passei a alça da pasta sobre o ombro, me dirigi para a porta. Com a mão pairando sobre a maçaneta, eu não tive vontade de olhar para trás. Em vez disso, eu disse, — Eu te amo.

E então eu saí.

Capítulo Vinte e Dois

ALEXANDRA

Assim que eu cheguei na escola, fui levada ao refeitório para uma apresentação do diretor. Enfrentando a enorme multidão, me vi imprensada entre minhas colegas professoras do jardim de infância. Minhas pernas tremiam de nervoso enquanto eu tentava me concentrar no que estava sendo dito. No final, eu não poderia repetir uma palavra do que o diretor falou. Em vez disso, eu continuei a estudar os rostos dos pais, em busca de Sigel ou de qualquer um do seu clube. Eu odiava que ele tivesse escolhido a escola como lugar de encontro. Não era apenas o fato de que uma parte limpa do meu mundo, minha escola, iria ficar manchada. Era mais que eu temia que as pessoas se machucassem, independentemente da promessa de Sigel.

Às sete e meia, fomos dispensados para ir a nossas salas de aula, onde nos reuniríamos com os pais pela próxima hora. Na caminhada até a minha sala, os professores conversavam animados ao meu redor, mas eu não podia participar. Em vez disso, tentei manter meu foco nos fios desgastados e esfarrapados da minha sanidade mental, que estava se desfazendo completamente.

Quando eu cheguei na minha sala de aula, felizmente encontrei alívio. Com os pais para cumprimentar e estudantes para conversar, as minhas preocupações sobre Sigel foram esquecidas. Eu fui capaz de genuína e entusiasticamente falar sobre o progresso de cada aluno e graciosamente tomar os elogios de alguns pais em como eu estava ensinando bem seus filhos.

O som da voz do diretor nos alto-falantes me fez pular. — Senhoras e senhores, agora são oito e meia. Gostaríamos de pedir que vocês encerrassem suas perguntas e conversas e se dirigissem à saída. Obrigado mais uma vez por participarem da reunião de pais da Buffington Elementary.

Eu andei com o último casal de pais até a porta da minha sala de aula. Assim que acenei adeus, meu celular tocou. Olhei cautelosamente para ele sobre o meu ombro e, em seguida, corri para pegá-lo. — Alô? — perguntei sem fôlego.

— Venha pelo corredor D – para a ala da escola que ainda não foi terminada. Vá até o último banheiro no corredor. Eu estarei esperando.

Quando a chamada terminou, eu respirei fundo. Fui até a minha pasta e peguei o colete. Depois que o coloquei sobre a mesa, peguei também uma faca. Eu o enfiei em um dos bolsos interiores do colete, um no qual eu poderia manter a mão o tempo todo. Com um passo determinado, saí da minha sala de aula. Enquanto o rebanho de pais e filhos se encaminhava para a saída, eu fiz meu caminho no meio deles, me sentindo um pouco como um salmão nadando rio acima.

Enquanto as pessoas saíam pelos corredores B e C, as portas duplas que levavam ao corredor D não tinham ninguém. Por causa da superlotação, a escola tinha sido forçada a abrir antes da última ala ser concluída. Olhando por cima do meu ombro, eu vi que ninguém estava me observado enquanto eu ficava de pé diante das portas fechadas. Eu as empurrei e entrei no corredor escuro.

As únicas luzes que guiavam o meu caminho vinham dos sinais de emergência. Meus saltos ecoavam pelo corredor silencioso. O som me lembrou de tiros. Eu contei o primeiro e o segundo banheiro. Quando cheguei à terceira porta, eu hesitei. Eu não conseguia obrigar meus pés a irem para

frente ou minha mão a abrir a porta. O medo me segurou em um aperto forte. Fechei os olhos e rezei por força e coragem. É claro, a ironia de rezar para que meus planos de matar alguém dessem certo não foi perdida por mim.

Pense em Willow. Pense em Deacon. Pense em seus pais.

Respirando fundo, eu empurrei a porta para frente. A luz inundou meus olhos, me fazendo fechar os olhos. Quando olhei de volta, vi que a área principal estava vazia. Passando pelos mictórios, fui até as cabines. O som de meus saltos no azulejo novamente irritou meus nervos já desgastados.

— Sigel? — eu finalmente perguntei, minha voz ecoando de volta para mim.

Com a mão trêmula, eu a estendi para abrir a porta da primeira cabine. Ela estava vazia. Fui para a próxima. — Estou aqui, Srta. Evans, — Sigel falou em tom baixo. A voz tinha vindo da cabine para deficientes, duas depois de onde eu estava.

Saber onde ele estava não me apressou. Em vez disso, rastejei ainda mais lento até a cabine.

Eu abri a porta. Ele casualmente se encostou na parede. Seu rosto estava desprovido de qualquer emoção. Eu não pude evitar esticar meu pescoço ao redor do lugar. — Onde estão seus capangas?

— Eles foram ordenados a ficar para trás. Para manter seus olhos e ouvidos em qualquer sinal da escória dos Raiders.

— Eles não vão encontrar nenhum, — eu respondi.

— Espero que não.

Quando eu lhe estendi o colete, mantive freneticamente meu domínio sobre a cada, temendo que meus dedos suados a deixassem cair. Quando ele começou a se aproximar, o mundo ao meu redor foi parando. Por apenas um instante, pisei fora do meu corpo, analisando a situação.

A mulher que eu vi foi um animal enjaulado com um brilho feroz nos seus olhos. Ela balançava como uma cobra em uma dança de vida ou morte, à espera do momento certo para atacar. O homem obcecado tinha toda sua atenção no objeto sagrado à sua frente. Quando ele pôs a mão no couro, lágrimas se reuniram nos olhos dele.

Foi nesse momento que tudo mudou, e a mulher que eu tinha sido antes mudou para sempre.

Com as emoções de Sigel o paralisando, eu agi sobre sua fraqueza momentânea. Uma força física que eu não sabia que tinha me impeliu para frente. Arrebatando a faca, agarrei a lâmina pesada na mão, meus dedos ficaram brancos com a tensão. Puxando meu braço para trás, me lancei para o pescoço de Sigel.

Eu não tinha ideia do que implicava apunhalar alguém. Será que a faca cortava através da pele com facilidade, ou seria difícil? A força com que eu mergulhei a faca na artéria do Sigel enterrou a lâmina. Sangue jorrou da ferida. Enquanto eu estava lá com a minha faca em seu pescoço, os olhos arregalados de Sigel lentamente correram do colete para os meus olhos.

— Você nunca deveria ter me subestimado, — eu disse a ele.

Não querendo arriscar que ele pudesse sobreviver aos ferimentos que eu tinha infligido, eu não

empurrei mais a faca. Em vez disso, eu me preparei e cortei os tendões e músculos do seu pescoço enquanto seus braços se agitaram para me impedir, até que eu acertei a sua clavícula e fui o mais longe possível.

A expressão de Sigel cintilava com emoções como um sinal intermitente. Pesar à descrença e da dor para a raiva. Assim que eu comecei a puxar a faca, os olhos de Sigel encontraram os meus. Nós nos encaramos por um momento. Então ele investiu contra mim, suas mãos se fecharam ao redor da minha garganta. Engoli em seco e chiei para o ar enquanto balançava o meu braço com a faca cegamente para frente. Ela acertou Sigel no bíceps, o fazer afrouxar um pouco o seu aperto.

Eu o esfaqueei mais uma vez antes dele empurrar meu braço para trás, enviando minha faca para o chão. Assim que ele começou a apertar minha garganta com mais força, seus joelhos cederam. Desmoronando no chão, ele me arrastou para baixo com ele. Suas mãos soltaram meu pescoço e eu rolei para o lado, lutando por fôlego.

Quando o mundo ao meu redor começou a ficar preto, lutei com tudo dentro de mim para me manter consciente. Com minha respiração vindo mais fácil, comecei a tentar me arrastar para longe, para pegar a faca que estava fora do meu alcance. Uma vez que eu a tinha em mãos, cambaleei para ficar de pé.

Olhando para Sigel, vi os cortes no seu corpo, os que eu tinha feito com essa faca emprestada – eu não tinha ideia de que tal ferocidade estava escondida dentro de mim. De certa forma, isso me assustou mais do que me consolou. Apesar de ter sido por aqueles que eu mais amava, eu tinha transitado fácil demais para o reino dos fora da lei.

Quando o olhar de Sigel encontrou o meu, um sorriso cruel se formou em meus lábios. Eu não tinha terminado com ele ainda. — Só para você saber, Deacon Malloy está vivo e bem.

Uma risada borbulhante escapou dos lábios ensanguentados de Sigel. — Você espera que eu acredite nisso? — ele murmurou.

— Você deveria. Por que eu teria qualquer razão para mentir? Ele nunca entrou na casa naquele dia. Ele estava fora, na floresta, perseguindo o nosso cachorro. Ele se escondeu na minha casa durante dois dias. E então ele voltou. Ele está no complexo dos Raiders agora, algemado à minha cama. — Estreitei os olhos para Sigel. — Eu não ia deixar que ele estragasse a minha vingança sobre você.

Reconhecimento lentamente atravessou seu rosto, e eu soube que ele, então, acreditou em mim. E com uma satisfação doente, tive que assistir Sigel tomar seu último suspiro com a revelação de ele nunca iria se vingar de Deacon e que ele tinha morrido pelas mãos de uma mulher.

Meus joelhos cederam, e eu afundei no azulejo ensanguentado. A comoção logo acima me fez dar um grito assustado. Em uma nuvem de poeira e detritos, Archer desabou ao meu lado do teto. Assim que ele se recuperou, estendeu a mão para mim. — Você está bem?

— E-estou b-bem, — gaguejei.

Archer olhou por cima do meu ombro. — Puta que pariu. Você realmente fez isso.

— Sim, eu fiz. — Essa declaração causou um tremor pelo meu corpo. Meu abdômen se apertou e eu me virei e esvaziei o conteúdo do meu estômago no chão aos pés de Archer. — Desculpe, — eu gemi quando vi o que tinha feito.

— Está tudo bem. — Ele se levantou e então me puxou para cima.

Com as pernas trêmulas, eu examinei o buraco no teto por onde Archer entrou. — Sua ideia realmente funcionou, hein? — para manter o olho em mim sem levantar as suspeitas de Sigel, Archer confiou no apoio do seu pai eletricitista. Através da minha pulseira, ele seguiu meus movimentos pelo teto da escola. Eu não queria nem pensar em como ele tinha quebrado o armário mecânico, mas ele tinha encontrado um jeito.

Ele sorriu. — Sim, funcionou. Conserte para mim, ok? — ele então me agarrou pela cintura e me levantou. Eu enfiei a telha de volta no lugar. Nós não podíamos deixar como estava. Não iria corroborar a nossa história.

Quando me colocou de volta para baixo, ele me deu um casto e terno beijo na bochecha. — Estou muito orgulhoso de você.

— Obrigada, — eu murmurei, minhas emoções esgotadas pelo que tinha acontecido. Então eu percebi que estava se passando um tempo precioso. — Vamos. Temos que nos mexer.

Ele assentiu. Eu lhe entreguei minha pasta e ele tirou um uniforme limpo – de zelador da escola, na verdade. Eu não me incomodei em olhar para longe enquanto ele se despia. Eu tinha passado por coisas demais nessa noite para me preocupar com falsa modéstia. Em vez disso, peguei a faca, cerrei os dentes e então fiz longos cortes nos meus braços e pernas. Uma dor excruciante queimou seu caminho pelos meus membros, assim quando o cheiro metálico do meu próprio sangue atingiu meu nariz.

Assim que Archer terminou de se trocar, ele jogou suas roupas velhas dentro da minha pasta. O que ele planejava fazer com isso, eu não sabia. Quando acabou, ele se virou para mim, arrependimento encheu imediatamente os seus olhos. — Você precisa fazer, — eu protestei, sabendo que ele tinha dúvidas sobre a segunda parte do nosso plano. A parte em que ele tinha que fazer parecer que eu fui atacada.

— Deacon vai me matar quando descobrir.

Eu balancei minha cabeça. — Você tem que fazer isso, — meus dedos seguraram os lados da pia. — Agora, Archer! — eu ordenei. As palavras mal tinham deixado meus lábios quando seu punho se conectou com a minha bochecha. A dor ricocheteou pelo meu rosto e pela minha cabeça. Antes que eu tivesse a chance de me preparar para o próximo golpe, senti como se meu lábio estivesse partindo.

Cambaleando contra a pia, eu tentei me orientar. Então eu senti as mãos de Archer na minha cintura e pescoço. Eu não pude deixar de notar que seus dedos tremiam. — Jesus Cristo, me perdoe, Alex, — disse ele.

Então ele foi para o *grand finale*. Um movimento de incapacitação que eu nunca tinha ouvido falar, mas que os conhecimentos em artes marciais de Archer haviam lhe ensinado bem. Eu precisava estar inconsciente para realmente vender a nossa história sobre o ataque de Sigel. Mas Archer se recusou a me bater até que eu apagasse. Ele exigiu encontrar uma alternativa. Assim que a pressão que ele estava aplicando acima da minha clavícula aumentou, comecei a me sentir tonta. Quando mais forte ele pressionava, mais ele fazia o mundo girar em torno de mim.

E então tudo ficou escuro.

Capítulo Vinte e Três

DEACON

Você conhece o velho clichê que diz que sua vida passa como um flash diante dos seus olhos antes de morrer? Bem, nos últimos três dias eu olhei para os pecados do meu passado duas vezes. Uma vez, quando eu bati no chão da floresta do impacto da explosão que matou Case. E a outra foi quando eu me encontrei acorrentado a uma cama, sendo forçado a assistir a mulher que eu aprendi a amar mais do que a própria vida caminhar para fora do quarto para um destino incerto.

Eu não sei quanto tempo eu gritei por trás da mordação. Eu nunca compreendi plenamente o sentimento de impotência até não ser ouvido. Quando tentei me empurrar para cima na cama, o metal das algemas cortou meus pulsos, fazendo sangue escorrer pelos meus braços. Uma e outra vez eu puxei os braços, esperando que os trilhos da cabeceira quebrassem, mas as malditas coisas poderiam muito bem ser aço reforçado.

Finalmente, eu comecei a me atirar contra a cama, batendo a cabeceira da cama contra a parede. Um brilho de suor cobriu meu corpo enquanto eu batia e batia. Quando a porta se abriu, um Bishop com o rosto vermelho apareceu, seu rosto enterrado em algum manual sobre mecânica. — Cara, você poderia pegar mais leve? Eu estou tentando estudar para o exame.

Quando ele finalmente olhou para cima, o manual caiu no chão. Sua boca ficou quase tão aberta quanto seus olhos arregalados, e se a situação não fosse tão séria, eu teria rido da sua expressão. Ele puxou a mordação para baixo. — O que diabos aconteceu com você?

— Alexandra, — eu rosnei.

— O que você fez? Ficou pronto para um sexo bizarro e depois deixou ela irritada? Cara, ela é mal-humorada.

— É só pegar as chaves do caralho na mesa de cabeceira e me tirar daqui.

Bishop começou a vasculhar a gaveta de cima. Finalmente, ele conseguiu a chave. Uma vez que eu estava fora da minha prisão de metal, peguei uma toalha do chão. Pressionando contra os meus pulsos, tentei parar o sangramento.

— Você vai me dizer o que diabos aconteceu? — Bishop pressionou.

— Eu preciso encontrar Alex. O MAIS CEDO POSSÍVEL. Você acha que Archer pode ter colocado um marcador em seu telefone?

— Foi com Archer que Alex saiu há meia hora.

— Porra — rosnei quando abri a porta do quarto. Andei pelo corredor até o banheiro. Enquanto enrolava meus pulsos em bandagens, Bishop me olhou desconfiado.

— O que está acontecendo?

— Eu não tenho tempo para explicar. Eu preciso encontrar Alex. Agora.

— Me diga porque ela algemou você e saiu.

— Alex mentiu para mim sobre seu encontro com Sigel. Ela não me disse que ele tinha pedido o colete.

As sobrancelhas de Bishop se juntaram. — Por que ela faria isso?

— Sigel ordenou a Alex levar o colete para ela. Quando eu descobri o que ela ia fazer, ela me algemou à cama, assim eu não pude ir com ela.

— Você está brincando comigo!

— Eu gostaria.

— Onde ela está agora?

— Ela tinha essa reunião de pais na escola. Eu não sei se ela vai encontrar com ele depois... — então isso me bateu. Sigel gostaria de um lugar seguro para conseguir o colete, com várias pessoas como testemunhas para frustrar uma chance de retaliação que os Raiders pudessem planejar. — Porra. Ele vai se encontrar com ela na escola.

Eu corri porta fora com Bishop em meus calcanhares. Tudo o que eu conseguia pensar era como chegar até Alex, aquela teimosa idiota. Eu esperava como o inferno que não fosse tarde demais.

Sem dizer uma palavra a qualquer um dos outros caras, eu pulei na minha moto e arranquei para fora da garagem. Bishop e Rev me alcançaram no meio da estrada. Quando cheguei à escola, meu coração estremeceu até parar. Meus olhos foram cegados pelas gritantes luzes azuis e vermelhas do carro de polícia e ambulância. Uma vez que estacionei minha moto, comecei a procurar na multidão por qualquer um dos Knights. O único colete que vi foi o de Archer, que estava conversando com um policial.

Ao me ver, seu rosto perdeu a cor. Por um momento eu senti que meus joelhos iriam ceder e eu entraria em colapso no pavimento. Alex não podia ter morrido. Eu não podia sequer começar a imaginar um mundo sem o seu sorriso, seu coração carinhoso, sua risada. Era insuportável, e eu lutei para respirar. Parecia que alguém tinha me dado um chute no peito. Eu não era um homem de rezar, mas naquele momento comecei a pedir e implorar.

E então Archer levantou as mãos para mim como se me alertando para não pirar. Ele disse alguma coisa para o policial, e então caminhou em minha direção. — Deacon, ela está bem. Há alguns cortes e contusões, mas ela vai ficar bem.

Me curvando, apoiei minhas mãos nos joelhos e engoli ar. — Graças a Deus você estava aqui para proteger ela.

— Não, cara. Ela cuidou de Sigel sozinha.

Sacudindo minha cabeça, olhei para Archer tanto em descrença quanto com horror. — O quê?

E então Archer começou a contar uma história que era quase impossível de acreditar. Antes que eu me revelasse a ela depois da explosão, Alex tinha idealizado um plano para garantir que Sigel nunca machucaria Willow novamente. Um plano no qual ela contou com a ajuda de Rev e Bishop, embora eles não tivessem ideia das suas verdadeiras intenções. Não, somente Archer sabia a verdade. Ele arriscou sua vida e seu lugar no clube, ajudando Alex.

Enquanto ele falava, eu tentei colocar na cabeça o fato de que Alex tinha derrubado Sigel. Como

alguém tinha conseguido matar um dos motoqueiros mais notórios que existia simplesmente com uma faca e um pouco de coragem fundiu a minha mente. Quando Archer terminou, ele balançou a cabeça. — Sinto muito, cara. Eu pensei que era a melhor coisa para o clube e para a sua família. Mesmo quando você voltou dos mortos, por assim dizer, ainda fazia sentido.

— Fazia sentido que alguém indefeso como Alex desse conta de alguém como Sigel, porra? — eu exigi, o sangue fervendo em minhas veias.

Surpreendentemente, Archer não recuou. Em vez disso, ele estreitou os olhos para mim. — Será que você vai deixar a merda do seu orgulho de lado por um minuto e parar para pensar? Ele nunca previu isso. Nunca imaginou que ela fosse capaz disso. Quando um de nós? Ele teria nos visto chegar a um quilometro de distância, incluindo você.

Eu ainda não conseguia colocar isso na cabeça ou me perdoar pelo que aconteceu. — Onde ela está? — exigi saber.

— Eles a levaram até uma das ambulâncias.

Apontando o dedo para o seu colete, eu disse, — Nós ainda não terminamos de conversar sobre isso.

Ele assentiu. — Compreendo.

Eu odiava que havia uma parte de mim que podia ver a razão e a genialidade por trás do plano de Alexandra e Archer. No entanto, havia uma parte muito mais forte que estava louca como o inferno, e queria acabar com o garoto pela sua estupidez e lealdade oscilante. Claro, ele tinha sido valente e fez tudo ao seu alcance para manter Alexandra segura, assim como o clube. Independentemente disso, no entanto, ele tinha permitido que minha old lady ficasse em perigo, e eu queria mata-lo por isso. E sim, a porra da ironia disso não foi perdida por mim.

Eu fiz meu caminho pelo meio da multidão de curiosos. Além da fita amarela da polícia, vi a ambulância com suas portas traseiras abertas. Me movendo até a faixa que demarcava o limite de passagem, parei ao seu lado. Com uma manta estendida sobre os ombros, Alex estava sentada no chão da ambulância. Um socorrista estava limpando algumas lacerações no seu rosto. Quando ela olhou para frente, seu corpo de repente ficou tenso, e ela afastou seu olhar da calçada para encarar as árvores alinhadas do bosque. Eu não deveria ter ficado tão surpreso de que ela pudesse sentir minha presença.

Suas sobrancelhas subiram em surpresa, como se questionando o meu próximo passo. Eu não podia responder a ela, porque mesmo eu não sabia o que fazer. Finalmente, peguei meus cigarros e meu isqueiro no colete e acendi um. Quando o socorrista terminou, Alex disse algo a ele antes de ficar de pé. Lentamente, ela começou a caminhar na minha direção. Meus pés começaram a se mover por conta própria, e me encontrei com ela no meio do caminho.

Estremeci quando dei uma boa olhada para ela na luz. Enquanto Archer se desculpava, ele me disse que teve que bater nela para que os policiais não fizessem perguntas, e eu com certeza não gostava do estado que estava seu rosto. Sua bochecha direita estava ficando preta, e seu lábio estava partido e inchado.

Um milhão de diferentes cenários tinha corrido pela minha cabeça sobre o que eu iria fazer ou dizer para ela quando eu a visse novamente. Mas no momento, ela me respondeu sem palavras. Quando

Alex se aproximou de mim, dei um passo para trás. — Se você fosse um homem ou um dos meus irmãos, eu ia te dar uma surra pelo que você fez mais cedo.

— Você não consegue entender que eu tinha as minhas razões?

— Razões? Você me algemou a uma cama, agiu pelas minhas costas com um membro do clube e, depois disso, arriscou sua própria vida tentando derrubar meu maior inimigo. Isso parece porra de razão nenhuma para mim.

Seus olhos escuros se estreitaram para mim. — É sempre sobre você e as suas revanches e vinganças pessoais, não é, Deacon? Você pode parar para pensar por um momento o que significou para mim quando descobri que Sigel assassinou meus pais? Da maneira que eu vejo, eu tinha tantas razões quanto você para acabar com ele.

— Com certeza não! Depois do que ele fez a Preacher Man, *eu merecia* acabar com ele, não você. Caramba, Alex. Você sabia o quanto isso significava para mim!

— Se nós estamos fazendo uma contagem de corpos por vingança, ele matou minha mãe e meu pai. Eu acho que eu tinha a maior reivindicação.

— Eles eram apenas civis. Nós tínhamos uma história nos clubes que... — minhas palavras foram cortas quando Alex levantou a mão e me deu um tapa na cara com força.

— Seu filho da puta. Como você se atreve a me dizer essa merda? Sim, meus pais não eram parte do seu preciso clube. Eles eram pessoas honradas e decentes que perderam suas vidas por simplesmente defender o que era certo, uma criança que estava sendo abusada. — Ela balançou a cabeça. — Você sabe, eu esperava que você estivesse louco quando me visse novamente, mas isso vai além da minha compreensão.

Se inclinando mais perto de mim, ela sussurrou, — Eu matei um homem esta noite. Com minhas próprias mãos. Mãos que costumavam cortar corações de papel e ensinar novas palavras para crianças inocentes. Eu fiz isso pelos meus pais, mas eu também fiz isso por você. Se eu tivesse morrido hoje à noite junto com Sigel, você ainda estaria vivo para Willow. Eu fiz um sacrifício por você. E mesmo que você seja um idiota indigno, eu ainda faria tudo de novo para que aquela garotinha doce não ficasse órfã.

Quando eu pesei as palavras dela, percebi que quão idiota, egoísta, bastardo e filho da puta eu realmente era. Olhando para ela, eu só pude balançar a cabeça. Afinal, o que você poderia dizer que estivesse a altura da mulher que tinha ficado cara a cara com um psicopata para salvar a sua vida e a da sua filha?

No meu silêncio, Alex suspirou. — Assim que eles me dispensarem, eu vou até o complexo pegar minhas coisas.

Pisquei os olhos em descrença. — Por que você faria isso?

Com uma risada sem alegria, Alex disse, — Você não pode estar falando sério. Você realmente acha que depois da maneira como você se comportou eu apenas ia deixar para lá e voltar para casa com você?

— Bem, sim.

— Incrível, — ela murmurou antes de se virar.

Eu me importava muito com ela. Willow se importava muito com ela. — Alex, espere.

Me ignorando, ela continuou andando. Desesperadamente, tentei pensar no que poderia chamar sua atenção. Então eu soltei, — Case comigo.

Seus passos vacilaram na calçada. Lentamente, ela se virou para olhar de boca aberta e olhos arregalados para mim. — O que você acabou de dizer?

— Eu pedi que você case comigo.

— Eu acho que eu gostava mais quando pensei que estava ouvindo coisas.

Coçando a parte de trás do meu pescoço, fechei a distância entre nós. — Sinto muito. Eu estou tão triste pela maneira que eu te tratei antes. É só que... — eu lambi meus lábios, que ficaram secos de repente por causa da porra dos meus nervos. — Você me assustou pra caralho indo atrás de Sigel e me deixando em um lugar onde eu não poderia te ajudar. Não está em mim deixar as mulheres na linha de frente, muito menos a minha mulher — a mulher que eu amo pra caralho. Eu não sabia como lidar. Você tinha razão em me xingar, porque eu fui mesmo um idiota — eu sou um. Não importa o quanto eu tente, parece que eu sempre fodo as coisas quando se trata de você. — Balançando a cabeça, eu disse. — Jesus, eu estou tagarelado sem parar.

— Continue, — Alex pediu,

— Você também está certa em me chamar de bastardo egoísta. Antes de Willow, eu só pensava em mim mesmo, e então ela veio e me abriu um pouco. E depois apareceu você, se intrometendo em tudo e me forçando a colocar minhas próprias necessidades e desejos atrás dos daqueles com quem eu me importava. — Estendendo a mão, eu toquei a parte não machucada do seu rosto. — E eu me importo com você, Alexandra. Quando eu pensei que poderia perder você para Sigel, pensei que eu ia morrer — eu queria morrer. Eu não quero viver sem você. Eu te amo muito.

— Você realmente quer dizer isso?

Eu balancei a cabeça. — Sim.

O tempo pareceu andar de forma agonizante enquanto ela parecia pesar suas próximas palavras. — Eu tenho uma condição.

— Diga. Qualquer coisa. — Quando ela mordeu o lábio, sinalizando seu nervosismo, tomei suas mãos nas minhas. — O que é?

— "Eu quero que você faça torne os Raiders um clube legal. Se eu vou ser sua esposa, então eu quero estar casada com David Malloy, não com Jesse James.

Sua exigência era algo que eu não tinha previsto. Embora eu soubesse que ela tinha todos os motivos para pedir isso, eu não tinha certeza de que poderia fazer isso acontecer, ou se eu realmente queria que isso acontecesse. — Eu não sou o presidente, querida. Eu não posso tomar essa decisão.

— Não, mas eu sei que seria algo Rev apoiaria.

— Nós ainda teríamos que ter uma maioria de votos na missa.

— Então faça isso acontecer. Convença seus irmãos que muito sangue já foi derramado e muitas vidas foram perdidas para continuar do jeito que está.

— Ser um fora da lei é tudo que eu sei desde que eu tinha treze anos. — Me sentindo como um maricas, tentei não deixar que Alex visse o medo correndo através de mim. Infelizmente isso não escapou da sua percepção, porque ela colocou os braços ao redor do meu pescoço.

— Você consegue fazer isso. Eu acredito em você.

Por razões que eu não podia começar a entender, comecei a acreditar que poderíamos transformar os Raiders em algo legítimo. Não seria fácil. Levaria tempo e, provavelmente, haveria repercussões para nossas ações. Mas, por ela e por Willow, eu estava disposto a tentar.

Sorrindo para ela, eu disse, — Você é meu anjo, meu anjo de cabelos escuros. — No momento em que as palavras saíram da minha boca, eu cambaleei para trás.

— Deacon, o que há de errado? — Alex perguntou com alarme.

Mas eu não estava mais com ela. Em vez disso, eu estava segurando o corpo de Preacher Man. Suas palavras ecoaram em minha mente. — Dois anjos de cabelos escuros estão vindo para você. Eles vão ser a sua salvação.

Alex olhou para mim em confusão. — O quê?

Percebi então que eu tinha dito as palavras em voz alta. — Preacher Man me disse isso antes de morrer. Na época, eu não pude imaginar o que ele queria dizer. Mas agora... — olhei para o seu rosto lindo, cheio de amor e preocupação por mim. — Agora eu entendo. Você e Willow – vocês são os anjos de cabelos escuros. Você é a minha salvação. — Eu a puxei para perto, precisando senti-la contra mim. — Você é minha salvação, — eu repeti.

— E você é a minha, — respondeu Alex.

Eu iria levá-la para minha casa no complexo, onde mais uma vez eu iria cuidar dela até que ela se curasse. Amanhã eu iria ver o meu outro anjo, minha filha. Com uma família unificada, eu iria trabalhar para transformar os Raiders em um grupo legal. Eu sabia que ainda havia ameaças que pairavam sobre nós, incluindo os Knights, que agora que tinham perdido seu líder e seu sargento de armas, iriam querer retaliar contra nós.

No final, eu esperava nunca mais ter de perder outra pessoa que eu amava para a violência que eu tinha criado.

Capítulo Vinte e Quatro

DEACON

Pela primeira vez desde que eu conseguia me lembrar, me sentei à mesa de Mama Beth com um prato cheio de comida deliciosa na minha frente, mas não pude comer. Eu não podia me obrigar a ter apetite nem para salvar a minha vida. Meu estômago parecia estar amarrado.

Parecia que nem Rev nem Bishop, sentados em frente a mim, conseguiam comer também. Mama Beth limpou a garganta, fazendo com que todos nós olhássemos para cima, tirando o olhar de nossos pratos. — Meninos, vocês realmente precisam comer. Vocês vão precisar da sua força hoje.

Não importava que seus "meninos" fossem homens crescidos. Ela ainda estava cuidando de nós como quando éramos crianças. E, assim como ela disse, eu sabia que precisava da minha força física para tentar passar através do inferno emocional que ia ser o funeral de Case.

Para apaziguar Mama Beth, eu peguei um biscoito, mergulhei no caldo e, em seguida, dei uma mordida. Ela me deu um sorriso agradecido antes de voltar sua atenção para Rev. Eu sabia que o peso de hoje era duplo para ele. Afinal, ele era o novo presidente. Ele tinha que de alguma forma administrar os Raiders em meio à tempestade de merda que era o luto.

Uma vez que não havíamos dado patches e tornado nenhum novo membro oficial, Bishop iria manter seu papel como capitão da estrada. Esse trabalho se tornou ainda mais difícil hoje, quando ele teve que coordenar a rota da funerária para o cemitério com os membros de fora da cidade, assim como outros clubes que vieram prestar seus respeitos. Era um trabalho muito grande, mas eu sabia que ele podia fazer.

Depois de olhar para o relógio, Mama Beth disse, — É melhor você ir chamar as meninas. Eles precisam ficar prontas.

Eu balancei a cabeça e me levantei da cadeira. As aulas de balé de Willow haviam se tornado quase terapêuticas para as duas, então eu não fiquei surpreso quando elas fugiram para o estúdio no porão logo após o café da manhã.

Quando abri a porta do porão, música clássica flutuou até mim. Minhas botas fizeram ruído quando desci a escada, mas ao chegar ao fundo, fiz uma pausa. Não importa quantas vezes eu vi Alexandra dançar, eu não podia deixar de sentir como se tivesse sido chutado no intestino e nas bolas. Ela tinha muito esse efeito sobre mim. Talvez fosse o collant apertado que ela usava, ou a maneira como seu corpo se esticava em posições que fazia meu pau bater contra o zíper. Acima de tudo, eu não podia deixar de me sentir completamente sem palavras pela mulher talentosa, corajosa e sexy como o inferno que queria ser minha esposa.

Eu não era a única pessoa hipnotizada pelo desempenho de Alex. Em seu próprio collant e meias-calças cor de rosa, Willow estava imóvel com os olhos arregalados enquanto Alexandra dançava na ponta dos pés. Eu sabia que, em sua mente, ela estava sonhando com o dia em que poderia usar sapatilhas de ponta dura também. Um sorriso surgiu em meus lábios quando pensei sobre o dia que finalmente

deixei ela ver o estúdio. Ela desceu as escadas do porão com tanta rapidez que eu achei que ela ia acabar rolando até o final. Ela tão fez começou a gritar tão alto que eu pensei que os espelhos iam quebrar. Depois de inspecionar a barra e dançar ao redor por um minuto, ela correu para mim, jogou seus braços em volta da minha cintura e me apertou. — Obrigada, papai, — ela disse, o que foi suficiente para derreter o meu coração.

Depois de fazer um último daqueles saltos, Alex encontrou meu olhar no espelho. Suas bochechas esquentaram, e ela abaixou a cabeça. — Eu não sabia que você estava aí.

Atravessando a sala para chegar perto dela, estendi a mão para pegar seu queixo e fazer seus olhos encontrarem os meus. — Não fique com vergonha. Adoro ver você dançar.

Ela me deu um sorriso tímido. — E eu acho que sei o motivo real.

Enquanto eu ri com gosto, Willow franziu as sobrancelhas. — Qual é? — ela perguntou.

Quando o rubor de Alexandra aumentou, eu simplesmente baguncei o cabelo de Willow. — Porque eu gosto de ver ela bonita,

Willow pareceu comprar a minha resposta. — Eu também pareço bonita quando eu danço. Não é, papai? — ela girou ao redor de si mesma para dar ênfase, o que me fez rir.

— Sim, você está muito, muito bonita. — Empurrando o queixo em direção às escadas, eu disse, — Vá em frente e se arrume.

— Mas eu não consigo me vestir sozinha, — Willow protestou. Antes da morte de Case, ela nunca tinha gostado de ficar longe de Alexandra e de mim, porque ela pensava que poderia perder alguma coisa. Mas agora as coisas iam além. Ela tinha se tornado muito mais medrosa desde que voltou das montanhas. Na verdade, ela tinha dormido em nossa cama pelas últimas duas noites, o que realmente interrompeu o nosso sexo de reencontro.

— Vovó Beth vai te ajudar, — eu respondi.

Sempre a mais suave entre nós dois, Alex disse, — Nós vamos estar lá em um minuto, baby.

Enquanto isso pareceu apaziguar um pouco Willow, ela ainda me deu seu melhor beicinho antes de finalmente caminhar até as escadas.

Uma vez que a porta do porão se fechou atrás dela, a mão de Alex veio até minha bochecha. — Você está lidando bem com tudo?

Com um nó do tamanho de uma pedra na minha garganta, eu apenas pude acenar. Desde o assassinato de minha mãe diante dos meus olhos quando era criança, passei a ter problemas insuperáveis com a morte daqueles que eu amava. Era como se eu não pudesse suportar ter que lidar com a tristeza e a dor. Eu só queria escapar e ignorar tudo isso.

Case tinha sido mais do que o meu irmão e presidente do clube, ele tinha sido um pai para mim. Sua morte me quebrou. Não só eu chorei por ele, mas isso trouxe de volta toda a dor que eu tinha tentado reprimir desde o assassinato de Preacher Man e da minha mãe.

Sentindo que eu estava pairando sobre um precipício emocional, Alexandra se apertou contra mim. Quando seus braços vieram ao redor do meu pescoço, o conforto que só ela poderia trazer tomou

conta de mim. — Você escreveu o que vai dizer? — ela perguntou suavemente.

Eu balancei a cabeça. — Eu só espero que eu possa dizer tudo. Você sabe, sem cair em lágrimas como a porra de um viado.

Ela esfregou círculos tranquilizadores sobre as minhas costas. — Ninguém vai pensar menos de você por derramar lágrimas por Case. Todos os seus irmãos o amavam, — ela argumentou.

— Baby, sem ofensa, mas isso é coisa que garotas dizem.

Puxando as mãos, ela olhou para mim. — Quando isso acontecer, não tenha medo de mostrar suas emoções.

— Eu não estou com medo. — Quando ela ergueu as sobrancelhas para mim, eu suspirei. — Você apenas não entende.

— Não, eu tenho certeza que eu não entendo. Seu mundo ainda é tão novo e confuso para mim. — Ela deu um tapinha no meu peito, logo acima do coração. — Mas a única coisa que eu sei é que eu te amo.

Eu sorri para ela. Mesmo que ela não dissesse, eu podia sentir seu amor por mim. Eu sabia que isso ia me dar a força que eu precisava para passar pelo dia de hoje. — Venha. Vamos levar você para o banho, — eu disse.

— Temos tempo para você se juntar a mim?

Cara, eu amava essa mulher. Ela sabia como me atrair de todas as formas possíveis. Com uma piscadela, eu respondi. — Vamos criar tempo.

Epílogo

REV

SEIS MESES DEPOIS

Com minhas costas contra o tronco de uma árvore de carvalho enquanto tomava um gole de champanhe da taça de cristal na minha mão. Fazendo uma careta, eu lutei contra a vontade de cuspir na grama, mas achei que isso seria considerada completamente incivilizado pela multidão que me cercava. Tal como os meus irmãos, eu era um homem de cerveja e uísque. Mas a minha nova cunhada foi a responsável por essa festa, e ela a fez elegante, assim como ela era.

Eu a encontrei no meio da multidão. Deus, ela era linda. Eu não acho que já a vi tão bonita quanto hoje, no dia do seu casamento. A parte superior do seu vestido de cetim branco a abraçava como uma segunda pele, mostrando as curvas fabulosas que tinham atraído o meu irmão. Enquanto eles descansavam sob a tenda armada como marido e mulher, sua mão descansou na curva baixa das costas dela. Eu não tinha certeza de como ele ia conseguir uma sensação da sua bunda através de todas aquelas camadas de tecido, mas se alguém poderia encontrar uma maneira, era Deacon.

Agitando minha cabeça, eu não podia deixar de sorrir ao ver as suas calças. Ele se recusou a usar terno ou smoking. A calça social preta e a camisa branca de mangas compridas foram o acordo que ele e Alexandra tinham alcançado. Após o casamento, ele colocou o colete por cima da camisa. Eu não tinha certeza do que os parentes e amigos de Alex pensavam sobre isso. A maioria deles apenas estava feliz por ela estar feliz e segura, depois de tudo o que tinha acontecido.

Ela tinha enfrentando um grande escrutínio após a morte de Sigel. Claro, todo mundo ficou com pena dela, como a mulher violentamente atacada por um criminoso. O plano que ela e Archer tinham inventado foi totalmente comprado pelos policiais. Nem uma vez eles duvidaram que Archer, que tinha vestido um uniforme de zelador, tinha ouvido os gritos de Alex e veio correndo. Ele havia sido aclamado como herói por derrubar Sigel. Claro, ninguém na escola conseguiu se lembrar de ver ele trabalhando lá antes. Quando ele desapareceu depois daquela noite, todos quiseram acreditar que ele era uma espécie de anjo da guarda.

Não importa quanto sangue você tem em suas mãos, você sempre se lembra do seu primeiro assassinato. Assim como o resto de nós, Alex lutou com o que ela tinha feito. Ela sofria e gritava e chutava durante seus pesadelos, ela não conseguia dormir sem os remédios que Breakneck lhe dava e ela começou a perder peso.

Foi um tempo sombrio para todos nós, ver ela sofrer assim. Felizmente, depois de algumas semanas de tormento, ela começou a melhorar. Ela começou a perceber a importância do que ela fez toda vez que olhava para Deacon e Willow.

Falando de Willow... meu olhar momentaneamente deixou Alexandra para buscar minha sobrinha. Um sorriso brincou em meus lábios ao vê-la. Desde já uma pequena diva, ela exigiu que seu vestido florido fosse rosa e rodado, como o de uma princesa. E é claro que ela tinha conseguido. Seus longos cabelos escuros caíam em cascatas de ondas pelas suas costas, enquanto uma faixa rosa prendia à

cabeça. Em seus pés, estava um quase adulto Walter. Ele parecia bem menos excitado com a coleira rosa brilhante que Willow tinha colocado nele para a ocasião. Quando Deacon viu, ele revirou os olhos e disse, — Acho que vou ter que arranjar uma fêmea em breve, ou você vai transformar Walter em um maricas total. Claro, Willow ficou totalmente entusiasmada com a perspectiva de ter sua própria cadela.

Enquanto eu examinava a multidão de convidados do casamento mais uma vez, uma dor queimou seu caminho através de meu peito pela forma com que Alex olhava para o rosto de meu irmão, com amor tão intenso em seus olhos. Naquele momento, eu desejei que ela tivesse olhando ao menos uma vez para mim assim. Mas nunca houve nada além de amizade entre nós. Eu sabia disso, mesmo quando Deacon tinha nos empurrado para ficarmos juntos. Eu soube isso desde a primeira vez em que vi o seu olhar de adoração para ele.

Mesmo que eu o amasse, não podia deixar de sentir ciúmes de Deacon. Eu queria o amor de uma boa mulher mais do que qualquer coisa no mundo. Eu queria ser um marido e um pai. No entanto, por alguma razão, meus simples desejos não se realizaram.

Quando a mão de Deacon correu em torno da cintura de Alexandra para descansar ternamente na sua barriga, eu tive que desviar o olhar. Doía muito ver tanta felicidade. Embora ele ou ela fosse muito inesperado por seus pais, eu não tinha dúvidas do quanto Deacon e Alex adorariam a sua criança. Willow já estava fora de si com entusiasmo de ser uma irmã mais velha.

Engoli o resto do meu champanhe e fui em busca de mais. Depois que peguei outra taça de um garçom ativo com uma bandeja, voltei para o meu lugar ao lado da árvore. Fiquei surpreso quando Bishop se aproximou de mim com uma expressão séria no rosto. Eu esperava que ele já estivesse batendo em um dos convidados do casamento.

— Preciso falar com você, — disse ele em voz baixa.

— Não pode esperar?

Ele balançou a cabeça. — Não, irmão. É ruim.

— Não aqui, então.

Nós começamos a nos afastar da tenda e dos convidados felizes do casamento. Quando chegamos aos carros estacionados, me encostei em um e acenei com a cabeça.

— Breakneck acabou de ligar.

— Por que diabos ele não está aqui?

— Ele precisa de um favor.

— Merda, — eu murmurei enquanto procurava no bolso pelos meus cigarros. — Ele sabe que estamos na legalidade agora, não é?

Bishop assentiu. — Eu fiz isso muito claro para ele.

Uma das condições de Alexandra para se casar com Deacon era que os Raiders mudassem. Com a morte de Case ainda fresca em nossas mentes, não foi muito difícil para Deacon nos convencer de que essa mudança era necessária. Cada um de nós na mesa tinha perdido mais pessoas do que gostava de contar, tudo devido à violência do clube. Se as coisas continuassem como estavam, nós estaríamos

extintos em poucos anos.

— Então qual é o problema?

— A filha dele foi raptada pelos Highway Henchmen.

Eu exalei uma nuvem de fumaça. — Jesus, como diabos eles encontraram ela aqui?

— Eles não encontraram. Ela estava na Texas A & M⁴⁸. Assim que descobriram quem ela era, começaram a fazer exigências a Breakneck.

Eu não podia sequer começar a imaginar o que Breakneck estava passando. — Ele quer que a gente faça correr a palavra ou o quê?

— É aí que a merda fica estranha.

Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — O que você quer dizer?

— Ele disse para lhe dizer especificamente que ele sabia que ela estava sendo... estuprada. Que você iria entender isso.

Me afastei do olhar questionador de Bishop. Com a bile subindo na minha garganta, lutei duro para não vomitar meu jantar. Porra, Breakneck! Naquele momento eu não queria nada mais do que dar uma surra na sua bunda por desenterrar a merda há muito tempo enterrada do meu passado. Eu também sabia que ele estava desesperado por ajuda, e em seu desespero, ele pensou que o melhor caminho de conseguir isso era apelando para o quebrado menino de onze anos de idade que ele tinha tratado.

Bishop pigarreou. — Olha, cara. Não é justo que ele esteja brincando com o seu bom coração. Nós podemos espalhar umas antenas por aí, fazer o melhor que pudermos para encontrar ela.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu vou lidar com isso sozinho.

— Com licença?

Jogando rapidamente o cigarro sobre a grama, eu pisei nas brasas e encontrei os olhos arregalados de Bishop. — Você me ouviu.

— Como diabos você vai liderar o clube para um caminho direito quando está prestes a ir com um desejo de morte para os Henchmen?

Agarrando-o pelo colarinho, eu o encarei. — Não me questione sobre isso, Bishop. Você não vai comentar o que foi dito entre nós. Não vá dar com a língua nos dentes para os outros irmãos. Isso vai ficar em segredo – me entendeu?

— Espere um minuto. Isso tem alguma coisa a ver com o que aconteceu na noite em que Pop⁴⁹ matou aquele cara e deixou a igreja?

Eu tive que lutar contra a vontade de não fechar minha mão com mais força em torno da garganta do Bishop. — Mais uma vez, não me questione.

O soltando, eu caminhei para dentro da noite. Eu tive algumas ligações para dar, favores para cobrar e malas para fazer. Eu iria partir antes do amanhecer. O herói improvável tinha uma vingança para

ir atrás.

Fim

[← 1]

Dora, a Aventureira é um desenho infantil de uma garotinha que viaja para vários lugares.

[← 2]

É o emblema do clube que vai no colete que eles usam e que lhes dá o status de membro oficial do clube. Prospectos, como não são ainda membros plenos, não têm um patch.

[← 3]

Eles usam esse termo como algo relacionado a perder a virgindade.

[← 4]

É porque eles chamam dos dois jeitos, corte ou colete, mas é a mesma coisa.

[← 5]

Preacher é pregador, por isso o apelido.

[← 6]

É que dentro do complexo existe lugar para as famílias morarem, é um lugar que só tem casas residenciais, e é pequeno, por isso chamam de vila, não é no sentido de ser pobre ou algo assim, como nós estamos acostumados a chamar no Brasil.

[← 7]

Willow quer dizer salgueiro, aquela árvore imensa.

[← 8]

É uma série de televisão dos anos 1970/1980 que conta a história de uma família vivendo nos EUA na época da colonização, por volta de 1870.

[← 9]

É uma expressão que se refere a brigar, enfiar a mão na cara de alguém, dar um soco, etc. Quer dizer que ele ficou esse tempo todo brigando.

[← 10]

Isso são aqueles calendários grandes que as crianças penduram na parede com tarefas pré-programadas, e elas precisam seguir aquela agenda já estabelecida de atividades.

[← 11]

É um evento que acontece nas escolas dos EUA um dia antes das aulas começarem, para que os alunos estejam familiarizados com os professores, as salas de aula e conheçam seus colegas. Também há uma série de atividades de interação.

[← 12]

É porque Tiny é pequeno, minúsculo.

[← 13]

Deacon quer dizer Diácono. Todos os irmãos têm referências religiosas como nome de estrada, visto que Bishop é Bispo.

[← 14]

Na Igreja Protestante, Reverendo é o Ministro do Evangelho, que pode ser um padre ou pastor. Em resumo, reverendo, ou ministro, é tipo o que seria um padre na Igreja Católica, guardadas as proporções.

[← 15]

Abreviatura de *Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives* (mas popularmente chamada apenas de *Alcohol, Tobacco and Firearms*, por isso a sigla ATF). É uma agência federal do governo dos EUA responsável por investigar e prevenir crimes federais que envolvam uso, posse e manuseio de explosivos e armas de fogo, bombas e tráfico de álcool e tabaco (que pelo que eu entendi não é a mesma coisa que tabaco, ainda que seja parecido).

[← 16]

É porque baby tem essa conotação íntima de carinho, mas também pode ter o sentido de gatinha, gostosa, ter um sentido mais machista mesmo. Uma vez que eles não se conhecem, ele não está usando no sentido carinhoso.

[← 17]

É o Serviço de Proteção à Criança, que cuida de casos de negligência, abusos, maus tratos, etc., e, se necessário, pode tirar a guarda dos pais.

[← 18]

Caisson é isso mesmo, barragem, barreira.

[← 19]

Uma referência aos EUA, quer dizer que ele juntou um dinheiro servindo no Exército.

[← 20]

Ele chama assim porque Nordic Knights significa “cavaleiros nórdicos”.

[← 21]

A Quinta Emenda à Constituição dos EUA estipula, entre outras coisas, o direito de permanecer calado (quando se é preso ou formalmente acusado. Claro que aqui ele faz uma brincadeira com ela).

[← 22]

É um famoso fora-da-lei do Velho Oeste dos EUA, que viveu por volta dos anos 1860/1870. Ele ficou muito famoso pelos seus roubos e até hoje seu nome é associado a atividades criminosas.

[← 23]

É um bilionário estado-unidense que é proprietário de uma série de negócios e companhias a nível global. Ela faz a piada porque Deacon também dizer ser dono ou co-proprietário de vários estabelecimentos.

[← 24]

Na verdade a expressão que ele usa aqui, literalmente, é “pão branco”. Ele quer dizer que ela é uma mulher jovem, bonita e educada, que tem uma educação superior, mas é em um sentido meio pejorativo, como se ela se achasse melhor que eles.

[← 25]

Não faço a menor ideia da razão, mas a Patrulha do Estado da Georgia (Georgia State Patrol) se autodenomina Polícia Especial de Deus (God’s Special Police). Acho que é porque eles brincam com a sigla do nome original, inventando um outro nome para ela (ambos os nomes se abreviam GSP).

[← 26]

GED é a sigla para *General Educational Development* (ou Desenvolvimento Educacional Geral) e é tipo uma prova para adultos que não terminaram o Ensino Médio mas querem um certificado de conclusão, para poderem entrar em universidades ou cursos técnicos (ou simplesmente para ter). Seria como o nosso supletivo ou até mesmo com o ENEM, que dá um certificado de conclusão do ensino médio se a pessoa atinge a nota mínima exigida.

[← 27]

Aqui a tradução não fica exatamente igual, porque em inglês existe duas formas de se referir a quem (*who e whom*), e é muito comum as pessoas errarem o uso de quando usar cada uma (como acontece em português, com tantas outras palavras). Ele usa o “*who*” e ela corrige com o “*whom*”, mas a diferença não existe em português, de forma que mantivemos o mais próximo possível.

[← 28]

É porque aqui tem o duplo sentido do carro só dar mais uma volta e dela ir dar uma volta com ele (na moto).

[← 29]

É uma marca de tequila.

[← 30]

É porque as tequilas se dividem em ouro (amarela) ou prata (chamam de branca, mas é transparente); se eles só tinham uma marca de tequila no bar (Patrón, que foi a que ela pediu), e ele pediu “prata”, ela já sabe qual é.

[← 31]

Canção famosíssima da banda Def Leppard, grava em 1988, quer dizer literalmente “coloque/jogue um pouco de açúcar em mim”, e tem uma letra bastante sensual, onde um homem chama sua amante de “sugar” (açúcar, doce, etc.) e pede para que ela “coloque açúcar nele”. Vocês entenderam o sentido, mas se quiserem ler na íntegra, <https://www.youtube.com/watch?v=cEMhzUEn0Nw> (escutem, é um clássico! Hahah)

[← 32]

É um estilo de "soul" bem característico, com o uso de instrumentos como pandeiros, baterias e instrumentos do "*rhythm and blues*", além de um estilo de 'canto-e-resposta' (com a repetição, por parte do coral, de frases inteiras ou palavras de alguns versos) originário da música gospel. O "som da Motown" também é marcado pelo uso de orquestração e instrumentos de sopro, por harmonias bem arranjadas e outros refinamentos de produção da música pop, e é considerado precursor da Era Disco dos anos 70. Para constar, na verdade Motown é o nome da gravadora que começou a gravar só esse tipo de música, e aí pegou como um estilo musical.

[← 33]

Literalmente é “Filho de um Pregador”, mas lembrando vocês que o Deacon é filho do Preacher Man (que quer dizer pregador). A música fala de uma garota certinha que tinha um namoro meio proibido (e ficava de pegação) com o filho do pregador (da cidade, eu acho). Não encontrei a versão original com legenda, mas para quem quiser ouvir esse tributo: <https://www.youtube.com/watch?v=U8kYJPZmujg>

[← 34]

É uma das estrofes da música.

[← 35]

Mais uma das estrofes da música.

[← 36]

Nesse caso ele faz uma referência às bolas dos homens, porque a palavra usada serve para isso também. Aqui ele quer dizer algo como arrancar as bolas fora ou algo assim.

[← 37]

Transtorno Obsessivo Compulsivo.

[← 38]

É um tíquete oferecido nos EUA (não sei se tem no Brasil, nunca ouvi falar) para quando um evento, principalmente esportivo, é interrompido/cancelado/adiado por causa da chuva ou da neve, e então a pessoa não perde o que já comprou, ele é substituído para ser usado outro dia. No caso, aqui, Deacon vai fazer uma parada para ler para Willow (a “chuva”) e volta depois para jogar.

[← 39]



Ela se refere a esse tipo de shorts, que em inglês tem um nome específico (*daisy dukes*):

[← 40]

É abreviatura para Sadismo e Masoquismo.

[← 41]

É uma modalidade específica de dança feita por strippers, que ocorre basicamente com o homem sentado e a mulher dançando sobre o colo dele ou se esfregando sobre a região pélvica (uma vez que *lap dance* é literalmente “dança no colo”).

[← 42]

O título literalmente quer dizer “Como Jesse James”, e esse é o link (com legendas em português):

https://www.youtube.com/watch?v=_rTGodDydqQ

[← 43]

Enquanto na música o verso “*come on, baby*” seria no sentido de “vamos lá, baby”, o verbo “*came*” também pode ser usado no sentido de “gozar”. Assim, ela faz um trocadilho com a letra da música.

[← 44]

Para quem não sabe, a idade legal para dirigir, nos EUA, é 16 anos, e para beber/comprar bebidas alcólicas, 21 anos. É diferente daqui, quando praticamente todos nossos direitos civis são alcançados aos 18 anos.

[← 45]

Literalmente, seria algo como “o caminho não escolhido”.

[← 46]

Ele usa a palavra “*pussy*” para descrever o irmão. Essa palavra, entre seus muitos significados, pode também pode significar “gatinho”, só que teria, em português, essa conotação de homem homossexual, afeminado. Assim, ele faz uma piada com a questão das sete vidas do gato, mas na nossa língua perde um pouco o sentido.

[← 47]

É uma outra forma de chamar a Morte, porque no imaginário popular ela usa uma foice e ceifa a vida das pessoas com ela.

[← 48]

É uma universidade no Texas.

[← 49]

É uma forma carinhosa de chamar o pai.